

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**

ELIZIANE DIAS FARIAS

**OS DONOS DA FELICIDADE: MINHA, TUA OU NOSSA? – “SE
POSSUÍMOS ALGO E O OUTRO NÃO, É PRECISO
COMPARTILHAR!” – UM OUTRO OLHAR SOBRE A FELICIDADE.**

NITERÓI

2016

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**

ELIZIANE DIAS FARIAS

**OS DONOS DA FELICIDADE: MINHA, TUA OU NOSSA? – “SE
POSSUÍMOS ALGO E O OUTRO NÃO, É PRECISO
COMPARTILHAR!” – UM OUTRO OLHAR SOBRE A FELICIDADE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar de Souza Tavares

NITERÓI

2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador – Dr. Julio Cesar de SouzaTavares
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Eliane C. Odwyer
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo B. Burgos
PUC

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a. Dr.^a. Tatiana Bacal
IFICS

NITERÓI

2016

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus queridos amigos e incentivadores que sempre acreditaram, torceram e fizeram de tudo para que eu chegasse até aqui e que, certamente, continuarão a fazê-lo, pois sei que ainda tenho muito a crescer nesta caminhada. Em especial, agradeço ao meu orientador que sempre, pacientemente, me auxiliou em cada etapa desta pesquisa. Porém, eu não poderia me esquecer de dedicar a DEUS toda esta produção, por caminhar comigo ao longo deste processo até aqui e por saber que Ele é Aquele que continuará a caminhada que ainda me resta, lado a lado comigo. Sem Ele, eu nem estaria finalizando esta etapa, pois nem a teria iniciado “Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas [...] em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”. (Epístolas paulinas)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Julio Cesar Tavares, por todo o empenho em oferecer a mim o seu melhor durante este tempo em que fui sua orientanda: tempo, disposição, conselhos, dicas e sugestões para o meu aperfeiçoamento.

À instituição que me acolheu durante mais esta importante etapa em minha formação acadêmica e aos professores do PPGA/UFF, aos quais aprendi a admirar, pela inestimável contribuição conferida à minha formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa a mim concedida, ao longo destes dois anos de um gratificante trabalho.

À coordenação do PPGA e funcionários do departamento, em especial ao Marcelo, da secretaria, por sua simpatia, educação e eficiência que, muitas vezes, pareciam ultrapassar suas atribuições.

Aos meus amigos, irmãos e familiares que me ajudaram, de alguma forma, em todo este processo, sendo, não somente muito pacientes comigo durante minha ausência, enquanto necessitei voltar, praticamente, todo o meu tempo à conclusão deste mestrado, mas também sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me com palavras e suprimindo minha ausência em determinadas situações, sempre que necessário. Especificamente, gostaria de agradecer à minha irmã Hermenegilda Farias Powell, por estar sempre disposta a ler os meus escritos e a criticá-los construtivamente, sempre vibrando comigo pelos avanços em minha pesquisa e à minha irmã, Angela Dias Farias, por sua alegria manifesta a cada conquista minha.

Ao meu querido amigo Geoesley Medeiros por toda a ajuda e contribuição, sempre me dando alguma dica ou conselho que, sem dúvida, me foram de grande auxílio nos momentos nos quais mais necessitei.

Gostaria de agradecer, de uma forma muitíssimo especial, aos meus amigos do Senegal (eu não teria espaço o suficiente para registrar cada nome aqui), que me receberam em suas casas e cuidaram de mim enquanto eu trabalhava em minha pesquisa, bem como àqueles que me ajudaram me acompanhando a algum lugar ou entrevista. Em especial a ‘Gabi Diam’, cuja colaboração foi de inestimável valor para o enriquecimento do conteúdo desta pesquisa. Bem como ao prefeito de *Joal Fadiouth*, que sempre me recebeu com muita atenção, sendo sempre muito solícito em me ajudar no que fosse preciso.

Porém, gostaria de prestar TODO o meu reconhecimento à única pessoa, sem a qual, nada do que aconteceu, teria acontecido; nada do que conquistei, teria conquistado: **Deus**.

Era uma vez uma senhora que desde menina tinha uma vontade enorme de possuir um desses copos antigos, todos trabalhados a ouro e salpicados de florinhas multicores que trazem desenhada em letras finas a palavra “felicidade”. Outrora era muito comum, [...] foram se tornando cada vez mais raros e preciosos, tão difíceis de obter quanto a própria felicidade. [...] Um dia, indo à Casa Rola comprar não sei o que, descobriu [...] um copo como o que sempre sonhara [...] Ficou radiante e surpresa: o seu copo! [...] lá estava o copo “felicidade”... [...] mas não pôde levá-lo. Era uma preciosidade, uma raridade, caríssimo, inteiramente fora de suas posses. [...] mas acontece que tempos depois pegou fogo na Casa Rola, e [...] a tal senhora viu uma vitrina com “salvos do incêndio”... Um copo de cristal antigo, florido de verde e rosa, com uma simples palavra pintada em ouro: “felicidade”! Daquela vez saiu da Casa Rola com o copo! [...] Felicidade... Mas chegando em casa, verificou que o copo estava rachado [...] A senhora guardou o copo assim mesmo, conservando-o com carinho e teme que possa quebrar-se de vez. Mas sempre que perto dela se fala em felicidade, se existe ou não, se é questão de sorte ou luta, recompensa ou acaso, se dura ou é efêmera, e se qualquer um pode obtê-la, a senhora de minha história não diz nada, e suspira pensando no copo.

Maluh de Ouro Preto (Antologia de Crônicas)

RESUMO

Dias Farias, Eliziane. **Os donos da felicidade: minha, tua ou nossa? – “*Se possuímos algo e o outro não, é preciso compartilhar!*” – um outro olhar sobre a felicidade.** Dissertação de mestrado em Antropologia – pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Esta pesquisa ressalta a noção de felicidade, que irá variar de acordo como cada contexto pode expressar o sentimento de felicidade, estando intimamente ligada à visão de mundo de cada grupo social, em particular, de acordo com as categorias através das quais esta noção pode ser compreendida em cada um deles. Por isso, torna-se necessária uma pesquisa que valorize a linguagem, verbal ou não verbal, através daquela noção e que priorize o “observar, o escutar e o estar com”. A felicidade pode ser vista como um tema a atravessar contextos e conjunturas que, perpassando a própria existência humana, mostra-se sempre atual e digno de consideração no estudo do homem. Assim, é de suma importância atentar para a transversalidade e relevância do tema felicidade. Somada à experiência vivida por mim na África, haver trabalhado este tema em minha graduação em Ciências Sociais, motivou-me a continuar desenvolvê-lo, a partir da presente pesquisa, em *Joal Fadiouth*, uma pequena comunidade no interior do Senegal, onde o grupo étnico predominante era o *Sereer*.

Palavras-chave: felicidade, bem-estar, compartilhar, solidariedade, cotidiano, linguagem.

ABSTRACT

This Master Thesis underscores how the notion of happiness will vary according to each cultural context. In doing so, it happens due to the worldview and life experiences of people in each social group, in particular, throughout that sentiment delivered by those experiences. Therefore, it is necessary a search to appreciate the way by which it is expressed. Happiness might be seen as a theme that crosses contexts and situations, passing through human existence itself, being an ever present topic and worthy of consideration for the study of the social beings. Thus, it is very important to pay attention not only to the importance of this matter, but also for crosscutting, as a relevant “background” in this type of research. It was precisely the perception of the great relevance of the theme happiness, added to the experience I had previously lived in Africa, that I achieved enough motivation to developing this research together with Sereer ethnic group in *Joal Fadiouth*, a small community on Senegal’s countryside.

Keywords: happiness, well-being, sharing, solidarity, every day, language.

RÉSUMÉ

Cette recherche met l'accent sur la notion de bonheur, que peut varier en fonction de la façon dont chaque contexte exprime le sentiment de bonheur et est toujours étroitement liée à la façon dont chaque groupe social, en particulier, regarde le monde, surtout, selon les catégories avec lesquelles cette notion peut se faire comprendre dans chacun. Par conséquent, il est tellement nécessaire une recherche qui apprécie aux langages, verbaux ou non verbaux, en donnant priorité à "observer, écouter et être avec". Le bonheur peut être considéré comme un thème qui traverse tous les contextes et les situations qui impregne l'existence humaine, elle-même, toujours actuelle et digne de considération dans l'étude de l'homme. Ainsi, il est important faire très attention à la façon dont ce thème traverse des autres et aussi reconnaître la pertinence du Bonheur comme sujet. C'est l'expérience précédente vécue pour moi en Afrique, qui m'a motivé de continuer son développement à partir de cette recherche, dans la commune de *Joal Fadiouth*, au Sénégal.

Mots-clés: bonheur, bien-être, partager, la solidarité, quotidien, langage.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 - Mapa do Senegal e sua divisão em quatorze regiões, incluindo aquela onde fica situada a comunidade de <i>Joal Fadiouth</i> , local de realização de minha pesquisa	34
Figuras 3 e 4 - Refeição: “ <i>diép boudieune</i> ”	72
Figuras 5 e 6 - Cemitério de <i>Fadiouth</i> e ponte que interliga <i>Joal</i> a <i>Fadiouth</i>	78
Figuras 7 e 8 – Crianças se divertindo durante a primeira chuva que caiu, depois de minha chegada; e ajudando a encher reservatórios d’água.....	80
Figuras 9 e 10 – Momentos alegres da família, em nossa ida à praia	81
Figuras 11 e 12 – <i>Baobab</i> ; <i>Baobabs</i> considerados sagrados: lugar místico, destinado a oferendas.....	89
Figuras 13,14 – Porto de <i>Joal</i> ; Mulheres aguardando a chegada das pirogas.....	96
Figuras 15 – Josephine, entre outras pessoas, tentando chegar aos pirogueiros para começar as negociações.....	97
Figuras 16 e 17 – Bacia onde são recolhidos os presentes para o bebê e raspagem de sua cabeça - parte cultural do cerimonial de batismo.....	108
Figuras 18 – Banho e aleitamento do bebê.....	110
Figura 19 – Primeiro funeral do qual participei em <i>Joal</i>	121
Figura 20 – Mulheres preparando a comida durante um funeral	124
Figuras 21 e 22 – Peixes defumados, secando ao sol.....	127
Figuras 23, 24 – Conversas de roda entre familiares, vizinhos e amigos; e compartilhando o “ <i>thé</i> ”	132
Figura 25 e 26 – Animal sendo “inflado” para o descamisamento; animal já descamisado, sendo cortado.....	141
Figura 27 – “Sombrinha”, minha companheira inseparável – quando fui conhecer o lugar onde ficavam localizados os <i>baobabs</i> considerados sagrados.....	150
Figura 28 – Bernard no campo da família.....	151
Figura 29 e 30 – Placa exibida, logo na entrada do museu, em homenagem a Senghor; Museu de <i>Joal</i> (visão externa).....	161
Figuras 31,32 – Museu de <i>Joal</i> visões interna e externa.....	162
Figura 33 – Gabriel Diène Diam.....	163

Figura 34 – Uma das placas explicativas encontrada no museu de <i>Joal</i>	165
Figura 35 – Alguns anciãos conversando sob a árvore tradicional, símbolo da formação do primeiro bairro pelos <i>Sereer</i>	167
Figura 36, 37 – Um dos primeiros poços perfurados pelos portugueses neste bairro; outra espécie de árvore, símbolo da formação de outro bairro joaliano.....	168
Figuras 38, 39 – Eu, em entrevista a Pièrre; na piroga, levando-me para conhecer os arredores da Ilha de Fadiouth.....	170
Figura 40, 41 – Pièrre mostrando-me as uma das toras centenárias de coqueiro, segundo a tradição oral; Pièrre mostrando-me os como eram os troncos utilizados para “alargar” a ilha.....	171
Figura 42 – Pièrre mostrando-me as “ <i>coquillages</i> ” que formam as ilhas de <i>Fadiouth</i> e seu cemitério (é possível perceber também como o solo em que pisa é composto, basicamente, por cascas de ostras).....	172
QUADRO 1:	102
QUADRO 2:	207

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO 1 - CHEGADA A DAKAR: MOMENTO TÃO AGUARDADO	31
2.1 Contribuições do pré-campo: um passado bem presente.....	31
2.2 Desembarque: a emoção da chegada e primeiras impressões.....	34
2.3 Na casa	37
2.4 Entre o planejado e o imprevisto: um almoço inusitado.....	43
2.5 Observando/criando oportunidades.....	46
2.6 O etnógrafo revê prioridades e reformula estratégias	52
2.7 Oportunidade de ouro: compartilhamento em família.....	58
2.8 Onde tudo começou: memórias do tempo.....	63
3 CAPÍTULO 2 - CAMINHOS DA FELICIDADE	70
3.1 Abordagens preliminares e possíveis desdobramentos	70
3.2 A mulher Sereer e seu papel para a preservação das tradições culturais	84
3.3 Vida de uma mulher Sereer	87
3.4 Estrutura familiar Sereer e o conceito de família	99
3.5 Do nascimento aos ritos funerários	103
3.5.1 O rito de nascimento/batismo	103
3.5.2 Ritos de puberdade e iniciação feminina	112
3.5.3 Dote, casamento e noite nupcial	115
3.5.4 Morte e rituais funerários	120
3.6 Vínculos sociais, o "encontro" e solidariedade.....	129
3.7 Festas como "eventos de felicidade"	136
3.8 Ossos do ofício de etnógrafo: dificuldades/oportunidades inerentes ao trabalho de campo...141	
4 CAPÍTULO 3 - OS SENTIDOS CONFERIDOS PELOS NATIVOS	153
4.1 Memórias da felicidade: o papel das tradições orais para a sua preservação.....	157
4.2 Felicidade, um conceito ocidental?	173
4.3 "Filosofia africana" e o conceito de felicidade.....	181
4.4 Contribuições de Mauss para uma análise da felicidade	187
4.5 Felicidade e solidariedade num contexto de pobreza.....	199
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROSPECTIVAS	213
6 FONTES	217
6.1 Referências bibliográficas.....	217
6.2 Outras referências.....	223

1 INTRODUÇÃO

Somado à experiência por mim vivenciada na África, mais especificamente Senegal em Guiné, o fato de haver já abordado o tema na conclusão de minha graduação em Ciências Sociais através de uma pesquisa no campo teórico, motivaram-me a dar prosseguimento à análise da noção/conceito de felicidade, *in loco*, a partir da presente pesquisa, em uma pequena comunidade no Senegal.

Não surgiu “da noite para o dia” a ideia de trabalhar sobre felicidade, mas, analogicamente a uma flor, ela foi se desabrochando em minha percepção, num processo contínuo e crescente, durante o qual pude enxergar o descerrar de suas “pétalas” assumindo determinado contorno no cenário global. Desta forma, este tema foi chamando-me cada vez mais atenção, mesmo antes de eu tomar consciência de que poderia estudá-lo, tanto em minha graduação como também através do trabalho de campo que deu origem a esta dissertação. Foi no primeiro período de minha graduação em Ciências Sociais que comecei a pensar, de forma mais elaborada, em trabalhar a felicidade como tema. Contribui em larga medida para este desabrochar de minhas percepções a respeito deste tema, a visibilidade que começava a alcançar, cada vez mais, alguns resultados de pesquisas realizadas através de levantamentos acerca dos indicadores do nível de felicidade de alguns países (o FIB – Felicidade Interna Bruta).

Desta forma, as memórias que eu possuía em relação à minha experiência em África vieram à superfície, fazendo com que eu desejasse, não somente conhecer se este tipo de pesquisa seria aplicável em contexto africano, como também, tecer um paralelo entre concepções distintas de felicidade (a monografia de conclusão de minha graduação apresenta os resultados preliminares de meu crescente interesse por este tema). Desde que comecei a pensar em trabalhar sobre a felicidade pela primeira vez, tenho percebido o quanto este tema tem assumido um grande destaque em várias produções literárias de todos os tipos e nas mais distintas áreas de conhecimento. Ainda não sei, exatamente, aonde os trabalhos dedicados a este tema poderão chegar, mas desejei e desejo continuar a me debruçar sobre ele para ver o seu completo desabrochar enquanto tema antropológico (se é que isto será possível). Desta forma, quando segui para o mestrado, dar prosseguimento a estas análises passou a ser o meu grande objetivo.

Alguns poderiam se questionar acerca da possibilidade de um tema como a felicidade ser estudado, sem que a própria concepção existente por parte de seu pesquisador fosse um fator a prejudicar ao processo de desenvolvimento da pesquisa. Essas pessoas poderiam ser levadas a pensar que um distanciamento por parte do pesquisador, a respeito da concepção pessoal em relação ao tema por ele pretendido, fosse algo completamente impossível.

Penso que este tipo de raciocínio se deva, possivelmente, à existência, sobrevivência ainda nos dias atuais, resultante de uma larga tendência objetivista nos discursos antropológicos, como se a escrita etnográfica fosse resultado de uma produção completamente distante da realidade de vida do próprio antropólogo; como se seu trabalho fosse produto de uma completa neutralidade e imparcialidade a partir de observações realizadas e análise de todo o material coletado em campo. Outra tendência também existente resvala numa exaltação dessas descrições, como se se tratasse apenas de “registros” frios das observações realizadas em campo. Este pensamento despreza o fato de que a própria linguagem é usada para intermediar o mundo ao qual o etnógrafo pertence e aquele ao qual se propõe a estudar e descrever. (LAPLANTINE 2004, p. 40, 41).

Penso que seja completamente desnecessária a pretensão de uma perpetuação do pensamento segundo o qual o pesquisador careceria passar, praticamente, por uma espécie de amnésia cognitiva voluntária (como se isso fosse possível), na tentativa de que sua própria maneira de pensar não venha a “comprometer” aos resultados de sua pesquisa. Penso ainda que, admitir a existência de toda uma bagagem intelectual e conceitual prévia por parte do pesquisador, não anula a possibilidade de ele vir a estudar outras formas de pensamento, bem como a analisar outras visões de mundo, em contextos distintos do seu. Caso contrário, os ofícios etnográfico e antropológico seriam uma grande fraude. Entretanto, pontuar e ressaltar a esta bagagem, confere ao leitor uma plataforma muito mais ampla no que diz respeito à análise da intensidade do exercício de distanciamento realizado pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, o quanto ele buscou demonstrar certa transparência em relação a todo o processo descritivo.

Percebo haver ainda outra questão que, segundo alguns, poderia ser questionado como um impeditivo a que esse distanciamento seja conseguido (sobretudo por mim): o fato de eu professar fé em Deus. Vez por outra sou arguida acerca de minha habilidade em eu ser uma cientista e, ao mesmo tempo, professar uma crença. Contudo, todas as vezes que isso acontece, conscientizo-me de que o cerne da questão é, novamente, a relação ciência/religião.

Seria possível fé e ciência andarem juntas? Existiria a possibilidade de acreditar que Deus é poderoso para, dentre outras coisas, realizar ao que se costuma denominar milagres (acontecimentos não possíveis de serem explicados cientificamente) e, ao mesmo tempo, não desmerecer às realizações operadas pela ciência? Penso que, no fundo, questões como estas, mesmo que de forma inconsciente, sejam fruto de um pensamento segundo o qual crer não seria sinônimo de pensar ou de certa capacidade para produções científicas. Marx (1844), por exemplo, o crítico mais caloroso das doutrinas capitalista, deixa transparecer o pensamento segundo o qual acaba por colocar a religião no mesmo patamar que o capitalismo: ambos, como insuficientes para a promoção de uma felicidade real, como instrumentos de opressão e alienação de grandes massas. Segundo ele, a religião seria “o ópio do povo”; “o suspiro da criatura oprimida” e uma “felicidade ilusória”¹, ou seja, um empecilho a que as pessoas tomem consciência da realidade na qual se veem mergulhados. A religião funcionaria, assim, como um instrumento de fuga a esta realidade.

Por outro lado, é possível também ver a religião colocada no mesmo patamar da ciência. Em certa medida, poderíamos recorrer à afirmação de Durkheim, quando salienta que, em algumas circunstâncias, a fé na ciência em nada se difere da fé religiosa: “Se atualmente basta em geral que eles [conceitos] tragam o epíteto de científico para alcançar uma espécie de crédito privilegiado, é porque temos fé na ciência. Mas essa fé não difere essencialmente da fé religiosa” (DURKHEIM, apud RODRIGUES, 1978, p.178). Ou seja, em certos momentos, uma medida de fé semelhante àquela depositada em Deus necessita ser depositada na ciência. Em algumas circunstâncias, parece-me que seja requerida, até mesmo, uma medida substancial de “fe” na ciência. Um bom exemplo disso pôde ser visto quando foi testado um experimento, totalmente inovador à sua época que, por várias vezes, pôs em risco a própria vida de seu inventor, Santos Dumont. Muitos, certamente, pensavam ser uma completa loucura o que hoje em dia é concebido de forma tão natural. Assim, suas tentativas de colocar em pleno voo um objeto, até então impensado, deram origem àquilo que se tornaria algo tão útil na atualidade, o avião. Entretanto, não somente Dumont, mas também todos aqueles que apostavam em sua invenção necessitaram acreditar completamente nas leis da Física e aerodinâmica. As aeronaves que utilizamos atualmente são resultado de vários protótipos do “14 BIS”, posteriormente seguido de várias técnicas de aperfeiçoamentos que

¹ Ver: MARX, Karl. 1844. "A Contribution to the Critique of Hegel's" Philosophy of Right, *Deutsch-Französische Jahrbücher*, February.

passaram a objetivar, cada vez mais, tanto ao conforto quanto à segurança de seus passageiros e tripulantes.

Com todo o avanço tecnológico, é possível perceber, entretanto, que, ainda hoje, todos aqueles que utilizam o avião como meio de transporte, precisam ter fé de que ele é seguro – principalmente pelo fato de não serem especialistas em assuntos referentes às Ciências Aeronáuticas ou Aeroespaciais e, portanto, necessitem confiar, completamente, que chegarão seguros aos seus destinos. Neste caso, este tipo de fé estaria baseado naquilo que eu chamaria de “fé científica nos especialistas”, ou seja, uma fé baseada na tecnologia e no conhecimento de terceiros, no que se refere a uma adequada utilização e aplicação de todos os recursos oferecidos pela ciência.

Sendo assim, é possível perceber o caráter, invariavelmente, provisório dos pressupostos científicos. A ciência nem sempre dispõe de todas as respostas de que se necessita e, assim como a religião, exige certa crença, bem como determinada dose de “fé”. Os próprios avanços científicos tem demonstrado o quanto a ciência é algo em contínua evolução, ao mesmo tempo em que deixa clara a necessidade de que seus próprios pressupostos sejam revistos constantemente e, muitas, vezes, reformulados até que, finalmente, ganhem status de tamanha complexidade, que os faça dignos de serem encerrados, em verdadeiras “caixas-pretas”, termo utilizado por Latour (2000). Vez por outra, essas caixas necessitam ser reabertas, para que aqueles conhecimentos ali depositados sejam revistos. Latour² chega a dizer, com todas as letras que, em se tratando de algumas descobertas ou avanços científicos, muitas vezes, necessita-se escolher “em quem acreditar” (ou depositar a sua fé, eu diria). Ele afirma que a ciência tem duas faces: uma que sabe e outra que não sabe ainda (p.21); ou seja, uma que acredita haver chegado ao auge do conhecimento e outra que reconhece que ainda não.

A proximidade que tenho desenvolvido durante minha vida inteira, tanto em relação à minha fé em Deus como com a ciência, não se configura em uma relação de antagonismo. Ao contrário! Uma boa pesquisa seria suficiente para demonstrar que muitos dos maiores cientistas de reconhecimento mundial e que marcaram épocas através de seus conhecimentos, eram cristãos (enunciá-los aqui, bem como suas contribuições à ciência, seria desnecessário e, até impossível, dada a grande quantidade). Desta forma, é inegável que, se existe um ponto de

² Ibid., p. 14-21.

convergência, tanto na relação que possuo com Deus, como com a ciência, é que ambas me estimulam a pensar, a crescer e a me superar! Óbvio que, como cristã, não posso deixar de destacar que a fé que deposito em Deus não é uma fé apenas intelectual, baseada no conhecimento de terceiros, mas também experiencial. Por outro lado, negar todo o apreço dedicado de minha parte à busca pelo conhecimento, seria negar, tanto a Deus, como a mim mesma, pois acredito que o conhecimento (e autoconhecimento) conduza a Deus. Como afirmou o grande Salomão, reconhecido por ter sido o rei mais sábio que o povo de Israel já possuiu, “o temor a Deus é o princípio da sabedoria”³.

Portanto, a maior incongruência não se encontra na relação ciência/religião, mas em algumas atitudes discriminatórias (por conveniência, muitas vezes) que continuam se valendo de um repertório de discursos caducos e, muitas vezes, preconceituosos, compostos por fracos e mal elaborados silogismos em relação aos cristãos (evangélicos, sobretudo). É óbvio que o fato de estar salientando, aqui, o preconceito sofrido pelos cristãos, é devido ao fato de experimentar isso de forma mais direta, como cristã. Entretanto, é inegável que o preconceito religioso é algo mascarado por uma suposta laicidade em território brasileiro. Existe uma larga tendência a um pensamento, segundo o qual a experiência religiosa do cristão o desqualificaria para uma série de atividades que dizem respeito, sobretudo, à sua participação política, desempenho de sua cidadania ou até atuação profissional.

Alguns poderiam ser levados, por exemplo, a pensar que minha experiência religiosa teria influenciado, de forma determinante, não somente na escolha do meu tema, como também aos próprios rumos tomados por minha pesquisa. Entretanto, para início de questão, bastaria descobrir qual o meu próprio conceito de felicidade – cuja exposição, aqui, fugiria ao principal objetivo desta pesquisa – para verificar que ele nada tem a ver, nem com os conceitos vistos neste texto (os ocidentais) e, tampouco, com o conceito do grupo por mim estudado, conforme será abordado com maior clareza nos capítulos que seguem. Assim sendo, defender ao meu próprio ponto de vista sobre o tema estava completamente fora de questão. Pelo contrário, eu desejava alcançar ao conhecimento do “ponto de vista do nativo”, dos moradores de uma pequena comunidade localizada no interior do Senegal. Meu objetivo é conhecer outros pontos de vista a respeito deste tema que tem se revestido de tão grande e avultosa singularidade. Aliás, nisto consiste toda a riqueza deste tipo de pesquisa: a

³ Este provérbio pode ser encontrado no livro dos Provérbios de Salomão, capítulo primeiro, versículo sete.

valorização da diversidade, da alteridade! – especialmente, quando relacionadas a um tema tão excitante e promissor, como é a felicidade.

Pensar que o fato de ser eu uma missionária como fator preponderante sobre a escolha de meu tema e que minha pesquisa poderia, também, se encontrar, desta forma, comprometida pelo fator religioso, permite transparecer, em realidade, ao raciocínio que destaca a uma supervalorização do fator religioso, como se sobrepondo a outros fatores de suma relevância, no que concerne à percepção da noção/conceito de felicidade. A título de esclarecimento, cabe salientar aqui que, se o único fator a interferir fundamentalmente sobre o conceito/noção de felicidade de determinados grupos fosse o religioso, este pressuposto anularia por completo a necessidade de uma pesquisa de campo. Bastaria ao pesquisador analisar a religião à qual estes grupos professam, bem como aos principais pressupostos que fundamentariam ao conceito/ noção de felicidade adotada por estas religiões para, a partir daí, tirar suas próprias conclusões. Assim, se o pressuposto religioso (professar a alguma religião) devesse ser o único a ser considerado, conforme alguns poderiam, convenientemente, ser induzidos a pensar, a presente pesquisa perderia toda a razão de haver sido realizada da maneira como foi (e conforme uma leitura cuidadosa desta dissertação, associada a um bom trabalho de leitura e interpretação textual, poderão desmistificar).

O que veremos durante as páginas que seguem, é justamente, uma sucessão de estudos e descrições elaboradas, que demonstram vários outros fatores, de ordem pragmática, filosófica, sociocultural, psicológica, conjuntural, ambiental, econômica, política, cultural e linguístico, dentre outros, que precisam ser levados em consideração, para que não se incorra em conclusões precipitadas. Desta forma, cada fator que pode influenciar na noção de felicidade de determinados grupos necessita ser analisado cuidadosamente, no próprio contexto pretendido, para que torne possível uma observação mais direta em relação à medida ou proporção em que esses fatores atuam, como um conjunto, sobre os comportamentos e mentalidades. Indubitavelmente, é possível que algum ou alguns desses fatores sobressaia(m) aos demais (que pode, inclusive, ser o religioso), porém somente uma pesquisa de campo é capaz de demonstrar qual deles (sendo este o caso), e em que medida. E, é, justamente, para cumprir a esta finalidade que se prestam as etnografias.

Atraía-me a ideia de pensar a felicidade como um tema cuja noção, pelo fato de se encontrar a tal ponto atrelada a outros conceitos/noções (sobretudo, no Ocidente), muitas vezes, transmite a impressão de uma desqualificação, até mesmo, da ideia de uma

possibilidade de sua existência em alguns contextos específicos. Um desses contextos seria, justamente, o africano, na maioria das vezes, associado à ideia de pobreza extrema (mesmo que, de fato, essa ideia não corresponda ao continente africano como um todo). A ideia de pobreza remeteria, quase que automaticamente, à ideia de sofrimento; e, ambas, não costumam aparecer associadas à ideia de felicidade, especialmente para o contexto de produção filosófica deste conceito: o ocidental.

Por se tratar da tentativa de compreensão de um conceito/noção que, por si mesmo, já apresenta um alto grau de dificuldade de definição conclusiva do ponto de vista teórico – devido à subjetividade e dificuldade envolvidas em um trabalho como este – a questão conceitual aparece como um fator desafiador. Também o fato de se tratar de uma pesquisa que envolve múltiplos fatores a serem levados em consideração, tais como o social, o cultural, o político, o econômico, o ambiental/geográfico, o psicológico, o linguístico, o filosófico, dentre outros, este é um tipo de pesquisa em que abundaram dificuldades de ordem metodológica, de medição, observação e escolha/definição de estratégias mais propícias a serem utilizadas em todo esse processo (que, diretamente em campo de pesquisa, durou três meses). Desta forma, o método etnográfico mais adequado para esta pesquisa, seria o de observação participante, com ênfase qualitativa na busca e análise de dados recolhidos durante todo o seu processo de investigação pela noção de felicidade, e como ela pode ser percebida no cotidiano das pessoas.

A observação participante requer do pesquisador certas habilidades, que vão além daquelas referentes a uma pesquisa meramente quantitativa, pelo fato de lidar, primordialmente, com uma observação da realidade que pressupõe, antes de qualquer coisa, uma interação direta entre pesquisador/pesquisado, um contato intersubjetivo entre o antropólogo e a cultura à qual se propõe a estudar⁴. Neste sentido, as experiências observadas e/ou vivenciadas (que trazem consigo suas próprias especificidades) se caracterizam como uma etapa crucial deste tipo de pesquisa de campo. A observação participante, desenvolvida por Foote Whyte (2005, p. 363), em ‘Sociedade de Esquina’, nos oferece um bom exemplo disso, quando ele mesmo demonstra sua inclinação por uma pesquisa mais qualitativa, voltada para a observação de comportamentos. Este tipo de pesquisa demanda um envolvimento de campo muito mais direto e profundo, no qual todos os sentidos do pesquisador precisam estar apurados. Pensando-se no nível qualitativo que envolve este tipo de pesquisa, torna-se

⁴ Ver também: Angrosino (2009), sobre etnografia e observação participante.

necessária, também, a utilização de instrumentos menos formais e estruturados, a utilização de perguntas abertas para a coleta de informações, a conversação e o aproveitamento e incentivo de toda espontaneidade possível nesse encontro pesquisador/pesquisado/campo de pesquisa. É esta espontaneidade nas relações, na linguagem, nas corporeidades observáveis no convívio cotidiano que, afinal de contas, proporciona as mais ricas observações e dados necessários.

Neste estilo de pesquisa, é de grande relevância, sobretudo, ter bem claro que o campo fala por si mesmo, conforme sinalizado por Becker (2007). Por isso, em vez de seguir para campo com uma pesquisa plena de pressuposições apriorísticas, é muito mais interessante permitir que o próprio campo nos mostre o que, de fato, precisamos saber; em vez de seguirmos para campo com perguntas já definidas, é muito mais proveitoso permitir que o próprio campo nos ensine a formulá-las; em vez de, ansiosamente, sair “bombardeando” as pessoas com nossas questões, é preciso permitir que o próprio convívio com elas nos mostre os momentos mais adequados para colocarmos algum tipo de questão ou não. Whyte (op. cit., p. 12) gostava de definir seu trabalho como o de um observador participante, com intenso diálogo e aproximação com os universos investigados. Ele demonstra como as entrevistas (pensadas de maneira mais formal) são, muitas vezes, desnecessárias, não devendo o recolhimento de informações se ater a elas; elas funcionam apenas como um complemento a todos os instrumentos à disposição do pesquisador em campo. Os dados “estão lá”. O pesquisador somente necessita de uma sensibilidade favorecida por sua penetração profunda em campo, para conseguir enxergá-los e relacioná-los à pesquisa por ele desenvolvida, sendo muito criterioso ao analisá-las.

Especialmente quando se trata de tentar capturar como os nativos compreendem algum conceito/noção, principalmente num contexto não ocidental e marcado por um passado afligido por eventos trágicos, como foi o movimento de colonização africana, todos os sentimentos, memórias e consequências que ainda se fazem presentes, bem como as vozes que clamam, muitas vezes, para que este passado não seja negligenciado, não podem, simplesmente, ser colocados de lado, como se não impregnassem as realidades observadas, os pensamentos, os pressupostos, as ações, enfim, tudo isso não pode ser alienado.

A despeito de se tratar de uma noção de difícil definição, medição e observação, a felicidade, tem ganhado um novo relevo na contemporaneidade, o que se pode observar pela ampliação dos ramos de pesquisa que tem reconhecido sua relevância, especialmente, nas ciências humanas. A preocupação na medição do índice de satisfação com a vida ou bem-estar

(sinônimos mais utilizados para a felicidade, sobretudo em pesquisas realizadas em Psicologia Positiva) tem se generalizado pelas Ciências Sociais, mais especificamente em estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos e até em determinadas áreas de Economia e Política, (mesmo que atravesse o tema felicidade de uma maneira não tão específica ou definida, por meio de índices que objetivam uma medição internacional do nível de desenvolvimento, satisfação e bem-estar de países, como é o caso do, o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano e PIB – Produto Interno Bruto).

Outro medidor internacional muito evocado para perceber o nível de felicidade das nações e que já foi aqui mencionado, seria o FIB – Felicidade Interna Bruta – um índice desenvolvido inicialmente, em 1972, pelo Butão, um pequeno país asiático, na tentativa de alcançar uma fórmula capaz de contemplar indicadores que pudessem analisar o nível de felicidade neste pequeno território. Ou seja, o FIB prevê como indicadores de desenvolvimento, não apenas fatores econômicos, mas também outros mais subjetivos, incluindo fatores sociais, psicológicos, políticos, ambientais e econômicos. Ou seja, ele valoriza também indicadores eficazes que vão além do simples desempenho econômico indicado, traduzido pelo PIB. Especificamente para esta pesquisa, mesmo que, inicialmente, tenha feito parte de meu projeto original analisar o índice de felicidade atribuído ao Senegal, algumas situações de campo me levaram à percepção do quanto o FIB pode apresentar resultados superficiais, por trabalhar com indicadores que apenas tratam o tema de uma forma mais macro e generalizante. Como minha pesquisa estava mais direcionada a uma determinada comunidade, muito pequena, simples e distante de contextos possivelmente contemplados mais diretamente pelas medições do FIB, percebi que deveria procurar privilegiar a questões mais relacionadas à cultura, em si, ao cotidiano de meu público alvo; que eu deveria me envolver mais numa análise ontológica e axiológica, que privilegiasse, sobretudo, a uma observação de como as pessoas pensam, vivem, sentem e expressam a felicidade, padrões observáveis por meio de uma semiótica própria.

Desta forma, segui para *Joal Fadiouth*, com o desafio de tentar passar por cima de meus próprios pressupostos, saberes, visão de mundo, conceitos, e tudo o que pudesse impedir uma imersão nesta cultura multiforme, de modo a que minhas impressões não fossem apenas fruto de uma visão embaçada a respeito de África. Para conseguir começar a pensar na possibilidade de a felicidade acontecer até mesmo em contextos de pobreza, muito distanciados de situações consideradas indispensáveis a uma vida feliz (pelo menos como

concebe o pensamento ocidental de felicidade), restava-me também certo desprendimento de uma herança conceitual que impregnava minha mentalidade, sem que me apercesse do quanto.

A grande questão que sempre é colocada quando se relaciona os temas de pobreza e felicidade, é: “Como é possível ser feliz sem ter as necessidades básicas resolvidas?”. Porém, eu percebi que a grande questão que se deve sobrepôr a esta seja: essas necessidades são básicas para quem? A partir de que ponto de vista? Desta forma, percebi também que, para obtermos as respostas de que necessitamos, de fato, precisamos, antes, saber colocá-las; saber o que, em realidade, está em jogo para, só então, buscar compreender o que, ao certo, precisamos observar.

Para este tipo de compreensão, é indispensável ter em mente que toda realidade estabelecida é fruto de um processo humano que indica o ‘pano de fundo’ que dá contorno àquilo que nossos sentidos podem perceber no momento exato no qual desenvolvemos nossa pesquisa. Se buscarmos, apenas, observar aquilo que nos é perceptível num primeiro momento, correremos o risco de perder de vista a relevância, que é a compreensão de como as pessoas constroem a realidade social na qual estão inseridas. Urge, assim, que tenhamos em vista que a vida cotidiana é uma realidade interpretada pelos homens, sendo também dotada de sentidos a partir do momento em que se constitui em um mundo coerente para eles; mas que, “a adequada compreensão ‘*suis generis*’ da sociedade exige a investigação da maneira pela qual esta realidade é construída” (BERGER & LUCKMAN, 1976, p.34,35).

É preciso, também, ter em mente que observar os detalhes que compõem o cotidiano, bem como às ações das pessoas não é uma tarefa tão simples assim, mas envolve toda uma postura científica em geral, necessária por parte do pesquisador. Observar não é somente a atividade de “olhar”, mas nos remete também “ao conjunto de técnicas utilizadas para compreender as ações dos homens – olhar, escutar, ‘viver com’”. (PIETTE, 1996, p.11)

Para compreender como as pessoas constroem suas realidades, e como isso reflete na maneira como concebem a felicidade, é necessário todo um trabalho de observação, descrição e análise, baseado em suas próprias concepções de mundo e suas interpretações aos principais acontecimentos culturais, bem como daqueles que lhes são corriqueiros, aos quais tendem a naturalizar. Sendo assim, este trabalho exigiu, de minha parte, um ‘desapego’ aos meus próprios conceitos e pontos de vista, principalmente, por se tratar de um contexto cultural

completamente diferente do meu: língua, costumes, tradições, modo de pensar, dentre outros aspectos. Se este tipo de cuidado não é tomado, a tendência é a de tentarmos apreender as categorias nativas a partir das nossas, sem um trabalho reflexivo que tente remetê-las à forma como são produzidas e compreendidas no próprio contexto ao qual estudamos.

Um dos ramos que tem muito a contribuir no estudo da felicidade é o da Psicologia Positiva. Seligman (2004), um dos pioneiros neste ramo, trabalha a existência de vários elementos básicos a uma felicidade autêntica. A Psicologia positiva tem tentado demonstrar, dentre outras coisas, a possibilidade de se estudar a felicidade, mesmo em contextos de extrema pobreza, ao lançar um olhar diferenciado sobre como a felicidade pode ser neles compreendida. Conforme salienta Helena Marujo, no prefácio ao livro “Felicidade na pobreza”, escrito por Leonor S. Balancho, (doutora em Psicologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, a partir de pesquisa de campo desenvolvida em uma das comunidades mais pobres de Portugal), é sabido hoje, através de dados internacionais, que o bem-estar geral não pode estar ligado somente a fatores econômicos. Ainda segundo ela, mesmo em uma situação econômica difícil, uma pessoa pode afirmar-se moderadamente satisfeita com a sua vida, desde que outros fatores por ela valorizados como fundamentais para a manutenção desta satisfação em outras áreas de sua vida (como a família, a saúde, o trabalho e a relação consigo) seja permanente. (BALANCHO, 2013, p. 09)

Segundo Balancho⁵, o pensamento que defende que, ao se verem durante a vida toda diante do desafio de ter de lutar pela sobrevivência, muitas pessoas não teriam, sequer, tempo para pensar na felicidade, precisa ser repensado. Contra este ideário, ela defende que “mesmo na dureza mais rude da vida a busca pela felicidade não parece calar-se”, argumentando que, numa situação de pobreza, haveria apenas uma mudança na linguagem da felicidade, ou seja, nas formas de aspiração e demonstração do sentido de felicidade.

Em realidade, o tipo de pensamento segundo o qual a pobreza teria o poder de excluir completamente a experiência de felicidade seria, segundo ela, apenas uma “suposição de superioridade moral” daqueles mais favorecidos. Foi, justamente, na observação direta desta linguagem semiótica da felicidade expressa no contexto de minha pesquisa que busquei me ater em minhas análises, após me dar conta da necessidade de uma abordagem consciente de que este seria, antes de qualquer coisa, um trabalho de desconstrução conceitual para,

⁵ Ibid., p.15.

somente depois, partir para uma verificação da maneira como a noção de felicidade é construída contextualmente. Somente a partir deste processo, seria viável o início de uma análise que tenta fugir aos paradigmas ocidentais, com o objetivo de tentar capturar, axiologicamente, a lógica implícita na maneira como os joalheiros pensam a felicidade, explícita a partir de comportamentos, gestos, falas, rituais, memórias e outros tipos de linguagem, que expressam sua maneira de pensar e enxergar a vida.

Em efeito, todo o empenho em torno de uma medição do bem-estar e satisfação com a vida por parte de determinadas populações nos leva à percepção da grande relevância do tema felicidade, o que, segundo Balancho, justificaria uma alta nas produções sobre ele, nos últimos anos: “sublinhamos o peso da ‘moda’ das publicações sobre felicidade, numa megaindústria de promessas e estratégias para ser feliz. Estima-se que, só em 2008 tenham surgido cerca de 4000 livros sobre felicidade”⁶. Esta autora também destaca que essa alta, poderia estar associada à possibilidade de a felicidade ser vista como objetivo último dos seres humanos, destacando que a universalidade da felicidade como um tema importante na contemporaneidade sugere que o objetivo de ser feliz, (a despeito de algumas discordâncias), pode mesmo estar no topo de listas de fatores considerados vitais para se ter uma vida que valha a pena (antes até do dinheiro).⁷ Entretanto, cabe-nos indagar se este aumento nas produções científicas a respeito da felicidade não estaria a indicar haver, na contemporaneidade, algo de muito errado com a felicidade, conforme Bauman (2009) nos chama a atenção. Para ele, a própria busca dos seres humanos pela felicidade poderia ser um indicador de seu fracasso. Isto se deveria ao fato de, a seu ver, ser esta busca a responsável por determinados descaminhos e equívocos em relação às estratégias, através das quais se esperaria alcançá-la.

A busca através de posses materiais seria um bom exemplo desses descaminhos frustrantes na busca pela felicidade, segundo Bauman⁸. Ao expor seu pensamento a este respeito ele afirma que, quando se deposita no dinheiro a esperança de uma vida feliz, na busca por encontrar “em lojas ou shoppings” determinados “ingredientes” que tornariam a vida feliz, estaria havendo uma substituição por bens materiais, de coisas que não se pode comprar em lojas, pois nem todo o dinheiro seria suficiente para comprá-las, argumenta. Ao depositar a sua esperança de felicidade em determinados caminhos e circunstâncias, ela

⁶ Ibid., p. 20

⁷ Ibid., p. 33

⁸ Ibid., p. 11,12.

tenderia a ficar, assim, condicionada e engessada de tal forma às estratégias ditadas pela modernidade como possíveis caminhos para alcançá-la que, em realidade, acabaria por fazer com que, nesta busca constante, as pessoas se esquecessem de ser felizes, deixando de valorizar coisas “que não se compram ou não estão à venda”:

Observadores indicam que cerca da metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas [...] você não vai encontrar num shopping o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar dos entes queridos ou de ajudar um vizinho em dificuldade, ou a autoestima proveniente do trabalho bem feito, a satisfação do “instinto de artífice” comum a todos nós, o reconhecimento, a simpatia e o respeito dos colegas de trabalho e outras pessoas a quem nos associamos; você não encontrará lá proteção contra as ameaças de desrespeito, desprezo, afronta e humilhação. Além disso, ganhar bastante dinheiro para adquirir esses bens que só podem ser adquiridos em lojas é um ônus pesado sobre o tempo e a energia disponíveis para obter e usufruir bens não comerciais e não negociáveis, como os que citamos acima. Pode facilmente ocorrer, e frequentemente ocorre, de as perdas excederem os ganhos e da capacidade de renda ampliada para gerar felicidade ser superada pela infelicidade causada pela redução do acesso aos “bens que o dinheiro não pode comprar” (BAUMAN, 2009, p. 11 e 12)

Assim, é possível notar que são várias as abordagens possíveis a respeito da felicidade, com os mais variados vieses. Entretanto, cabe ressaltar que o nosso intuito aqui, não é o trazer um juízo de valor a respeito dessas abordagens realizadas em torno de meu tema (mesmo que também não o seja a demonstração de uma postura supostamente neutra, pois nenhuma escolha tomada em uma pesquisa pode ser considerada como livre de inclinações pessoais: desde a escolha do tema a ser trabalhado até as metodologias mais viáveis), nem o de fornecer um “mapa para a felicidade” ou alternativa a essas tentativas frustradas na busca moderna por uma vida feliz, mas o de mostrar a sua importância como um tema que atravessa o tempo e o espaço, permeando outros temas e ramos de estudo, demonstrando também a relevância de um constante olhar a ele direcionado na contemporaneidade, bem como sua potencialidade como gerador de tantas reflexões e canalizador de uma rica transversalidade, que faz dele um tema tão tradicional quanto atual (conforme será possível perceber mais detalhadamente nos capítulos que seguem).

Como principal estratégia metodológica, optei por aquela clássica nos trabalhos etnográficos: a observação participante. Segundo Whyte⁹, na observação participante direta o pesquisador busca observar comportamentos que sejam significativos para os propósitos de sua pesquisa. Ao descrever sobre sua opção metodológica, mostra como havia certa tensão e indefinição nos debates da época (1940), que giravam em torno de uma disputa entre o ‘estudo de caso’ e a estatística: “proponentes do estudo de caso argumentavam que ele levava a uma ‘compreensão’, enquanto que os proponentes da estatística mantinham que ela era o único caminho para a ciência¹⁰”. Pergunto-me até que ponto, de fato, temos avançado em relação a este debate. Mesmo que experiente em métodos quantitativos, como o survey, Whyte defende que o estudo de caso pode levar a determinados insights que favorecem avanços teóricos, sejam por parte do próprio pesquisador, seja por outros. Segundo ele, os métodos que utilizou podem ser ampliados e melhorados pelos que estudam a organização de comunidades¹¹.

Com o intuito de optar por uma metodologia que melhor se enquadrasse ao contexto de minha pesquisa, percebi que uma observação direta à família com a qual fiquei hospedada foi de suma importância para a minha pesquisa. Outros recursos utilizados foram entrevistas informais e visitas a pessoas e lugares chave, à medida que fui percebendo ser necessário: vi a necessidade de visitar a alguns lugares que as pessoas faziam menção nas entrevistas, como lugares ‘históricos’, o museu de *Joal*, a Ilha e o cemitério de *Fadiouth*, a biblioteca local, o local onde se encontravam algumas árvores e poços artesianos que, segundo meus entrevistados, foram fundamentais para a formação desta comunidade, etc. Foi de igual forma indispensável a ida a alguns eventos tradicionais, como festas, rituais culturais locais (como batismo infantil, funerais, festas tradicionais ou eventos religiosos, festas de rua nas quais pude observar certas manifestações culturais, como por exemplo, a dança típica *Sereer*, dentre outros), sempre explorando através de uma observação participante direta, entrevistas informais, filmagens e fotos.

De todas estas estratégias, estar diretamente com as pessoas, nas “conversas de roda” se mostrou, neste contexto, uma das oportunidades que mais me favoreceria observar, interagir, colher diretamente algumas informações das quais eu necessitava, além de tentar compreender como as pessoas percebem a noção de felicidade, a partir de suas vivências; eu

⁹ Ibid., p. 363.

¹⁰ Ibid., p. 358, 359.

¹¹ Ibid., p. 361.

somente necessitava me dispor a estar presente a essas conversas enquanto aconteciam e conservar minha atenção a tudo o que pudesse evidenciar como as pessoas se expressavam a respeito de meu tema. Da mesma forma, as conversas realizadas com os anciãos foi de inestimável valor, pois, a partir deles, foi possível conhecer um pouco mais a respeito das principais tradições culturais preservadas através da oralidade, assim como tomar conhecimento das memórias acerca da formação da comunidade de *Joal Fadiouth*. Neste processo, tornou-se indispensável uma catalogação a partir de um índice de todo o material recolhido, adicionando os dados de acordo com cada categoria específica observada pois, já a certa altura de minha pesquisa, percebi a vastidão de todo o material recolhido e a necessidade de já ir separando-o por categorias ou assuntos específicos, para uma melhor organização do mesmo, trabalho este que, inevitavelmente, somente foi concluído após o término do trabalho de campo, em si, já de volta ao Brasil, numa etapa posterior. O diário de campo, “estilo Malinowski” também foi de grande auxílio, pois com ele sempre à mão, pude registrar acontecimentos, comportamentos e falas, enquanto os observava virem à tona em situações do cotidiano das pessoas.

O desenvolvimento de minha pesquisa se deu em uma pequena comunidade *Sereer*, subdividida em duas, que correspondem, juntamente, ao que é conhecido como *Joal Fadiouth*. Na parte que corresponde a *Joal*, predomina certo equilíbrio entre as religiões católica e muçulmana; já na ilha de *Fadiouth*, pode ser notada uma predominância da religião católica. Esta comunidade está situada na região de *Thiès*, que é ligado ao departamento administrativo de *Mbour*; se localiza na extremidade da pequena costa, ao Sul de Dakar. É habitada por um grande número de pescadores e pessoas que vivem, sobretudo dos produtos que eles conseguem em suas pescas, agricultura e comércio. A etnia majoritária é a *Sereer*, seguida pela *Wolof*.

A recuperação da história de *Joal Fadiouth* foi um grande desafio para mim, pois, mesmo nas bibliotecas da universidade à qual visitei enquanto estava em Dakar, não existiam registros específicos sobre estudos a respeito de sua origem, (somente algumas poucas elaborações, a partir da tradição oral), conforme também ressaltado por Nguénare Coumba, aluno da Universidade Cheikh Antha Diop, em seu trabalho monográfico, quando resolveu se

dedicar ao seu estudo, em 2013¹². Nesta mesma Universidade, ao recolher alguns materiais na secretaria do departamento de Ciências Humanas sobre temas que envolvessem estudos a respeito desta comunidade, verifiquei a precariedade de estudos aprofundados a seu respeito. Neste contexto, percebi que a estratégia principal pela qual optei – de morar diretamente na casa de nacionais durante o tempo dedicado à minha pesquisa – revelou-se uma rica fonte de aprendizado. Desta forma, foi possível perceber certas minúcias da cultura que, mesmo havendo já morado e trabalhado nesta mesma comunidade anos antes, eu não havia conseguido. Foi também este fato que me permitiu participar de determinados acontecimentos e eventos culturais que, sem a ajuda de meus anfitriões, seria muito mais difícil ou mesmo impossível o meu acesso.

O fato de poder contar com a cooperação de amigos que eu já conhecia desde o tempo que passei trabalhando nesta comunidade (aos quais preservei os verdadeiros nomes), foi um fator preponderante a proporcionar a confiança e espontaneidade que eu precisava em minhas observações. O próprio Gabi Diam (um ancião, professor responsável junto à prefeitura de *Joal Fadiouth* por toda a parte cultural e preservação das memórias da comunidade, tendo, ele mesmo, desenvolvido densa pesquisa a respeito desta comunidade, através de entrevistas com alguns outros anciãos, valorizando os relatos fornecidos através da tradição oral), é um exemplo de abertura a mim conferida, pelo fato de Josephine ir comigo à sua casa e criar essa abertura e confiança, ajudando-me também a explicar o objetivo de minha pesquisa e a rica colaboração que ele teria a me oferecer. Ele foi uma fonte indispensável para a recuperação das memórias da comunidade, já que ela não possui um relato histórico oficial escrito a respeito de sua formação. Essa abertura foi, segundo ele, algo inédito, conforme me relatou:

– *“Eu não sei como você conseguiu fazer esta entrevista e filmagem comigo! Ninguém até hoje conseguiu isso!”* Por isso, em tom descontraído, enquanto observávamos a filmagem que eu acabara de fazer, pediu-me para guardá-la com muito carinho, pois era a única que alguém possuía, e ela era minha! Ele até concedia entrevistas para muitos jornalistas ou documentaristas, mas nunca, segundo ele, havia se disposto a sentar quantas vezes fossem necessárias para fazer registros de imagem e voz, além de tirar dúvidas surgidas

¹² Este material monográfico, somente foi conseguido por mim na própria comunidade de *Joal Fadiouth*, no CLAC (Centro de Leitura e Animação Cultural Léopold Sédar Senghor), que será comentado de uma forma mais detida no terceiro capítulo.

a partir da escuta desses registros, com o objetivo de obter maiores esclarecimentos. Inclusive, foi ele quem me permitiu acesso direto ao prefeito da comunidade e a reuniões direcionadas somente a alguns responsáveis pela elaboração da festa pelo cinquentenário da comunidade, para as quais fui, especialmente, por ele e pelo prefeito, convidada a participar! Somado a estas possibilidades favorecidas pela opção metodológica por mim adotada, poder contar sempre com Josephine como minha principal ajudante de campo, me ajudando a “abrir portas” das quais eu necessitava, foi de extrema riqueza para a obtenção de informações e dados a respeito dos principais costumes, ritos, hábitos, e os sentidos a eles conferidos, a partir de sua disposição em me explicar cada observação por mim realizada e, através dessas entrevistas com ela, conseguir chegar, o mais próximo possível, de uma compreensão da realidade na qual me via imersa e, assim, conseguir estender o “pano de fundo” para os acontecimentos, comportamentos, gestos e falas observados.

Apesar de vários infortúnios causados por esta opção, ainda assim, penso que, no final das contas, todas as oportunidades criadas ou aproveitadas, significaram um rico aprendizado que fez com que esta fosse, para mim, uma experiência de inestimável valor, no que se refere à possibilidade de um maior envolvimento e interação com as pessoas, além de me oferecer a chance de avaliar às minhas próprias concepções de mundo e pressupostos. Em alguns momentos, mesmo com todo o desgaste físico e emocional próprios a um trabalho de campo como este, foi perceptível que, se assim não fosse, muitos insights advindos de algumas situações observadas enquanto estive imersa de tal forma no contexto ao qual me propus estudar, teriam sido perdidos. Além disso, esta foi uma excelente ocasião para que os meus próprios pontos de vista viessem à superfície e fossem também colocados em pauta e para que, a partir de seu reconhecimento, o ponto de vista local pudesse sobressair ao meu e ganhar o devido relevo.

No primeiro capítulo, faço uma apresentação de como se deu o caminho por mim percorrido, que culminou na escolha desse campo, tema e opções metodológicas. No segundo capítulo, começo a discorrer sobre o campo por mim escolhido para o desenvolvimento de minha pesquisa de campo: principais peculiaridades culturais; também, de uma forma bastante detalhada, procuro descrever alguns dos principais acontecimentos por mim observados, comportamentos e algumas justificativas para tais, bem como os possíveis caminhos para uma compreensão de como os joalianos apreendem a noção de felicidade. E, no terceiro capítulo, busco fazer um apanhado de como essas peculiaridades, acontecimentos,

rituais, comportamentos e memórias preservadas através da tradição oral podem fornecer uma chave para a compreensão de como os nativos conferem sentidos a tudo à sua volta e, desta forma, a maneira como entendem a felicidade, através de uma semiótica própria.

Com este intuito, busquei privilegiar a uma literatura centrada, não somente na antropologia, mas também na sociologia, filosofia (ocidental e africana), psicologia positiva, assim como outros materiais recolhidos em campo, mostrando como a felicidade pode ser enxergada por meio de óticas diferentes, utilizando-as para situar minha análise naquela que mais interessa para o trabalho etnográfico: como os próprios nativos compreendem a si mesmos e ao mundo.

2 CAPÍTULO 1 - CHEGADA A DAKAR: MOMENTO TÃO AGUARDADO

2.1 Contribuições do tempo pré-campo: um passado bem presente

Para este trabalho de campo no Senegal, percebo o quanto foram fundamentais algumas situações pré-campo. Tanto os três anos durante os quais morei na África, como algumas situações referentes à formação de minha identidade e auto definição como pessoa e história de vida forjaram em mim, não somente o desejo de que este trabalho fosse realizado onde foi, como favoreceram, também, a algumas condições importantíssimas para a sua realização e me conferiram certa maturidade em relação, tanto ao meu tema (Felicidade), quanto ao meu público alvo (nacionais senegaleses).

Algumas situações pré-campo favoreceram tanto ao despertar do desejo de estudar o conceito de felicidade e como ele é construído por este grupo específico, como também concretização do trabalho de campo ao qual apresento aqui. Certos valores e características pessoais, construídos e formados através de minha própria história de vida, como um espírito criativo, curioso e a atração por desafios, ajudaram a forjar em mim certa intencionalidade voltada para o conhecimento de questões subjacentes ao tema ‘felicidade’. Talvez seja por possuir estas características pessoais que algumas pessoas, como por exemplo, o professor Marcelo Burgos, um professor muito querido de minha graduação em Ciências Sociais, tenha afirmado certa vez, em tom de cuidado e, ao mesmo tempo, admiração, que eu possuo certa “predisposição a procurar encrências”; ou, como o professor Edilson Márcio (professor do programa de pós-graduação em Antropologia da UFF) que, de outra feita, quando ainda em meu primeiro semestre de mestrado, afirmou que o tema por mim pretendido era “meio louco” dizendo, contudo, que gostava deste tipo de tema. Estas características a mim inerentes são, de certa forma, responsáveis pela minha fuga à mediocridade.

Observar como, através de uma mesma palavra, podem ser estabelecidas as mais diversas construções e conexões, que também podem ser utilizadas para os mais diferentes propósitos – ora, em forma de figuras, ora, em forma de hipérboles ou anáforas, ora, promovendo contrastes, ora, paradigmas ou paradoxos, ora, tese, ora, antíteses, ora, sínteses, ora, estabelecendo relações analíticas, mas sempre em busca de uma dialética, de acordo com

a maneira como essas palavras são empregadas, para formar pensamentos, mentalidades ou mesmo filosofias de vida – sempre despertou meu interesse.

As diversas possibilidades de expressão dos pensamentos em forma de palavras se apresentam como algo de inestimável riqueza para o antropólogo, especialmente no campo da linguística. E esse conjunto de palavras e pensamentos que formam determinada mentalidade, indica não somente o quanto certo conhecimento desses aspectos linguísticos e cognitivos é importante no estudo do homem, mas também que os conceitos, produtos de todo este trabalho mental, são construções sociais, formadas de acordo com especificidades restritas a cada grupo social, ou seja, que são também, diretamente influenciados por esta experiência cultural oferecida a partir de cada contexto específico.

Através de um espírito de curiosidade nato, nunca fiquei satisfeita com respostas prontas e explicações rasas. Desde criança, o “o que?”, o “por quê?”, o “como?” e o “para quê?” sempre estiveram presentes em meu vocabulário. E sempre estive disposta a “pagar o preço” para obter respostas que satisfizessem, minimamente, às minhas expectativas intelectuais, ao meu anseio por conhecimento. Algumas vezes, o preço era, realmente, me meter em algumas “enrascadas” (ou “encrencas”), frutos de verdadeiros emaranhados de possibilidades que eu encontrava em meu caminho, em busca dessas respostas. Porém, posso dizer que sempre valeu a pena pagar este preço, pois essas “enrascadas” ou “encrencas” permitiram-me, no mínimo, sair delas um pouco mais madura e com um senso um pouco mais realista frente à vida.

Nem sempre este caminho em busca de respostas é claro e, muitas vezes, ele nem está aberto, pois, como diria um grande poeta espanhol Antonio Machado¹³, “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”. Ou seja, muitas vezes, tentamos responder a perguntas que, mesmo que já tenham sido postas, nem sempre os caminhos percorridos para obtê-la serão os mesmos, e nem sempre terão sido respondidas completa ou satisfatoriamente. Sendo assim, estamos sempre alcançando, na verdade, parte da resposta, que sempre necessitará de adições e complementos; estamos sempre alcançando respostas provisórias. Outras vezes, não obtemos respostas satisfatórias pelo simples fato de não sabermos formular as questões, não sabemos fazer as perguntas chaves para a elucidação de nossas demandas!

¹³ Antonio Machado (1875-1939) foi um poeta modernista espanhol, famoso por ter escrito o poema “Caminante”, considerado um dos seus mais conhecidos. Antonio Machado possui uma obra poética importante para a cultura espanhola.

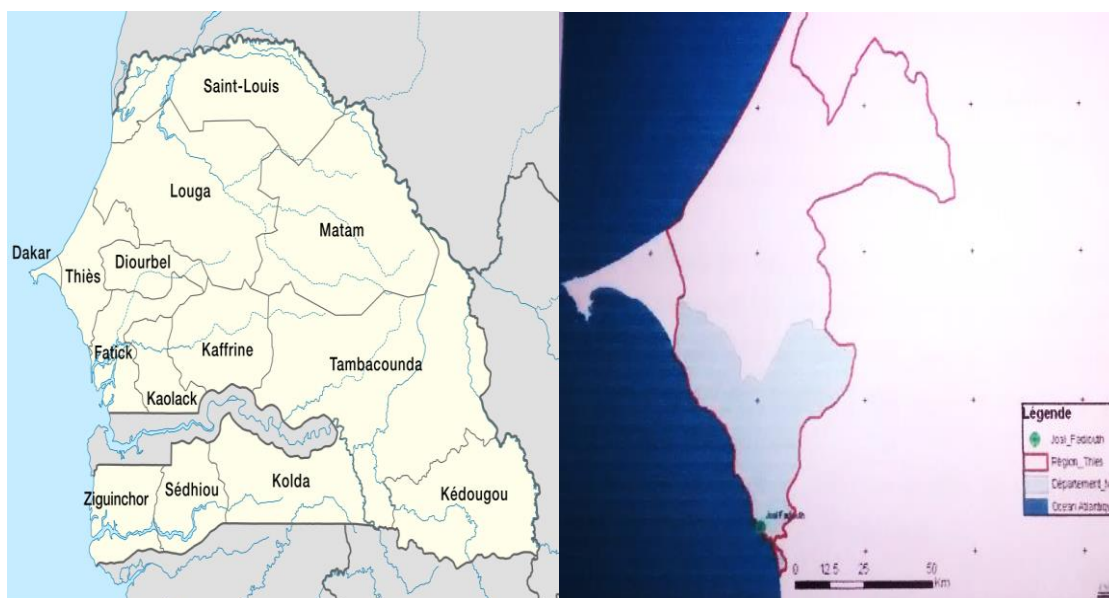
Para isso, o trabalho de campo se constitui em um ambiente riquíssimo, tanto para a busca de respostas, como para crescermos nesse processo elaboração ou reelaborações de nossas questões. Outras vezes, obteremos respostas a perguntas ainda não feitas, de tão ricas que são as oportunidades a nós oferecidas, diretamente, em determinadas “situações encrenca”! Foi isso o que pude, mais uma vez, constatar nessa minha segunda estada no Senegal! Mesmo que sejamos orientados a seguirmos a campo, livres de nossos próprios conceitos ou pré-conceitos, penso que este exercício seja, simplesmente, impossível, pelos motivos já explicitados e que serão demonstrados através de todo o texto.

Assim como a teoria educacional que coloca a criança como uma “tábula rasa” pronta a receber os ensinamentos está completamente equivocada, por rejeitar toda uma bagagem de experiências anteriores – que na verdade, deveria ser utilizada como ponto de partida para outras aprendizagens, – também não é aconselhável ao antropólogo tentar se colocar em uma posição de suposta neutralidade, pois este pensamento requereria que também fôssemos como “tábulas rasas”, livres de todas as experiências adquiridas no decorrer de nossas vidas, sem nossas próprias referências culturais. Tentar compreender até que ponto nossa própria cultura nos afeta ou somos afetados pela cultura local em nosso campo de pesquisa, seria um exercício muito mais humano, rico, realista e honesto, pois temos sempre o nosso próprio ponto de vista, que é apenas um dentre os muitos possíveis.

É reconhecendo que sou um “outro” diferente desse “outro” ao qual estou tentando compreender, que torna possível uma melhor percepção de como as diferenças culturais observadas estão em constante conflito com minha própria cultura, além de oferecer a oportunidade de um reforço de nosso próprio autoconhecimento, que antes, talvez, não fosse tão claro ou conciso. Este reconhecimento pode também nos tornar mais humanos diante das diferenças percebidas, ao notarmos que o nosso ponto de vista é apenas mais um; ao percebermos que existem outras cosmovisões possíveis. Este tipo de experiência de campo também tem o potencial de, se bem aproveitada, nos fazer perceber qual atitude precisa ser adotada diante do diferente, mesmo em nossa própria cultura. Este exercício de treinar a nossa atenção, que nos remete a um estado consciente de alerta total, nos incentivando, também, ao processo de autoconhecimento, que acontece durante toda a nossa vida. “Conhece-te a ti mesmo”, primeiramente, se quiseres conhecer aos outros (segundo o principal aforismo da filosofia Socrática, e complemento meu). E este exercício de autoconhecer-se não é um tarefa tão simples assim; ele requer, antes de tudo, muita humildade para reconhecermos, antes de

tudo, nossa própria inabilidade em nos autoconhecermos se, de fato, desejamos *começar* este processo.

Figuras 1 e 2: Mapa do Senegal e sua divisão em quatorze regiões, incluindo a região de Thiès, onde se situa a comunidade de *Joal Fadiouth*, local de realização de minha pesquisa.



Fonte: internet e apostila monográfica de um aluno da UCAD, cedida pela biblioteca local.

2.2 Desembarque: emoção da chegada e primeiras impressões

Depois de uma viagem tão longa quanto cansativa, que teve início nos primeiros dias de julho e durou, nada mais, nada menos, do que quase três dias, desde minha saída do Rio de Janeiro, finalmente, desembarquei no aeroporto de Dakar. Assim que cheguei, após todos os procedimentos de retirada de bagagens (que, graças a Deus, chegaram todas sãs e salvas, já que isso era uma incógnita para mim, pois sei que isso nem sempre acontece) e passar por algumas autoridades locais, autoridades essas responsáveis por despacharem aos estrangeiros, com as quais tive conferidas algumas de minhas documentações. Como os procedimentos de entrada no país acabaram demorando muito mais do que eu esperava, eu já estava para lá de exausta, porém não menos emocionada por, enfim, chegar ao meu destino, e poder pisar em solo africano.

Quando, enfim, o policial devolveu-me o passaporte, segui diretamente para a saída, completamente tomada por uma inexplicável emoção; era um misto de satisfação por estar

avançando em uma etapa tão importante para o meu mestrado, mas também, uma espécie de êxtase, por me encontrar, novamente, em um lugar que me trazia tantas recordações, semelhante a um filme em minha mente, como se elas estivessem passando em uma verdadeira tela de cinema.

Esta emoção aumentou ainda mais, tão logo avistei François, enquanto ele acenava para mim, de uma área externa a um longo corredor, todo cercado por uma espécie de cerca composta por finas grades de ferro, para que as pessoas que chegam ao aeroporto possam ter acesso direto àqueles que as aguardam; talvez para preservá-las também de todos os homens que ficam lá, já à espera de turistas, interpelando-os para oferecer algum tipo de serviço, desde carregar as bagagens, arrumar um táxi, fazer câmbio, etc. O acesso às pessoas que chegam ao aeroporto somente é possível após estas terem sido completamente liberadas de todos os procedimentos necessários e de terem passado por este “corredor de proteção”; fiquei aliviada e, ao mesmo tempo contente por revê-lo. Meu último contato com ele havia sido quando eu ainda estava em minha última escala, em Johannesburgo, a partir de quando não mais consegui acessá-lo ao celular. François ainda tinha as mesmas feições, porém, bem mais encorpado do que antes, devido aos seus treinos e à sua dedicação ao esporte. Ele, mais do que depressa, me apresentou sua esposa, que eu ainda não havia percebido ao seu lado, talvez por causa da emoção em revê-lo. Prestativo como sempre, logo tratou de me ajudar com as bagagens: tomou-as de minhas mãos e, juntos, caminhamos até o local onde o carro do casal se encontrava estacionado, de onde seguiríamos diretamente para a sua casa.

François é deste tipo de amigo que a gente precisa valorizar para o resto da vida. Aliás, nem seria ele e sua esposa a me receberem em sua casa no Senegal para o tempo que eu precisasse ficar em Dakar; preocupava-me bastante o fato de ele estar, praticamente, recém-casado e de eu ainda não conhecer pessoalmente sua esposa. Por isso, nem cogitei pedi-lo para ficar em sua casa. Meu contato inicial havia sido com uma amiga brasileira que, prontamente, se disponibilizou a me receber em sua casa durante esses primeiros dias. Porém, como ela estava planejando tirar férias com sua família, justamente, no período que eu precisaria ficar em Dakar, me avisou desta possibilidade, mas não descartando que, por isso, eu deixasse de ficar em sua casa; ainda assim, colocou o seu apartamento à minha disposição, mesmo que não estivesse lá. Considerei muito complicado ficar, sozinha, em seu apartamento durante um tempo em que ela poderia estar tão longe (talvez no Brasil). O que eu gostaria

mesmo era de poder já ir observando a dinâmica de sua família, já que era uma brasileira casada com um senegalês.

Foi desta maneira, que entrei em contato com François, pedindo a ele para ver se conseguiria arrumar alguém que pudesse me receber durante este tempo. Ele, então, se comprometeu a ver isso para mim mas, na verdade, sua providência foi a de consultar sua esposa sobre a possibilidade de eu ficar na casa deles! Obtendo sua anuência, feliz da vida, anunciou-me que eles mesmos me receberiam em sua casa, durante o tempo que eu precisasse.

Emocionou-me, não somente pisar novamente em solo africano, mas também a maneira como meu amigo se mostrava tão feliz em me receber no aeroporto, mesmo que isso lhe custasse renunciar a preciosas horas de seu sono, e também a recepção de sua esposa, que eu conhecia apenas nas fotos; Ada é uma mulher de pequena estatura, muito branca, loura e dona de um par de olhos tão azuis, que seria impossível a sua não percepção.

No caminho, impressionou-me a grande quantidade de pessoas que circulava pelas ruas, mesmo sendo um horário não muito propício a toda esta movimentação, não sendo isso muito comum no Senegal. Ada concordou comigo, porém, logo fez uma expressão de que acabara de se lembrar de algo que poderia, com toda certeza, explicar a nós essa movimentação incomum de todas essas pessoas, durante este horário nas ruas: ela comentou que, por certo, tratava-se da forma como os muçulmanos se comportam durante o mês do Ramadan, o mês durante todo o qual eles se submetem a um severo jejum que dura enquanto o sol ainda estiver aparecendo no céu; ao declinar do sol, eles aproveitam para comer ao máximo que puderem, durante quase toda a madrugada, muitas vezes, não somente para compensarem todo esse período no qual não puderam, segundo alguns, ao menos engolir suas próprias salivas, mas também para se reabastecerem para mais um dia de jejum. Alguns sites senegaleses de turismo desencorajam viagens ao Senegal neste período, devido a toda esta atmosfera própria deste mês, no qual os muçulmanos estão, de uma forma geral, muito cansados e famintos e estressados, fazendo com que durante este mês inúmeros casos de desentendimento e acidentes de trânsito sejam desencadeados.

O Ramadã é um período muito importante no calendário islâmico, por se tratar de um mês durante o qual todos os muçulmanos se dedicam em um jejum coletivo, com o objetivo

de cumprir uma das grandes obrigações desta religião. Seu término coincide com o fim deste jejum, marcado por grande comemoração por parte dos muçulmanos que a ele se submeteram.

2.3 Na casa

Assim que chegamos ao lugar onde ficava situada a sua casa, subimos até ao apartamento no qual o casal morava; François e sua esposa me apresentaram o quarto onde eu ficaria hospedada durante os dias em que eu precisaria ficar na capital, até fazer todos os procedimentos necessários, antes de seguir para *Joal Fadiouth*. Apesar de todo o meu cansaço, era possível perceber todo o carinho com o qual aquele quarto fora preparado para mim: um quarto muito bem arrumado, no qual providenciaram, inclusive, um frigobar, para que eu colocasse a minha água e outras coisas que precisasse. Mais tarde, tomei conhecimento de que este quarto nunca havia sido antes utilizado, havendo sido preparado, especialmente, para a minha ida. Mostraram-me também os banheiros (sim, banheiros, pois um era utilizado somente para banho e o outro para as demais necessidades), a cozinha e o quarto deles, caso eu precisasse de alguma coisa durante as poucas horas que ainda tínhamos de sono, até o dia amanhecer completamente.

Despedimo-nos e eles foram para o seu quarto. Eu não tinha forças para quase mais nada, a não ser me ajeitar e tentar me recuperar um pouco das noites mal dormidas antes e durante a viagem. Enquanto me ajeitava na cama, a ficha começou a cair de que eu já me encontrava em território africano, pois foi quando comecei a ouvir o barulho dos *moutons*, como são denominados os carneiros, na língua francesa. Esses animais, em sua maioria, são criados para a festa do *Tabaski*¹⁴, uma das maiores festas que compõem o calendário muçulmano) e ao chamado da mesquita, para a oração dos muçulmanos, já nas primeiras horas da manhã.

Lembrei-me do quanto havia sido dificultoso para mim, acostumar-me a esse barulho dos autofalantes espalhados por todas as esquinas, praticamente, que são utilizados por alguém especialmente designado para fazer todas as cinco chamadas para as orações, que

¹⁴ O Eid-al-Adha ou, como é conhecida no Senegal, a festa do Tabasky, é a mais importante festa do calendário muçulmano, coincidindo com a peregrinação a Meca. Nesta ocasião, celebra-se a disposição de Abraão em sacrificar seu filho a Deus, quando ele se vê provado em sua confiança; o seu filho é, então, substituído por um carneiro, dando origem ao ritual de matança do “*mouton*” nestas festas. (segundo os judeus, o filho substituído é Isaque, porém, para os muçulmanos, Ismael).

devem ser realizadas, em horários específicos, não importando o lugar onde se encontra. Todas as pessoas ficam em um estado de atenção total e sempre procuram levar consigo o seu tapetinho sobre o qual realizam as suas preces.

Nos momentos das chamadas às orações, os muçulmanos¹⁵ param tudo o que estiverem fazendo, pegam estes pequenos tapetes, estendem sobre o chão, sempre direcionados a Meca (cidade considerada sagrada pelos muçulmanos, por se tratar de uma conquista do profeta *Mouhamed*, por volta do ano 630). Somente depois de um ritual de purificação (que consiste em lavar algumas partes do corpo, como as mãos, as orelhas, os pés e os cotovelos) iniciam suas preces a *Allah*. Da primeira vez que morei na África, levou algum tempo até que todos esses sons já não mais me incomodassem ao sono, e foi um dos motivos mais fortes de meu primeiro choque cultural.

No dia seguinte, aproveitei para dormir até tarde, já que o casal havia me dito que aproveitaria para fazer o mesmo. Somente me levantei quase já na hora do almoço, mesmo que até àquela hora eu não houvesse conseguido dormir o tanto que o meu corpo pedia, pois a agitação da vizinhança começa bem cedo, com as possantes vozes das mulheres a conversar e a chamar atenção das crianças, que começam a brincar animadamente nas ruas, já desde muito cedo, além de outros barulhos e sons típicos – como a charrete que passa para recolher o lixo, algum vendedor ambulante a gritar pelas ruas, os próprios *moutons*, que não param de berrar – a anunciarem que o dia já havia chegado e, portanto, não era mais hora de ficar na cama. Porém, outro fator que também me forçava a não permanecer muito tempo na cama era a claridade que nele entrava. Assim que o sol começava a raiar, o clarão batia em cheio em minha cama, através da vidraça da janela, que ficava bem atrás dela.

Geralmente, François se levantava antes de sua esposa, preparava algo para o desjejum e, normalmente, saía para resolver algo na rua, retornando somente para o almoço e saía novamente à tarde para os seus treinamentos no grande estádio de Dakar, onde seu treinador o prepara para as diversas competições de corrida, tanto a nível nacional, como

¹⁵ A religião muçulmana nasceu no séc. VII, na Arábia, quando Mouhamed teria recebido uma profecia de Allah e começado a ser perseguido por suas pregações. O Islam é uma religião monoteísta, que surgiu após o Judaísmo e o Cristianismo; essas três religiões possuem a mesma raiz, porém não dão a mesma interpretação ao Deus que veneram. Antes centrada sobre o Maghreb e o Oriente Médio, o mundo muçulmano se estendeu em direção à Ásia e África Subsahariana. No curso do vigésimo século nasceu o Islamismo, uma corrente política que deseja submeter a sociedade às regras do Islam. Certos grupos islamitas respeitam aos princípios democráticos, enquanto outros usam de violência para impor suas ideias. Atualmente, os muçulmanos estão divididos em dois principais grupos: os Sunitas e os Xiitas. Ver: Combres (2008).

regional, na equipe da “*A.S. Douanes*”, do Senegal. Seu treinamento é realmente muito exaustivo e requer uma dedicação quase que exclusiva, principalmente, em épocas nas quais ele precisa participar de alguma competição importante. Ele tem se dedicado tanto ao esporte, que já foi duas vezes campeão e duas vezes vice-campeão do Senegal, uma vez campeão de Dakar, duas vezes vice-campeão em África d’Oeste, participou do campeonato do mundo, em 2008, sendo também vice-campeão de “*hometown heroes*”, nos Estados Unidos, em 2014. Seu grande sonho é crescer neste esporte e ganhar visibilidade, não somente a nível nacional, como também internacionalmente, o que garantirá que ele possa viver deste esporte, sem ter de se preocupar constantemente com a necessidade de patrocinadores.

Apesar de toda a agitação interior e personalidade forte, demonstrados através de seu comportamento e jeito de ser, Ada, ao contrário de meu amigo, é um pouco mais caseira e somente sai de casa se estritamente necessário; mas, talvez, isso aconteça mais por força das circunstâncias, do que por sua própria vontade. Certo dia, enquanto assistíamos a uma competição de corrida regional, sediada em Dakar da qual François participaria, ela parecia uma criança com seu brinquedo novo, de tão alegre, por estar “fazendo um programa diferente”; ela me confidenciou que, só o fato de poder sair um pouco de casa para um evento como este, diferentemente de outros momentos nos quais, pela força da responsabilidade, se via forçada a sair e enfrentar o trânsito estressante de Dakar, já fazia um bem tão grande a ela, que eu nem podia imaginar, confessou-me, em tom de desabafo. Em outra ocasião, com o objetivo de eu poder observar um pouco qual era a relação das pessoas com a praia e o que isso poderia me ajudar em minhas observações sobre a felicidade, o próprio François sugeriu que fossemos à praia, que fica bem pertinho da casa; ele mesmo não pode ir, devido aos seus treinos porém, Ada, que havia me levado de carro, juntamente com Gerard e Maurice, tinha um semblante muito descontraído e parecia sem nenhuma pressa para voltarmos para casa.

Pelo fato de François ainda não possuir carteira de habilitação, a única que dirige o carro para todas as obrigações e compromissos do casal, é Ada que, se vê praticamente obrigada a “dirigir como se fosse uma verdadeira mulher senegalesa”, expressão utilizada pela própria família de François. Como presenciei em algumas ocasiões quando estávamos indo a algum lugar e Ada, simplesmente, “se metia” com o carro em algum cruzamento sem sinal, habilidosa e corajosamente para tentar forçar sua passagem em alguns locais onde todos tentam passar ao mesmo tempo; em algumas situações como estas, ela deixa os outros

motoristas um tanto quanto confusos por seu senso de iniciativa no trânsito, o que os obriga a abrirem caminho para ela.

Num desses momentos, todos no interior do carro se entreolharam demonstrando certo orgulho pela iniciativa de Ada, ao verem as expressões dos outros motoristas; a impressão que tenho, é que algumas virtudes como estas talvez nem seja esperada de uma mulher. Entretanto, segundo ela, de tanto ter de agir desta forma, chega um momento no qual ela já sai de casa estressada, consciente do que a espera no trânsito. Fico a imaginar que, apesar de seus vinte e cinco anos de idade, mesmo para uma americana que já possui sua carteira de habilitação e uma experiência em trânsito que já completa dez anos dirigindo nos Estados Unidos, onde o trânsito é muito bem organizado, deve mesmo ser muito estressante o fato de se ver obrigada a dirigir pelas vielas de areia tão apertadas e quase esbarrando nos carros estacionados, além da dificuldade que é uma mulher ser respeita num contexto como este, tendo, muitas vezes, de impor este respeito.

Ada demonstra ter uma personalidade na qual a parte racional é bem mais forte do que em meu amigo François, no qual a parte emocional parece saltar, com muita naturalidade; é ela, por exemplo, quem cuida de toda a questão de planejamentos da casa, desde as compras, os projetos nos quais eles trabalham como voluntários em algumas aldeias, da divulgação desses projetos, até a parte de finanças, viagens, enfim, toda a parte de planejamento fica a sob sua responsabilidade; François afirma que este tipo de tarefa não lhe atrai nem um pouco, pois gosta mais quando as coisas acontecem sem muito planejamento, espontaneamente. Entretanto, nem por gostar menos dessa parte, ele diminui a importância do que Ada faz, e de todo o seu trabalho com o planejamento; ele confessa que, simplesmente, além de não gostar muito de coisas muito planejadas, não sabe fazer, preferindo “deixar para quem sabe fazer” melhor do que ele, em reconhecimento de sua importância, elogiando muito também a esta qualidade de sua esposa. Isso demonstra muita humildade, principalmente em um local onde a submissão feminina é tão fortemente incentivada.

François gosta mesmo é da parte mais prática, gosta de “fazer as coisas acontecerem”, como ele diz: “ela planeja e eu faço”, afirmou-me certa ocasião. Aliás, essa me parece ser uma característica não somente de François, mas também de muitos amigos de origem africana, como é o caso também de alguns outros amigos que vieram de algum país africano e se estabeleceram no Brasil: preferir a espontaneidade, em lugar de se ligarem muito aos planejamentos; não que eles não os façam, não sejam capazes de fazê-los ou não os

considere importantes, mas a impressão que eles me passam, não poucas vezes, sobretudo os homens, é que se pudessem escolher, viveriam a vida de forma mais descontraída, sem se prenderem a qualquer tipo de planejamento pré-estabelecido; esta ainda é uma questão que preciso analisar com mais cuidado para poder afirmar algo mais taxativamente, que não passe apenas de impressões pessoais, sem o perigo de estar caindo no erro tão comum a alguns pesquisadores, que é o de tentar enxergar a outras culturas, a partir de suas próprias lentes culturais.

O grande segredo continua sendo a valorização do ponto de vista dos nativos, a partir do que eles próprios têm a nos dizer, a respeito dos significados dos mais variados eventos próprios aos seus contextos culturais, valorizando-se a questão relacional para uma melhor compreensão desses significados. A proposta de Barth, em “O guru, o iniciador...” (2000), era, justamente, a de tentarmos, ao máximo, nos desprender de nossos próprios padrões interpretativos e passar a tentar capturar, absorver e assimilar – ao menos durante o tempo em que estamos imersos em determinados contextos diferentes daqueles a respeito dos quais já dominamos a maneira corrente de interpretação e compreensão de todos os símbolos culturais, – a forma como os “nativos” deixam transparecer suas próprias interpretações acerca de tudo o que acontece ao seu redor, através das relações sociais. As explicações e interpretações fornecidas pelos antropólogos nem sempre podem corresponder diretamente àquilo que os “nativos” pensam a respeito de si mesmos.

Só se pode estar razoavelmente seguro de ter entendido corretamente um significado quando se presta muita atenção às pistas relativas ao contexto, à práxis, à intenção comunicativa e à interpretação; só isso nos permite entrar experimentalmente ao mundo que eles constroem. (BARTH, 2000, p.132)

Em uma de nossas conversas durante a refeição da noite que, geralmente, se trata de um lanche mais leve preparado por Ada (por preferir preparar estes lanches mais práticos, conforme sua cultura familiar), aproveitando o rumo que a conversa tomava, comecei a colocar algumas questões a fim de verificar até que ponto Ada e François estavam, ou não, conscientes de suas diferentes maneiras de encarar a vida e o quanto essa capacidade poderia se configurar em algo tão importante para o casal. Uma dessas questões foi dirigida a François

e a Robert, sobre qual seria o padrão de “mulher ideal”, na concepção do homem no Senegal; os dois, sem demonstrar qualquer dificuldade em responder, começaram, então, a listar: saber preparar a comida (se uma mulher não sabe cozinhar bem, ela não é valorizada), saber tratar bem aos amigos do marido, saber receber bem as visitas...

Enquanto ainda listavam essas “virtudes”, François e Robert fizeram uma pequena pausa e começaram a cochichar algo em *wolof* e a rir faceiramente. Pedi, então, para que compartilhassem sobre o que conversavam e o motivo de suas risadas. Robert ficou muito desconcertado, sem saber o que dizer, mas François, talvez por já possuir uma maior abertura comigo, me pediu mil desculpas pelas expressões que precisaria utilizar para me explicar: “aqui, mulher ideal é aquela que tenha muito a se tocar, que tenha uma grande bunda”. Todos começaram a rir neste momento, inclusive Ada e Marie, com um semblante de satisfação e orgulho (pois isso as duas possuíam em abundância). François me contou que, quando anunciou a algumas pessoas sobre sua noiva ser de origem americana, muitos lhe deram os “pêsames”, dizendo que ele não teria muito “o que tocar”. Entretanto, disse ele, com um ar de quem estava prestes a me contar a melhor parte de sua narrativa, quando eles a conheceram, ficaram felizes por saber que François não ficaria em falta. Perguntei, então, a Robert se entre as qualidades esperadas em uma mulher, não fariam parte algumas qualidades de caráter moral, por exemplo; mas eles tiveram alguma dificuldade em responder e, depois de pensarem um pouco, destacaram novamente a importância de a mulher saber cozinhar.

Vejo que, muito possivelmente, estas diferenças preliminares entre François e sua esposa encerram, neste contexto específico, não somente conflitos que se destacam em relação às diferenças reforçadas por características inerentes à personalidade e temperamento individuais, mas também aspectos que ressaltam certas divergências originárias nas diferenças culturais existentes entre os dois, próprias de um casamento intercultural, entre uma mulher originária de um contexto americano e um homem de contexto senegalês. Em muitas outras situações pude perceber o quanto esses dois fatores, o psicológico e o cultural são os pivôs de algumas situações nas quais o novo casal tem se desdobrado para aprender a lidar e a superar, para o bem do próprio casamento. A comunicação, a compreensão e a humildade, dentre outros elementos, se mostram, neste caso, como fundamentais neste processo de adaptação cultural.

2.4 Entre o planejado e o imprevisto: um almoço inusitado

Um desses momentos nos quais a espontaneidade de François se confronta diretamente com o jeito metódico de Ada é o momento das refeições, especialmente quando alguém chega à sua casa para o almoço sem avisar. E foi isso o que aconteceu no dia seguinte à minha chegada a Dakar. Após todos nos levantarmos bem tarde devido à madrugada passada no aeroporto, um amigo da família chegou sem avisar para o almoço, encomendado em uma senhora que já prepara alguns pratos típicos senegaleses por encomenda. O almoço havia sido preparado contando somente com François, Ada, Gerard, filho de Marie, irmã de François e Robert, seu esposo, que dividem o mesmo apartamento, e eu.

Ada já havia preparado a mesa e posto o “*diép boudieune*” (uma expressão em *wolof* que significa, literalmente, arroz e peixe – um de meus pratos senegaleses preferidos), que havia encomendado para o nosso almoço; Já estávamos à mesa e praticamente prontos para começar a almoçar, quando o amigo de François ligou para ele, avisando que precisava vê-lo. Ada logo se remexeu em sua cadeira, em sinal de desaprovação e desconforto pela a notícia, e disse a François: “puxa, mas ele deveria ter avisado com antecedência que viria almoçar conosco!”. Ele, meio desconcertado, retrucou: “mas você se preocupa demais! Talvez ele nem esteja vindo para almoçar...”. Ele deveria estar muito próximo quando ligou para François (talvez por haver lembrado que era casado com uma mulher de nacionalidade americana e já ter percebido que este gesto seria, de certa forma, necessário), pois não demorou quase nada para chegar. Quando ele chegou à casa, logo sentando-se conosco à mesa, François e Ada se entreolharam, percebendo sua intenção de almoçar conosco. Parece-me que, ao usarem esta linguagem corporal, os dois estavam, por meio dela, se comunicando e resolvendo, rapidamente, como contornariam a situação; logo eles prepararam também o seu prato e talher e começaram a dividir a comida que estava sobre a mesa, servindo-o da melhor maneira possível.

Em alguns países africanos que conheço ou nos quais tenho amigos, o que conheço a esse respeito, é que, de uma forma geral, as pessoas não precisam ser convidadas formalmente para festas ou refeições, podendo chegar, mesmo sem serem convidados, na hora de uma refeição e participarem normalmente, sem qualquer cerimônia por parte deles próprios ou de seus anfitriões. O que estiver sobre a mesa (ou no chão, como acontece comumente em

*villages*¹⁶ mais afastados dos grandes centros comerciais), será compartilhado por todos, igualmente, mesmo com quem chega de última hora, sem ser esperado. Este também é o caso do Senegal, conforme confirmou François a respeito de minhas observações. E em perspectiva ampliada e comparada, notamos que, de certo modo, esta prática também é comum no Brasil. Por isso o excesso, em especial, em festas quando se faz comida “para sobrar”, ou seja, que dê para quem vier convidado e para os não convidados, aqueles que irão chegar a qualquer momento. Neste caso a comida deve sobrar, conforme o ditado coloquial “melhor sobrar do que faltar”, o que é literalmente usual no Senegal. É a ética da abundância ou do “aquí sempre cabe mais um”. Esta prática é denominada “Teranga Senegalesa¹⁷”.

Essa prática parece não ter sido ainda bem absorvida por Ada. Ela sempre se vê bastante ansiosa, quando alguém chega à sua casa no horário de alguma refeição, sem seu conhecimento prévio; isto ainda é muito difícil para ela até o presente, segundo afirmou para mim, mesmo já estando casada com François há uns cinco anos e tendo, no início do casamento, morado com seus sogros, para aprender o francês e detalhes da cultura de seu marido. Na maioria das vezes, parece que é François que, ao perceber o quanto ela fica, às vezes, sem ação nestes momentos, quem toma a iniciativa de integrar a pessoa, preparando-lhe lugar, prato e talheres, enfim, fazendo a recepção da pessoa recém-chegada quando isso acontece.

Após o almoço, Ada comentou que era, exatamente, esse um dos motivos pelos quais as pessoas precisam avisar que estão indo para almoçar na casa de alguém antecipadamente; segundo ela, assim, não arriscariam ficarem sem comida ou fazerem com que aquilo que, talvez já tenha sido preparado contando somente com as pessoas da família, tenha de ser

¹⁶ Também denominado ‘aldeia’, trata-se de um pequeno povoado que habita em locais retirados dos centros urbanos, geralmente, com um único grupo étnico predominante. Muitas pessoas que moram “*en ville*” (na cidade) utilizam o termo “*villageois*” de forma pejorativa, para indicar as pessoas de origem mais simples e de “pouca instrução”. Muitos habitantes de Joal quando vão a Dakar são chamados desta forma, o que os deixa aborrecidos, devido a este tipo de segregação.

¹⁷ “*Teranga senegalaïse*”: é esta a expressão em *wolof* (língua materna ou dialeto mais falado em todo o Senegal), utilizada para definir a hospitalidade calorosa com a qual as pessoas recebem os visitantes em sua casa; as atitudes que giram em torno desta expressão já se tornaram, praticamente, uma marca registrada do cidadão senegalês. Sendo assim, faltar com a hospitalidade seria algo impraticável e até vergonhosos para os nacionais senegaleses; eles têm a grande preocupação em fazer com que seus visitantes sintam-se, ao máximo, confortáveis quando recebidos em sua casa. É possível perceber que esta é uma preocupação cuja escala tem um alcance nacional, através de alguns artigos publicitários de turismo, nos quais essa “*teranga senegalesa*” é ressaltada, orgulhosamente, como uma virtude do país como um todo, ao demonstrar preocupação em receber muito bem aos seus turistas. Em especial, as relações diplomáticas Senegal-Brasil tem sido uma boa demonstração desta *teranga senegalesa* em relação ao Brasil; um bom exemplo disso é a não mais necessidade de visto para o brasileiro entrar em território senegalês.

dividido ainda mais, fazendo com que a dona da casa, que gostaria de poder receber melhor a essas pessoas, fique em uma situação difícil. Porém, esta parecia ser uma preocupação somente de Ada, pois François, assim como também outras pessoas de origem africana às quais conheci, como já mencionado, não fica embaraçado desta forma; nem aqueles que chegam sem avisar, nem os donos da casa. Pude perceber até mesmo um certo mal estar geral no ar, tanto por parte de François, como de seu amigo, quando Ada percebeu que a intenção do visitante era realmente de ficar para o almoço. Porém, dessa situação, François se desembaraçou com habilidade e, apesar do susto, Ada procurou recepcioná-lo da melhor maneira possível. Esta é apenas uma das situações nas quais o casal precisa negociar a todo tempo para chegarem a um denominador cultural comum.

Geralmente, quando estou no Senegal (bem como em outros países africanos), nem me preocupo em ter de avisar antecipadamente quando pretendo fazer alguma refeição na casa de alguém; o que no Brasil, e Estados Unidos seria considerado, simplesmente, como uma enorme falta de etiqueta (pois se trata de uma ato da intimidade de amigos), neste contexto é absolutamente normal. Minha única preocupação, às vezes, é a de chegar sem avisar à casa de alguém muito pobre, pois sei que, como já aconteceram algumas vezes, alguns são capazes até mesmo de deixarem de comer ou comem muito pouco para que não fiquemos sem compartilhar da refeição com eles. Outro detalhe importante nesses casos, é que uma rejeição a participar da refeição oferecida, que para mim seria até mesmo uma indicação de polidez, em alguns contextos específicos, como no Senegal e Guiné, poderia ser considerada uma grande ofensa.

Um simples almoço, que contou com a presença de três nacionalidades diferentes e se desenrolou no contexto de uma delas (o Senegalês), foi suficiente para mostrar o quanto, um simples gesto habitual, pode ser revelador do fato de que nem sempre estamos realmente preparados para momentos como este, que envolve conflitos originários desse fenômeno de hibridez cultural, retratado nesse emaranhado de diversidade cultural e fluxos culturais, típicos na contemporaneidade. É por isso, que precisamos estar constantemente alertas para o lugar que a Antropologia, como instrumento analítico, ocupa no contexto contemporâneo globalizado que sempre atente para “as interpretações locais, os esquemas locais de significação”. (HANNERZ, 1997, p. 19)

Este tipo de acontecimento se mostrou, para mim, como uma situação de rico aprendizado, principalmente porque se deu em um ambiente doméstico, privado, onde

ninguém estava interessado em dissimular suas reais intenções e necessidades; todos, naturalmente, estávamos desejando nos alimentar e, para isso, teríamos de viabilizar a melhor solução possível, nesta situação de impasse. Segundo alguns autores, seria precisamente “nessas esferas de vida – em especial no chamado domínio doméstico – nas quais a ação procede com escassa reflexão, que muito do conservadorismo de um sistema tende a estar localizado”, pois a ação não se dá a partir de cálculos intencionais. (ORTNER, 2011, p.447)

Também por isso, esse evento mostrou-se riquíssimo para mim, por não se tratar de um acontecimento mais formal, no qual uma dissimulação de harmonia entre os mais diversos tipos de manifestações culturais, através de uma suposta aceitação viabilizada por meio de uma “política das boas relações”, seria capaz de deixar ocultas as reais situações conflitantes mais profundas que, de fato, merecem atenção e uma necessária escolha acerca dos caminhos a serem tomados para contorná-las.

Desta forma, pude perceber o quanto algumas questões estão para além da necessidade de uma demonstração de respeito e aceitação na esfera pública. Perpassa a indispensável existência de uma mentalidade madura e preparada, de fato, para lidar com as alteridades. Esta condição mental superior e capaz de abrir mão de disputas infrutíferas (muitas vezes, disputas não declaradas ou muito bem camufladas) em nome de uma harmonia não fingida, indo além também da atitude mais fácil de, simplesmente, ignorar a existência desses conflitos. Penso que somente uma atitude mais realista diante desta situação, cada vez mais comum na contemporaneidade, poderá servir como base para que uma possível “pseudoharmonia” na convivência entre os diferentes ceda lugar a um diálogo aberto, cuidadoso e livre de quaisquer tipos de manipulações.

2.5 Observando/criando oportunidades

Já nesses primeiros dias, diante de acontecimentos tão ricos que já havia podido presenciar, percebi que o tempo que eu passaria em Dakar, mesmo que fosse tão curto, poderia ser muito mais proveitoso do que havia pensado ou planejado. Este era também um ambiente no qual eu poderia já ir observando alguns eventos culturais que, certamente, poderiam ser importantes em minha pesquisa, posteriormente. Admitindo isto, aproveitei para conversar sobre os projetos que meus amigos desenvolviam com crianças, em algumas

aldeias, para rever algumas pessoas que eu já conhecia e também para conhecer novas pessoas, para observar a vizinhança e arredores, aproveitando ao máximo o tempo que passaria na capital; todos os dias passados em Dakar foram vividos de forma bastante intensa.

Inicialmente, o meu plano era o de ficar em Dakar somente para resolver alguns problemas de ordem mais prática, como a compra de algumas coisas, a troca de dólares, (pois as agências bancárias ficam muito distantes do lugar onde eu iria desenvolver a minha pesquisa), a comunicação com a outra família que estaria me recebendo em sua casa para o tempo destinado ao meu trabalho de campo, enfim, somente para resolver estas questões antes de seguir definitivamente para *Joal Fadiouth*, uma cidadezinha, que distava da capital algumas horas de viagem.

Logo nos primeiro dias conheci, ou melhor, (re)conheci Maurice, irmão de François alguns anos mais novo que ele que, da última vez em que lá morei, era apenas um adolescente e agora seria para mim, como um de “guarda costas”, designado por meu amigo para me acompanhar onde eu precisasse ir. Meu amigo se mostrava muito preocupado comigo, na situação de mulher estrangeira e, talvez, não mais acostumada à realidade de Dakar, em decorrência das grandes mudanças que lá aconteceram durante este tempo fora, e também por uma questão de segurança, pois assim, segundo afirmou, ficaria muito mais despreocupado em relação à minhas saídas, para todos os lugares que eu necessitasse ir, pois ele mesmo não poderia me acompanhar como gostaria, devido aos seus treinos.

Nos países africanos por onde passei, pude observar a existência de dois hábitos muito interessantes, que muito me chamam a atenção, até o momento: o ato de atribuir “novos” nomes a um estrangeiro amigo, geralmente, nomes locais da mesma etnia daquele que dá esse nome, que trata-se de um símbolo de boas vindas; e o costume que é semelhante a uma espécie de “adoção do coração”, na qual os laços afetivos desenvolvidos entre esse estrangeiro e os moradores locais passam a ser tão importantes quanto os próprios laços de sangue. Exatamente assim aconteceu entre mim e François, quando nossa amizade teve início, quando ele se ofereceu para ser o meu “ajudante de língua”, se colocando à minha disposição para me ajudar a aprender o francês. Desta forma, com o desenvolver de nossa amizade, surgiu um sentimento semelhante ao de verdadeiros irmãos, pelo tanto que o bem querer entre nós crescia, com a nossa convivência. Sem ao menos percebermos o momento exato dessa transição, nossa amizade evoluiu para um sentimento comparável àquele existente entre

irmãos e, simplesmente, começamos a nos chamar um ao outro de “*Petit frère*” e “*grande soeur*”: “irmão mais novo” e “irmã mais velha”.

Assim, desejoso de me proteger e cuidar de mim como um verdadeiro irmão faria com sua irmã (principalmente, se estrangeira), François encarregou Maurice de me acompanhar aonde eu precisasse ir. Porém, durante os dias que estive em Dakar, Maurice foi também meu ajudante de campo, me levando a alguns lugares chave como o *marché* da cidade, à Universidade de Dakar, a algumas praias, etc., lugares (alguns destes, por sua própria sugestão), nos quais eu poderia, a partir das dinâmicas sociais, simplesmente estando atenta às pessoas, observar qual seria a compreensão delas acerca da noção de felicidade, quais eram os termos mais utilizados para defini-la, enfim, lugares nos quais eu poderia ir já fazendo o mapeamento de como poderia se desenrolar a minha pesquisa. Ele sugeriu-me conhecer e entrevistar a alguns de seus amigos universitários na UCAD (Universidade Cheik Antha Diop), pois poderia ser interessante para mim, investigar como esses jovens, com uma mentalidade muito diferente de outras regiões mais retiradas do Senegal, compreenderiam a felicidade e como se daria a construção desta noção para eles. Pensei que esta poderia ser uma boa ideia, pois eu já havia pensado nisto antes e, perceber que ele estava envolvido em minha pesquisa neste nível (de até me dar sugestões das melhores estratégias para o recolhimento dos dados que eu necessitava), foi algo que começou a me empolgar, no início. Mal sabia eu aonde me levaria toda essa empolgação.

Gerard, o filho da única irmã de sangue de François, Marie, é um lindo e amável menininho de cinco anos de idade, que se destaca por sua inteligência e capacidade de se entrosar com as pessoas e também por ser muito comunicativo e esperto em relação aos outros meninos de sua idade, mesmo que num primeiro momento, possa aparentar ser uma criança tímida. Sorrateiramente, ele vai se achegando às pessoas pouco a pouco, começa a fazer perguntas e, quando menos se espera já está nos levando para brincar com ele e mostrando seus brinquedos, sempre tagarelando sem parar.

Não foi necessário muito tempo para que ele me conquistasse através de suas peraltices inocentes, de sua inteligência e afeto, já que pude passar um tempo significativo com ele pois, como sua mãe trabalha como enfermeira em um centro médico um pouco distante, só vem para a casa aos finais de semana; ela é uma mulher muito esforçada e trabalhadora que, dentre outras virtudes, cozinha muito bem, recebendo sempre os elogios de todos quando cozinha nos finais de semana, quando está em casa (saber cozinhar bem neste

contexto, é considerada uma das maiores virtudes femininas). Da mesma forma seu pai, Robert, que se vê forçado a trabalhar, praticamente, durante todo o dia, não consegue passar muito tempo com ele. Nestas circunstâncias, Gerard acaba ficando aos cuidados de Ada e François, que cuidam dele como se fosse seu próprio filho. Nas horas vagas, porém, quando eu estava em casa, depois de retornar de alguma observação externa, sensibilizada com os pedidos de Gerard, acabava “caindo na brincadeira” com ele, de tanto que o menino insistia para que eu brincasse, ao menos, um pouco que fosse com ele, pois, devido ao fato de ser filho único e não lhe ser permitido ficar na rua como outras crianças, ficava muito tempo ocioso e solitário. Como gosto muito de crianças, ajudar a cuidar de Gerard durante este tempo não foi nenhum sacrifício para mim.

Enquanto pude contar com a ajuda de Maurice, eu saía, praticamente, todos os dias, para aproveitar bem a minha estada em Dakar. Mas, nos momentos em que eu estava mais em casa, procurava aproveitar o tempo para conversar com meus amigos sobre as observações que havia feito durante o dia, conferindo com eles se compartilhavam do meu ponto de vista ou se eu estaria apenas observando as coisas a partir de meu próprio ponto de vista, o ponto de vista estrangeiro ocidentalizado.

A certa altura dos acontecimentos, comecei a perceber que essa dependência da presença de que Maurice sempre me acompanhasse aos lugares onde eu precisava, poderia estar criando um clima difícil, tanto entre ele e seu irmão, quanto entre François e sua esposa, pois, mesmo que François, Maurice e Ada não me dissessem nada, era possível perceber que minha presença começava a mudar bastante a rotina normal vivenciada por eles e que algumas vezes eles precisavam mudar suas programações normais por minha causa. Essas mudanças poderiam estar sendo algo bastante difícil para Ada, principalmente, ao ver que eu passara a ser como que “o centro das atenções” e também a maneira como meu amigo desejava me agradar em tudo, inclusive, não me permitindo fazer qualquer tipo de serviço doméstico para ajudá-la na casa, nem mesmo oferecer alguma ajuda financeiramente (por iniciativa própria, eu mesma comprava algumas coisas e preparava algumas refeições, além de procurar sempre estar ajudando na limpeza da cozinha depois das refeições e pagar ou ajudar em alguma compra).

Mesmo assim, esta situação começava a me causar certo incômodo, principalmente, por me levar à percepção de o quanto isto também poderia ameaçar o desenrolar de minha pesquisa, tanto devido ao sentimento de que eu poderia estar me tornando “um peso” para

todos, como por perceber que eu me encontrava, anaforicamente falando, como uma águia, cheia de vontade de voar, porém, cercada de cuidados por parte de seus donos (a dificuldade já começa aí também, pois penso que as aves, sobretudo as águias, não carecem de donos), sem a possibilidade de alçar seus voos e descobrir-se enquanto águia, por se encontrar em sua gaiola; essa gaiola simboliza a “zona de conforto” na qual eu sentia estar imersa, que me tornava dependente, de certa maneira, da disponibilidade de terceiros em me ajudar. Lembrome de que, algumas vezes, eles mesmos, sem intenção alguma de me prejudicar, é óbvio, muito pelo contrário, me propunham um plano “b”, nos momentos nos quais eu me via impossibilitada de levar a cabo meu planejamento inicial para o dia, devido a alguma impossibilidade de Maurice em me acompanhar. Assim, percebi que eu deveria fazer algo para “me livrar” dessa dependência e deixar minha “zona de conforto”, a fim de conseguir focar minhas observações, já me preparando também para seguir em minha viagem para *Joal*. Saber o momento de mudar de estratégia é algo tão fundamental no trabalho de campo, quanto perceber as ricas oportunidades oferecidas por ele.

Desta forma, fui induzida a perceber que eu precisava perder o receio de sair sozinha e, a despeito de todo o cuidado de meu irmão, comecei a percorrer algumas pequenas distâncias de táxi, como por exemplo, ir ao supermercado, comprar alguma coisa para mim ou para preparar algo na cozinha e também a fazer algumas caminhadas pela vizinhança, sozinha. Da primeira vez que fiz isso, Ada se mostrou muito preocupada em que eu viesse a me perder, mas depois acabou ficando mais tranquila. Confesso que em mim reinava um misto de medo e ousadia em relação a essa mudança e suas possíveis consequências, porém, a necessidade me fazia pender mais para o meu lado ousado do que para o medroso. Essa iniciativa possibilitou que eu fosse me familiarizando com os possíveis caminhos de volta para casa, já que meu maior receio não se tratava, propriamente, de sair de casa sozinha, mas em como retornar, se eu me empolgasse muito e fosse longe demais, em um lugar no qual é fácil, até mesmo aos seus moradores de muito tempo se perder, como aconteceu uma vez enquanto Ada, Marie e eu tentávamos retornar para casa, depois de um compromisso na cidade.

Numa dessas minhas caminhadas, conheci uma simpática senhora, que vendia alguns produtos na frente de sua casa, como milho, feijão, amendoim, “*bissap*” (que são pétalas de uma flor muito avermelhada, rica em vitamina “c”, conforme muitos afirmam, com a qual se prepara um suco com uma coloração vermelha muito forte); ela estava com um vestido típico muito bonito e, então, resolvi me aproximar para pedir-lhe, gentilmente, a permissão de tirar

uma foto com ela. Ela, que até aquele momento, estava sendo muito amável e atenciosa, fechou seu semblante, negando-se, terminantemente, a tirar uma foto comigo e ficou bastante reticente à minha presença.

Como ela percebeu que eu não iria embora, mesmo após sua negativa, resolveu oferecer uma cadeira para que eu me sentasse e me perguntar o motivo de eu estar querendo tirar essa foto, se seria para fazer como os outros que, muitas vezes, sem ao menos pedirem, segundo ela, vem à África para tirar várias fotos, principalmente das partes mais pobres e feias, de pessoas mal vestidas e sujas, para depois levarem para seus países e escreverem as legendas que bem entendem, na maioria dessas escritas, dizendo grandes mentiras a respeito dessas pessoas fotografadas, generalizando uma ideologia tendenciosa a respeito da África. Eu, então, lhe respondi que discordava desse tipo de atitude e que eu entendia sua reação, pois isso não era, realmente, uma coisa correta a se fazer. Mesmo assim, ela não se demoveu de sua negativa, mas ficou bem mais simpática comigo, ao perceber que, mesmo sem a foto, eu continuava valorizando sua presença e a conversa com ela.

Quando ela soube minha nacionalidade, ficou tão entusiasmada, que resolveu chamar a sua neta adolescente, que aprende Língua Portuguesa no *lycée* (lá, os alunos da escola secundária podem escolher uma língua que desejam aprender: geralmente, entre o alemão, o inglês, o Português e o espanhol). A partir disso, as duas passaram a ser muito simpáticas comigo. Desde aquele dia, sempre que eu podia, fazia uma visita a elas, já que não ficava muito longe de casa. Elas, inclusive, me convidaram para a festa de *Korité*¹⁸, como eles denominam, uma das principais festas do calendário islâmico, que marca o fim do mês do Ramadã nos países muçulmanos, dia no qual, todos põem sua melhor roupa e grande parte das famílias matam seus *moutons* e dividem com vizinhos e amigos, simbolizando o desejo de estarem sempre em harmonia uns com os outros.

Notei, assim que me aproximei dessa senhora que, espalhadas em todo o seu rosto havia algumas manchas bem escuras, que sobressaiam à cor negra de sua pele; porém, para não constrangê-la, resolvi não lhe perguntar nem comentar nada. Pesquisando um pouco sobre isso, pois eu já havia notado essa decorrência desse tipo de manchas em muitas outras mulheres no Senegal, descobri algo que me deixou muito assustada: que essas manchas ocorrem como consequência de essas mulheres passarem um produto muito forte sobre a pele,

¹⁸ Festa que marca o fim do jejum dos muçulmanos, assim como do mês do Ramadã.

geralmente encomendado com pessoas que os preparam sem o menor cuidado, fora de qualquer padrão de saúde exigido localmente, com o objetivo de clarearem suas peles. Segundo essas mulheres, elas recebem uma maior visibilidade quando tem o tom da pele um pouco mais claro (quanto mais claro, melhor, afirmam); elas dizem que até se sentem mais sedutoras e melhor tratadas pelos homens. O terrível nisso tudo, é que muitas dessas mulheres acabam desenvolvendo essas manchas escuras que, esteticamente, são tão feias quanto chamativas, além de muitas delas contraírem feridas de difícil cura, que podem progredir rapidamente, até se tornar câncer de pele. E, todo esse sofrimento em nome de um padrão de beleza importado.

Mais tarde, mencionei com a neta desta senhora estas observações que eu havia feito, juntamente com os resultados de minha pesquisa na internet sobre o assunto e os depoimentos de mulheres com doenças graves na pele devido a esses produtos; ela confirmou que isso era mesmo muito frequente, devido às mulheres nem sempre estarem satisfeitas com sua cor. Ela, inclusive, confirmou minhas suspeitas, ao afirmar que este também era o caso de sua avó. A partir deste evento, comecei a notar o quanto aquilo que meu irmão já havia me sinalizado era mesmo algo de vital importância para que eu conseguisse progredir em minha pesquisa: o papel dos laços de amizade, do contato, das relações interpessoais e sociais, de forma geral. Esse seria um bom caminho investigativo para a compreensão de como se dá o processo de construção do conceito de felicidade.

2.6 O etnógrafo revê prioridades e reformula estratégias

Quando comecei a sair mais de minha zona de conforto para observar e me relacionar mais diretamente com as pessoas, notei que até meu olhar acerca de algumas questões pontuais se alargou de tal forma, que foi impossível não perceber a necessidade de eu fazer uma pequena pausa e rever minhas prioridades. Sobretudo a última conversa com a vizinha com quem eu começava a desenvolver amizade e as observações a respeito de como sua avó (que, apesar parecer tão bem resolvida e alegre), também fazia parte da lista de mulheres que tentavam clarear sua pele para se sentirem um pouco mais valorizadas, despertaram em mim o interesse por outro tipo de abordagem em minha pesquisa; aquele que permitia que o campo mesmo me dissesse o que eu precisava observar, de fato. Nem sempre,

nossos mais arrojados e “promissores” projetos de pesquisa de campo serão aqueles que, empiricamente, nos farão canalizar aquilo que de melhor o próprio campo tem a nos oferecer.

No início, ao verificar toda a solicitude de meu amigo, em deixar seu irmão à minha disposição, para me acompanhar onde fosse necessário, cheguei a pensar na possibilidade de que Maurice se tornasse oficialmente meu ajudante de campo, pois ele já me auxiliava bastante em algumas situações, principalmente quando me “escoltava” a alguns lugares e por demonstrar compreender bem o objetivo de minha pesquisa. Enquanto houve possibilidade de ele me acompanhar a esses lugares, tudo estava dentro do previsto.

Um dos lugares aos quais Maurice me acompanhou, foi ao “*marché*” ou mercado mais próximo à sua casa, o “*Marché Dior*”, para que eu pudesse observar as pessoas ali, já que boa parte delas vive da comercialização desses produtos. Este é um tipo de mercado muito comum nos países africanos por onde passei: em sua maioria, são mercados populares localizados em centros comerciais, cujos produtos, são expostos em lojas minúsculas, umas coladas nas outras, entre as quais se formam verdadeiros “labirintos” muito estreitos; mesmos ao longo desses “labirintos”, é possível observar muitos vendedores expondo, seus produtos. Esses *marchés* também podem ser organizados em um grande ambiente compartilhado, no qual cada um monta a sua própria barraca ou banca, deixando apenas alguns corredores bem estreitos, o suficiente somente para a passagem de uma única pessoa, em muitos casos; outras vezes, alguns produtos são expostos no chão mesmo.

A um estrangeiro ou visitante desavisado, esses mercados poderiam até parecer uma grande desordem, porém, se este visitante parar para observar bem, irá notar certa organização bem estabelecida; existe um lugar para cada tipo de produto que se procura: o lugar somente para a compra de gêneros alimentícios, como cereais, legumes, temperos, frutas e verduras; o lugar somente para a compra de roupas, sapatos, tecidos típicos e para as costuras encomendadas (locais bem pequenos, em geral, onde os costureiros, em sua grande maioria, homens, recebem encomendas e preparam roupas típicas senegalesas); o lugar somente para a compra de peixes ou carnes (que, geralmente, são expostos em bancas que não contam com qualquer tipo de refrigeração); e um lugar “misto”, onde é possível se encontrar de tudo o que for possível a imaginação alcançar... Mesmo que nestes ambientes sempre possamos encontrar outros elementos também à venda, é possível saber onde cada coisa se encontra, sempre que queremos algo específico.

O que em grande parte do território brasileiro, principalmente nos grandes centros comerciais, chamamos de mercado ou mesmo “mercadinho”, lá pode ser conhecido como “supermercado” (ou *supermarché*), que os nacionais conhecem como mercado de “*toubabs*” (pessoas brancas ou estrangeiras, geralmente; por isso, estes supermercados são munidos de mercadorias direcionadas aos “brancos”, mas também serve a uma grande parcela dos habitantes de bairros de classe média em diante, como é considerado o bairro onde está localizada a casa de meu irmão). Por isso, se quisermos dizer que estamos indo ao mercado (nos moldes encontrados em grande parte do Brasil, por exemplo, salvo em algumas localidades específicas), precisamos dizer que estamos indo ao *supermarché* e não ao *marché*.

Uma grande dificuldade que encontrei, de forma bastante intensa, especialmente nessa minha segunda estadia no Senegal, foi a rejeição aos pedidos para tirar fotos. Sempre, educadamente, antes de tirar qualquer foto, eu procurava pedir a permissão. Ainda assim, na maioria das vezes – mesmo aqueles vendedores que anteriormente haviam me tratado tão bem, talvez, por me verem como uma compradora em potencial –, simplesmente, “fechavam o semblante” e negavam. Alguns, menos sisudos, até deixavam, contanto que eu lhes desse dinheiro. Pouquíssimos me permitiram tirar alguma foto neste mercado. Percebi que, até o simples fato de eu tentar tirar fotos somente dos produtos ou do ambiente, já se tornava motivo de algumas reações inesperadas e protestos efervescentes por parte de alguns. Percebi também que, apenas pelo fato de estar me acompanhando, já fazia de Maurice uma “suspeita” e alvo de olhares desconfiados.

Mais tarde, enquanto eu visitava mais uma vez minha amiga vizinha, ainda um pouco pensativa sobre o que acontecera no *marché* em relação às fotos, recebi dela uma explicação que me fez compreender um pouco melhor a razão de toda esta desconfiança: este tipo de reação teria começado a tomar força após alguns se darem conta do que era feito com as fotos que muitos jornalistas, pesquisadores ou documentaristas faziam da África. Essas fotos eram utilizadas para reforçar uma ideia de miserabilidade, atraso e não desenvolvimento deste continente, que fazia com que se despertasse nas pessoas que viam essas fotos, uma visão de África como um “mundo exótico”, além de sentimentos de pena, desprezo e muitos preconceitos. Assim, esta reação por parte dos nacionais corresponderia a uma mentalidade anticolonialista de repúdio a esse ato de “má fé”, considerado sensacionalista. No fundo, com este tipo de reação, eles apenas desejam repudiar e não mais aceitar a este tipo de imagem que se pretende passar da África, que se intensificou no período de sua colonização.

De fato, penso ser muito difícil uma absolvição de algumas acusações direcionadas ao ocidente. Desde o início da colonização africana, buscou-se passar, através de imagens, a ideia da África como um continente cujos predicados pudessem justificar terríveis barbaridades impostas a seus habitantes. A própria etnografia é acusada de ter servido, inicialmente, a esse tipo de propósito, ao tratar aos nativos como povos “bárbaros” ou “primitivos” (em contraste com o ‘civilizado’); inclusive, alguns autores concordavam a respeito de determinadas etapas evolutivas pelas quais, teoricamente, todas as sociedades passaram ou passaria, que iam desde a “selvageria” e “barbárie” até atingir a “civilização”. Essa abordagem, fruto do pensamento evolucionista, preconizava a ideia de que todo o gênero humano deveria passar por uma evolução geral e uniforme, que seguiria a leis definidas e aplicáveis em toda parte do mundo, no que diz respeito ao ‘desenvolvimento cultural’, até que se atingisse ao que seria considerado o mais alto nível de desenvolvimento existente: o branco europeu. Desta maneira, ao serem tratados como “raças inferiores” ou até como inumanos, buscava-se uma justificativa plausível para o colonialismo e para a sua escravização.

Porém, mesmo quando os métodos etnográficos começaram a ser duramente criticados por alguns ícones da antropologia cultural, como Boas (1896), ainda foi possível verificar resquícios deste pensamento durante muito tempo. Essa visão de inferioridade imposta ao negro, de uma forma geral, em África ou não, também deve ser creditada a esta ideologia passada pelo ocidente durante um longo espaço de tempo na história da humanidade. O grande problema são as consequências ainda presentes, tanto numa mentalidade ainda centrada numa suposta relação de superioridade do ocidente em relação ao continente africano, como na própria mentalidade gerada a partir desses conceitos colonialistas, que ainda estimulam a uma visão de inferioridade por parte dos próprios africanos em relação a si mesmos, conforme ilustra a tentativa de algumas mulheres em clarearem suas peles para sentirem-se mais estimadas.

Tudo mudou de figura quando comecei a perceber a dificuldade de Maurice em me dizer “não”, mesmo que ele nem sempre pudesse me acompanhar, devido à sua necessidade de se preparar para *baccalauréat* ou “Bac” – um exame realizado a nível nacional, que equivaleria ao ENEM no Brasil, pois é um exame obrigatório para quem deseja prosseguir em seus estudos e entrar para uma universidade. A diferença, é que, sem ele, até mesmo todos os anos de estudos realizados anteriormente permanecem como se não tivessem qualquer

validade, ou seja, mesmo se não existe o desejo de seguir para uma universidade, o estudante somente tem ratificados os seus estudos até aquele momento, através deste exame.

Mesmo assim, Maurice me acompanhou na maioria das vezes que precisei ir à UCAD, enquanto eu ainda sentia dificuldades em ir até lá sozinha. Ele me ajudava a explicar o que eu estava fazendo lá, me apresentando às pessoas e esclarecia o objetivo de minha pesquisa. Porém, quando ele começou a estudar para os exames do *Bac*, não pode mais me acompanhar, mesmo que não quisesse dizer isso a mim com todas as letras. Isso me dificultou bastante, inicialmente, principalmente, porque percebi que, se eu quisesse continuar minhas visitas exploratórias a esta universidade, teria de esperar ele terminar todo este processo de exames. Por não se negar a me acompanhar a alguns lugares, eu não havia ainda percebido o quanto eu poderia estar o atrapalhando. Eu somente entendi isso quando ele começou a não cumprir alguns compromissos marcados comigo, o que me forçou a rever o “custo benefício” de continuar investindo um tempo tão precioso nessas entrevistas na Universidade.

Outros fatores, com a aproximação de uma data muito especial e esperada pelos muçulmanos, a festa de *Korité*, muitos estudantes estavam já em viagem ou se preparando para viajarem para suas casas, algumas delas, em *villages* bem distantes de Dakar. Mesmo aqueles que ainda permaneciam na universidade estavam em período de exames, o que tornava ainda mais difícil abordá-los para essas entrevistas, porque estavam todos andando apressados pelas ruas ou corredores da universidade ou sentados em algum lugar, aguardando, tensos, a hora de serem chamados para as provas, enquanto tentavam repassar alguma matéria.

Eu já estava em Dakar além do prazo que desejava passar inicialmente e não poderia me delongar ainda mais, devido à necessidade de dar prosseguimento à minha pesquisa em *Joal Fadiouth*. Em muitos aspectos, eu observava que uma procrastinação poderia comprometer o tempo geral de minha pesquisa. Eu precisava tomar uma decisão: ou eu permaneceria e continuaria a fazer minha pesquisa em Dakar durante mais algum tempo, mesmo com todos esses contratempos, ou eu procuraria explorar mais a outras oportunidades que eu já havia encontrado lá e seguiria com meu planejamento de ir para *Joal* no prazo determinado.

Muitas vezes, é preciso discernir, não somente as limitações em nossos planejamentos iniciais, como também algumas oportunidades mais promissoras, que podem

estar bem debaixo de nossos narizes. Eu não sabia ainda, mas eu estava prestes a descobrir isso. Por vários outros fatores, que incluíam alguns desencontros de comunicação e correspondiam a um momento não muito favorável a que eu continuasse em meu objetivo de investir este período de pesquisa na universidade, fui induzida a perceber que este não se mostrava mais um campo tão promissor assim, pragmaticamente falando (ao menos para este momento), como no início eu havia pensado. Assim, decidi que já era mais do que tempo de começar a me preparar para minha ida para *Joal*.

Consegui “*waxalar*” (esta é uma expressão em *wolof*, que denota a habilidade na negociação dos preços cobrados pelos produtos ou serviços) um táxi para que pudesse me levar diretamente ao meu destino, já que Maurice também não poderia me acompanhar até *Joal*, conforme havia sido combinado, pois ele estaria prestando seus exames para o *Bac*. Decidi que eu não poderia mais perder tempo em qualquer protelação e que eu precisava dar o meu jeito para seguir em viagem, mesmo sozinha. A melhor maneira que encontrei foi esta: a de contratar um taxista para me levar diretamente ao meu destino, mesmo que isso me custasse bem mais caro do que se eu fosse em “lotações”, que eu ser trocar, pelo menos três vezes, ao longo do caminho, até chegar a *Joal*. Como eu estava com bagagens grandes e pesadas, ter de passar, sozinha, por todos esses procedimentos (além de não conhecer bem os locais nos quais eu teria de descer e embarcar em uma nova lotação), tornaria muito mais complicada, longa e cansativa a minha viagem.

Assim, no dia marcado, lá estava eu aguardando o taxista vir me buscar com minhas bagagens para seguir viagem. Foi uma grande surpresa para mim quando, ao ligar para o taxista pela manhã, bem cedo, e recebi a notícia de que ele não havia ficado satisfeito com o preço a mim cobrado. Ele sendo ainda se encontrava em sua casa e nem cogitava em ir cumprir o acordado entre nós. Tive de pensar rápido e decidi, então, procurar a outro taxista que estivesse passando pela rua, para tentar “*waxalar*” com ele e convencê-lo a me levar, dali mesmo, a *Joal*. Isso seria bem mais difícil de conseguir, por se tratar de uma viagem longa e imprevista para esse taxista, que precisaria reformular o seu planejamento para o dia. Mesmo assim, consegui, finalmente, depois de algumas tentativas frustradas, contratar um taxista para me levar em minha viagem.

Sei que, Talvez, François preferisse que seu irmão me acompanhasse e ainda não conseguia compreender o porquê de eu ter tanta urgência em seguir viagem naquele dia. Porém, ainda assim, após uma despedida emocionada, ali mesmo, na rua em frente ao prédio

onde morava ele me desejou boa viagem, dizendo das saudades que sentiria. Antes, porém, de eu ir, ele me conduziu novamente à sua casa, escadas acima, para que eu pudesse me despedir também de sua esposa, (pois eu ainda não sabia que ela se levantara também), que não descera porque ainda estava com roupas de dormir. Desta forma, depois de tantos imprevistos e necessidade de decisões rápidas, procurando sempre manter meu foco para maximizar o tempo e depois de me despedir de meu irmão amigo e sua esposa, sem saber ainda que eu não voltaria a vê-lo antes de retornar ao Brasil, segui em minha viagem para *Joal Fadiouth*.

2.7 Oportunidade de ouro: observando o compartilhamento em família

Antes de decidir seguir em minha viagem para *Joal*, percebi que havia algo que acontecia bem “embaixo do meu nariz”, que dizia respeito ao quanto o coletivo e as relações sociais são tão valorizados nas dinâmicas sociais, o que me despertou para observar melhor como isso se dava nas famílias com as quais eu estava hospedada: como seus componentes pensavam a felicidade, a partir da manifestação de suas próprias identidades, comportamentos e interpretações pessoais da realidade, em seu próprio cotidiano. Uma excelente oportunidade de observar a isso me era oferecida, quando a maioria dos componentes destas famílias já estava em casa, num momento muito singular para todos, quando eles começavam a conversar, animadamente, demonstrando-se descontraídos, animados e até mesmo eufóricos por este momento em família, no qual podiam compartilhar a respeito de seu dia, dos contratempos vivenciados, de decisões que precisavam tomar em família, de coisas engraçadas, enfim, dos mais variados assuntos. Esta importância que as pessoas nesta localidade demonstram dar a esses momentos de conversa em família eu também podia observar, tanto durante minhas caminhadas como na casa de minha nova amiga, com sua família.

Estas conversas se davam, geralmente à noite, após o jantar, quando todos já estavam em casa (exceto Marie, que só vinha para casa aos finais de semana) e eram momentos em que todos pareciam esquecer o dia cansativo e se entregavam a estes momentos, como que a uma catarse. Mesmo Marie, quando estava em casa para descansar um pouco da semana esgotante passada em seu trabalho, também se entregava a esses momentos de conversa em família e amigos e parecia se esquecer de todo o seu cansaço enquanto preparava as refeições, o que faz com muito esmero e dedicação, conforme o combinado entre Ada e ela: durante a

semana, as refeições eram por conta de Ada e, aos finais de semana, ficavam a cargo de Marie.

Muitas vezes, percebi o quanto estas conversas eram bastante produtivas e promissoras em relação às minhas possibilidades de observação. Esta percepção foi fundamental para que eu revisse o planejamento por mim feito inicialmente. Observar a grande oportunidade que essas conversas me ofereciam, não somente tornaria possível dar o devido valor este momento importante para a família, mas também, a partir das observações realizadas, obter alguns *insights* significativos e relevantes para a continuidade de minha pesquisa. Muitas dessas conversas eram tão animadas, que outras questões iam surgindo, como possibilidades em relação às minhas análises. Essas observações preliminares realizadas a partir da família de meu amigo François foram de uma riqueza tão grande, que me ajudaram a perceber o quanto as relações, os contatos e os encontros entre as pessoas, os gestos, e, até mesmo os olhares e comportamentos tão discretos, neste contexto, poderiam ser de inestimável valor, sobretudo, para minhas observações empíricas de como as pessoas são felizes, indo além da simples busca de tentar procurar saber como elas pensam a felicidade. Era justamente essa vivência que poderia melhor me mostrar como elas pensam a felicidade; através do comportamento das pessoas é que eu poderia capturar o seu modo de pensar; as palavras serviriam apenas para retificar, ou não, aquilo que uma observação mais atenta poderia me mostrar.

Robert, um homem muitíssimo inteligente e perspicaz, foi quem me ajudou mais diretamente a rever o questionário que eu havia preparado para aplicar nas entrevistas que faria com os estudantes universitários da UCAD. Ele trabalhava na parte administrativa de uma empresa, exercendo o que aprendera em sua formação universitária, o que parecia lhe garantir certa estabilidade financeira. Algumas vezes, ele me passava impressão de viver em constante conflito interior em relação aos seus valores. Enquanto me ajudava, me orientava, também, em relação aos termos que melhor poderiam explicitar o meu objetivo em relação a cada questão. Todos pareciam tão envolvidos com ele neste processo que, ao opinarem em relação à melhor maneira de redigir as questões dos questionários, já iam, ao mesmo tempo, oferecendo suas respostas pessoais a respeito de cada uma delas; eu, simplesmente, estava amando a forma espontânea e natural como eles próprios gostavam de expressar suas opiniões a respeito de meu tema e a maneira como ele estimulava a várias outras reflexões.

Em dado momento, Robert começou a, discretamente, sorrir consigo mesmo. Percebendo isso, perguntei-lhe no que ele estava pensando; ele tentou disfarçar, dizendo que não se tratava de algo importante mas, diante de minha insistência, respondeu que não gostaria de dizer o que pensou, pois sua opinião poderia “estragar” toda a minha pesquisa; porém, inquieto e, para espanto de alguns, resolveu dizer: “eu não acredito que a felicidade exista” – disse ele, como se ao dizer esta frase, estivesse tirando um grande peso de sobre si. “Se a felicidade é algo que o ser humano está sempre à procura, é possível que isto queira dizer que ela, simplesmente, nem exista, você não acha?” Perguntou-me. “Entendeu agora o porquê de eu não desejar opinar?!” – exclamou meio desolado. Imediatamente após alguns segundos de total silêncio, Ada lhe retrucou, dizendo que este pensamento parecia um tanto quanto pessimista e que a afirmação por ele feita também parecia um pouco fatalista demais. Se a felicidade não existe, isto não somente fecharia a questão, como também tornaria a sua busca um ato insano e desnecessário. Este comentário de Ada perturbou-o tanto, que fez com que ele reconsiderasse uma explicação mais elaborada.

Através de uma habilidosa exposição de seu raciocínio, Robert começou a colocar o seu ponto de vista: se a felicidade é algo tão buscado, dá a impressão de que ela também é algo intangível. Na verdade, ele não estava afirmando acreditar que a felicidade não existisse, segundo explicou depois, mas que não acreditava que ela pudesse ser completamente alcançável por alguém, pois sempre que uma pessoa alcança algo que pensaria poder fazê-la feliz, logo vê que isso não foi o suficiente e começa a buscar outra coisa, julgando que isso, desta vez, a fará feliz; e assim, as pessoas fariam durante toda a sua vida. É, segundo ele, essa busca constante, que poderia fazer o ser humano infeliz, seja por não alcançar ao seu “*objeto de felicidade*” (termo que utilizarei aqui para designar aquilo que algumas pessoas podem considerar como o elemento, situação ou circunstância almejada, que simbolize para si a felicidade), seja, por não conseguir alcançá-lo completamente, de forma tão cabal, que faça com que lhe reste ainda uma sensação de incompletude ou de falta.

Tanto François quanto Ada, ambos estavam de acordo com Robert em um ponto: que a felicidade seria algo a representar uma busca incessante por aquilo que esse “objeto de felicidade” simboliza: as sensações, a satisfação, a conquista, o prazer de alcançar a este objeto de felicidade. A felicidade seria, assim, algo que representa uma falta, ou seja, a necessidade de uma constante busca para o suprimento desta falta.

Percebi uma grande satisfação no rosto de Robert, quando resolvi integrar ao meu questionário a pergunta: “Você pensa que a felicidade existe? Por quê?”. Em alguns momentos, ele mesmo me colocava algumas questões, como se querendo pesquisar qual seria a minha opinião particular a respeito da felicidade; eu procurava sempre me esquivar de suas investidas, sendo evasiva em meus posicionamentos, para tentar não influenciá-lo e poder capturar ao seu pensamento, livre de qualquer pensamento externo. Um belo dia, enquanto o ajudava a lavar louça, ele aproveitou e me perguntou: “você é feliz longe da tua família, do teu país? Você acha possível alguém ser feliz fora de seu contexto de origem”? Essa pergunta que ele me fez, deixou-me um pouco pensativa e me fez perceber o quanto os laços de pertencimento são importantes para as pessoas no Senegal.

Não poucas vezes o pegava pensativo. E, quando ele notava que eu o percebia assim, logo tratava de disfarçar, talvez para que eu não perguntasse a respeito do que ele estaria pensando, ou talvez, por se tratar de um assunto no qual ele nunca havia antes parado para pensar de uma forma mais profunda. Por isso, ele poderia não ter ainda clareza em expressar seus pensamentos. Pensar acerca da felicidade poderia estar sendo um exercício, muito instigador e, ao mesmo tempo, perturbador para ele, no sentido de despertar algumas interrogações que possivelmente o deixavam inquieto, pelo fato de nem sempre conseguir alcançar a respostas mais substanciais como, talvez, ele gostasse. Talvez, também devido a uma tendência introspectiva, pensamentos rasos a respeito de questões que requerem um pouco mais de exercício mental pareciam não satisfazer a Robert.

Em alguns casos, essa confraternização entre família e amigos pode ser observada durante o “*thé*”, uma espécie de chá da tarde, servido em copos minúsculos a cada um de seus participantes, momento de descontração no qual se observa que a satisfação deste evento não está em seu conteúdo, em si, o chá, mas no ato de compartilhá-lo, quando seus participantes aproveitam para “jogar conversa fora”. Esse chá é, geralmente, preparado pelos homens, e compartilhado por familiares, vizinhos, amigos, enfim, com quem estiver presente no momento. Em algumas casas, ele pode começar a ser preparado imediatamente após o almoço e durar toda uma tarde. Esse costume é mais comum em bairros mais pobres, *villages* e aldeias mais distantes da capital, não deixando, entretanto, de poder ser observado em Dakar (apesar de não ser um hábito comum na casa onde fiquei hospedada), especialmente, em algumas casas de famílias mais tradicionais.

Outras ocasiões nas quais também podemos observar a grande importância dada a esses momentos de confraternização, são as festividades, sejam elas de ordem religiosa ou não, ocasião na qual é preparada uma grande quantidade de comida para os presentes. “gostamos muito de festas”, essa era uma afirmação que eu podia ouvir constantemente. Perceber esta “oportunidade de ouro” parece que fez desencadear em mim várias outras percepções e *insights*, que me permitiram levantar algumas questões que poderiam ser muito úteis, não somente em todo o restante do tempo que eu ainda teria em Dakar, mas também em relação ao tempo de pesquisa em *Joal*. Eu me perguntava se as observações que eu já havia realizado em Dakar seriam também aplicáveis em *Joal* e, se sim, em que medida?

Independente de qualquer coisa, mesmo que eu não tivesse a pretensão de, nesse tão curto espaço de tempo, conseguir mapear como se dava o processo de construção do conceito de felicidade para as famílias com as quais convivi, posso concluir que esse foi um processo de aprendizado riquíssimo que, certamente, levarei comigo por toda a vida, não somente em relação ao que se refere à minha atuação profissional, mas também no que se refere ao constante e necessário exercício de autoconhecimento por parte do pesquisador. Na realidade, minha pesquisa já havia começado e eu já possuía elementos tão ricos que, eu nem sequer conseguia dimensionar toda a intensidade dessa riqueza. Somente no momento de reunir os dados e elementos colhidos em todo esse processo de trabalho de campo, já no Brasil, é que eu consegui, de fato, enxergar isto com maior clareza e passei a observá-las mais atentamente. Foi quando percebi outras possibilidades em relação à minha pesquisa. Essas “conversas familiares” passaram a funcionar, assim, como o ponto de partida para outras observações.

As conversas que aconteciam durante as refeições na casa de meu amigo me levaram a perceber outros momentos aos quais eu precisava valorizar: as caminhadas; as ocasiões nas quais eu podia aproveitar para observar ao comportamento das pessoas em lugares públicos ou nas quais eu, simplesmente, ficava da janela observando toda a movimentação na rua. Observar esses momentos e ocasiões me levaram a perceber que precisava fugir de minha “zona de conforto”, ir às pessoas e observá-las em seu próprio contexto. Desta forma, me vi obrigada a reconhecer, não somente algumas limitações em relação ao meu planejamento inicial, mas também a verificar a melhor maneira como eu poderia tentar contorná-las... Enfim, todas estas situações serviram para que eu pudesse enxergar a importância de estar diretamente com as pessoas, não somente ouvindo-as, mas

também tentando percebê-las, através de seus comportamentos, poderia ser a estratégia mais aconselhável a que eu utilizasse num contexto no qual as relações são hipervalorizadas.

Dentre todos os aprendizados que pude vivenciar em Dakar, valorizar às aparentemente pequenas e insignificantes oportunidades, talvez tenha sido a mais rica de toda a minha vida. Em particular, observar o quanto as pessoas valorizam aos relacionamentos; como elas se sentem bem quando estão em família e entre amigos, enfim, perceber o quanto os contatos e os laços interpessoais me ofereciam uma excelente oportunidade de estudar aos comportamentos das pessoas enquanto extravasavam sua alegria nestes momentos, poderia ser o indicativo de que eu estava num bom caminho. Talvez, buscar conhecer aquilo que poderia se constituir em uma fonte de realização, de bem estar e contentamento para as pessoas, através daquilo que as pessoas demonstravam valorizar, deveria ser algo que eu poderia cogitar explorar mais em minhas observações.

Expandir-me um pouco mais como pessoa e como profissional, através dos aprendizados produzidos por meus erros e equívocos foi de extrema singularidade. Percebi que aquilo que François me dissera quanto ao “objeto de felicidade” poderia ser uma boa terminologia a ser explorada posteriormente, ao observar um pouco melhor que as coisas que as pessoas valorizam em seu dia a dia são de grande importância em relação à sua sensação de bem estar, ao estarem associadas, de alguma forma, à ideia de felicidade que elas possuem. Enfim, este tempo em Dakar, a despeito de alguns imprevistos e situações que, por vezes, fugiram ao meu controle – talvez para reforçar o quanto a vida é dinâmica e que, por isso mesmo, este é um fator a sempre ser levado em consideração em toda pesquisa de campo –, foi um tempo muito intenso. Foi igualmente proveitoso para que eu já começasse a pensar acerca de como tudo o que havia podido vivenciar poderia me ser útil à continuidade da pesquisa em *Joal*.

2.8 Onde tudo começou: memórias do tempo

Olhando para o céu há algum tempo atrás, rememorava circunstâncias relacionadas ao momento, quando, pela primeira vez, o atravessei oceano adentro, em direção ao continente africano. Seguia rumo a uma África à qual meus pensamentos, antes, conseguiam alcançar somente através de uma gama de relatos, eu diria, de terceira mão, por se tratar de

um arcabouço de conhecimentos muito distintos daqueles que eu viria a conhecer de perto. Esta nova forma de conhecer a África foi possível graças à convivência com pessoas que vivenciam – ou foram atingidas diretamente pelas consequências de acontecimentos registrados naquilo que se denomina como “história da África” – ou seja, através dos próprios protagonistas (descendentes diretos) que me contaram a respeito de períodos profundamente marcantes para a toda a população deste continente. Morando lá, a impressão a mim passada era a de que eu havia sido enganada através daquilo que a mim fora passado nos relatos históricos oficiais.

Minhas memórias em relação à África remontam um passado que, mesmo distante, não fora capaz de impedir que este território continuasse presente em minhas lembranças mais caras. Há anos atrás, pela primeira vez, depois de algumas horas de voo intervaladas por algumas escalas, cheguei a um lugar no qual eu nunca havia antes, sequer, imaginado pisar.

Selecionada como integrante de um grupo de voluntários, por uma Junta missionária muito respeitada internacionalmente por serviços de todos os tipos prestados, indistintamente, a populações de vários países, eu seguia em direção a uma África que eu conhecia apenas em minha imaginação. Após cinco anos de preparo, dentre os quais, quatro passados em uma faculdade teológica, na qual obtive o bacharelado em Educação Religiosa com ênfase em Ação Social e, em seguida, um ano de treinamento intensivo, em regime de internato num centro de treinamento missionário – onde obtive preparo nas áreas antropológica, teológica, linguística e treinamento de sobrevivência na selva, dentre outras, oferecido por esta junta – finalmente, eu seguia rumo ao continente africano.

Foi uma experiência tão gratificante quanto enriquecedora ter dedicado três anos de minha vida, integralmente, às populações com as quais trabalhei. Durante este período atuei no Senegal, sobretudo, na área de educação e ensinando trabalhos manuais a um grupo de mulheres em uma pequena aldeia, em Guiné. Retornei ao Brasil, sem muitas expectativas de que algum dia eu voltaria a pisar novamente o solo africano. Perguntava-me, por vezes, quando eu teria a oportunidade de conseguir retornar a alguns países nos quais havia vivido, feito amigos e aprendido tantas coisas, que hoje fazem parte de minha própria identidade... Ou que, talvez, sempre estiveram lá, mas eu nunca havia conseguido enxergar antes, com específica clareza.

Uma coisa que pude observar em viagens posteriores a esta, olhando o céu da janela dos aviões, foi que, acima desse frágil manto que compõe a atmosfera terrestre, o tempo climático é algo que parece inexistente. Muitas vezes, podemos levantar voo debaixo de muita chuva, mas, enquanto o avião começa a ganhar altitude, essa sensação de que nos embrenhávamos em uma terrível tempestade logo perde intensidade e o sol volta a brilhar, como se nunca houvesse sido por ela escondido. Sendo assim, o céu também tem me mostrado que, muitas vezes, algumas situações que pensamos definitivas e irreversíveis na vida, são somente situações a enriquecer nossas experiências, se bem aproveitadas. A própria vida é suficiente para mostrar o quanto ela mesma é tão passageira quanto as tempestades.

O céu sempre despertou meu interesse por observá-lo, mas, especialmente naquele dia, quando eu iniciava minha viagem ao Senegal com o objetivo de desenvolver lá minha pesquisa de campo, eu o observava de uma forma singular, pela expectativa de chegar, o quanto antes, ao destino de minha viagem. Observei que o céu havia “acordado” meio nublado, mas muito lindo e promissor, como sempre. Depois de tanta correria para finalizar e apresentar em banca um projeto de mestrado cercado por dificuldades, relacionadas tanto ao cumprimento de prazos, como à própria condição de sua produção (devido a problemas de saúde que me forçaram a diminuir bastante o meu ritmo normal), finalmente me encontrava na sala de embarque do Aeroporto Internacional Tom Jobim, sabendo que, dentro de alguns instantes, estaria seguindo rumo à África.

Depois de tanta agitação e preparativos para a viagem que me assoberbaram com tantos detalhes, – que iam desde a renovação de passaporte, vacinas, a definição das casas nas quais eu ficaria hospedada, a questão do visto, contatos com meus amigos no Senegal – nos momentos que antecediam ao meu embarque, a minha mente funcionava como uma tela de cinema, na qual passava um filme retrospectivo acerca de algumas lembranças sobre o tempo durante o qual morei na África. Pensava também em como seria a minha chegada ao Senegal. Meus amigos já não moravam mais no mesmo lugar e isso tornaria a minha chegada neste país mais difícil. Meu desembarque estava previsto para um horário não muito propício, pois aconteceria de madrugada e, por isso, eu precisaria contar com que meus amigos fossem me buscar. Especialmente em um contexto como esse, seria dificultoso a uma mulher sozinha, (ainda mais de madrugada) ter de ficar rodando de táxi para procurar um endereço de um lugar ainda desconhecido.

África é o contexto de um tempo no qual passei por grandes aprendizados que tenho trazido para a minha vida, em muitos aspectos. Foi lá que comecei a aprender a não limitar os meus pensamentos e reflexões a escalas temporais, geográficas ou culturais referentes somente àquilo que já era conhecido por mim, inerentes à minha bagagem pessoal e que, por isso, eu julgava também dominar. Foi também a partir do tempo que lá morei, que aprendi o quanto o pensamento pode ser, tanto um instrumento libertador, quanto de manipulação, se mal elaborado ou conduzido.

Tenho aprendido também que as pessoas são livres ou aprisionadas por suas próprias crenças ou descrenças e que as noções e conceitos vão muitíssimo além de verbalizações. Quando não são produzidas a partir de crítica a uma realidade imediatamente perceptível, produto de um passado nem sempre tão perceptível assim, essas crenças não passam de reproduções. Por isso, é necessário um esforço consciente, que parta de um exercício “dialético” intermitente e saudável da mente consigo mesma, na busca de uma síntese que engloba movimentos de composição, decomposição e de enfrentamentos das contradições e, tudo isto, de forma a acolher, contrapor ou combinar pensamentos e conhecimentos, (ou tudo isso ao mesmo tempo), num contínuo.

A África é um continente que tem o poder de despertar aos mais variados interesses por se tratar de um continente possuidor de uma riqueza inigualável, em vários aspectos. Interesses esses que, se mal canalizados, podem produzir verdadeiras catástrofes que, por sua vez, tendem a ser camufladas através dos mais variados estratagemas possuidores de uma capacidade de indução a uma compreensão da realidade, como fruto de interpretações tendenciosas que não fazem jus a uma memória que precisa ser, urgentemente, recuperada, valorizada e respeitada. Durante o tempo que ainda morava em África tive a grande oportunidade de refletir sobre a bagagem de conhecimento que eu, antes, possuía a respeito deste continente. Eu procurava confrontá-lo com as coisas que eu podia apreender e conhecer, empiricamente, enquanto observava como se davam as principais dinâmicas sociais e culturais.

Apesar desta bagagem anterior por mim possuída aqui exposta (que auxilia, tanto na compreensão de como se deu o meu despertar para o estudo da felicidade, quanto em relação à minha opção por trabalhar a este tema em contexto africano) e, apesar de, como já exaustivamente exposto até aqui, a felicidade ser um tema que tem ganhado cada vez maior relevo e visibilidade em vários aspectos, em todo o tempo durante o qual me propus a nele

imerso, estive consciente de que o fato de ser eu uma missionária poderia vir a ser encarado por alguns com certa reserva (como o foi). Porém, isso não despertou em mim tanta estranheza, pois eu já havia tido uma prévia do que me esperava desde a minha graduação em Ciências Sociais, ao observar a admiração e espanto causados por minha presença neste ambiente. Talvez, esta reação de espanto por parte de alguns se deva ao já mencionado suposto antagonismo entre ciência e religião. Contudo, a questão principal não é exatamente esta, mas a necessidade de uma desmistificação em relação a uma conceituação, que gira em torno de algumas ocupações eclesiais cristãs. Em alguns casos, alguns desses equívocos, são oriundos de uma limitada historiografia acerca das missões cristãs no mundo – principalmente no que concerne ao espaço de tempo que cobre a época das grandes empreitadas de colonização e escravidão¹⁹.

A escolha de um determinado tema por parte de um profissional em antropologia não se deve (como já foi visto anteriormente), necessariamente, à crença por ele professada, pois os temas antropológicos são universais. E, mesmo se fosse o caso de que eu desejasse trabalhar algum tema inserido em um âmbito estritamente religioso (que não é o caso, aqui, conforme já destacado), não vejo em que consistiria a hipótese da impossibilidade de uma abordagem desta forma.

Se minha formação missionária devesse ser justificativa suficiente que tornasse inexecutável o meu tema (sob o pretexto de a felicidade pertencer ao âmbito religioso, o que não condiz com o que será amplamente detalhado nos capítulos seguintes, por se tratar de um tema atravessado por diversos outros fatores e que já vem sendo abordado amplamente, tanto pela antropologia, quanto por outras áreas do conhecimento), pesquisador algum poderia trabalhar temas, direta ou indiretamente, relacionados a algum assunto que fizesse parte, de alguma forma, à plataforma na qual ele desenvolvesse alguma crença ou familiaridade. Tampouco seria possível a um pesquisador estudar acerca de assuntos referentes à religião por ele professada, como acontece com aqueles que estudam religiões afro-brasileiras e professam

¹⁹ Existe uma tendência generalizadora, em relação a uma não distinção entre as missões que, juntamente com os colonizadores, seguiram aos territórios recém- dominados – a fim de ocupá-los e explorá-los – e aquelas que, no período compreendido por estes acontecimentos, não se dedicavam, ainda, ao esforço de uma expansão missionária mundial (e, portanto, não poderiam ter se unido aos colonizadores, tendo em vista alcançarem àqueles que habitavam nas colônias). Foi, também, deixada uma brecha, concernente a uma definição não muito clara a respeito da história da expansão do cristianismo a essa época. Neste sentido, cabe salientar que, muitas das ramificações denominacionais que conhecemos na atualidade são frutos de um cisma na igreja católica, que ficou conhecido como “Reforma Protestante” A esse respeito, ver: CAIRNS, E. E. *Christianity through the centuries* (1995).

algumas de suas ramificações. Seguindo ainda a este raciocínio, somente um ateu poderia abordar, livremente, a qualquer tema, sem correr o risco de ser acusado de que sua escolha tenha se dado, digamos, de forma “não muito profissional” ou como fruto de um possível “contágio”.

Seria igualmente impensável, por exemplo, que algum antropólogo estudasse à sua própria família, conforme acontece nas descrições feitas em “Três famílias” (DIAS DUARTE & CAMPOS GOMES, 2008). Esta questão é tão séria, que tornaria impossível, também, a pesquisadores negros estudarem sobre temas que envolvessem questões raciais, e assim sucessivamente. Desta forma, um precioso tempo seria perdido em discussões infrutíferas e, como um animal que tenta alcançar ao seu próprio rabo, sempre dando voltas em círculos, a discussão passaria a girar em torno de a quais temas o antropólogo poderia, ou não, se aplicar.

Quando o pesquisador se dedica a aprender o tempo todo, e não somente a pensar em si mesmo como “o dono da verdade”, seguindo a campo apenas para “fazer constatações”, conseqüentemente, ele poderá contar com várias situações das quais ele poderá tirar verdadeiras lições de vida. Entretanto, este tipo de aprendizado somente é possível a partir do momento em que este pesquisador se dispõe a uma atitude de sensibilidade, ou seja, de buscar “sentir” o campo, a vivê-lo, e não apenas observá-lo ao longe. Quando se dispõe a se desnudar de seus próprios conceitos e “pré-conceitos” em prol de, como criança, assumir a uma atitude de aprendiz.

O processo durante o qual o antropólogo se propõe a estudar algum conceito ou noção específica não significa, contudo, que ele, simplesmente, deixa de possuir suas concepções pessoais acerca do tema escolhido. Significa, contudo, que está disposto a conhecer/compreender outras maneiras de pensar e observar aos comportamentos desencadeados a partir de maneiras distintas de se relacionar com o mundo. Possuir minha própria concepção acerca do tema ao qual me propunha a estudar (não possuir seria, simplesmente, inevitável), não se colocou, diante de mim, como um empecilho ao estudo de concepções diferentes da minha. Entretanto, assim como nenhum pesquisador se torna uma “tábula rasa” ao seguir para uma pesquisa de campo, não é possível afirmar que eu havia perdido toda a bagagem anterior que possuía. Justamente por isso, necessitava de um trabalho de distanciamento intelectual, tanto em relação à minha concepção pessoal acerca de meu tema, como em relação à concepção ocidental de felicidade, única outra por mim conhecida até então. Somente desta forma seria possível tentar fazer um mergulho profundo nesse

oceano de alteridades que é a África e, mais especificamente, no contexto geral no qual se via inserida e fora formada a noção de felicidade de meu público alvo.

Mesmo que o pesquisador não tenha como objetivo principal de seu trabalho o crescimento pessoal, o vejo como um gratificante bônus da pesquisa de campo. Por isso, julguei importante descrever um pouco acerca de minhas experiências anteriores e de como elas possibilitaram, não somente ao desabrochar de minha percepção em relação à felicidade como tema antropológico, bem como em que medida elas favoreceram, tanto à realização desta pesquisa, como também a situações de grandes aprendizados em campo. E, conforme Malinowski, citado por Laplantine (2004): ao “ver os indígenas, observá-los [...] adquirimos a possibilidade de nos olhar a nós mesmos à distância” e, [...] “tendo começado a olhar para si mesmo com um outro olhar, o antropólogo volta então para junto dos seus com uma outra maneira de ver o mundo”²⁰.

Assim, é inegável que a primeira experiência que vivi na África tenha sido fundamental para a minha segunda viagem a este continente, porém, desta vez, conforme afirmou meu orientador, com uma missão diferente, porém não menos honrosa e necessária.

²⁰ Laplantine (2004, p. 51).

3 **CAPITULO 2 - CAMINHOS DA FELICIDADE**

3.1 Abordagens preliminares e possíveis desdobramentos

Depois de uma longa e exaustiva viagem, finalmente, cheguei à garagem de *Joal Fadiouth*. Trata-se de uma pequena comunidade administrada pelo departamento de *Mbour*, que fica localizado na Região de Thiès²¹. Mesmo num país predominantemente muçulmano, é possível perceber grande influência do catolicismo nesta comunidade, sobretudo, na Ilha de *Fadiouth*, na qual estimativas de 2007 davam conta de noventa por cento de sua população professar a religião católica²². Garagens como esta, assim como em Dakar e acredito que em todo o Senegal, são grandes terrenos nos quais os *Clandôs*, os *car rapids*, os *diaguendiaye* e os *sept places*²³, enfim, os principais transportes públicos utilizados por grande parte da população estão em constante trânsito, ora deixando as pessoas que para lá se dirigem, ora, depois de serem lotados ao seu máximo, dali partindo para outros destinos.

Desci do táxi, paguei o valor combinado ao taxista e comecei a olhar ao meu redor, tentando reconhecer aquele lugar onde eu havia antes estado tantas vezes, quando morei em neste lugar. Fatigada pelo sol que queimava meu rosto, procurei visualmente por algum abrigo, mas não encontrei. Um homem, porém, aproximou-se de mim e, gentilmente, cedeu seu próprio lugar, apontando para um banco improvisado, ao perceber minha situação. Muito agradecida, sentei-me e puxei minhas bagagens para perto de mim. Só então, pude ligar para Bernard, conforme o combinado, avisando-lhe que eu já havia chegado.

Depois de tudo o que eu já havia passado até aquele momento para chegar até ali, cada segundo naquele lugar parecia consumir as últimas energias que ainda restavam em meu corpo. Comecei, então, a prestar bastante atenção para que, quando Bernard chegasse, logo o

²¹ Todo o Senegal é dividido em regiões administrativas e estas, por sua vez, em departamentos.

²² De acordo com um estudo monográfico a respeito desta comunidade, apresentado por Nguénare Coumba, um de seus ex-moradores e aluno da UCAD.

²³ Estes são os principais transportes públicos utilizados no Senegal, devido ao baixo custo de suas passagens. Eles podem ser lotados ao seu máximo, com o objetivo de otimizar o lucro de seus donos. Muitas vezes, as pessoas podem ir umas nos colos das outras, de acordo com a quantidade de pessoas que precisam utilizá-los, mesmo que sejam completos desconhecidos. Concomitante ao transporte de pessoas, esses transportes podem levar também pesadas bagagens, animais e mesmo corpos, enrolados em tecidos brancos e protegidos por folhas de bananeiras ou outro tipo de folhagens para protegê-lo, conforme testemunhei em Guiné Conakry. Uma alternativa a este “aperto” é a utilização dos táxis, que podem ser locados de forma individualizada.

identificasse e pudesse sinalizar minha localização e fosse apressada, ao máximo, minha chegada à sua casa, para tentar descansar um pouco.

Pensei tê-lo visto num dado momento. Avistei a um homem, de costas, que parecia procurar por alguém, mas pensei não se tratar de Bernard, pois ele parecia bem mais velho do que eu imaginava que meu amigo estaria. Quando ele se virou em minha direção e eu pude visualizar melhor ao seu rosto, logo percebi que se tratava mesmo de meu anfitrião. Ele também parecia não me reconhecer com facilidade de início, mas logo percebemos nosso estranhamento e, ao nos aproximarmos, comprovamos nossas desconfianças. Após nos cumprimentarmos, Bernard logo tratou de conseguir um *clandô* e de me ajudar a acomodar nele minhas bagagens, para que pudéssemos seguir para a sua casa.

Lá chegando, fui recebida com muita alegria por sua esposa, Josephine, as gêmeas²⁴, Charlot e Dorot, de quinze anos, além de Ramon, agora já um adolescente de doze anos, que nem ao menos se lembrava de mim, pois ainda era um bebê na época em que convivi com esta família. Josephine comentou o quanto eu estava diferente, pois havia emagrecido bastante, desde a última vez.

– *Foi por isso que não a reconheci na garagem!* – comentou Bernard.

Sempre prestativa e sensível às situações ao seu redor, Josephine logo tratou de me mostrar o quarto onde eu ficaria durante os meses que se seguiriam, aconselhando-me a descansar um pouco da viagem, porque logo o almoço ficaria pronto.

Entrei no quarto (cedido por Ramon) e fiquei feliz em perceber todo o carinho que eles demonstraram ao prepará-lo para mim, daquele jeito. Era bastante simples, se comparado ao quarto no qual fiquei hospedada em Dakar, mas, para a realidade local, sei que estava até mesmo além das posses de muitas pessoas. Esta casa não era a mesma na qual estive por outras vezes hospedada; ela era, na verdade, uma grande conquista da família durante este tempo no qual estive fora, pois quando os conheci, todos moravam em um único cômodo improvisado na casa que o pai de Bernard havia deixado como herança para todos os seus filhos.

²⁴ Segundo a crença *Sereer*, os gêmeos são seres extraordinários e misteriosos, com a possibilidade de serem também dotados de poderes ocultos. Para esta etnia, o nascimento de gêmeos, tanto pode ser a fonte de felicidade quanto de infelicidade e má sorte para sua família e vizinhos; os gêmeos pertenceriam a dois mundos distintos: o mundo visível dos vivos e o mundo invisível, dos espíritos. (ver: Thiaw, 2005, p. 79, 80)

Fiquei alegre também por perceber que eu teria um lugar para repousar e trabalhar tranquila. Nele, não havia frigobar nem uma cama, como em Dakar, mas apenas um colchão envolvido em um mosquiteiro, pois, como estávamos em uma época na qual a proliferação de pequenos mosquitos, pernilongos e moscas é muito grande, ele deveria amenizar um pouco a todos esses incômodos, além de me proteger também dos mosquitos transmissores da malária. Neste quarto também foi improvisada uma mesa e um pequeno banco, talvez porque já estivessem cientes de que, desta vez, eu não estava ali como visita, mas para concluir uma etapa importante em meus estudos, mesmo que não compreendessem ainda, em detalhes, do que se tratava. Eles também me emprestaram um ventilador, pois, com todo o calor que fazia, seria, simplesmente, impraticável tentar dormir sem ele.

Deitei-me naquele colchão e tentei descansar por alguns instantes, mas logo Josephine trouxe o bebê de uma vizinha, do qual cuidavam às vezes, para dormir juntamente comigo no colchão (talvez, por se tratar do cômodo da casa mais confortável para ele). Quando o bebê acordou chorando, percebi que seria muito difícil tentar descansar naquele momento. Mal sabia eu que não seria somente naquele momento... Logo, fui chamada para almoçar e fiquei muito contente por perceber que prepararam um “*diép boudieune*” como minha primeira refeição, por saberem que, de todos os pratos típicos senegaleses, esse era o meu preferido.

Figura 3 e 4: Refeição: *diép boudieune*



Fonte: acervo pessoal

Geralmente, as refeições são servidas ao lado de fora, sob uma pequena cobertura de palha, onde é estendido um tecido ou plástico sobre o qual será depositada a bacia de comida, da qual todos os presentes compartilharão. Existe o costume, principalmente entre os muçulmanos, de comer com a mão direita, pois a esquerda é considerada impura.

Esta dicotomia puro/impuro é recorrente na teoria antropológica, estando intimamente ligada, também, à oposição entre o sagrado, que trata das coisas consideradas sagradas pela sociedade; e profano, que diz respeito à vida cotidiana, de forma geral; as coisas sagradas e profanas, segundo Durkheim (apud NEVES 2003, p.250), ambas se repelem e se contradizem com tal força, que seria impossível pensá-las ao mesmo tempo: as coisas sagradas seriam classificadas no conjunto das coisas puras, enquanto que as profanas, no conjunto das coisas impuras. Outras associações são feitas entre esquerda/direta, puro/impuro, assim em relação a sagrado/profano.

De acordo com Mary Douglas (1976), a noção de impureza (ocidental) teria a ver com a noção de desordem ou ofensa à ordem. Entretanto, em outros contextos, esta noção pode estar relacionada, especificamente, a determinadas crenças ritualísticas. Para determinadas culturas, a noção de impureza pode assumir caráter simbólico, quando relacionada à noção de poluição (contato com algo considerado impuro); e, por isso, necessita ser catalogada em função dos princípios que regem ao universo específico de como é compreendida em cada cultura. Assim, a noção ocidental de higiene pode ser considerada completamente avessa ao seu uso em outros contextos culturais. Douglas exemplifica isto, ao analisar a lógica utilizada pelos Yoruba, da Nigéria, na distinção que fazem entre as mãos direita e esquerda: eles ponderam o risco de contaminação que seria, se a mesma mão utilizada para comer (ato 'puro' ou que exige 'pureza'), também fosse usada para segurar coisas consideradas como poluentes.

Uma das dificuldades que encontrei neste contexto foi a falta de alternativa à higienização após a defecção, pois não era de costume utilizar papel "higiênico", mas lavar-se com água utilizando a mão esquerda, pois a direita era reservada para o ato de comer. Parece-me que esta mesma lógica usada pelos muçulmanos na utilização das mãos, estende-se, também, a outros segmentos religiosos.

Tudo isso me levou a perceber que o dia de minha chegada nesta casa seria o início de algumas adaptações. Assim que cheguei, eles foram logo me mostrando, orgulhosamente,

toda a casa (construída naquele quintal, no qual existem outras duas casas prontas e outra ainda em construção). Este foi um dia para eu já ir começando a tentar me adaptar às diferenças entre as comodidades encontradas em Dakar e algumas dificuldades específicas deste contexto, como eu começaria a perceber brevemente.

A família que me recebia havia deixado um único cômodo improvisado no qual morava, para habitar nesta nova casa que, agora, era composta por uma sala, três quartos (um para Ramon, um para Charlot e Dorot e outro para o casal), um cômodo que corresponderia à cozinha (porém não era onde as refeições eram preparadas com frequência), por outro cômodo que servia como depósito para os mais diversos objetos, inclusive para guardar os pintinhos que eram criados (e onde também se preparava algumas das refeições, já que a maioria era preparada ao lado de fora da casa mesmo), além de dois banheiros (um para banhos e outro para as demais necessidades), como os banheiros que ficaram à minha disposição em Dakar, com a diferença de que, desta vez, eles eram para toda a família, inclusive para mim, agora – estes banheiros, ao contrário do que acontece, geralmente, em Dakar, onde já fazem parte da casa, ficavam do lado de fora, o que me causou algumas dificuldades, principalmente à noite ou em dias chuvosos.

Foi em *Joal* que comecei a perceber a importância do tempo durante o qual me dediquei ao aprendizado do *wolof*, quando morei neste lugar pela primeira vez (pois, até nas escolas primárias situadas em zonas *Sereer* o ensino é ministrado em *wolof*). Grande parcela da população compreenda bem o francês, mesmo se tratando de um idioma estrangeiro. Além daqueles que também falam a língua francesa, as línguas maternas mais faladas em *Joal* são o *wolof* e o *Sereer* (esta é uma comunidade tipicamente formada pelo grupo étnico *Sereer*). Quanto à escrita do nome desta etnia, alguns autores utilizam a forma “*Sereer*” – que opto utilizar nesta etnografia, somente a título de padronização – outros, ainda, *Sérère* ou *Seereer*.

Segundo Diouf²⁵, o grupo étnico *Sereer* é o segundo grupo étnico mais importante, depois do *Wolof*. Algumas teses tentam explicar a origem dos *Sereer*: Maurice Delafosse e Cheik Antha Diop sustentam que eles teriam vindo do Norte, enquanto Pinet Laprad acreditava que teriam vindo Sul, do Gabou. Mas, independentemente das divergências quanto à sua origem, sua presença predominante no *Sine* (uma nova região de Fatick) parece ser inquestionável. Este grupo se divide em cinco subgrupos: os *Ndut*, os *Noon*, os *Safen*, os

²⁵ Ibid., p. 71.

Palor, os *Lehar Sine Sine*; entretanto, sua presença também pode se notada na região do Baixo *Saloum*. Devido à sua reputação sedentária, H. Gravrand (apud Diouf 1994, p. 27) defende uma não homogeneidade deste grupo étnico, crendo ser ele o resultado de muitas misturas Inter étnicas.

Os *Wolof*, etnia majoritária no Senegal, assim como os *Sereer*, constituem uma etnia tipicamente “Senegambiana”, ou seja, presente tanto no Senegal como na Gâmbia (país cuja faixa territorial, literalmente, adentra o território senegalês). Os *Wolof*, etnia predominante no Senegal, encontram-se espalhados por todo o seu território. Entretanto, tende a ser uma etnia que, preferencialmente, habita os grandes centros urbanos, sobretudo Dakar. O *wolof* é a língua mais falada em todo o Senegal sendo, segundo Diouf²⁶, um dos fatores produtores de integração nacional e harmonia inter étnica: mesmo que cada grupo étnico possua a sua própria língua, eles se veem “obrigados” a também aprenderem o *wolof*, devido à sua predominância em todo o Senegal. Foi por isso que, após o aprendizado do Francês, precisei também me dedicar ao estudo do *wolof*.

Nesta minha segunda estadia no Senegal, mesmo depois de tanto tempo sem, sequer, precisar tentar relembrar o *wolof*, comecei a me ver obrigada a fazer um grande esforço para trazê-lo à memória. Aos poucos, percebi que, ainda que ele estivesse ficado adormecido em minha memória, voltava, pouco a pouco, devido à nova necessidade de seu uso.

A vida em *Joal* é bem mais modesta do que em Dakar, o que me obrigava a um maior esforço em relação à adaptação a esta nova realidade. Porém, não posso deixar de admitir que, mesmo com toda esta simplicidade, possuir esta casa foi uma grande conquista por parte desta família, levando em consideração as condições de moradia de grande parte da população local. Mesmo com todas as melhorias ocorridas, nesta casa ainda não havia água encanada (somente uma pequena bica na frente da casa, que servia a todas as necessidades da família e vizinhos).

Todas essas mudanças em um tão curto espaço de tempo contribuíram para que eu passasse por um verdadeiro choque cultural: num momento, eu estava em minha casa, no Rio de Janeiro que, mesmo sem muitos luxos, pode ser considerada uma boa casa, para a realidade local; em pouco tempo eu estava em Dakar, num bairro cujas moradias caracterizam à classe média alta que, corresponde a apenas uma pequena parcela da população (se comparada à

²⁶ Ibid., p. 61-74.

realidade de grande massa urbana que vive na capital e seu entorno), onde encontrei algumas comodidades que, nem mesmo em minha própria casa possuo.

Não muito tempo depois, eu me via em uma casa bem simples, com outra família que, mesmo tendo passado por um grande salto de melhoria em relação à realidade anterior, se encontrava ainda em uma situação que se apresentava como um grande desafio em relação à minha capacidade de adaptação, devido a determinadas situações cotidianas pontuais que envolviam costumes e valores muito diferentes dos meus. Com o passar do tempo, estas situações me fizeram perceber que eu teria de desenvolver estratégias particulares de auto superação, se eu quisesse vencer a essas dificuldades específicas, a bem de minha pesquisa.

As tarefas domésticas, que são desempenhadas sem o auxílio de muitos utensílios e, em sua maioria, realizadas no chão – o que faz com que as mulheres tenham de forçar bastante suas colunas para desempenhá-las – são bem distribuídas entre as mulheres do quintal (Josephine e a esposa de um dos irmãos de Bernard, além das gêmeas). Geralmente, a refeição do dia é preparada por esta cunhada de Josephine, enquanto que a refeição da noite é preparada pelas gêmeas (já que Josephine trabalha no Porto de *Joal* durante a parte da tarde, somente podendo chegar em casa já à noite). Essas refeições são compartilhadas entre essas duas famílias.

Como Josephine trabalha no porto à tarde e Bernard pela manhã (no cultivo do campo da família, onde planta alguns produtos, como o amendoim, berinjela, quiabo, pimenta, etc.), durante as manhãs sempre posso contar com a presença de Josephine, enquanto que durante as tardes, posso contar com a presença de Bernard. Como cheguei à comunidade em época de férias escolares, que começam em julho e se estendem até o início de outubro, posso contar com as presenças de Ramon e das gêmeas, durante todo o dia. Concomitantemente a este novo período de adaptação e choque cultural, comecei a observar como se dava toda a dinâmica familiar e a tentar analisar melhor, não somente cada componente desta família, mas também aqueles que com ela conviviam de forma mais direta, como primos, vizinhos, amigos e outros frequentadores da casa.

Mesmo se tratando de uma espécie de vila onde juntas convivem várias etnias, *Joal* é habitada por uma grande maioria de pessoas de origem *Sereer* devido ao fato de, como já dito anteriormente, se tratar de uma comunidade que se originou, fundamentalmente, a partir deste grupo étnico. *Joal* é cercado por uma extensa costa marítima e composto por uma grande

quantidade de “braços do mar” que adentram seu território. Seus habitantes vivem, sobretudo, da pesca, da agricultura e do comércio.

Apesar de ser cercado por água, o calor e o sol forte são sempre marcantes durante o dia e, à noite, apesar da brisa vinda do mar (que fica somente a alguns metros da casa onde fiquei hospedada), o calor no interior da casa é quase insuportável. Isso somente era plenamente perceptível, quando caía a energia elétrica, algo muito instável neste lugar, pois impossibilitava o uso do ventilador. Um fato que agravava um pouco mais esta situação era a necessidade do uso contínuo do mosquiteiro que envolvia o colchão no qual eu dormia, o que me dava a sensação de falta de ar, algumas vezes, pois eu nem, ao menos, podia deixar a porta aberta, devido à possível visitas de insetos indesejados e de camundongos.

Certa noite, enquanto eu terminava de fazer algumas anotações e já me preparava para dormir, percebi que, bem no canto entre a parede e o colchão estava um camundongo, que se movia em minha direção. Foi a partir deste dia que passei a não mais deixar a porta do quarto aberta, para não correr o risco de algum camundongo entrar e ficar escondido ali durante o dia. Se isso acontecesse e ele saísse à noite, quando a iluminação era muito fraca, seria bastante difícil de expulsá-lo e eu teria, novamente, de acordar toda a família ao acender a luz do corredor para enxergar melhor.

Interligada a *Joal* por uma longa ponte de madeira, existe outra comunidade conhecida como *Fadiouth*, uma pequena ilha, cujo surgimento se deu de forma bastante curiosa; por existir uma relação bem estreita entre as comunidades de *Joal* e *Fadiouth*, estas duas comunidades se veem de tal forma interligadas, que essa interligação acabou gerando uma espécie de fusão, em uma única comunidade: *Joal Fadiouth*. Esta ilha é muito procurada em épocas de alta temporada por turistas de todo o mundo, atraídos por suas curiosidades e tradições orais a respeito de sua formação. Outra ponte semelhante àquela que liga *Joal* a *Fadiouth*, também interliga *Fadiouth* ao cemitério no qual seus moradores são sepultados.

Figura 5 e 6: Cemitério de Fadiouth e ponte que interliga as comunidades de *Joal* e *Fadiouth*.



Fonte: acervo pessoal.

Na época em que cheguei a *Joal*, já fazia algum tempo que toda a população sofria pela falta de chuva, sobretudo, aqueles que dependiam da agricultura, por verem seus campos praticamente secarem. Essa falta de chuva agravava também, ainda mais, a sensação de calor intenso pela qual passava toda a comunidade. Eu contei à família, em tom de brincadeira, que o mesmo acontecia em Dakar e, já no primeiro dia em que cheguei, fomos agraciados por uma chuva refrescante. Eu disse, então, que poderia também trazer a chuva para *Joal*. Para a alegria de todos, realmente choveu naquela noite, dando início ao período chamado “*saison pluvieuse*” ou estação das chuvas, também conhecido como “*l’invernage*” (no Senegal e em

alguns outros países, as estações do ano são resumidas à “*saison sèche*” ou estação da seca, e “*saison pluvieuse*”, ou estação chuvosa). Eles ficaram muito felizes com a chegada das chuvas, afirmando que eu havia a trazido comigo para *Joal*.

Naqueles dias, ela caiu de forma torrencial, de uma maneira que, no Brasil, procuraríamos rapidamente um lugar que sirva como abrigo, e observei que lá acontece justamente o contrário: as mulheres logo correm para aproveitar e encher seus reservatórios, enquanto as crianças tiram suas roupas para tomarem banho de chuva, felizes da vida, como que num ritual de agradecimento por sua chegada tão esperada.

Fiquei admirada ao ver como as crianças se divertiam alegres pela chegada da chuva, tal a intensidade do sentimento de alegria demonstrado. Elas cantavam e dançavam na chuva gélida que caía sobre seus corpos, sem o menor sinal de desconforto e totalmente despreocupadas em relação à possibilidade de levarem uma bronca de seus pais, por estarem seguros de que isso não aconteceria. Elas apanhavam canecas e baldes e brincavam de jogar água umas nas outras, felizes por estarem recebendo uma das primeiras chuvas desta estação. Enquanto isso, todos os baldes, barris e outros objetos possíveis de serem utilizados como reservatórios de água foram pegos e cheios para armazenamento da água que caía pelo encanamento do teto da casa.

Essa água poderia facilitar a vida das mulheres por um bom tempo, pois esse armazenamento costuma ser feito de uma forma muito mais cansativa e lenta, quando a água da chuva não está à disposição para ajudá-las nesta atividade. Elas precisam encher os reservatórios por meio da pequena torneira localizada na frente da casa e levá-los para a parte de trás, onde eles ficam arrumados, ao lado dos banheiros. Para isso, são necessárias várias viagens, até que eles fiquem completamente cheios. Assim, nem sempre estes reservatórios estão plenos e, muitas vezes, somente são cheios quando há necessidade de alguma atividade que exija um pouco mais de água, como por exemplo, lavar roupas.

A relação das pessoas com a água é algo tão forte, podendo ser observada desde situações do cotidiano, através da maneira como é utilizada para a purificação ritualística antes de cada prece realizada pelos muçulmanos durante o dia, até os incentivos políticos-educacionais à sua preservação e utilização racional de suas fontes.

Figuras 7 e 8: Crianças se divertindo durante a primeira chuva que caiu, depois de minha chegada; e ajudando a encher reservatórios d'água.



Fonte: acervo pessoal.

Nos meus primeiros dias em *Joal*, procurei caminhar bastante para reconhecer o ambiente ao meu redor, acompanhando qualquer membro da família que saísse de casa, para (re)conhecer a comunidade e rever a alguns lugares e reencontrar algumas pessoas.

No dia seguinte à minha chegada, a família resolveu ir comigo à praia de *Fadiouth*, onde muitos turistas preferem se banhar, aproveitando para visitar e conhecer sua ilha. Somente Josephine, que geralmente aproveita as tardes de domingo para descansar um pouco de toda a sua labuta semanal, não pôde estar conosco. Ramon, as gêmeas e seus primos, que estavam passando este período de férias em sua casa, pareciam se divertir bastante; Bernard, que geralmente tem um semblante um pouco mais fechado, também demonstrava se descontrair bastante. Ele somente lamentava que Josephine não estivesse com eles, dizendo que ela trabalhava demais e não ligava muito para o lazer. Estranhei um pouco o fato de Josephine não gostar de acompanhar sua família à praia.

Todos aproveitaram, ao máximo, este passeio se banhando nesta praia, cujas águas pareciam bastante límpidas. Eu somente observava a todos da areia, procurando registrar esses momentos, já que neste local, diferentemente do que acontecia em Dakar, a rigidez das pessoas em relação a permitirem fotos suas não era tão forte. Eles brincaram de arremessar uns aos outros na água; de futebol, com um outro grupo que havia levado uma pequena bola; de se jogarem areia, enfim, todos se esbaldaram o quanto puderam, aproveitando aqueles momentos.

Aliás, parece que a relação dos habitantes de *Joal* com a natureza, em especial, com a água, é muito boa. Até mesmo as autoridades, a exemplo do antigo presidente do Senegal, A. Wade, através de iniciativas político-educacionais, incentivam que a água seja vista como um verdadeiro tesouro a ser protegido. Essa relação das pessoas com a água, que é semelhante a uma verdadeira adoração²⁷, pode ser observada também em todo o território senegalês, possuindo também um fundamento em crenças religiosas ou culturais, associando a água à presença e ação de espíritos. No Senegal, um bom número de “*genies*”²⁸ está ligado aos oceanos ou aos rios, sendo conhecidos como “*sirène des eaux*” ou espíritos das águas, como são chamados em *Joal*.

Figuras 9 e 10: Momentos alegres da família, em nossa ida à praia



Fonte: acervo pessoal.

Justamente no retorno deste passeio com a família, foi que aconteceu algo que eu nunca poderia imaginar. Como estávamos em um local um pouco distante de alguma moradia e a nossa chegada em casa ainda levaria algum tempo (pois estávamos, literalmente, no limite de *Joal*, onde está localizada a ponte que o liga a *Fadiouth*) e, sem que eu conseguisse pensar

²⁷ Ver: “*L'eau, un trésor à protéger*”, escrito por Moumar Guèye (2009), visando a sensibilização quanto à utilização e preservação da água como um rico recurso oferecido pela natureza pois sem ela, “nenhuma vida seria possível sobre a Terra.” (p.19)

²⁸ Guèye explica que “*Genies*” são identificados como espíritos que pairam a superfície das águas, como protetores de determinadas regiões. Eles são honrados através de certos rituais, recebendo oferendas ou animais mortos por parte daqueles que desejam seus favores. A cada ano, um rito específico deve ser realizado, sob a pena de, se não cumpridos, esse ato de desobediência poder acarretar maldição aos pescadores. Algumas rezas são dirigidas a esses “*genies*”, com o objetivo de afastar a má sorte ligada ao mar e aos rios.

em alguma outra alternativa possível, já não conseguindo mais aguentar segurar a bexiga cheia, resolvi pedir a eles que me aguardassem um pouco, enquanto eu providenciava um local para aliviá-la, pois, realmente a situação estava feia para o meu lado...

Bernard, ao perceber minha aflição, também resolveu me ajudar a procurar um local mais adequado para o que eu precisava, que fosse escondido o suficiente, para não me deixar mais constrangida ainda, ou exposta a testemunhas. Para meu desespero, mesmo que esta praia fosse cercada por arbustos, foi, simplesmente, impossível encontrar um que servisse ao meu interesse, pois todos estavam, de alguma forma, expostos a olhares e sempre aparecia alguém por perto. Foi quando avistamos uma pequena cabana em forma circular, literalmente, no meio do nada. Quando nos aproximamos, percebemos que ela não possuía nem janelas nem teto, mas apenas uma porta. Não entendi exatamente o que era aquela construção e o porquê de ela estar naquele local, mas só pensava que ela poderia servir para o que eu precisava naquele momento. Bernard, então, me disse que eu poderia utilizá-la, enquanto ele vigiava sua entrada.

Ao me aproximar um pouco mais, qual não foi a minha surpresa, ao perceber que muitíssimas outras pessoas já haviam tido a mesma ideia que eu antes, inclusive, deixando “sólidas recordações do mais profundo de seus íntimos” naquele local. Tentei, ao máximo, me desviar de pisar nos dejetos que já estavam ali, mas foi uma tarefa impossível. Assim, percebi que, o quanto antes eu terminasse de fazer o que eu precisava, mais cedo eu poderia deixar aquele local, que possuía um odor muito forte e a companhia de uma grande quantidade de moscas de todos os tamanhos e formas.

Quando terminei, literalmente, saí correndo daquele local, para me ver livre dele o mais rápido possível. Porém, o pior ainda estaria por vir: na pressa, não enxerguei e, muito menos, lembrei-me da vara de madeira que estava na entrada da porta, que fazia com que as pessoas que por ali passavam tivessem de se abaixar um pouco; bati minha cabeça nela com toda força e, com o impacto, acabei sendo arremessada para trás e caindo exatamente em cima de todas aquelas “coisas” deixadas pelas pessoas que lá estiveram antes de mim. Meio tonta ainda, tentei me levantar o mais rápido que pude e me sentei ao lado de fora da cabana, para tentar me recuperar um pouco... As gêmeas perceberam que havia algo de errado e vieram me ajudar. Contei a elas o que havia acontecido, pedindo para que não contassem ao seu pai, de tão envergonhada que eu estava. Mesmo depois de haver dito o que acabara de acontecer, elas pareciam, até certo ponto, indiferentes à minha agonia.

O caminho de volta para a casa parece que nunca foi tão longo como naquele dia... Ainda mais, porque tiveram a brilhante ideia de voltarmos beirando a praia, talvez, por terem lembrado que eu havia dito que gostava muito de ver o pôr do sol ali. Todos, felizes e despreocupados, pareciam aproveitar o passeio, fazendo brincadeiras pelo caminho e catando conchinhas, enquanto eu me pinicava, de vontade de tomar um bom banho! Algumas vezes, eu aproveitava que estávamos na praia e, de roupa e tudo, procurava me lavar como podia.

Quando, finalmente, chegamos em casa, chamei Josephine num canto e lhe contei todo o ocorrido. Ela, então, me aconselhou a jogar bastante água sanitária no balde de água com o qual eu me banharia depois que eu passasse a mão molhada com este produto por todo o meu corpo, para que pudesse me desinfetar bem. Como não sabia o que fazer por ser esta uma situação totalmente nova para mim, eu me resignei a obedecê-la. Eu saí daquele banho, perfumada a água sanitária.

Mais uma vez, ocorria um conflito entre a minha noção de pureza e a maneira como ela é encarada, no contexto local. No contexto ocidental, somente o fato de se imaginar em uma situação como esta, já seria o suficiente para despertar reações de nojo. Entretanto, percebi que o que estava em jogo, na realidade, era a diferença na compreensão da noção de higiene. Conforme Douglas²⁹: “os nossos costumes estão solidamente ancorados na higiene; os deles [ao discorrer sobre os ‘ritos primitivos’] são simbólicos: nós matamos os germes, eles afastam os espíritos”. Percebi que não havia preocupação em relação às impurezas ou contaminação por micróbios, germes (e outros do gênero) e, portanto, não visíveis a olho nu.

Talvez, por isso, antes das refeições, em uma única vasilha pequena contendo pouquíssima água, as mãos eram lavadas, num ritual que simbolizava certa “purificação” das mãos antes de todos se alimentarem. Não era demonstrada qualquer preocupação em que esta água já pudesse estar contaminada pelas outras mãos ali já lavadas. O simples gesto desta lavagem de mãos já simbolizava limpeza. Mesmo o fato de Josephine me aconselhar ao uso de água sanitária como uma forma de purificação/higienização poderia estar apenas associado à observação de como os estrangeiros (para os quais trabalhava em uma escola) a utilizavam como recurso para purificar as coisas, principalmente a água para o consumo.

²⁹ Ibid., p. 28.

3.2 A mulher Sereer e seu papel na a preservação das tradições culturais

Observando o carisma e a popularidade que Josephine possuía na comunidade, além de todo o conhecimento cultural que demonstrava possuir a respeito das tradições orais locais, percebi que andar sempre com ela, poderia ser uma estratégia que poderia, no limite, clarificar alguns caminhos possíveis à minha pesquisa.

Josephine, com muita perspicácia, depois que lhe expliquei melhor o objetivo de minha pesquisa, parece que ficou ainda mais aguçada em tentar imaginar que tipo de situações poderiam ser por mim observadas e passou a me levar sempre a locais, acontecimentos e eventos que percebia poder, de alguma forma, ter certa utilidade para minha pesquisa, mesmo que se tratasse de situações nas quais não seria muito indicada a presença de um estrangeiro, como era o caso de alguns funerais. Porém, mesmo nessas situações, sua simpatia e educação sempre dispensada a todos por onde passava, fazia com que minha presença também fosse aceita; ela sempre cumprimentava a todos pela rua e nos lugares aonde chegava e me ensinou a fazer o mesmo, se eu quisesse obter também a simpatia das pessoas. Foi em sua companhia que pude presenciar, pela primeira vez em minha vida, alguns rituais aos quais eu não havia podido presenciar antes, mesmo já havendo sido moradora daquele local durante pouco mais de um ano (argumento também utilizado por ela, para me abrir algumas portas, além também de me exibir, orgulhosamente, como um “*toubab*” que conhecia *wolof*).

Quando morei em *Joal* pela primeira vez, eu havia ido para lá com a finalidade de ajudar na abertura de uma pré-escola, no modelo criado pela missão para a qual eu trabalhava, já que eu era professora e havia recebido o treinamento específico para este projeto. Quando precisei ser deslocada do Senegal para Guiné, ele estava ainda em fase de escrita e apresentação, em Francês, para algumas autoridades locais. Foi muito gratificante tomar conhecimento de que esta escola já estava há alguns anos em pleno funcionamento, sendo uma referência em ensino pré-escolar, tanto em *Joal* como também nos arredores.

Fui com Josephine a alguns funerais tradicionais locais; a um noivado típico; ao batismo de uma criança dentro dos padrões culturais exigidos em rituais como este; aos principais *marchés* da localidade; visitei à mais alta autoridade em matéria de conhecimento a respeito da conservação das memórias de *Joal*, podendo, assim, obter informações preciosas para o meu trabalho de recuperação da memória desta comunidade, já que ainda não existem registros escritos oficiais sobre ela; visitei também a alguns anciãos muito respeitados em toda

aquela localidade, com a finalidade de, através das tradições orais, conhecer um pouco mais sobre os primórdios desta comunidade; com ela também estive presente a algumas festas importantes para os moradores daquela comunidade, celebrações nas quais seria apresentada a dança *Sereer*, dança típica desta etnia, o “*Nguel*”; fui à celebração do “*Quinze out*” (quinze de agosto), dia marcante no calendário católico local. Enfim, sempre que ela tomava conhecimento de algum acontecimento que poderia ser importante para as minhas observações, já me comunicava com antecedência, sempre que possível, (salvo nos casos de funerais, é claro) parecendo, muitas vezes, tão ou mais entusiasmada quanto eu mesma.

Desta forma, notei que eu precisava também dedicar-me a observar melhor à própria Josephine, a conhecer sua história de vida, suas preocupações, seus sonhos pessoais, suas alegrias e tristezas, enfim, decidi dedicar-me, enquanto observava as situações às quais ela me levava para observar, a buscar também perceber qual seria a sua relação com estas situações específicas, seu comportamento e também o comportamento dos outros em relação a ela; decidi parar para ouvi-la mais, pois se mostrava uma profunda conhecedora das principais tradições orais em relação a muitas questões étnico-culturais locais importantes.

É notável, sem dúvida, a importância das mulheres, dentre outras coisas, não somente para a preservação da memória cultural de diversas etnias através da oralidade, nas mais diversas culturas, mas também por servirem como instrumentos pragmáticos de preservação das principais tradições e ritos, por serem elas os principais atores a desempenharem funções de total relevância na própria execução da maioria desses rituais.

Quatro momentos fundamentais marcam a vida dos *Sereer*: o nascimento (e o batismo), a circuncisão/incisão, o casamento e a morte (com os funerais); em todos eles, a presença feminina é fundamental, tanto para a realização desses eventos, em si, como para a manutenção e preservação destas tradições culturais tão importantes, através da oralidade.

A citação feita por Assane Seck, que já foi ministro de Estado, encarregado da questão cultural no Senegal, no prefácio ao livro de Raphael Ndiaye³⁰ “*La place de la Femme dans les rites au Senegal*” (O lugar da mulher nos ritos do Senegal), cabe a Josephine, como uma luva:

³⁰ Raphael Ndiaye nasceu em 1946, em Fadiouth; fez seus estudos primários em Joal, seus estudos secundários em Thiès e seus estudos superiores em Dakar e em Paris. Ele é titular de mestrado em Filosofia e de doutorado em Etnolinguística, cuja tese trabalhou o tema: “A noção de palavra entre os *Sereer*”.

A mulher no Sênegal, como aliás em quase toda a África negra, é o centro da vida social: ela domina a casa, é ela a guardiã das tradições civis, morais e mesmo religiosas; ela orienta igualmente as atividades fundamentais do grupo por meio das exigências da vida familiar que ela exprime; ela determina direta ou indiretamente as atividades secundárias pelas necessidades que ela sugere; ela leva alegria e equilíbrio à célula familiar e à sociedade; enfim, ela encarna a dignidade do grupo por sua capacidade de resistência silenciosa e desprezo diante da força cega e injusta, e também por sua capacidade de dar sem reservas e, muitas vezes, mesmo no sofrimento[...]. É um erro grosseiro cometido por observadores superficiais que, até o presente, tem minimizado o papel da mulher na sociedade africana. (NDIAYE, 1986, prefácio – tradução própria)

A todas estas características eu puder ir observando, a cada dia, tanto nas mulheres desta comunidade como na própria Josephine, especialmente, enquanto a acompanhava ou a observava em seu cotidiano. Grande parte daquilo que exponho neste texto, somente foi possível devido à preservação destas tradições culturais através de relatos de mulheres, perenizados pela tradição oral, ou por observar, diretamente, ao desempenho dessas mulheres durante a execução de determinados rituais e a sua grande importância para a manutenção e preservação dessas tradições culturais.

Algumas mulheres, entretanto, desempenham certo papel de destaque em relação às outras, como por exemplo, as chamadas “*griottes*”, que são mulheres ambulantes depositárias de uma grande cultura oral, que vão aos cerimoniais ritualísticos ou festivos para, através de alguns cânticos improvisados, enaltecerem àquele acontecimento ou aos “donos da festa ou ritual”. Elas recitam bênçãos que deverão ser, devidamente, “gratificadas” pelos presentes. Os “louvores” por elas cantados constituem um elemento essencial da poesia tradicional *Sereer*. Este é um gênero literário e musical que traz à tona as qualidades imaginativas e capacidade de preservação memorial do poeta, no que as mulheres são excelentes, segundo Ndiaye.

Outra maneira pela qual algumas mulheres são distinguidas das demais é através da prática de feitiçarias. No domínio da adivinhação e visões, as mulheres são consideradas como detentoras de um dom excepcional, que lhe permite prever o futuro e conjurar os poderes nocivos, além também de lançar a má sorte sobre alguém (Thiaw³¹, 2005, p.177 et. Seq.).

³¹ Thiaw formou-se pela Escola Franco-árabe de Dakar, na Escola Normal de Tunis, no Centro Audiovisual de Línguas Modernas em Paris e na Escola Prática de Altos Estudos de Sorbonne. Ele foi encarregado de pesquisa no Centro de Estudos de Civilizações, de Dakar. É professor emérito de árabe clássico, especialista em Islamismo, tendo vivido grandes temporadas em países árabes para estudar a religião muçulmana, além de ser também linguísta.

As mulheres desempenham um papel muito importante na execução da maioria dos rituais, como por exemplo, os rituais de iniciação ou puberdade, pois são elas as guardiãs das tradições ancestrais. Inicialmente, elas participam de uma forma discreta, durante os preparativos para o evento, mas depois assumem outras atividades de maior visibilidade. São elas também que irão animar as danças preliminares (*ngomaar*) com cânticos de exortação à coragem, de louvores e bons desejos, através de ofertas em dinheiro, fazendo uma espécie de prelúdio ao evento. Segundo Ndiaye, as mulheres também são as responsáveis pela confecção das roupas de entrada e saída dos circuncisos; na saída desses circuncisos, elas também jogam milho sobre eles, dizendo longas orações, desejando-lhes felicidade, longa vida e prosperidade.

Enfim, é de inestimável valor a contribuição das mulheres na preservação das principais tradições culturais, seja através de seu empenho direto, seja através da oralidade. A contribuição, em especial, de Josephine como minha principal ajudante de campo foi de um valor inestimável. Foi ela quem me acompanhou à maioria dos acontecimentos importantes aos quais pude observar durante meu trabalho de campo, sempre me explicando aquilo que eu observava e também me contando acerca de situações específicas às quais não tive oportunidade de observar, diretamente.

3.3 A vida de uma mulher Sereer

O dia de Josephine começa já cedo, ao precisar despedir-se de seu marido quando ele sai, geralmente, às cinco da manhã, para seu trabalho no campo. É ela também quem se encarrega de preparar o “*petit déjeuner*” (café da manhã que, literalmente, um “pequeno almoço”, como pode ser traduzido diretamente do francês, pois ele precisa revigorar as forças de quem trabalha no campo, por se tratar de um trabalho bastante cansativo) que seu filho levará ao campo para seu marido no campo onde trabalha como agricultor. Com o que recolhe em seu campo, Bernard ajuda com alguns ingredientes das refeições que são preparadas todos os dias, além de também poder vender no *marché*.

Após entregar a seu filho o *petit déjeuner* para que ele leve ao campo, Josephine começa a distribuir as tarefas da casa, a apanhar água e, muitas vezes, a preparar a farinha

com a qual se prepara o *cuscuz Sereer*³², num longo e cansativo processo, que começa com a moagem do milho, e o pré-cozimento desta farinha à vapor na lenha, o que é feito em várias etapas, até que toda a farinha passe por este pré-cozimento e esteja pronta a receber o pó da folha de *baobab*³³ seca, um ingrediente indispensável, por ser considerada uma rica fonte de nutrição. Do *baobab*, também é utilizado o seu fruto, o “*pain de singe*” (literalmente, “pão de macaco”) para fazer uma bebida conhecida como o “*bouy*”.

O *baobab* também é considerado “árvore simbólica do Senegal”, podendo ultrapassar a dez metros de circunferência; na maioria do território senegalês, é considerada uma árvore sagrada, local no qual muitas pessoas eram enterradas ou fazem alguns rituais de fertilização por algumas mulheres estéreis. Na Ilha de *Fadiouth* se encontra o grande “*baobab sagrado*”, por onde a procissão que segue com os corpos dos mortos precisa passar, antes de seguirem para o cemitério.

Além de fascinar por suas grandes dimensões e por ser tratar de um recurso nutritivo de fácil obtenção para a preparação de alguns pratos típicos no Senegal (e sem custo algum, na maioria dos casos), esta árvore também tem trazido muita inspiração à poesia, literatura e arte, de uma forma geral. Inclusive, o *baobab* é utilizado no clássico “O pequeno príncipe”, (de Saint-Exupéry, 1961), para enfatizar a necessidade de cuidado com o meio em que vivemos.

Enfim, foi necessário fazer toda esta digressão, para mostrar o quanto o *baobab* é uma árvore que já faz parte do cotidiano das pessoas, desde sua utilização para a preparação de alguns dos principais pratos que compõem sua alimentação diária, de local para oferendas e rituais religiosos, por algumas delas serem consideradas “sagradas”. Alguns *baobabs* também são utilizados como parte importante na explicação da origem de algum povoado, conforme veremos adiante, no terceiro capítulo.

³² Um dos principais pratos típicos *Sereer*.

³³ Árvore de dimensões gigantescas, que possui um tronco muito largo e arredondado, cujas folhas e frutos são de grande valor nutritivo. Sua madeira, porém, não presta para a fabricação de móveis ou outros utensílios, devido a ser uma madeira “esponjosa”, com uma grande facilidade de absorção de água. Esta árvore está presente em quase todo o território senegalês e, além de seu fruto e folhas serem de grande utilidade por seu potencial de nutrição, algumas delas são também consideradas sagradas e, por isso, oferendas e rezas são diante delas realizadas.

Figura 11: Baobab



Fonte: acervo pessoal

Figura 12: Baobabs considerados sagrados: lugar místico, destinado a oferendas.



Fonte: acervo pessoal.

A história de vida de Josephine é uma história inseparável de todo o conjunto de acontecimentos de uma existência inserida no cotidiano ao qual eu desejava compreender melhor. Desta forma, me concentrar em conhecer sua biografia poderia ser muito revelador e esclarecedor a respeito de tantas outras situações da vida das pessoas às quais eu dedicava minha pesquisa.

Todas as tarefas desempenhadas por Josephine durante o dia são bastante cansativas, por serem realizadas da forma bastante artesanal. Muitas vezes, ao perceber que está chovendo, ainda de madrugada, ela se levanta para aproveitar a água da chuva e encher aos reservatórios. Quando isso acontece, geralmente ela não para mais e continua em suas atividades.

Depois Josephine sempre sai, ora para visitar alguém, ora para participar de algum funeral, ora para comprar algo no *marché*, ora para cuidar de seus porquinhos, que são criados em um terreno bastante distante de sua casa, na beira de um manguezal (talvez porque seria um grande insulto que eles fossem criados em sua própria casa, devido aos seus vizinhos muçulmanos, que tem uma grande aversão a este tipo de animal). Neste terreno existem muitos outros chiqueiros, onde são também criados os porcos de outras pessoas.

As tardes, durante as férias escolares, quando ela também entra de férias, procura aproveitar para trabalhar no porto de *Joal*, pois as atividades de seu marido no campo que cultiva levam bastante tempo, até que se possa produzir em quantidade suficiente para que seus produtos sejam vendidos no *marché*. Desta forma, o dinheiro que consegue no porto é de inestimável ajuda para as despesas da casa. E, mesmo nos dias nos quais não consegue qualquer lucro, como nos dias nos quais os “*piroqueiros*”³⁴ não trazem uma grande quantidade de peixes na pesca realizada durante a madrugada e manhã daquele dia, ela se diz feliz por, ao menos, conseguir trazer o peixe que será utilizado nas refeições do dia seguinte. Como o período que lá passei foi de grandes chuvas, isso, por um lado, alegrava aos agricultores mas, por outro, dificultava as pescas.

Desde que cheguei a *Joal*, meu plano era o de ir algumas vezes trabalhar com Josephine no porto e observar como se dá este tipo de trabalho, já que grande quantidade de pessoas nesta comunidade vive do que ganha no porto. Uma de suas irmãs, inclusive,

³⁴ Pescadores que trabalham em um tipo de embarcação artesanal, a piroga, cuja fabricação pode ser feita na própria comunidade de *Joal*.

conseguiu comprar o terreno de sua casa, trabalhando, literalmente, dia e noite no porto. A Josephine isto não é possível, pois durante o ano escolar, ela trabalha como professora, na pré-escola, aberta em *Joal* pela Missão Batista Brasileira. Algumas pessoas dizem não compreender o porquê de uma professora se submeter a um trabalho como este, pois é realmente um trabalho muito duro e esgotante. Eu somente compreendi, de fato, o quanto este trabalho é cansativo, quando consegui, enfim, acompanhá-la, mesmo que ela nunca se mostrasse favorável a isso.

Quando criança, Josephine sempre teve uma saúde muito frágil. Ela me contou que todas as crianças nascidas anteriormente em sua família, que receberam o mesmo nome que ela, haviam morrido ainda bebês. Segundo ela, em um sacrifício realizado pela sua avó, para mantê-la viva, sua própria inteligência teria sido oferecida aos espíritos.

Quando ela descobriu isso (em um dos cultos aos quais frequentava em uma aldeia vizinha), muita coisa foi esclarecida em sua vida, inclusive o porquê de ela haver tentado o *back*, doze vezes, sem nenhum sucesso, mesmo que se esforçasse bastante para pagar a algum curso preparatório, contou-me. Foi somente após esta descoberta que, segundo ela, resolvida a tentar mais uma vez, teria conseguido passar neste exame. Este foi motivo de grande alegria para ela, pois já estava até envergonhada por tentar tantas vezes o *back*, sem sucesso, chegando a afetar gravemente à sua autoestima, quando sabia de outros que o conseguiam logo na primeira tentativa.

Muitos casos de enfermidade repetitiva na família por várias gerações são também explicados desta forma, segundo a cultura local, independentemente da religião, pela força da crença na ação de espíritos no mundo dos vivos (que também pode ser compreendido como uma existência de resquícios das religiões animistas africanas ancestrais). Essas religiões animistas podem coexistir, em alguma medida, com outras religiões que começaram a se propagar no continente africano, como o islamismo, o catolicismo e o cristianismo.

O animismo (visão de mundo em que as entidades não humanas – animais, plantas, objetos inanimados – possuem uma essência espiritual) costuma coexistir com quaisquer outras crenças ou religiões trazidas à África, principalmente, durante o período no qual este continente foi mais explorado por estrangeiros religiosos ou colonizadores. Antes mesmo da chegada do cristianismo ou do islamismo à África, ela já era marcada por forte crença animista. Grande parte dos ritos verificados neste contexto diz respeito ao objetivo de atrair

bênçãos ou benefícios às vidas dos envolvidos, além de afastar o “azar” ou o “*malheur*” (infelicidade), que é explicado neste contexto, mais em bases animistas do que com qualquer outro tipo de argumento.

Ou seja, tudo é explicado a partir desta visão de mundo, segundo a qual tudo o que acontece é encaixado dentro de uma lógica na qual o mundo espiritual se sobrepõe ao natural/físico. Por exemplo, a morte de uma pessoa com alguma enfermidade não é, necessariamente, explicada a partir desta enfermidade, mas é imputada ao espírito que a causou, provavelmente, por meio de alguma feitiçaria lançada sobre a pessoa. Foi assim que muitos procuravam explicar a morte de uma moça que, aos vinte e cinco anos de idade, começou a definhando sem descobrir a qual seria a doença que a acometia, vindo a morrer pouco antes de minha chegada a esta comunidade, deixando marido e filhos inconsoláveis.

É também devido a este tipo de crença, que a proteção contra os espíritos é algo muito praticado no cotidiano desta comunidade, em alguns rituais, desde o nascimento até a morte. É de costume as crianças utilizarem pequenos amuletos de couro (os *gri-gris*) amarrados a seu braço e cintura, contendo algumas rezas em seu interior. A proteção através de amuletos, rezas, ritos ou oferendas é algo indispensável para afastar a “má sorte” ou infelicidade.

Uma crença muito presente nesta comunidade, assim também como em outras, é a de que algumas pessoas possuem alguns poderes sobrenaturais, inclusive, o de “roubarem” a inteligência ou saúde de quem bem desejarem, conforme conta a tradição oral (disse-me Josephine). Em uma das noites, quando eu passeava com os filhos de Bernad e Josephine, eu encontrei, no meio da areia, uma aliança de prata. Eles me disseram que, nesta comunidade, quando se encontra algo de valor, feitos em ouro ou prata, principalmente, estes objetos já serviram como oferenda a algum espírito e estariam carregados de maldições para a pessoa que os encontrará. Desta forma, não seria aconselhável pegar objetos de valor encontrados pelo chão.

Josephine me contou ter sido uma adolescente que, assim como as outras de sua idade, sempre sonhou em se casar e ser mãe. Por isso, começou a namorar bem cedo (para os costumes locais), mas, quando já estava em seu segundo namoro, aconteceu algo que a faria desistir deste sonho. O rapaz com quem ela namorava, muito querido por toda a sua família,

após dez anos de namoro, traiu-a com uma de suas primas. Josephine, então, terminou este namoro e ficou muito depressiva, o que a levou à decisão de que nunca se casaria.

Entretanto, como Josephine possuía uma personalidade muito carismática e educada, que a levava a cumprimentar a todos por onde passasse, mesmo que não conhecesse, num belo dia, acabou cumprimentando também àquele que se tornaria seu marido. Esse rapaz começou a se informar sobre quem era aquela moça, descobriu onde ela morava, passou a fazer-lhe constantes visitas, a cortejá-la e a tentar conquistar seus pais.

Ela, que começava a se enraivecer com este tipo de comportamento por parte desse rapaz, chamou-o para uma conversa séria, para conhecer suas intenções a seu respeito. A esta altura seu pai já havia falecido, mas Bernard já havia também conversado com ele sobre suas intenções de casamento com Josephine e pedido sua mão em casamento, mesmo antes de seu falecimento. Seus pais já estavam de acordo, mesmo antes de ele dizer a Josephine acerca de suas intenções de casamento com ela. O pai de Josephine já havia dado ordens para que sua mão fosse concedida em casamento a Bernard, assim que ele a pedisse.

Como a permissão de seu pai já existia, mesmo antes de seu falecimento, e isso era muito importante para Josephine, devido ao fato de ela ter sido muito apegada a ele enquanto vivo, ela acabou por aceitar o seu pedido e todos os preparativos para o seu casamento foram tomados. Porém, como eles ainda não possuíam casa, e nem condições financeiras para se casarem, inicialmente, Bernard ficou morando em um dos quartos na casa da mãe de Josephine e, depois do falecimento do pai de Bernard, mudaram-se para um dos quartos na casa deixada como herança para ele e seus irmãos, depois de, enfim, conseguirem se casar dentro de suas tradições culturais. Somente nesta época, quando já possuíam os três filhos, é que puderam tomar todos os procedimentos para que isso acontecesse. Quando os conheci, eles já moravam neste cômodo improvisado na casa do pai de Bernard e tive a oportunidade de ir ao casamento dos dois.

Desde que se casou, Josephine passou a levar a vida da maioria das mulheres casadas que vive neste contexto, uma vida de dedicação exclusiva à família, mesmo que em detrimento de seus sonhos pessoais. Uma das ocasiões em que eu pude observar a isso, de maneira bem clara, foi quando pude, finalmente, observá-la em seu trabalho no porto de *Joal*.

Eu desconfiava que, somente estando lá é que eu poderia compreender, de fato, o porquê de ela se empenhar tanto em me levar em vários lugares importantes para a minha pesquisa, sendo guiada por um *feeling* muito bom, que a ajudava a perceber certas situações que me seriam úteis observar e, mesmo assim, fazer de tudo para que eu não fosse com ela ao porto. O que poderia estar por trás desse comportamento?

Na tentativa de conseguir me fazer desistir de vez, Josephine afirmou que o porto não era lugar para mim, pois era muito sujo e seu chão era muito escorregadio e encrostado de lodo, devido às constantes chuvas; dessa maneira, esta situação poderia tornar a minha visita um tanto quanto perigosa, pois ela já havia tomado conhecimento do que acontecera comigo no Brasil, quando, por causa de um escorregão e queda, acabei tendo minha coluna lesionada, meses antes. Ela mesma já havia tomado um grave tombo ao escorregar no lodo que fica por todo o solo do porto, contou-me. Mas eu ainda sentia que havia algo mais por trás de suas recusas...

Eu prometi que tomaria bastante cuidado, se ela me permitisse acompanhá-la, ao menos, uma vez. Assim, depois de muito insistir com Josephine para que me permitisse acompanhá-la em seu trabalho no porto de *Joal* e, depois ela tentar fazer de tudo para me dissuadir de meu objetivo, vendo que eu não desistiria da ideia, finalmente, ela resolveu, permitir, somente se o tempo se mantivesse firme e sem chuvas durante o dia.

De fato, poder passar uma tarde com ela no porto me fez compreender muita coisa, não somente a respeito de seu comportamento, como também, das outras mulheres que, a seu exemplo, também faziam desta atividade uma fonte de renda (em muitos casos, a principal renda da família).

No dia combinado para que eu fosse com Josephine ao porto, torci para que não chovesse pela manhã e fiquei de olho nela, para que não fosse sem mim. Ela, aproveitando-se da visita de sua irmã mais nova à sua casa, que vinha de Dakar para passar com a família algumas datas festivas, e colocou-a para cuidar de mim e me orientar em tudo durante o tempo que estivéssemos no porto, pois sabia que não poderia ficar comigo o tempo todo.

Quando alguns vizinhos de Josephine viram que eu iria com ela, ficaram abismados de que ela permitisse, felicitando também à minha “coragem”. Josephine, entretanto, parecia menos preocupada e demonstrava até certa alegria de que eu estivesse indo com ela. Quando

chegamos ao porto, percebi que muita coisa havia sofrido mudança, desde minha última ida àquele lugar, alguns anos atrás. Josephine caminhou conosco até onde costumava trabalhar no porto e, já na entrada, pegou certa quantia em dinheiro com um homem (dada às pessoas que vão ao porto para negociarem diretamente com os pirogueiros, assim que eles atracam suas pirogas). Muitos desses negociantes que emprestam esse dinheiro são grandes empresários, possuidores de grandes caminhões frigoríficos, que precisam dos serviços dessas pessoas para enchê-los e enviá-los aos seus destinos (muitas vezes, outros países).

Ela me explicou que todo o peixe que conseguisse deveria ser vendido a este homem, pelo valor que ele mesmo estipularia. Sendo assim, Josephine deveria procurar comprar os peixes ao menor custo possível, para que conseguisse obter algum lucro. Muitas vezes, seu lucro é muito pequeno, pois o preço que ela paga pelo peixe é quase o mesmo valor estipulado por este homem para a compra dos peixes.

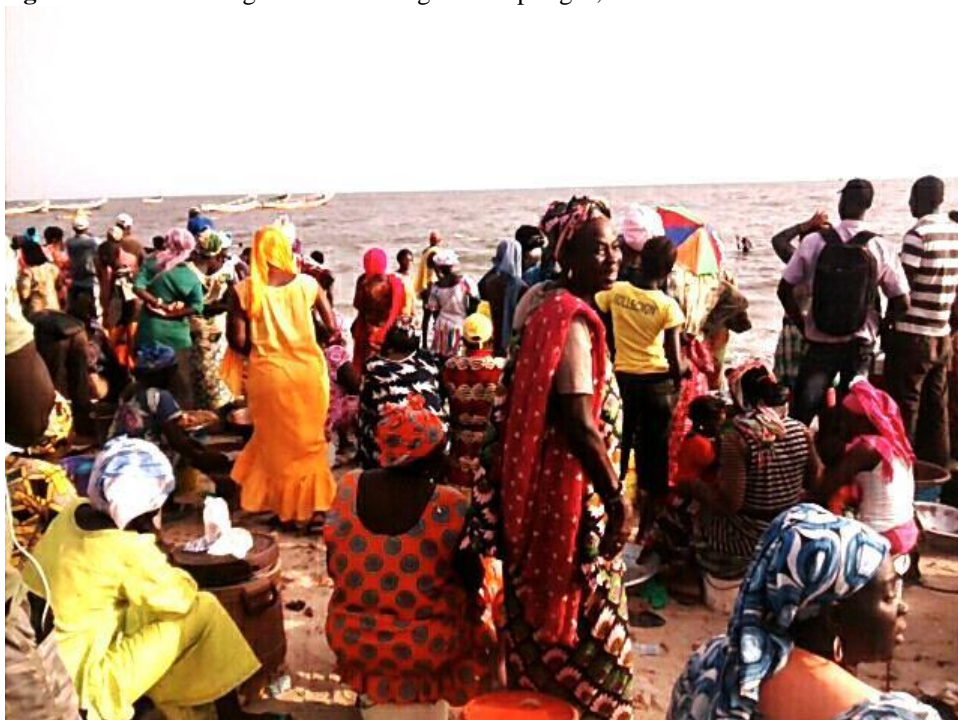
Ela, depois de pegar a quantia emprestada pelo homem na entrada do porto, seguiu conosco até a beira da praia, deu instruções à sua irmã de me ajudar e me acompanhar aonde eu precisasse, deixou algumas vasilhas na areia, pegou uma grande bacia de plástico, a maior que possuía, e seguiu direto para uma piroga que acabara de chegar, ficando, algumas vezes, somente com a cabeça ao lado de fora da água, pois a embarcação se encontrava um pouco distante da praia. Ela, então, assim como algumas outras mulheres que também iam em direção esta ou a outras pirogas que também começavam a chegar, deu início a mais um dia de trabalho no porto.

Tentei observá-la o quanto pude, até que a perdi no meio de toda aquela multidão que estava na praia, uns para tentar comprar os produtos dos pirogueiros, outros, já com alguns peixes sobre algum tipo de esteira no chão, negociando-os. Quando eu conseguia avistar Josephine, ela estava sempre numa correria para tentar chegar, o quanto antes, em algum pirogueiro e conseguir negociar seus produtos, antes de mais pessoas chegarem e atrapalharem a sua negociação. Todos que também trabalham no porto, fazem a mesma coisa, na tentativa de conseguirem o melhor preço de negociação possível, pois disto dependerá o seu lucro.

Figuras 13: Porto de Joal.



Figura 14: Mulheres aguardando a chegada das pirogas;



Fonte: acervo pessoal

Figura 15: Josephine entre outras pessoas, tentando chegar aos pirogueiros para começar as negociações.



Fonte: acervo pessoal.

O barulho tornava muito difícil minha comunicação com a irmã de Josephine. A quantidade de moscas naquele local era ainda muito maior do que a que havia, geralmente, em toda *Joal*, neste período de chuvas. E olha que a quantidade de moscas na comunidade é tão grande que, muitas vezes, a simples tarefa de fazer uma refeição sem que elas ficassem alvoroçadas, disputando conosco o alimento, já era uma missão quase que impossível. Resolvemos, então, a irmã de Josephine e eu, nos afastarmos um pouco de todo aquele burburinho e explorar um pouco mais a outros ambientes daquele porto, já que também não era do costume dela estar naquele lugar e, por isso, ela também não conhecia muito de sua rotina. Depois de pagarmos uma pequena taxa cobrada a visitantes, visitamos o interior do porto, onde alguns homens e mulheres vendiam peixes das mais variadas espécies e tamanhos.

Estando ali percebi o quanto aquele era, realmente, um lugar cujo solo era bastante acidentado. Neste lugar, vi pessoas correndo para cá e para lá o tempo todo. Pelo chão, mesmo na parte cimentada do porto, havia também alguns peixes já em estado de putrefação e também algumas algas e muito lodo. Ao observar todos esses detalhes pude, então, compreender todo o cuidado de Josephine para comigo.

Este é o trabalho realizado por Josephine no porto, trabalho esse que, muitas vezes, a leva a somente chegar de volta à sua casa por volta das dez horas da noite! Ela sempre leva

um balde ou bacia de peixes, muito pesado para casa, sobre a sua cabeça. (algumas vezes, mesmo debaixo de muita chuva). Ela afirma que, só de poder levar peixe todos os dias para casa, já ficava muito feliz! Só de chegar em casa e poder compartilhar com sua família o peixe, ingrediente fundamental na alimentação da população desta localidade, já fazia valer todo esforço e labuta diários próprios a esse tipo de trabalho no porto de *Joal*, afirmou-me.

Era, até mesmo constrangedor para mim, a ver chegar com este balde na cabeça, passando antes pela sala, onde todos nos encontrávamos, e parando para nos cumprimentar com um gentil sorriso nos lábios, como se tentando não demonstrar todo desgaste pelo qual seu corpo e todo seu ser havia passado enquanto buscava o peixe para a alimentação diária da família. Por vezes, eu ficava a pensar se, de fato, todos naquela casa sabiam o que aqueles peixes (não posso dizer à mesa, pois tudo era servido no chão) simbolizavam; de quanto esforço eram fruto. Eu nunca imaginaria que ela conseguia ser gentil, mesmo após um dia tão cansativo.

Haver ido com ela ao porto, fez com que esses cumprimentos à noite, quando ela chagava do porto, se tornassem muito mais significativos para mim. Passei a tentar, ao máximo, me desvencilhar de minhas tarefas e estar na sala quando ela passasse pelo corredor e parava para nos cumprimentar, ainda com as vasilhas pesadas sobre a cabeça, por estarem cheias de peixe. Depois desse cumprimento ela, então, se dirigia aos fundos da casa, ajeitava os peixes que trouxera em um balde com um pouco de gelo, pegava água na bica, tomava seu banho, procurava pela comida que havia sido preparada e separada pelas gêmeas para ela e vinha comer na sala, enquanto começava a assistir televisão conosco. Não raro, era possível percebê-la cair no sono, enquanto estava conosco na sala nesses momentos. No outro dia, sua lida começava tudo de novo!

Josephine é uma mulher muito trabalhadora, capaz dos maiores esforços em prol da família e de seus filhos, principalmente. Somente quando fui com ela ao Porto de *Joal*, é que pude compreender sua capacidade de auto anulação. Quem a conhecesse no porto, sem conhecer igualmente a sua lida diária, nunca diria que se tratava da mesma mulher, tão bem ela desempenhava seus vários papéis sociais sem, contudo, perder a docilidade, a alegria, a feminilidade e o carisma a ela característicos.

Conhecer a vida de Josephine um pouco mais de perto me proporcionou a oportunidade de conhecer, também, não somente o cotidiano de uma mulher *Sereer*, mas

também vários outros aspectos da vida das pessoas na comunidade de *Joal*. Quando Josephine falava de si mesma, ela estava narrando, não somente fatos a respeito de sua própria vida, mas também, a respeito de tradições culturais, hábitos e situações da vida cotidiana local. Ela também falava acerca de decisões bem tomadas e outras que, apesar de não dizer com todas as letras, era possível notar certo arrependimento nas expressões faciais que fazia, enquanto falava. Enfim, ela estava deixando transparecer, não somente sua maneira de enxergar o presente a partir de suas memórias, mas também, situações, determinadas práticas e eventos que demonstravam o sentido de vida feliz para ela.

Até aqui, vimos dois elementos fundamentais para a compreensão deste contexto: a importância conferida à água e a mulher. Devido à dificuldade em conseguir e armazenar água, este recurso natural é muito mais valorizado. Neste contexto, em especial, a água funciona como um elemento de integração social, ao promover solidariedade, através de seu compartilhamento, e também como um elo entre a natureza e o mundo dos espíritos (uma relação que ultrapasse a uma visão meramente utilitarista).

O outro elemento relevante neste contexto cultural, conforme já salientado, é a mulher e seu papel, não somente ao conferir vivacidade a todos os eventos sociais do cotidiano, mas também como fundamental na preservação das memórias acerca das principais tradições culturais locais, além de serem elas as protagonistas na maioria desses eventos. Uma união entre esses dois elementos (mulher e água) é feita quando a mulher é comparada à água, como uma fonte de coisas boas para a sua família, em um dos momentos durante as cerimônias de casamento.

A partir daqui, passaremos a considerar outro elemento de fundamental relevância para uma melhor compreensão do contexto em questão e também da maneira como noção de felicidade abrange a estes elementos do cotidiano das pessoas: a família.

3.4 Estrutura familiar Sereer e o conceito de família

É muito interessante notar a maneira como alguns conceitos são pensados, neste contexto em especial, o que torna possível a sua percepção como frutos de sociabilidades diferentes daquelas às que estamos acostumados, e que fazem com que eles também sejam

experienciados de maneira muito distinta daquela que acontece em um contexto ocidental. Um desses conceitos, que pude observar bem de perto, diz respeito ao conceito de família.

Uma ocasião na qual eu pude observar como o conceito de família é pensado nesta comunidade, foi quando a irmã de Bernard veio de Dakar a *Joal* com a finalidade de prestar suas condolências a um parente (que em nosso contexto, consideraríamos um parente muito distante – essa diferenciação não parece ser tão clara em *Joal*). Josephine, então, a apresentou a mim como sua irmã mais velha. Ao perceber meu estranhamento, por conhecer todas as suas irmãs e não reconhecê-la, ela tratou de me explicar que, se ela era irmã mais velha de seu marido, também era considerada sua própria irmã mais velha. A partir deste incidente, percebi que o conceito de família, em especial, para este grupo étnico, ia além daquele que eu possuía. Muitas vezes, algumas brincadeiras corriqueiras, com aquelas que afirmam que cunhados não são parentes ou em relação às sogras, como um tipo parentesco “indesejado”, acontecem no Brasil, passam longe de exprimir alguns valores familiares existentes em *Joal*.

As menores partículas componentes no conceito de família não seriam, dentro desta forma de pensar, os indivíduos que compõem as famílias nucleares, como designaríamos, mas as próprias famílias, como componentes de uma organização familiar muito mais ampla. É comum, por exemplo, ouvirmos as pessoas se apresentarem como primas, ou irmãs de algum conhecido nosso; muitas vezes, não, exatamente, são os laços de sangue que unem as pessoas em famílias, neste contexto (como já mencionado no primeiro capítulo).

Esse conceito de parentesco é fundamental para a permissão ou interdição de casamentos. Um casamento entre primos, por exemplo, somente é permitido se não for entre os filhos de dois irmãos ou duas irmãs, pois estes primos são considerados também irmãos. No caso de serem primos, filhos de dois irmãos de sexos diferentes, o casamento é permitido pois, neste caso, seus filhos são considerados primos, de fato. Por exemplo: os filhos de Bernard e seu irmão não podem casar-se entre si, pois são considerados irmãos, por possuírem o mesmo sangue paterno. A mesma coisa acontece com relação aos filhos de suas duas irmãs: No caso de serem filhos nascidos de duas irmãs, é interdito o casamento, pois os ventres que os geraram possuem uma mesma ascendência paterna em comum, conforme me explicou a irmã de Bernard, para esclarecer o porquê de os filhos de suas irmãs não poderem se casar entre si: eles também são considerados irmãos.

No caso de filhos nascidos de dois irmãos de sexos diferentes, mesmo que possuam o mesmo pai em comum, o casamento é permitido, pois, quando a mulher traz para a sua família o seu esposo, que faz parte de outra linhagem ou ascendência, isto é o que fará com que haja uma maior mistura de sangues nesta geração, pois seus filhos passam a fazer parte também desta outra linhagem paterna e, por isso, não serão considerados irmãos.

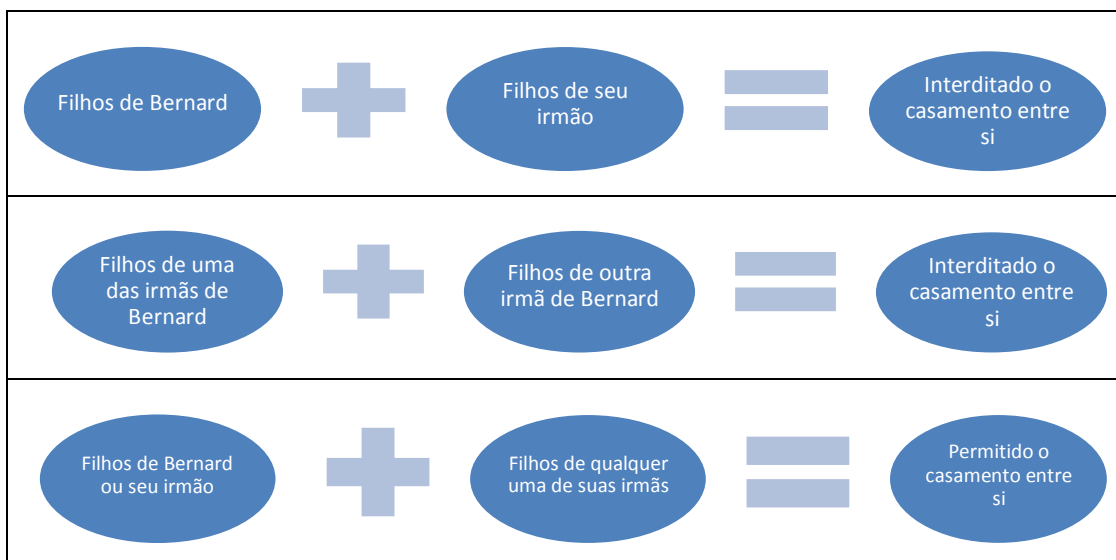
Existem outras maneiras através das quais a união entre um homem e uma mulher é considerada incesto, porém a definição mais completa para este ato é aquela sinalizada por Thiaw³⁵: “O incesto grave consiste em relações sexuais entre parentes próximos, como, o pai com sua filha, a mãe com seu filho e um irmão com sua irmã”. Porém, cabe lembrar que os conceitos de pai, mãe, irmão(ã), filho(a), neste contexto é muito mais amplo do que aquele utilizado no contexto ocidental.

O que impediria o casamento entre primos seria o fato de possuírem a mesma linhagem paterna (ou materna) em comum, pois, desta forma, eles são considerados irmãos. Um casamento nestas circunstâncias, segundo Bernard, seria a fonte de maldição para toda a família, conforme lhe foi transmitido pela tradição cultural recebida através de seus ancestrais.

Para alguém não acostumado a esta forma de conceituar família, a sua compreensão é uma tarefa bastante complicada, pelo fato de funcionar como uma linguagem ordenadora das relações sociais. Aprender esta linguagem, assim, seria fundamental para a compreensão da sociabilidade deste grupo. É muito comum alguém se apresentar, por exemplo, como irmão, filho ou primo de fulano ou ciclano, sem pertencer, de fato, à mesma geração ao mesmo “núcleo familiar”. Até mesmo os filhos de mesmo sexo nascidos de dois irmãos também de mesmo sexo, são considerados irmãos. Por isso, para não tornar ainda mais complexo o entendimento deste tipo de estrutura familiar, tomei como base somente o exemplo de Bernard, seus irmãos e irmãs e seus filhos, para tentar clarificar como é compreendida a questão da interdição do casamento entre primos (aqueles que são considerados irmãos) e como funciona esta lógica.

³⁵ Ibid., p.158.

Quadro 1: Interdição e permissão de casamentos nas famílias



Este esquema mostra a possibilidades de casamento entre primos numa comunidade *Sereer*, a exemplo do que acontece na geração de Bernard, seus irmãos (e irmãs) e seus respectivos filhos. Ele foi bastante simplificado aqui, a bem de uma melhor compreensão, porém, toda a estrutura familiar que daí resulta é muito mais complexa: ela se estende a todas as gerações anteriores e posteriores, se desejarmos, de fato, compreender como as pessoas neste contexto podem ser consideradas, ora como primas, ora como irmãs. Essas relações familiares também são a base para compreendermos como esses jogos sociais funcionam nas relações de poder, a partir da permissão ou interdito de casamentos.

Outro exemplo simples de toda esta complexidade na compreensão do conceito de parentesco e estrutura familiar *Sereer*, é a de uma mulher ser considerada, simbolicamente, como esposa de todos os irmãos de seu marido. É por isso que, quando da ocasião da morte de seu esposo, a viúva fica aos cuidados diretos do(s) irmão(s) de seu falecido marido.

Raymond Firth e Radclife Brown demonstraram a importância das relações de parentesco para a compreensão de algumas sociedades. O conceito de “parentesco por brincadeira”, extremamente difundido na África (e Ásia) e explicitado por Radclife Brown (1955), do qual pude observar algumas variações entre pessoas que se consideram primas ou por pessoas que possuam o mesmo nome de família. Essas brincadeiras na forma de deboches e hostilizações podem atingir, muitas vezes, níveis de humilhações, mas não devem ser consideradas pelo seu receptor como insultos, o que precisa ser evitado, a todo custo para que

qualquer tipo de conflito em nome deste parentesco não ocorra. Este tipo de comportamento é como se fosse um mútuo “desrespeito lícito”. Esse tipo de brincadeiras, em *Joal*, acontece com frequência entre pessoas consideradas primas, entre as irmãs da esposa ou os irmãos do esposo. Isso acontece quando, por exemplo, as irmãs de Josephine se dizem também mulheres de seu marido, ocasião em que ele se aproveita para dizer o quanto são mais belas que sua própria esposa.

As relações de “*cousinage*” (que se traduz em um comportamento de arreliação, no qual as pessoas estão “autorizadas” a aborrecerem-se entre si, sem qualquer conotação de atitude ofensiva), que corresponderia ao “parentesco por brincadeira”, se dão entre primos, famílias (como por exemplo, as famílias Faye e Diouf) e determinados grupos étnicos (como entre os *Diola* e os *Sereer* que, segundo a tradição oral, nem sempre esse bom relacionamento teria sido como é nos dias atuais). Este tipo de relação estabelece uma convivência amistosa e pacífica, que se traduz em um comportamento de livre comunicação e boa vontade. Esses primos, famílias ou grupos étnicos se “*taquinent*” (“provocam”) entre si, como demonstração de bom relacionamento entre eles.

3.5 Do nascimento aos rituais funerários

3.5.1 O rito de nascimento/batismo

Mesmo já havendo morado em dois países africanos antes, foi a primeira vez que eu pude acompanhar, desde os seus preparativos, a um batismo, considerado também como um rito de nascimento, que é geralmente realizado ao oitavo dia de nascimento da criança. Consegui também observar diretamente ao ritual cultural típico da cultura *Sereer*, que acontece em um momento pré-estabelecido nesta festa, que é a raspagem da cabeça do bebê, com o objetivo de, ao cumpri-lo, garantir boa saúde, proteção e bem estar a esta criança, além de um bom futuro.

O batismo do bebê é algo notável na vida de toda a família, marcado por rituais religiosos e culturais, de acordo com as crenças de cada família, e também por muita festa. Durante os dias que antecedem ao batismo, todas as mulheres vivem em uma grande agitação para os seus preparativos, pois toda a organização da festa, roupas para a família, a compra

dos ingredientes para o almoço que será servido a todos os familiares e amigos presentes, dentre outras providências ficam por conta das mulheres.

Durante toda a semana na qual seria realizado o batismo da sobrinha de Josephine, foi uma grande correria tanto para ela como para suas irmãs, por conta da preocupação na arrecadação de todo o dinheiro necessário para este evento. Foram várias as reuniões de família na casa de sua mãe, onde seria realizado o batismo, já que lá vivia seu irmão com sua esposa em um dos quartos da casa. Aliás, todas as situações na família de Josephine são resolvidas através de reuniões familiares, que acontecem com o intuito de encontrarem a melhor solução possível: seja uma festa, seja a doença de um parente, uma ajuda financeira a outro, as cotizações, algum desentendimento, enfim, tudo.

Josephine não somente corria para preparar as coisas na casa de sua mãe, como também ia ao *marché* comprar as coisas para a festa e também se preocupava com as roupas com as quais seu marido e filhos deveriam ir à festa (geralmente, uma roupa nova é encomendada a um costureiro nessas ocasiões) e ainda se ocupava com outros afazeres em sua própria casa. Ela ficou o dia anterior todo na casa de sua mãe e toda a parte da manhã do dia do evento ajudando em tudo o que podia, pois um evento como este requer muito esforço e dedicação por parte das mulheres, principalmente.

Depois do rápido cerimonial de batismo na igreja católica, todos se alegravam neste dia festivo e feliz para toda a família, aproveitando para conversar bastante com parentes que já não viam havia muito tempo, enquanto aguardavam até que as mulheres terminassem de preparar o almoço e começassem a servi-lo. Eu, assim como os demais, já estava com muita fome, pois já era quase três horas da tarde. Enquanto aguardava o almoço, aproveitei para estar e conversar com as pessoas na festa, fotografar e fazer alguns registros em vídeos. No dia do batismo, a parte da manhã, geralmente, é reservada para os rituais religiosos e preparação do almoço pelas mulheres, que se unem para cozinhar a grande quantidade de comida que será compartilhada com todos aqueles que estarão na festa.

O período após o almoço é reservado aos rituais culturais, independentemente da crença professada pela família. Isto também me foi explicado por um dos seminaristas católicos presentes ao batismo da sobrinha de Josephine (também confirmado por ela), que havia ajudado momentos antes, a realizar o batismo do bebê conforme aos cerimoniais

católicos na igreja da comunidade, não muito longe dali, já que boa parte da família do bebê professa ao catolicismo.

Como a “estrangeira da festa”, acredito que tenha sido por este motivo que tenham me dado um lugar de destaque, juntamente aos dois seminaristas que haviam ajudado a officiar o batismo na igreja católica. Aproveitei, então, para conversar bastante com eles sobre o evento, acerca do que pensavam sobre a parte cultural que estava prestes a acontecer, da raspagem da cabeça da criança com uma lâmina de aço (conforme exigido pela cultura local), sobre crença católica no que diz respeito ao batismo infantil e também lhes falei acerca do objetivo de minha pesquisa, em si, registrando em vídeo toda esta entrevista com um deles, um rapaz muito jovem que havia decidido dedicar sua vida à vocação que acreditava haver recebido. Ele se dispôs gentilmente a colaborar comigo, enquanto todos os presentes no quarto também o ouviam atentamente, procurando manter silêncio para não atrapalhar esse registro. Tive a sensação de que, ao perceber que todos, simplesmente, pararam para ouvi-lo, isso fez com que ele ficasse um pouco nervoso, no início, mas depois que começou a falar, parece que não queria mais parar.

Este jovem seminarista demonstrou seu reconhecimento sobre a importância da Antropologia, afirmando ser uma das disciplinas que estudava em seu preparo no seminário. Ele afirmou que esta disciplina o ajudava, servindo como recurso para uma melhor compreensão daqueles com os quais ele tinha de lidar no dia a dia, como também para os outros seminaristas que, assim como ele, estavam se preparando para a carreira religiosa. Foi ao estudar esta disciplina, que ele conseguiu enxergar o quanto era importante tentar observar, ao máximo, antes de qualquer coisa, como funciona a dinâmica social local, para que não fosse levado a tirar conclusões precipitadas a respeito de alguma situação observada, ou mesmo antes de tentar ajudar de alguma forma à população em questão, afirmou.

Para exemplificar o que acabara de me dizer, ele me contou uma ilustração usada por seu professor, acerca de algo que havia acontecido em um determinado *village*³⁶ africano: neste *village*, as mulheres, assim como também acontece em outros *villages*, retiravam água para seus afazeres domésticos com uma enorme dificuldade, pois tinham de apanhá-la muito

³⁶ Rapazes universitários de férias em Joal afirmaram que na cidade seus habitantes não são acolhedores, o que também dificultaria que amizades sejam feitas. Algumas pessoas dizem fazer de tudo para não precisar ir a Dakar, por lá se sentirem, muitas vezes, tristes e solitárias.

longe de onde ficavam concentradas as casas; elas precisavam se dirigir a um único poço, que servia como fonte de abastecimento a todas aquelas pessoas.

Num belo dia, o governo do país decidiu ajudar a essas mulheres, tendo em vista o grande sacrifício que precisavam fazer ao irem, em baixo de um sol escaldante, retirar água deste poço para as necessidades de suas famílias. Desta forma, foi construída uma bica mais próxima às suas casas, de onde elas poderiam, com maior facilidade, tirar a água de que necessitavam, sem ter mais de fazer o longo percurso que faziam antes, carregando pesados reservatórios de água sobre suas cabeças.

Porém, a felicidade destas mulheres – continuou – estaria com os dias contados, pois, não demorou muito e foi descoberto que a água que saía daquela torneira estava envenenada. Assim, ao não poderem mais utilizá-la, as mulheres precisaram voltar a tirar água daquele poço tão distante. Uma investigação foi levantada para averiguar a respeito dos responsáveis por este envenenamento, que acabou por obrigar as mulheres daquela aldeia a terem de voltar a tirar, com tanto sacrifício, a água para suas necessidades. Ao fim de todo o inquérito, após serem descartadas várias suspeitas, descobriram o que havia acontecido e quais eram os responsáveis pelo envenenamento da água daquela torneira. Para o espanto de todos, descobriu-se que foram as próprias mulheres, as responsáveis por este envenenamento; elas mesmas haviam sabotado aquela bica. Mas qual seria a explicação para este tipo de comportamento? – perguntou-me aquele seminarista.

Ele, então, passou a me explicar o que estaria na raiz do comportamento daquelas mulheres: as mulheres desta aldeia aproveitavam o momento que iam ao poço retirar água, para ajudarem-se umas às outras em relação a questões domésticas, conjugais e com respeito a criação de seus filhos. As mais experientes serviam como conselheiras, ajudando às mais novas, através de seus conselhos acerca de como deveriam lidar com algumas situações por elas vivenciadas em casa. E, como isso não poderia acontecer na aldeia, pois aproveitavam a localização do poço, sentindo-se mais à vontade para exporem o que lhes acontecia, esses momentos de aconselhamento passaram a não mais existir. Além disso, esses eram também os únicos momentos nos quais elas poderiam se descontraírem um pouco no intervalo entre suas constantes ocupações com a casa e a família, que lhes serviam como uma fonte de renovação de forças emocionais para suportarem as dificuldades do dia a dia. Desta forma, elas passaram a se sentir cada vez mais tristes e, sem saberem como lidar com todos os desdobramentos desta mudança, não viram outra opção, senão planejarem a sabotagem daquela bica.

Após sua fala, agradei à sua disposição em me ajudar e, para a minha surpresa e acredito que também para a sua, todos os que se encontravam no quarto a ouvi-lo atentamente, começaram a aplaudi-lo, felicitando-o pelo que acabara de dizer. Exatamente neste momento, alguém chegou com a notícia tão aguardada: finalmente, o almoço estava pronto e logo começariam a servi-lo. Todos, então, fomos arrumados em pequenos grupos nos quais serviriam o almoço em algumas bacias a serem compartilhadas por cada um desses grupos formados. Durante o almoço, fiquei no grupo no qual estavam os dois seminaristas, dividindo a mesma bacia com outras três pessoas. Logo depois do almoço, não demorou muito e eles tiveram de ir embora.

A certa altura da festa, a mãe do bebê colocou uma segunda roupa, talvez para marcar o início do segundo momento que compõe o batismo. Josephine, então, chamou-me para observar a raspagem da cabeça de sua sobrinha, que se daria em instantes, em um quarto à parte, que seria acompanhada apenas a avó paterna, as tias e algumas poucas mulheres. Eu já havia pedido permissão, com antecedência, para fazer alguns registros quando este ritual tivesse início (por recomendação de Josephine, por se tratar de um acontecimento que era muito restrito à família). Por isso, minha presença não pareceu ter sido motivo de estranhamento para as mulheres presentes, que procuraram até me ceder um lugar no pequeno quarto no qual tudo aconteceria.

Tudo o que seria necessário para este ritual já estava no chão sobre uma esteira: um pouco de água (considerada sagrada) em uma cabaça (uma espécie de bacia feita a partir da casca, muito resistente, do fruto de uma árvore). Dentro dela havia uma semente de cola, milho, algodão e sal. Havia também sobre o tapete barras de sabão e um pacote com lâminas de aço. Todas as mulheres que iriam participar deste ritual já estavam no quarto, sentadas sobre a cama e algumas em pé, aguardando o desenrolar deste ritual. Primeiramente, chegou a avó paterna do bebê, depois chegou a bisavó paterna da criança, mãe de Josephine.

Elas sentaram-se sobre o tapete, a avó da criança começou a recitar algumas rezas, num tom de voz muito difícil de ouvir, pegou um pedaço do algodão, molhou-o na água que já estava preparada na cabaça, passou-o em uma das barras de sabão e, logo após, sobre a cabeça do bebê. Então, ela pegou uma das lâminas de aço e começou a raspar, cuidadosamente, a cabeça da criança, que era muito cabeluda. A mãe do bebê, também sobre a esteira, por vezes virava o rosto, em sinal de nervosismo, talvez pelo temor de que sua filhinha fosse, sem querer, ferida por aquela lâmina.

A avó raspou somente uma pequena parte da cabeça do bebê, aparentando também certo receio de continuar, e logo passou a criança às mãos de sua bisavó que, depois dos mesmos procedimentos com o algodão, a água na cabaça e o sabão, pegou uma outra lâmina e terminou, rápida e habilidosamente, de raspar toda a cabecinha do bebê. Terminado este procedimento, estava encerrado também este ritual e as mulheres, que até aquele momento se mantinham em absoluto silêncio, começaram a cantar, alegres, acompanhando as músicas que estavam sendo cantadas ao lado de fora do quarto.

Figuras 16 e 17: Bacia onde são recolhidos os presentes para o bebê e raspagem de sua cabeça - parte cultural do cerimonial de batismo.



Fonte: acervo pessoal.

Pensei que, com o término deste ritual, estaria encerrada também a festa, pois já começava a se fazer noite e todos já deveriam estar muito cansados, inclusive eu, que queria não dormir tão tarde, pois no dia seguinte teria de ir até a prefeitura para conversar com o prefeito, reunião essa, marcada por Gabi Diam (Gabriel Diène Diam), braço direito do prefeito e também um grande preservador das memórias acerca da formação de *Joal*, desde a ocupação de seu território, até a sua oficialização como uma comunidade. Porém, a festa parecia estar apenas iniciando, pois todos começaram a cantar e a dançar, alegremente, ao toque de batusques e um piano improvisado, durante longo tempo. Como percebi que a festa não terminaria tão cedo, resolvi relaxar e observar o que ainda estava acontecendo.

Algum tempo depois, a maioria dos convidados já havia ido embora e Josephine perguntou se eu queria ir também. Ela explicou que eu poderia ir, se eu quisesse, pois já deveria estar bastante cansada, mas que ela não poderia ir embora enquanto ainda houvesse

algum convidado e que precisava ficar para ajudar a arrumar a casa e lavar a louça. Eu resolvi entrar, porque ao lado de fora pernilongos começavam a incomodar. Entrei no quarto onde havia acontecido o ritual e encontrei algumas crianças e adolescentes, juntamente com os filhos de Josephine, conversando. Eles começaram a me fazer muitas perguntas sobre o Brasil e a tentarem me ensinar a dança típica *Sereer*. Resolvi entrar na roda e dançar um pouco com elas, que ficaram satisfeitas em me verem tentar aprender a sua dança. Enquanto dançávamos, alguém chegou dizendo que o jantar já estava pronto (até aquele momento, eu nem sabia que iria jantar também lá).

Momentos após jantarmos, Josephine preocupada comigo, resolveu nos chamar, a mim e aos seus filhos, para irmos embora. A esta altura, seu marido, que havia ido embora à tarde, já estava de volta para nos acompanhar. Caminhamos bastante até onde morávamos (pois a casa da mãe de Josephine era um pouco distante) e eu pude, finalmente, tomar um banho com o balde que Bernard havia pegado para mim, talvez para me poupar pois, naquele dia, eu estava mesmo muito cansada de toda a correria da semana e eles já sabiam que eu ainda teria de sentar e fazer meus registros do dia. Somente depois de trabalhar em meu computador é que pude me deitar e descansar um pouco deste dia, que havia sido tão cheio e cansativo para mim. Eu tentava imaginar como, então, não estaria Josephine... Tentei dormir o mais rápido possível, apesar de toda minha agitação mental, pois logo amanheceria.

No dia seguinte ao batismo da sobrinha de Josephine, enquanto Bernard me acompanhava até a prefeitura, Josephine foi novamente à casa de sua mãe, onde acontecera o batismo, para ajudar a terminar de fazer toda a limpeza que ainda restara para ser feita. Ela passou todo o dia por lá e, quando retornou, já à tardinha, apesar de muito cansada, aparentava estar também bastante feliz. Ela disse que aproveitou bastante o tempo que precisou ficar na casa de sua mãe a fim de ajudar na limpeza, para se confraternizar com seus parentes que ainda estavam por lá, para relembrar algumas situações e também para colocar a conversa em dia. Apesar de ter o cansaço estampado em sua face, Josephine afirmava lamentar somente o fato de necessitar retornar para casa, porque naquele dia ainda precisaria ir para o porto trabalhar garantir algum dinheiro, pois todas as cotizações que ela havia precisado ajudar haviam a deixado, financeiramente, bastante embaraçada. Afirmou que, se não precisasse tanto do dinheiro que conseguia no porto, preferia continuar na casa de sua mãe, para aproveitar bastante a presença de parentes, que já não tinha a oportunidade de vê-los havia muito tempo. As relações familiares são muito valorizadas neste contexto.

Imediatamente após o nascimento do bebê, outros acontecimentos importantes são o primeiro aleitamento e os primeiros banhos, durante os quais a mãe pode demonstrar todo o seu afeto e cuidado ao recém-nascido. Em muitas ocasiões, principalmente quando se trata de uma “mãe de primeira viagem”, quem costuma dar esses primeiros banhos é a avó materna, uma irmã, tia paterna ou cunhada mais experiente, conforme pude constatar empiricamente quando Josephine se encarregava de ir até a casa de sua sobrinha recém-nascida para lhe dar banho. Para este banho ela utilizou uma pequena toalha que molhava, passava em uma barra de sabão e ia, aos poucos, passando em cada parte do corpo do bebê. Logo depois, ela enxaguava esta toalha e passava novamente por todo o corpo do bebê, para remover o sabão.

Figura 18: Banho e aleitamento do bebê.



Fonte: acervo pessoal.

Outro evento importante em relação ao nascimento e desenvolvimento das crianças nesses primeiros dias/meses de vida é a massagem feita em todo o corpo do bebê, a fim de permitir seu desenvolvimento vigoroso e para fortalecimento de seus músculos e ossos, conforme me foi explicado. Essa massagem, que funciona como um alongamento, precisa acontecer quando o bebê já está com seus três ou quatro meses de vida; sua mãe lhe faz uma vigorosa massagem por todo o seu corpinho. Não foi possível eu observar esta massagem em algum bebê em *Joal*, mas eu assisti a uma vizinha fazê-la em seu bebê, quando ainda morava em uma aldeia em Guiné; confesso que me causou certo incômodo, pois parecia que era forte demais para um corpinho tão frágil.

Mas logo percebi que, talvez, isso se devesse ao fato de possuímos uma concepção de fragilidade muito diferente daquela dos nativos da aldeia de Guiné (e de *Joal*). Nesta

massagem, a mãe amassa e estica, ao máximo possível, cada membro do corpo de seu filho, além de puxar e esticar também sua cabeça, para reforçar o seu pescoço. Logo após, ela pega seu bebê e o deixa algum tempo de cabeça para baixo, pendurado pelos pés, para reforçar também as suas pernas. Se o bebê é o primeiro filho desta mulher, quem se encarrega desta massagem, geralmente, é a avó materna, que pode passar algum tempo na casa de sua filha, a fim de ensiná-la a cuidar de seu primeiro filhinho.

Como as mulheres estão constantemente ocupadas em diversos afazeres, tanto esta massagem, como o costume de deixar as crianças amarradas às suas costas, serve-lhe para que ela, ao estar constantemente com o seu filho, ou ao fazer com que este já tenha o seu corpo firme, não necessite se ocupar tanto dessas crianças, tendo as mãos sempre livres para se dedicarem a outras tarefas. Segundo Josephine contou-me, assim que o recém-nascido tem o seu umbigo curado, ele já pode ser amarrado às costas da mãe, para que ela sinta-se livre para os seus afazeres domésticos, já que, desta forma, a criança pode dormir por longas horas, sem que a mãe precise deixar seus afazeres para cuidar, especificamente, de seu bebê.

É notável como o nascimento e todos os rituais que o seguem é algo bastante festejado e considerado como um acontecimento feliz, na comunidade de *Joal Fadiouth*, tanto por sua família como por toda a comunidade local. Especialmente na etnia *Sereer*, como afirma Thiaw:

Trazer uma criança ao mundo é um evento feliz e promissor. Feliz, porque o recém-nascido é um dom de Deus, como confirma a expressão “*Aa! Rooga cida diw... Obi no yengole*” (literalmente “Deus deu uma criança a... esta noite...”). Promissor, porque criança é um sinal da fecundidade de seus pais e sua capacidade de assegurar a continuidade da linhagem... Para um *Seereer*, a grande infelicidade não é viver sem ter filhos, mas morrer sem deixar descendente sobre a terra. (THIAW, 2005, p. 63)

Logo após o recebimento da notícia tão aguardada, já se dá início a uma grande mobilização para o acontecimento que marcará formalmente a chegada de mais um membro a esta família e anunciará a todos essa grande felicidade: o batismo. As mulheres tomam a iniciativa de fazerem uma cotização entre elas para comprarem as coisas necessárias ao bebê; a isso, em alguns lugares do Brasil, chamaríamos de “chá de bebê”. Todo o enxoval é preparado, juntamente com todas as coisas necessárias para a festa e tudo mais referente ao

batismo da criança, em si. Essas providências, geralmente, ficam a cargo das mulheres do lado materno do pai do bebê.

No caso da família de Josephine, como existe a mesma quantidade de irmãs e irmãos, elas combinaram entre si de que cada irmã ficaria responsável pelo nascimento dos filhos de um irmão, especificamente. Também foram designadas aquelas responsáveis pelo nascimento de cada sobrinho. Porém, com o objetivo de não sobrecarregar somente a uma delas, acabaram acordando que, a cada nascimento, todas cotizariam de igual forma para tudo o que fosse necessário para os gastos da “bacia” do bebê (uma bacia como as que algumas mulheres no Brasil utilizam para banharem seus bebês), na qual todos podem também depositar seus presentes ao recém-nascido, juntamente com todas as outras coisas arrecadadas com a cotização feita entre as tias paternas e avó, para o batismo.

Toda a infância da criança é marcada por outros ritos, visando sua proteção e integração na sociedade. Os principais ritos de infância para o grupo étnico *Sereer*, são: o rito de nascimento (o batismo); o rito dos primeiros passos, que demarca sua primeira separação de sua mãe e, ao mesmo tempo, seu primeiro contato com o mundo exterior; e o rito do desmame, que acontece, geralmente, a partir do décimo sexto mês de vida da criança, quando sua mãe, ao impedi-la de mamar, está cortando as linhas afetivas com seu filho e colocando-o em contato a outras crianças do seu entorno. (THIAW, 2005)

3.5.2 Ritos de puberdade e a iniciação feminina

Conforme afirma Thiaw, a iniciação feminina tem como objetivo

[...] preparar a mulher para assumir suas responsabilidades como futura mãe, de lhe ensinar diversas técnicas rituais e de lhe fazer ascender ao conhecimento da sexualidade, além de fazer dela uma mulher adulta e fecunda. (THIAW, 2005, p.173- tradução própria)

E excisão não é somente oferenda de uma parte do corpo, o clitóris, mas ela é revestida pela maior parte dos povos de África que a praticam, do caráter de um verdadeiro rito de passagem, pois é somente após este rito que a mulher pode ser considerada madura

socialmente. Entre alguns grupos étnicos africanos, esta prática é revestida de mitos e simbolismo, conforme afirma Thiaw³⁷, quando discorre sobre esta questão.

A iniciação feminina através da excisão pode ser considerada um dos aspectos fundamentais de herança cultural para alguns grupos étnicos que ainda a praticam (como o *Diola*, por exemplo). Apesar de ainda ser uma prática comum entre alguns grupos étnicos africanos, sobretudo nos *villages*, ela ainda se constitui um grande paradoxo, sendo amplamente rejeitada por outros. Grande maioria das mulheres às quais pude entrevistar a este respeito afirmou não ser a excisão uma prática comum aos *Sereer*.

No ápice deste ritual, o fervor religioso e a efervescência social atingem dimensões consideráveis, pois todos, desde as iniciantes até os mais velhos que participam deste evento chegam a um estado, quase que de “transe”, cercados pelo barulho dos tambores, de músicas tocadas em trombones feitos de chifres, numa excitação dançante. Neste ambiente, cânticos de “encorajamento” são entoados para as iniciantes, pouco antes do momento no qual será, enfim, efetuada a mutilação dos clitóris das meninas.

Especificamente, segundo alguns depoimentos que pude ouvir, apesar de a circuncisão ser um momento marcante na vida cultural *Sereer*, a prática da mutilação genital feminina parece que, aos poucos, tem deixado de ser realizada e já começa a ser tema de muitas controvérsias e desaprovação por parte de algumas figuras importantes na literatura senegalesa, como o coronel e escritor Moumar Guèye (2011).

Em seu livro “*La malediction de Raabi*” (A maldição de Raabi), escrito em forma de romance, Guèye tenta reproduzir o cotidiano de uma mulher *Sereer*, as principais tradições desta cultura, bem como os infortúnios vividos por elas, ao desenvolver temas como: a violência contra a mulher, a questão da poligamia, a excisão, a pedofilia, a emigração clandestina, o casamento forçado, dentre outros temas pertinentes. Este é também um romance dotado pela virtude de sua didaticidade e por induzir a uma reflexão acerca de alguns temas sobre os quais pouquíssimos ousariam, sequer, tocar na atualidade.

Guèye aproveita-se deste estilo literário, o romance, para descrever, com riqueza de detalhes, um ritual de incisão tal como acontece em alguns *villages* mais tradicionais. Raabi, a personagem principal, deixa Saint Louis, sua vila natal, e é levada ao *village* de seus

³⁷ Ibid., p. 176.

ancestrais, passando, durante este longo trajeto, por vários outros *villages*, (dentre os quais é citado *Joal*), a fim de ser submetida a este procedimento que, até então, ela nem fazia ideia do que se tratava. Depois de dois dias, Já em seu destino, ela é acordada muito cedo por uma senhora que a conduz à floresta, local onde tudo aconteceria: sua mutilação sexual! Numa clareira, ela é recebida por outras quatro mulheres, que escondem seus rostos por trás de um véu negro.

Lá, ela toma um banho com água de raízes e depois é obrigada a se assentar sobre uma pedra, nua, onde uma das mulheres começou a acariciar suas partes íntimas, recitando alguns versos. Ela, então, é orientada a não gritar, não chorar e também a não contar a quem quer que fosse o que iria acontecer ali, a partir daquele momento, pois isto era um caso de honra e dignidade. Esta mulher falava tudo isso, enquanto continuava a acariciar suas partes íntimas, até que Raabi começasse a sentir prazer. De repente, quando Raabi começava a se extasiar com aquelas carícias, essa mesma mulher, com muita rapidez, em num único golpe, corta seu clitóris. A mulher, então, tapa fortemente sua boca para sufocar seu grito de dor, descreve Guèye neste romance.

Também não tive a oportunidade de assistir a um ritual de incisão em *Joal*, pois, segundo as mulheres com as quais pude conversar sobre o assunto, isto não mais acontece nesta comunidade há muito tempo. Mesmo na aldeia onde morei, em Guiné, não me foi permitido assistir à iniciação feminina que aconteceu com algumas meninas no período em que lá residi, mesmo que depois tivéssemos de assisti-las, a pedido de seus pais, pois algumas ardiam em febre.

No caso dos meninos, a circuncisão é realizada em sua saída da adolescência, pois é necessário que ele seja fecundado positivamente pelos ensinamentos de iniciação aos quais ele irá se conformar durante a idade adulta ou quando ele não estiver mais no *village*, conforme assinala Ndiaye³⁸. Geralmente, a circuncisão era efetuada em um grande número de meninos, para garantir um ar de grandeza a este evento e também a consciência de pertencimento a uma comunidade. Atualmente, a circuncisão é realizada ainda nos meninos de *Joal*, mas no *dispensaire* (posto de saúde) local, para garantir maior higiene e segurança a eles.

³⁸ Ibid., p. 33.

Mesmo que a prática da incisão esteja sendo, cada vez mais conhecida em seus detalhes dolorosos, a exemplo do romance de Guèye, ela ainda é observada, sobretudo, em alguns *villages* menos atingidos pelos reflexos da modernidade e fenômenos de urbanização, segundo me afirmaram algumas amigas de Josephine, com as quais pude conversar abertamente sobre o assunto.

Em conversa com essas amigas de Josephine, que trabalham na mesma escola como professoras, foi-me dito que esta não é uma prática comum em *Joal*, mas que talvez ainda aconteça em alguns *villages Sereer* mais distantes e retirados, nos quais práticas mais tradicionais como esta tendem a ser preservadas. Eu, então, aproveitei para perguntar sobre se elas possuíam alguma ideia do porquê de esta prática não ser mais comum em *Joal*, ao que uma delas respondeu a esta questão com a seguinte frase: – “*Le monde a évolué*” (o mundo evoluiu), fala que demonstra certa tensão entre práticas tradicionais e o pensamento moderno. Ela continuou sua resposta, afirmando ser esta uma prática que prejudica muito às mulheres.

Perguntei, então, qual era a opinião delas em relação à excisão feminina e, unanimemente, responderam que não eram de acordo com este tipo de prática, pois trazia muitos riscos à saúde das mulheres. Parece que, além de outros incômodos comuns às mulheres que passam por este procedimento ritualístico e o risco de morte enfrentado pelas excisadas, é acrescentada uma futura dificuldade no momento de dar à luz, pois a pele muito frágil ao redor do clitóris, após sua cicatrização, perde sua elasticidade e tem uma tendência a reabrir durante cada novo parto, acrescentando às mulheres um sofrimento a mais, durante o parto. Segundo Josephine, muitas também sofrem incômodos durante as relações sexuais, além de frigidez.

3.5.3 Dote, casamento e noite nupcial

Na cultura *Sereer*, quando um rapaz se interessa por uma moça, para confirmar se deseja de tê-la como sua noiva, seu pai deveria tomar a iniciativa de, tradicionalmente, se encarregar de enviar, através de um emissário, um presente simbólico conhecido pelo nome de “*degeera caf*” (em *Sereer*), ou “*ce qui sert à couper le pied*” (em francês), que significa, literalmente, “aquilo que serve para cortar o pé”, pois este presente serviria como garantia de que a mão da moça não seria concedida a nenhum outro candidato que aparecesse depois dele.

Uma vez aceito este presente, havendo outro pretendente, ele será preterido em favor daquele que ofereceu este presente simbólico primeiro, afirma Thiaw³⁹. Com o passar do tempo, contudo, este costume de oferecer um presente simbólico à moça que se pretendia como noiva passou por algumas transformações, e este presente passou a ser em dinheiro. Para alguns animistas, segundo Thiaw, o presente de noivado era mais importante que o dote, propriamente dito, pois consistia em serviços prestados pelo noivo ao seu futuro sogro, geralmente, em seus trabalhos agrícolas.

Conforme Josephine e Bernard me explicaram, o dote seria o produto de uma negociação realizada entre os membros masculinos da família da noiva (em geral, o pai, irmãos, primos e tios) e os familiares, também masculinos do noivo, visando uma forma de “compensação” pela “perda” da filha, irmã, prima e sobrinha. Este dote é calculado, geralmente, de acordo com as posses do noivo e de sua família e envolve certo poder de argumentação entre as partes negociantes, de acordo com o que cada uma pode tirar de vantagem nesta negociação: a família da noiva argumenta sobre suas virtudes e, por isso, a impossibilidade de redução do valor estipulado; a família do noivo argumenta sobre sua impossibilidade em conseguir toda a soma estipulada, tentando sua redução, parcelamento ou o aumento do prazo para consegui-la.

Em muitos casos, como aconteceu com Josephine e Bernard, o pagamento do dote se estende, mesmo após o casamento. Parte do dote é destinada à própria noiva, para que com este dinheiro ela possa fazer seu enxoval e a outra parte é dividida entre os envolvidos em sua negociação, segundo me disse Bernard.

Após toda a negociação, o noivo oferece aos presentes a este evento uma semente de cola⁴⁰, que deve passar pelas mãos de cada um. Se, quando a pessoa que estiver de posse da cola, tirar-lhe um pedaço, isso simboliza a sua aceitação ao acordo feito; se não, significa que ela não está de acordo. A vitória é reconhecida através de uma contagem entre aqueles que morderam e os que não morderam a cola, contou-me Bernard.

A virgindade feminina é algo ainda muito respeitado na tradição *Sereer*, no que diz respeito ao casamento. A este respeito, conversei bastante com Josephine, que me contou sobre algumas práticas utilizadas, tanto em sua cultura, como em outras, com o objetivo de estimular a preservação da virgindade feminina até o casamento. Um desses procedimentos é

³⁹ Ibid., p. 123, 124.

⁴⁰ Uma semente semelhante a um caroço de jaca, um pouco mais arredondada e maior. Ela possui um gosto muito amargo e funciona como um símbolo de aliança, para selar compromissos.

a própria excisão que, segundo alguns, leva à falta de prazer durante as relações sexuais, servindo também como prevenção ao adultério.

Outros exemplos utilizados por Josephine para demonstrar a importância da preservação da virgindade feminina é, quando algumas mulheres, após pilarem um tipo de pimenta muito forte, colocam-na sobre as partes íntimas da adolescente que, em agonia, recebe instruções de não fazer sexo antes do casamento, pois a dor durante o sexo seria comparável à dor que ela sente naquele momento, por causa da pimenta. Embora, segundo Josephine, estas estratégias utilizadas com a finalidade de uma preservação da virgindade da moça não sejam frequentes entre os *Sereer*, ainda assim a virgindade, em alguns casos, é usada como “moeda de negociação” em relação ao dote a ser pago à família da noiva.

Devido a procedimentos como estes, afirmou-me Josephine, muitas mulheres já seguem traumatizadas para o casamento, com muito medo de seus maridos, o que torna sua noite de núpcias um momento nada desejado. Em alguns grupos étnicos, se constatada a não virgindade da noiva durante a noite de núpcias, ela pode até ser “devolvida” à sua família e o dote pago pela família de seu noivo deveria ser também restituído.

O casamento tradicional *Sereer* é revestido de um importante aspecto religioso e social no qual, não são dois indivíduos que se unem, mas duas famílias. O dia do casamento, em si, é todo marcado, segundo a tradição *Sereer*, por alguns acontecimentos específicos na casa da noiva, onde ela é preparada, principalmente, para a vida matrimonial.

Como não havia nenhum casamento previsto para acontecer durante o tempo no qual eu estaria em *Joal*, pedi a Josephine que contasse e me fizesse rememorar como foi o dia de seu casamento com Bernard. Ela, então, sentou-se ao meu lado, deixando um pouco seus afazeres e, pacientemente, começou a trazer à memória este acontecimento que tanto lhe trouxe alegria, por se tratar de um sonho que ela realizava, após um relacionamento anterior que tanta dor lhe havia causado.

Na tarde do dia do casamento, Josephine tomou o “banho da noiva”, dado por suas tias. Conforme manda o costume, ela deu às suas tias a roupa que portava antes desse banho. Logo após, o jantar é servido para todos aqueles que já se encontram em sua casa. Josephine morava em uma grande casa, que possuía quatro quartos, além de sala e varanda amplas; nesta casa também havia um cômodo que correspondia à cozinha, onde os utensílios domésticos são guardados, porém, a comida era preparada em um pequeno cômodo, fora da casa.

Após o jantar, um tapete é colocado diante da casa, no qual a noiva, acompanhada por duas de suas primas (geralmente escolhidas por ela mesma ou por sua família), todas as

três, cobertas por um tecido branco sobre a cabeça. Enquanto ainda estão no tapete, os convidados, todos ao redor dele, oferecem conselhos à noiva, acerca de como ela deve se comportar nesta nova fase de sua vida. O objetivo do pano branco sobre as cabeças das três é de que a noiva seja confundida com suas primas e dificilmente reconhecida, pois, a certa altura deste cerimonial, as três saem do tapete e ficam entre os convidados, que tentam identificar a noiva, a todo custo, para dar-lhe pequenos “cascudos”.

Perguntei, então, a Josephine que tipo de conselhos são dados à noiva, enquanto ela está sobre o tapete e ela me respondeu que são, sobretudo, conselhos de como se comportar com seu marido, desde a noite de núpcias, até como deveria agir no dia a dia, sendo sempre uma mulher dedicada e obediente ao homem com quem estaria, dentro de alguns instantes, casada. É também neste momento que algumas mulheres mais velhas tentam tranquilizar a noiva no que diz respeito à sua primeira relação sexual, ensinando-lhe a como serem sempre mulheres sedutoras e prontas para fazerem seus maridos felizes sexualmente. Outros conselhos que a noiva recebe são relacionados ao seu comportamento com seus sogros, relacionamento este, que deve ser de absoluta obediência.

Depois deste “cerimonial do tapete”, se os noivos já possuem uma casa própria, a noiva será conduzida a esta casa. Se não, ela será conduzida à casa dos pais de seu marido, onde a festa continuará. A este momento, o noivo já estará a esperando neste local, no quarto onde deverão dormir, após o término de todo o cerimonial. Lá, se encontram também os convidados do noivo que, antes da chegada da noiva, já se fartaram com o “*cuscus Sereer*”.

Lá também ela é esperada com um tapete na frente da casa e recebida com muitas bênçãos proferidas pelas pessoas que já se encontram presentes. Uma dessas palavras de bênçãos deseja aos noivos, é de que eles possuam um leito sempre “*sale*” (sujo), que significa o desejo de que ele seja frequentado por muitas crianças, que o sujarão. Ao desejar aos noivos um leito sempre “*sale*”, está se desejando, na verdade, que este casal seja abençoado com filhos. É proferida a bênção que deseja à noiva que ela seja como um “*canarie*” (uma espécie de reservatório d’água), desejando-lhe que ela seja sempre como uma fonte de suprimento para a sua futura casa. Após todos estes conselhos, os convidados lançam milho, algodão e sal sobre a noiva, que simbolizam o desejo de prosperidade, pureza e sabor (que, assim como o sal, é a noiva quem deve dar sabor ao casamento).

Antes que a noiva possa, enfim, entrar no quarto onde o noivo a aguarda, como uma forma de “*taquinage*”, o noivo é preso neste quarto, não sendo-lhe permitido que a noiva nele adentre, até que ele consiga pagar certa quantia, uma espécie de “resgate” pela noiva. É

reiniciada uma negociação entre os amigos do noivo e os primos da noiva, por supostamente, perderem o direito de se casarem com sua prima.

Quando toda esta brincadeira termina e o valor é conseguido, a noiva pode, enfim, entrar no quarto onde seu marido está à sua espera, enquanto os convidados continuam a festa ao lado de fora, dançando embalados ao som de muita música e tambores.

A festa, porém, ainda continua no outro dia. A madrinha da noiva, a responsável por auxiliar a noiva em vários momentos na festa, também é a responsável pelo café da manhã, tanto para os convidados que passaram toda a noite festejando, como para os noivos, assim que eles acordam. Esse café da manhã é uma comida que, no caso do casamento de Josephine, foi composta por frango, salada, batatas fritas e suco de *baobab*. Esta comida também é enviada aos pais da noiva e aos convidados que se encontram em sua antiga casa.

Toda a descrição deste cerimonial é válida para o casamento entre cristãos e católicos, conforme afirmou Josephine. Em relação ao casamento entre muçulmanos, a única diferença que deve ser destacada, é de que a noiva deve se trocar três vezes durante a festa (roupas, sapatos e penteado) e, em vez de ser o homem a esperar a noiva, é a noiva quem o aguarda no quarto, ainda com o seu véu, que somente será retirado pelo seu marido, quando este chegar. Segundo Josephine, as demais coisas permanecem as mesmas, salvo que, para aqueles que professam a religião muçulmana, é permitida a poligamia (o homem pode casar-se com mais de uma mulher).

Segundo Thiaw⁴¹, antes da introdução do islamismo no continente africano, a poligamia não era um costume entre os *Sereer*. Teoricamente, um homem somente poderia se casar com várias mulheres, a partir do consentimento de sua família materna. Somente os grandes produtores agrícolas e os grandes proprietários de gado poderiam possuir mais de duas mulheres.

Alguns de meus amigos muçulmanos afirmam que a permissão da poligamia somente é concedida ao homem que deseja possuir muitas esposas, se ele se mostrar capaz de manter, de forma digna, não somente a todas elas (que, segundo alguns deles, deveriam se limitar ao número de quatro), como também a todos os seus filhos tidos com elas.

⁴¹ Ibid., p. 168.

3.5.4 Morte e rituais funerários

Devido ao temporal que caiu desde os primeiros dias que cheguei a *joal*, não foi possível, mesmo com toda a minha insistência, eu ir a um funeral juntamente com Bernard numa certa manhã, quando ele foi prestar suas condolências a uma família. Josephine somente pôde ir mais tarde, depois do almoço; então, aproveitei para ir com ela, pois a chuva, mesmo que ainda caísse, já não era tão forte como na parte da manhã.

Quando lá chegamos, deparei-me, logo na entrada do quintal da casa, com uma enorme cabeça de boi, da qual ainda escorria o sangue que era absorvido pela areia ou misturado às pequenas poças d'água formadas pela chuva. Josephine me explicou que se tratava da cabeça do boi que fora morto para alimentar a toda a multidão que estava na casa da viúva prestando-lhe sua solidariedade. Tão grande era a quantidade de pessoas, que elas precisaram ser distribuídas entre as casas de alguns vizinhos e também em uma escola bem em frente à casa dos enlutados. Havia uma grande tenda sob a qual muitas mulheres estavam sentadas com roupas coloridas, como de costume, em um triste silêncio. Outras mulheres estavam em constante movimentação, para oferecer alguns *sachés* de água ou de biscoitos preparados por elas aos presentes e para prepararem as refeições em numerosos panelões na escola, que serviria para alimentar a todos, enquanto outras cuidavam, diretamente, de assistirem à viúva. Os homens estavam sentados em bancos, também em um silêncio sepulcral prestando, desta forma, suas condolências. Geralmente, existe uma separação tácita no posicionamento de homens e mulheres nessas ocasiões.

Alguns amigos e familiares do falecido preferem utilizar roupas brancas durante o funeral, ao contrário do que acontece no Brasil, onde a preferência é por roupas pretas. Somente a viúva é que pode utilizar roupas pretas, para destacar-se dos demais e também para simbolizar seu luto, segundo o que me foi explicado posteriormente.

Quando adentramos ao quintal, a quantidade de pessoas que havia chamou-me atenção devido a toda a chuva que caía, pois não serviu como empecilho a que todas aquelas pessoas estivessem ali. A multidão não me permitiu uma aproximação para que eu conseguisse identificar a localização e como o corpo do defunto fica dentro da casa. No caso de o morto ser de religião muçulmana, o corpo vai diretamente para o cemitério, bem enrolado em um tecido branco, pois os pertencentes a esta religião não expõem seu corpo em casa, como os católicos, explicou Josephine, enquanto também me desaconselhava a tentar tirar fotos, por se tratar de um momento tão íntimo para a família e alguns poderem se chatear com ela. Percebi até mesmo certa inquietação por parte de Josephine em relação à

possibilidade de eu não haver compreendido bem que se tratava de uma situação especial e que poderia, talvez, vir a deixá-la em uma situação embaraçosa, caso eu simplesmente saísse tirando fotos de todo o funeral, indiscriminadamente. Algumas vezes, ela procurava me manter bem próxima a dela, dizendo-me para somente fazer exatamente aquilo que ela fizesse. Até quando me levantei um pouco do banco onde eu estava sentada na igreja, ela chamou para que eu me sentasse novamente. Talvez, para que minha presença não chamasse tanta atenção.

Depois, ela me explicou que poder tirar ou não fotos dependia muito da família do falecido; sendo assim, eu somente saberia se eu pedisse. Porém, esse seria um risco muito grande, principalmente para Josephine, pois eu estava a acompanhando. Em outros funerais que pude estar também presente, observei a mesma atitude de sua parte, que algumas vezes, me dizia claramente que não ficaria bem eu tirar fotos em um momento como esse. Somente quando ela permitia, é que eu me atrevia a tirar alguma foto. Após algum tempo na casa onde era realizado o funeral, toda aquela multidão se deslocou para a igreja católica, onde ainda seria realizada uma missa, que ficou completamente lotada. Foi somente quando o corpo saiu da igreja para ser levado ao cemitério, que pude perceber que o número de pessoas presentes a este funeral era maior do que eu imaginava. Enquanto as pessoas caminhavam, aproveitei para tirar uma foto.

Figura 19: Primeiro funeral do qual participei em Joal



Fonte: acervo próprio.

De volta à casa onde estava sendo realizado o funeral, o ambiente se transformou: as pessoas riam e cumprimentavam-se descontraídas, em rodinhas de conversas, como se não tivessem acabado de sepultar um ente querido. Se eu chegasse naquele exato momento, a impressão que eu teria, era de estar em uma festa. Deve ser por isso que as pessoas aqui dizem que para os joalianos, tudo é festa. Isso, talvez, deva-se à crença de que após o sepultamento, todos podem descansar e de que aquele que se foi já se encontra bem e num estado de “completa felicidade”, segundo o que foi explicado pelo padre durante a missa momentos antes. Acredita-se que sua alma já pode, enfim, descansar em paz, de fato.

Josephine contou-me que, em alguns casos, quando o falecido é muito velho, a festa é ainda maior, como forma de gratidão pelo bom tempo de uma vida “bem vivida” entre aqueles que o amavam. Este tipo de celebração, segundo Josephine, se dá tanto entre cristãos como entre católicos ou muçulmanos, ou seja, independe de crença, mas faz parte das tradições culturais observadas em *Joal*. O que pude observar concernente ao trato com os mais velhos (tanto em Guiné, como no Senegal), foi uma verdadeira reverência e respeito a esta faixa etária. A velhice é considerada como um sinal de uma vida que valeu à pena e que, sendo farta em anos, indica também, acúmulo de sabedoria. Este é o motivo, segundo Josephine, de festa nos rituais funerários, quando o morto é um idoso. Sempre que se fazia menção de alguém que morrera avançada em idade, a fala não era carregada de tristeza, mas de saudade e bom humor, através da lembrança de momentos bons vividos com essa pessoa. Era assim quando, por exemplo, Josephine me contava sobre seu pai e seus sábios conselhos, e também sobre uma vizinha bem idosa, que vivia “aprontado das suas” com os vizinhos, sempre brincalhona e risonha. A melhor porção nas refeições também é destinada aos mais velhos, conforme me explicaram as gêmeas:

– se houver apenas um pedaço de carne ou peixe, nem devemos tocar, mas deixar que os idosos se sirvam primeiro e nos ofereçam, depois, o que restar – disseram.

Quando chegou minha vez de cumprimentar a viúva, depois de enfrentar uma longa fila que se formou com este objetivo, alguém atrás de mim logo tratou de desviar minha mão para evitar cumprimentá-la ou simplesmente que eu tocasse na viúva, pois isso, além de uma forma de insulto e uma espécie de “mau agouro”, também simbolizando viuvez para quem assim fizer, segundo a tradição. A viúva olhou-me com espanto ao perceber que eu estendera minha mão para cumprimentá-la, parecendo ter ficado um tanto quanto aliviada quando alguém me impediu de fazer isso, talvez por não desejar se mostrar indelicada em não estender também sua mão para mim.

Quando percebi que eu deveria depositar dinheiro na bacia que se encontrava aos pés da viúva, já era tarde demais, pois eu não possuía nenhum dinheiro comigo para colocar. Entretanto, mais uma vez fui “salva” só que, desta vez, pela própria Josephine que, disfarçadamente, me entregou algumas moedas para que eu pudesse depositar.

Essas gafes que fui impedida de cometer “por um triz”, também revelam a possibilidade de alguns erros que o pesquisador, como alguém que também precisa em certa medida interagir em campo, está sujeito a cometer. Principalmente, quando se trata de situações nas quais ele precisa improvisar uma ação ou reação, necessitando diretamente de certa perspicácia por parte de seu ajudante de campo, lhe auxiliando e mostrando a melhor forma de agir, mesmo que, na situação em si, ele não seja capaz de compreender, ainda, as minúcias simbólicas contidas nos acontecimentos e rituais dos quais participa.

Segundo Goffman (1967, p. 17), precisamos entender que a impressão da realidade durante as interações é algo frágil e delicado; qualquer contratempo pode quebrá-la, se o fluxo dos eventos é interrompido, quando valores sociais implícitos, que funcionam como acordos sociais tácitos que regulam os comportamentos daqueles envolvidos nesses eventos, não são devidamente respeitados, seja qual for o motivo. Por isso, quando uma pessoa entra numa situação, ela recebe uma ‘fachada’ a fim de mantê-la (fachada refere-se ao valor social que ela reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem ter sido por ela assumida durante o contato particular), assumindo “a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela”, atentando para que essa ordem que regula esse fluxo seja mantida.

Entretanto, Goffman destaca a necessidade de esta mesma fachada ser preservada diante de possíveis incidentes ou eventos cuja implicação simbólica que possa a ameaçá-la. É justamente no momento de um incidente, que essa fachada precisa ser resguardada, através de alguma estratégia, para que a ordem ritual seja restaurada; esta é a atitude esta que, muitas vezes, já é desejada ou esperada pelos outros participantes neste evento. Possivelmente, foi isso que aconteceu nos momentos nos quais estive prestes a cometer algumas gafes neste funeral, sendo ajudada por algumas pessoas no intuito de que, nem a ordem ritual neste momento fosse quebrada, ao se evitar possíveis constrangimentos, nem a fachada desempenhada por mim fosse prejudicada.

Num outro quintal à parte da área dos cumprimentos, havia grandes bacias de comida sendo servidas e também grandes caldeirões empilhados e já lavados na escola que ficava do outro lado da rua, onde parte da multidão que acompanhava o funeral estava concentrada. Para alimentar a todas aquelas pessoas, seria necessária não somente uma grande soma em

dinheiro, com também um grande esforço e união por parte das mulheres, para a preparação de todas as refeições necessárias a todas aquelas pessoas, enquanto elas permanecessem ali.

Para que todas as pessoas presentes a esses funerais possam ser alimentadas, as mulheres providenciam uma cotização para que o alimento necessário seja comprado e preparado; essa cotização também tem por objetivo auxiliar no sustento à família enlutada por algum tempo, pois ela agora se vê sem o responsável direto pelo seu sustento.

Neste funeral em especial, não consegui fazer nenhuma foto registrando o momento em que as mulheres estão preparando estas refeições, porém em outro no qual também pude estar, consegui fazer estas fotos, muito discretamente, depois da permissão de Josephine:

Figura 20: Mulheres preparando a comida durante um funeral



Fonte: acervo pessoal.

Já em casa, Josephine explicou-me melhor sobre como são feitas as cotizações para ajudar à família enlutada e também o porquê de não se cumprimentar a uma viúva durante o funeral. Disse-me que, a partir daquele dia e durante todo o seu luto (que deve durar seis meses), as roupas da viúva não podem possuir qualquer tipo de colorido e somente são lavadas às sextas feiras. A viúva também não pode utilizar qualquer tipo de adorno que

destaque sua beleza ou feminilidade durante um período que pode ultrapassar aos seis meses iniciais de luto.

Ao dar-me maiores detalhes em relação a todo o sofrimento pelo qual uma viúva, muitas vezes, se vê submetida, Josephine contou-me sobre como testemunhara a agressão sofrida por uma viúva, pelo simples fato de haver saído muito cedo de casa. Ela fora alvo da fúria de um homem que, enraivecido por encontrá-la na rua àquela hora, tomou um pedaço de carvão e arremessou em sua direção, pois, sendo ela uma das primeiras pessoas às quais ele via no dia, isso poderia ser um mau sinal e seu dia seria marcado pelo azar. O simples fato de uma mulher tornar-se viúva faz dela alvo de muitos preconceitos e até mesmo rejeição.

Durante um bom tempo após o sepultamento, a casa da viúva ainda se encontrava com pessoas, que lá permaneciam para lhe fazer companhia, solidárias à família enlutada. Josephine me explicou também que um funeral neste contexto pode durar até várias semanas, durante as quais todos permanecem com a viúva e seus filhos. Os irmãos do falecido desempenham um papel muito importante neste sentido, pois a maior parte da quantia necessária para a manutenção da viúva durante os próximos meses dependerá deles.

Enquanto me contavam esses detalhes a respeito dos funerais, Bernard e Josephine diziam-me para anotar tudo direitinho, porque eu não podia correr o risco de esquecer algum detalhe. Eles me disseram que em alguns casos, no dia seguinte ao sepultamento, alguém se veste com as roupas do defunto e começa a imitá-lo em seu jeito de andar, de falar, de fazer as coisas, tudo isso de uma maneira tão cômica, que chega a arrancar gargalhadas da plateia que, quanto mais habilidoso fosse “o artista” nesta imitação, mais se divertia e, como recompensa, atirava-lhe dinheiro.

A demonstração de solidariedade por parte das pessoas é muito presente, principalmente em situações específicas, como é o caso da perda de um ente querido, ocasião em que todos se mobilizam para assistir à família enlutada da melhor maneira possível, com o objetivo de conseguirem prover tudo o necessário para os dias de funeral, através das cotizações.

Porém, essas cotizações também são realizadas em outros momentos que demandam uma união da família em torno de questão específica. Elas são apenas uma forma de exemplificar a predominância do espírito de solidariedade coletiva demonstrada em diversas situações, sejam elas alegres ou tristes, na vida cotidiana desta comunidade.

Enquanto estive em *Joal*, tomei conhecimento de muitas outras mortes, além daquelas cujos funerais estive presente. Comentando com Josephine e Bernard acerca de

quantas mortes estavam acontecendo, eles demonstraram que existir certo senso comum de ser este período conhecido por eles como “*l’invernage*” uma época propícia a muitas mortes. Participar de quatro funerais, mas ouvi acerca de alguns outros, nos quais não foi possível alguém da família de Josephine estar presente e, por isso, eu também não pude ir. Em alguns destes nos quais pude estar, Josephine sempre se prontificava a, durante o tempo que lá permanecesse, ajudar, de alguma forma, na preparação da refeição. Eu também oferecia minha ajuda, mas sempre atenta a tudo que acontecia ao meu redor.

Diferentemente de todas as outras vezes em que fui a um funeral, em um deles, em especial, precisamos caminhar muito até chegar à casa onde ele acontecia. No caminho, era possível perceber que muitas pessoas também se dirigiam para lá, a pé, o que nos facilitou saber a exata localização do lugar ao qual desejávamos chegar.

Josephine falou-me acerca da importância de, mesmo com todo sacrifício, procurar estar sempre presente a esses funerais, pois sabe que poderá contar com a solidariedade dos outros também, quando chegar a sua vez de passar por uma situação como esta. O lema por trás desse tipo de pensamento poderia, talvez, resumido da seguinte forma: “faça aos outros aquilo que gostaria que fizessem por você”. Mesmo que, a princípio, isto me parecesse uma forma de barganha, quando observei bem este tipo de comportamento, notei que muito mais é feito do que recebido, no fim das contas; se cada um se importasse somente consigo mesmo, muito menos esforço seria feito. Muito mais foram as ocasiões, por exemplo, nas quais observei Josephine sendo solidária e não medindo esforços para ajudar a alguém, do que os momentos nos quais precisou desta solidariedade.

Desta vez, como se tratava do funeral de um muçulmano, não pudemos acompanhá-lo em seu sepultamento e retornamos tão logo possível, até porque, o caminho de retorno seria muito longo... Enquanto caminhávamos, como passamos próximo ao lugar onde estavam localizadas as grandes defumadoras de peixe, aproveitamos para passar por este lugar. Lá os peixes são defumados e vendidos em grande quantidade, tanto para o abastecimento do comércio local, como também com fins de exportação.

Passamos pelas longas mesas onde os peixes eram expostos ao calor intenso do sol para secarem, depois de defumados, Josephine aproveitava para pegar alguns, depois de pedir permissão, dizendo já estar com muita fome. Ela disse que eu pegasse alguns também, mas não me encorajei, ao ver a grande quantidade de moscas que posava sobre eles. Esse peixe defumado é um dos principais ingredientes utilizado para a preparação da maioria dos pratos da cozinha senegalesa.

Continuamos nosso longo caminho de volta para casa e, enquanto passávamos por aquele lugar, observei que, realmente, eram muitas as pessoas que trabalhavam lá, pois a produção deste tipo de peixe seco atende, não somente ao Senegal, mas também a outros países vizinhos, segundo me explicou Josephine.

Figuras 21 e 22: Peixes defumados, secando ao sol



Fonte: acervo pessoal.

Depois de muito caminhar, chegamos em casa, totalmente exauridas pela longa caminhada embaixo do sol, e que sol!. Sempre que chegávamos de algum lugar (principalmente daqueles nos quais precisávamos cumprimentar a muitas pessoas, como acontece nos funerais) Bernard nos incentivava a lavar nossas mãos com um pouco d'água

com sanitária, para evitarmos riscos de doenças contagiosas, como o ebola, por exemplo, dizia, mesmo que nesta comunidade não tivesse sido constatado nenhum caso desta doença.

É muito interessante notar quais são os principais argumentos utilizados como explicações para a morte, neste contexto. Geralmente, a enfermidade com a qual veio a óbito o ente querido não é tão valorizada como uma explicação válida, quanto a desconfiança de que ele tenha sido alvo de algum feitiço, por exemplo. Aliás, a maioria das explicações para os acontecimentos neste contexto, não se fundamentam em explicações de ordem lógica ou facilmente comprovadas cientificamente, mas sim, através de deduções místicas como, por exemplo, através de afirmações de que a morte ou uma grave enfermidade são, ou obra do azar, ou consequência de alguma ação no mundo invisível, geralmente, motivada por despeito ou retaliação como afirma a maioria das pessoas neste lugar.

Em contraponto, certo dia, enquanto voltávamos de um *village* vizinho, Josephine comentou que um grande amigo, pertencente à mesma “*classe d’âge*”⁴² que ela, havia morrido. Perguntei-lhe, então, o que havia acontecido com ele, qual havia sido a causa de sua morte. Josephine respondeu-me que ele estava com malária, mas que não, necessariamente, devemos procurar por alguma causa para a morte, pois “as pessoas morrem quando devem morrer”, independentemente de possuir ou não, alguma doença, pois muitas pessoas contraem malária, mas nem todas morrem, segundo a lógica por ela desenvolvida.

Ou seja, como possíveis causas para a morte são usados argumentos como azar ou sorte, consequência de feitiçaria ou ação de espíritos ou mesmo que as “coisas aconteceram como deveriam acontecer”. De qualquer forma, percebe-se que explicações de ordem científica passam longe de serem as mais utilizadas como explicação para a morte neste contexto⁴³.

Ibrahima Sow (2006), doutor em Ciências Humanas e pesquisador da Universidade Cheick Antha Diop, ao investigar sobre a função social dos *marabouts-divin* (conhecidos como adivinhadores ou aqueles que detêm certos poderes espirituais) mostra como eles são figuras importantes neste contexto, pela crença de que eles possam, não somente predizer o passado e presente, como também, através de suas práticas, intervir em relação ao futuro de seus ‘clientes’, modificando seus destinos. As pessoas acreditam que ao fazer as oferendas ou

⁴² Ou “classe de idade”, é o termo usado para denominar as pessoas que pertencem à mesma geração; “que foram crianças na mesma época”. Geralmente, todas essas pessoas, quando adultas comemoram, em uma só festa, o aniversário de todos os pertencentes à mesma “*classe d’âge*”, com uma grande festa de rua, através da organização de um “*nguel*”, a dança típica *Sereer*.

⁴³ Em Couto (2003) também é possível perceber a maneira singular como a morte é pensada quando, em seu romance, descreve todas as tradições culturais em torno de um ritual funerário.

sacrifícios pedidos pelos *marabouts*, a má sorte e infelicidade podem ser banidas. Em muitos casos, acredita-se também em seu poder de intervenção até mesmo em afastar ou impedir a morte. Assim, essas oferendas teriam o poder de abrirem portas para a sorte e prolongar a vida.

Os rituais mortuários⁴⁴, segundo Sow, teriam a finalidade de preparar o ente falecido para a “vida futura”, para que este não seja encontrado em falta, no “julgamento final”. A morte, assim, é algo que desperta em muitos um grande medo, por não saberem se seus atos são aceitáveis ou não diante de Deus: “de minha parte, eu tenho medo, pois eu não sei se meus atos são agradáveis a Deus” – ou Allah, para os muçulmanos – conforme depoimento colhido por Sow⁴⁵. Essa ideia de “vida após a morte” e “julgamento final” é um ponto de convergência entre católicos, cristãos e muçulmanos, mesmo que haja alguma divergência em relação a como se dará essa vida e julgamento, bem como suas explicações e fundamentações. Pelo medo desse futuro desconhecido (em relação aos muçulmanos, em especial, que se afirmam reticentes quanto ao que os espera após a morte, conforme afirma Sow), grande maioria vive em função de tentar evitar a morte ou prolongar a vida.

3.6 Vínculos sociais, o “encontro” e solidariedade

O exercício, iniciado em Dakar, auxiliou-me muito no tempo que passei em *joal*, lugar onde a vida é muito mais simples e o pensamento é expresso de maneira muito mais concreta. Porém, havia uma nuance que observei na comunidade de *Joal* que, assim como em Dakar, era muito valorizada: as conversas animadas em família ou entre amigos. Só que, nesta comunidade, isto se dava de uma forma muito mais intensa.

As conversas ao redor da mesa cederam lugar às “conversas de roda”, rodas essas que se formavam em torno da bacia com a refeição a ser compartilhada, ou em torno do chá da tarde, ou em torno de alguma reunião para que os detalhes de alguma festa fossem decididos, ou aquelas que se formavam para que fossem planejadas as cotizações, ou mesmo, aquelas “rodas de conversa” que se formavam após os funerais ou festas. Elas se davam em qualquer lugar e a qualquer momento, em torno de interesses ou objetivos comuns, mesmo que estes objetivos fossem, apenas, o de compartilhar, ou aproveitar a companhia do outro.

⁴⁴ Sobre este assunto, ver também: *Nouveaux dialogues des morts*, de Fontenelle (1971).

⁴⁵ Op. cit. p. 65.

Foi muito interessante notar como todas as ocasiões poderiam ser usadas como pretexto para este tipo de “confraternização”. Esses eram momentos nos quais era possível observar o papel do “encontro” e da conversa, como canais de sociabilidade, promoção e manutenção de relacionamentos entre familiares, amigos e outras pessoas que se achegavam, sem qualquer cerimonia a essas rodas de conversa. Sem qualquer combinação prévia, esses ajuntamentos entre as pessoas, simplesmente acontecem.

Essas rodas funcionam como que ímãs, atraindo as pessoas que por elas passam de uma forma que parece tão natural quanto irresistível. Essas pessoas chegam, cumprimentam-se amistosamente, sentam-se sem qualquer cerimônia e já procuram se inteirar do assunto que “está rolando”, para também poderem se incluir na conversa; quando não, as próprias pessoas que já estão na roda, procuram explicar-lhe o assunto, perguntando sua opinião sobre a questão. Mesmo que, em alguns momentos, alguma pessoa pareça sobressair na conversa, logo os outros procuram posicionar-se, de forma que todos, de igual forma, possam manifestar a sua opinião, seja em questões mais banais do cotidiano, seja quando o assunto em pauta demanda que se reflexione um pouco mais sobre cada ponto levantado.

Quando percebi a quantidade de pessoas que poderia se formar em torno dessas “conversas de roda”, percebi também o quanto elas poderiam me fornecer uma rica oportunidade para observar como as pessoas ali pensam, ao contarem sobre seu dia, sobre os projetos para o futuro, sobre alguma situação difícil pela qual atravessavam, sobre suas indignações, alegrias, enfim, sobre coisas de seu cotidiano; que eu poderia começar a compreender melhor, se eu simplesmente, me sentasse com elas para ouvi-los. Praticamente em todos os acontecimentos normais da vida desta comunidade era certo que essas rodas se formassem: desde os rituais de compartilhamento do nascimento até aos rituais de compartilhamento dos funerais. Era muito significativo notar o quanto as pessoas ali presentes valorizavam o “estar com”, ao priorizarem o tempo uns com os outros, principalmente em família, entre amigos ou vizinhos. Isso ficava bem claro para mim, especialmente, ao observar o quanto isso era perceptível na vida de Josephine, que não media esforços para aproveitar cada oportunidade que estas rodas lhe ofereciam.

As rodas das quais eu mais participava eram, geralmente, ou na casa de Bernard e Josephine, depois do almoço, durante o “*thé*”, ou no quintal de um vizinho onde moravam muitas pessoas em casas por ele espalhadas, ou na casa da mãe de Josephine. Geralmente, participavam dessas conversas alguns outros vizinhos, amigos ou parentes que vieram de

Dakar para passarem suas férias da Universidade, ou para as festividades de *Quinze août* ou do *Tabaski*. Nessas rodas, que se iam se formando já durante o almoço, era possível perceber o quanto o que mais “apetecia” aos presentes não era o alimento, em si, mas o que ele representava: uma ocasião para a confraternização e solidariedade, momento no qual o objetivo de cada um não era o de comer mais do que o outro, ou aproveitar a melhor parte, mas compartilhar; não raro, era possível observar que a maior preocupação era a de que todos pudessem compartilhar da refeição, em um único recipiente, de forma igualitária. Muitas vezes, as pessoas pegavam um pedaço do peixe ou do legume com qual havia sido preparado, e depositavam na parte que correspondia a outra pessoa. Geralmente, eram as mulheres que faziam isso, como que fazendo uma distribuição da “mistura”, como diríamos, sobreposta ao arroz ou cuscuz *sereer*.

O efeito de comer todos juntos em um único recipiente favorece a este ajuntamento e ao compartilhamento. Diferentemente de como acontece em boa parte das famílias brasileiras, nas quais seus membros comem em momentos diferentes, em recipientes diferentes, impedindo, desta forma, a esta confraternização às refeições, notei que o fato de poder fazer as refeições juntos, compartilhando o que se tem para comer, faz desses momentos eventos de produção e fortalecimento de laços sociais. O compartilhamento, não somente nessas ocasiões, como também em outras expostas anteriormente, a exemplo das festas e rituais, de uma forma geral, são momentos nos quais é possível perceber uma linguagem não verbal que expressa, através desta prática, o quanto a visão de mundo das pessoas inseridas neste contexto se difere daquela na qual impera uma visão mais individualista de mundo. Essas práticas acabam por gerar laços comunitários, que me pareciam muito valorizados nesta comunidade, de uma maneira especial.

Na casa de nosso vizinho, um grande quintal onde moravam muitas famílias, estavam três irmãos, que aproveitavam esta época para passarem algum tempo com a família, pois, todos os três não costumam passar muito tempo em *Joal*, devido às suas responsabilidades: um já havia terminado quase toda a preparação oferecida pela igreja católica para os aspirantes à carreira religiosa como padre; os outros dois estudavam na Universidade de Dakar, um fazendo Arqueologia e o outro Letras. Todos os três me ajudaram bastante como puderam em minha pesquisa, fosse contribuindo com suas opiniões a respeito de meu tema de pesquisa, fosse me acompanhando a algum lugar para entrevistar alguém ou me levando para conhecer a lugares citados por alguns anciãos, como por exemplo, aqueles

onde os *Sereer* teriam chegado, pela primeira vez, para ali se estabelecerem. Porém, qualquer outro lugar ou momento que pudesse possibilitar a esses encontros, fosse tomando o “*thé*”, em alguma festa ou mesmo num funeral, estas oportunidades eram sempre aproveitadas para que conversas descontraídas fossem travadas. Algumas dessas conversas se tornavam tão profundas, que era possível perceber isso no semblante reflexivo das pessoas, principalmente quando eu lhes perguntava a respeito do sentido da felicidade para elas. O elemento mais valorizado, nesses casos, era a companhia dos outros.

Figuras 23 e 24: Conversas de roda entre familiares, vizinhos e amigos; uma roda de conversa, compartilhando o “*thé*”.



Fonte: acervo pessoal.

“Aqui, ninguém é feliz sozinho”, é a ideia que passam quando demonstram o quanto valorizam a companhia e amizade uns dos outros. Inclusive foi exatamente esta a ideia expressa por um costureiro local, quando lhe pedi para que me dissesse como ele percebia a felicidade. Ele disse que na comunidade de *Joal*, todos se conhecem e se cumprimentam; que não era como ele ouvia a respeito de alguns países europeus, por exemplo, como tomou conhecimento através de alguns amigos que encomendam suas costuras, moradores desses países que, nem ao menos conhecem aos seus próprios vizinhos e nem tem quase tempo para o lazer, de tanto que trabalham. O nome de seu atelier de costura era muito curioso: “*Le bonheur des dames*” (a felicidade das mulheres). Quando lhe perguntei acerca de sua motivação para colocar este nome em sua loja, ele me respondeu que, nesta comunidade, a felicidade das mulheres estava em poder se vestir bem, de se sentirem belas, mesmo com todo esforço e labuta diários.

Muitas vezes, essas rodas podem ser razoavelmente, pequenas, porém em outras, podem agregar a tantas pessoas, que fica difícil saber de onde vieram tantas pessoas. Alguns dos homens que ali chegaram não pertenciam à família, mas demonstravam também esperar que o jantar ficasse pronto. Determinada tarde, eu estava na casa dos vizinhos, já aguardando que se formasse a “roda de conversa” que ali acontecia de maneira tão natural, muitas vezes, (como se todos tivessem marcado horário para ali estarem), quando percebi a grande quantidade de pessoas que ali já estava. Então, aproveitei para observar a dinâmica social formada em torno dessa roda e também para procurar saber qual era a noção de felicidade de cada um ali.

Foi interessante notar o estranhamento por parte de algumas pessoas quando eu lhes colocava esta questão. Em sua maioria, essas pessoas me diziam que nunca, antes, haviam parado para pensar nesta questão ou em definir o que significava a felicidade para si mesmas. Desta forma, percebi que eu precisava recolocar a questão, de uma maneira que elas pudessem expressar seus pensamentos, evocando palavras ou expressões que elas mesmas utilizavam como sinônimos de uma vida feliz. Por exemplo, quando as pessoas colocavam que ser feliz era estar em paz consigo mesmas e com os outros, eu devolvia a questão, perguntando o que, ou em que circunstâncias, exatamente, elas poderiam se encontrar em paz consigo mesmas e com os outros. Desta maneira, eu poderia me aproximar, não somente de

seu pensamento a respeito do que significava uma vida feliz, como também, de uma compreensão acerca de, através de que práticas essa felicidade poderia ser percebida.

Cada um procurava ouvir atentamente a opinião do outro para, a partir de sua fala, poder pegar algum gancho para respaldar sua própria opinião ou para começar a justificar a sua discordância. As questões ali levantadas eram de uma profundidade tão grande, como se todos quisessem saber se, de fato, a felicidade pode ter uma definição conclusiva. Eu procurei mostrar-lhes que nosso objetivo naquele momento não era, propriamente, o de chegar a alguma conclusão a respeito do assunto, mas o de encontrar os caminhos pelos quais cada um percorria, através dos quais poderiam sentir-se felizes.

A maioria das opiniões oferecidas a respeito da noção de felicidade girava em torno dos elementos essenciais às suas vidas, para que se tornasse possível se afirmarem como pessoas felizes, como por exemplo: paz, tranquilidade, saúde, a companhia e a fraternidade da qual podiam gozar entre familiares e amigos, o alimento, que sempre era compartilhado com todos, indistintamente, a exemplo daqueles que chegavam ao grupo naquele instante e podiam participar da refeição, sem qualquer constrangimento, disseram alguns.

Porém, uma, dentre todas as respostas, chamou a atenção de todos, que passaram a procurar compreender o seu ponto de vista, colocando-lhe questões ou fazendo algumas considerações que serviam como uma forma de contraponto àquilo que fora dito. Um dos três irmãos que estavam passando suas férias universitárias ali, afirmou que, em sua opinião, era impossível alguém dizer-se feliz sendo pobre. O seu grande desejo na vida era, assim, ganhar bastante dinheiro, para não ter mais de vivenciar certas situações e poder mudar a sua situação e a de sua família. Seu argumento era o de que, com o dinheiro, seria muito mais fácil conseguir todas as coisas que acabaram de ser citadas até aquele ponto da conversa.

A este argumento, muitos dos presentes rebateram, dizendo que não eram ricos, porém possuíam tudo de que necessitavam para serem felizes e, em contrapartida, muitas pessoas muito ricas, dariam todos os seus bens para possuir aquelas coisas (ou algumas delas, como a saúde, por exemplo), mas não conseguiam. Porém, em relação a isto, aquele rapaz argumentou que muitas pessoas daquela comunidade não possuem saúde, justamente, por falta de dinheiro e de uma vida mais digna. Se aquelas pessoas pudessem ter dinheiro poderiam ter, também, algumas condições mínimas de sobrevivência o que, segundo ele, não aconteceria com grande parte da população que vive em toda a África, de uma forma geral.

A maioria das outras pessoas também replicou a este argumento, afirmando que, apesar de pobres, gozavam de plena saúde e que ele não deveria generalizar tanto como estava fazendo. Algumas pessoas argumentaram também que é muito difícil alguém ser feliz, se estiver cheio de preocupações pois, muitas vezes, com o dinheiro, vem também muitas preocupações.

Uma das pessoas presentes questionou sobre a possibilidade de alguém realmente ser feliz, se esta felicidade viesse através da infelicidade de outros. Pois ele afirmava conhecer algumas pessoas que, para conseguir riquezas, precisaram fazer algum tipo de oferenda e que, muitas vezes, essas oferendas se tratam de vidas humanas, em algum ritual de feitiçaria, e essas pessoas deveriam morrer assim que a riqueza fosse alcançada. Ele perguntou se seria justo alguém ser feliz em cima da infelicidade de outros. Em alguns momentos, o rapaz que defendia a ideia de que era impossível ser feliz sem dinheiro saía da roda, inquieto, voltando depois de certo tempo. O debate continuava, mesmo sem sua presença, nos momentos em que ele saía. Numa de suas voltas, ele afirmou, categoricamente que esta era a sua opinião final e que ele faria de tudo para conseguir ganhar bastante dinheiro nos novos negócios que ele começava a empreender.

As pessoas passaram, então, a tentar eleger uma ordem de prioridade entre os elementos citados como necessários a uma vida feliz. Como já era tarde e eu ainda estava “na rua”, Bernard foi até a casa onde eu me encontrava, conversou conosco um pouco e, depois, percebendo que ele estava um pouco inquieto, resolvi agradecer muito à colaboração de todos, e voltar com ele para casa. Despedi-me de todos, afirmando que suas contribuições foram muito relevantes para mim e que não havia opinião certa ou errada, mas que o importante era respeitarmos as opiniões de todos, pois todas são válidas, mesmo quando discordamos de alguma coisa.

Essas rodas de conversa desempenham um papel social muito importante: nelas as pessoas se socializam, contam sobre acontecimentos ocorridos durante o dia, suas aspirações, compartilham sonhos, dificuldades, planejam para o futuro, discutem sobre assuntos da vida, contam histórias, trazem à memória acontecimentos agradáveis; também é nessas rodas que as principais tradições culturais são preservadas e transmitidas de geração a geração.

A solidariedade demonstrada em qualquer ocasião aproveitada para a formação dessas rodas de conversa que se formavam, também, em qualquer ocasião da vida cotidiana

ou manifestações culturais tradicionais, era regada, também, por algumas atitudes de demonstração de gratidão, em retribuição a alguns gestos solidários. Por exemplo, a simples presença e ajuda oferecida em ocasiões tradicionais, desde os ritos de nascimento, aos rituais funerários (assim como, também, na distribuição de alimento entre familiares, amigos e vizinhos como no *Quinze août* e *Tabasky*, quando ele é repartido), simbolizava o desejo de retribuição por alguns atos solidários anteriores recebidos. Nesses momentos, era notória uma mistura de solidariedade e sentimento de gratidão, que movia as pessoas.

3.7 Festas como “eventos de felicidade”

A maioria de meus entrevistados afirmou existir alguns eventos que caracterizam a maneira através da qual as pessoas na comunidade de *Joal* são felizes. Alguém chegou a afirmar que a “felicidade joaliana” é composta por alguns “*événement de bonheur*” (situações ou acontecimentos que trazem a felicidade) e que alguns desses eventos que marcam fortemente a vida das pessoas de *Joal*, são as festas.

Dois das festas importantes das quais participei enquanto estava em *Joal* foram: a de “*Quinze août*” (Quinze de agosto), uma festa católica, na qual os pertencentes a este credo comemoram a “ascensão de Maria” e a do *Tabaski*, uma festa muçulmana, na qual os professantes deste credo comemoram a substituição de Isaque por um cordeiro, quando ele teria sido pedido por *Allah* a seu pai, Abraão, como sacrifício. Estas são duas festas nas quais, tanto católicos e muçulmanos se veem envolvidos, pois a vida da comunidade durante seus preparativos, simplesmente, parece girar em torno delas.

As semanas que antecedem à festa de *Quinze août* são semanas nas quais estão todos voltados para os seus preparativos. Todos estão sempre envolvidos, de alguma forma: seja aproveitando a ocasião para engrossarem seus lucros no comércio (na venda de produtos de todos os gêneros para a festa), na confecção de roupas novas, nos ensaios das crianças para a grande apresentação de seu recital e venda dos ingressos, na compra de novas perucas ou na preparação dos mais diversos penteados, no deslocamento para seus *villages* de origem para passar este dia com a família, enfim, esta é uma festa que mobiliza a todos nesta comunidade. Mesmo as famílias mais simples procuram se preparar da melhor maneira possível para esta festa. No entanto, as mulheres são as que mais se envolvem para a sua realização.

Durante os dias que antecedem esta festa e, mesmo durante alguns dias após, são realizadas muitas manifestações culturais, como os “*nguels*”, a tradicional dança *Sereer*, que são apresentados em grandes terrenos nos quais grandes aglomerações se acumulam para assistir; e a luta *Sereer*; o desfile da “miss *Joal*”; algumas feiras especiais que permanecem em *Joal* somente durante este período; shows com a apresentação de alguns cantores renomados no Senegal, dentre outros acontecimentos culturais, planejados exclusivamente pela prefeitura local, através do departamento responsável pelo setor cultural. Durante esses dias a comunidade de *Joal* fica completamente tomada de pessoas de outras localidades: turistas, antigos moradores da comunidade, pessoas vindas em visita a parentas e amigos. Esta festa acaba funcionando como um veículo promotor de encontros, conversas, confraternizações e demonstração de solidariedade.

Muitas pessoas originárias da comunidade de *Joal*, que moram em outras partes do país são ansiosamente aguardadas durante esses dias. Esta acaba sendo uma grande oportunidade para reuniões familiares, e confraternizações. As mulheres ficam, praticamente, o dia inteiro preparando uma grande quantidade de pratos especiais, à espera de seus parentes e também de outros visitantes, que aproveitam para ir, de casa em casa, saudarem aos amigos e comerem uma comida diferente. É frequente ver as mulheres desfilando com suas roupas novas, seus penteados ou tranças dos mais variados tipos, preparados especialmente para esta ocasião. Baba Louis, um dos anciãos mais respeitados na localidade e que eu havia conhecido enquanto ainda morava nesta comunidade, me convidou para passar o Quinze août com sua família. Porém isto não foi possível, pois amanheci naquele dia com uma grande indisposição e dor de cabeça. Eu me esforcei para ir à sua casa, nem que fosse somente para cumprimentá-lo mas quando cheguei ele já se encontrava na missa que era celebrada na igreja católica. Na volta para casa, percebi o quanto as ruas estavam vazias; isto indicava que grande parte das pessoas, a exemplo de Baba Louis, estava na missa. Somente algumas mulheres permaneciam em casa, para adiantarem o almoço.

Quando cheguei em casa, Josephine já estava terminando de preparar um prato especial para o nosso almoço e também para compartilhar com as pessoas que fossem nos visitar. Para esta refeição, como era ocasião de festa, ela matou algumas das galinhas que criava em seu quintal (o frango, neste contexto, somente é comido em ocasiões muito especiais, pois seu custo é muito alto).

À noite, como eu já me sentia melhor, fui com Ramon e seu primo até a praia de *Fadiouth*, pois eu estava devendo a eles este passeio já fazia algum tempo. Aproveitei que encontramos Bernard no caminho de volta para casa e de que ele estava acompanhado por um amigo que viera visitá-lo, e pedi para irmos à casa de Baba Louis, pois eu ainda desejava cumprimentá-lo naquele dia, já que eu não havia conseguido isso pela manhã.

A caminhada de volta estava sendo, realmente, difícil, devido à grande quantidade de pessoas nas ruas, vindo em direção contrária, talvez, para ver o show que acontecia ali próximo, ou indo à Ilha de *Fadiouth*. Uma comunidade considerada pacata na maioria do tempo, agora se via irreconhecível, devido à festa de *Quinze août*. Isso demonstra que as festas são também ocasiões de (re)encontros, de reforço de vínculos sociais e da solidariedade.

Outra festa muito marcante em *Joal* é a festa do *Tabaski*, comemorada pelos muçulmanos de todo o mundo. Grande parte das famílias compra ou cria seus próprios *moutons*, com a finalidade de sacrificá-los neste dia. A maioria dos noticiários senegaleses daquela semana falava a respeito do preço dos *moutons* que naquele ano, parecia bater todos os recordes, fazendo com que muitas pessoas não conseguissem compra-los ou tivessem de se contentar com um bem menor do que haviam imaginado.

Já era de meu conhecimento que este sacrifício é realizado em cada família através de todo um ritual específico. Como a família com a qual eu estava hospedada, assim como também nossos vizinhos mais próximos não eram muçulmanos, eu precisaria, assim, da permissão de alguma família conhecida para registrar o momento do sacrifício do *mouton*. Eu acabei por conseguir esta permissão através de um dos primos de Ramon, que conversou com sua mãe sobre minha intenção, pois ele passa o *Tabaski*, todos os anos, na casa de alguns parentes. Sua mãe, então, foi quem providenciou esse consentimento. Só havia um pequeno problema: como eu não possuo muita intimidade com sangue, precisava de alguém que se comprometesse a filmar para mim o momento do sacrifício do animal. Assim, eu treinei o primo de Ramon para me auxiliar e lhe dei algumas instruções sobre como ele deveria fazer.

Quando chegou o dia determinado, fomos juntos, bem cedo, para a casa na qual o primo de Ramon passaria o *Tabaski*. Enquanto caminhávamos, percebi que, ao contrário do que acontecera na véspera daquele dia, todo o comércio estava completamente fechado, com pouquíssimas pessoas ainda caminhando pelas ruas, exceto alguns homens que, talvez,

estivessem em retardo para a parte cerimonial que acontecia na mesquita. Como o acesso de mulheres às mesquitas é muito restrito, sobretudo a uma estrangeira não muçulmana, acompanhar ao que era lá realizado seria praticamente impossível.

Chegando lá, logo na frente da casa se encontrava o *mouton* que deveria ser morto. Fui apresentada a algumas pessoas da casa, que ainda tomavam café. Ratifiquei com a dona da casa meu objetivo de assistir a tudo o que aconteceria durante os preparativos para a comemoração dessa festa. A dona da casa confirmou sua permissão e me deu uma cadeira para que eu me sentasse, enquanto aguardava homens da casa chegarem da oração que era realizada na mesquita, pois são eles os responsáveis por matar o *mouton*. As mulheres, desta vez, tinham de aguardar que os homens fizessem a sua parte primeiramente para, só então, entrarem em ação.

Enquanto eles não chegavam elas iam preparando as outras coisas que acompanhariam o prato principal: a carne do *mouton*. Sua carne seria também compartilhada com vizinhos, parentes e amigos. Esta forma de compartilhar o *mouton* é tão levada a sério que, durante alguns dias tivemos carne de *mouton* para comer (além de muitos pratos já preparados, que muitas pessoas compartilharam com meus amigos). Bernard e Josephine pareciam muito felizes em poder me oferecer carne durante alguns dias, pois não paravam de chegar pessoas para compartilharem seus *moutons* conosco, ainda mais que sabiam que esta não era uma prática comum entre cristãos ou católicos.

Quando, finalmente os homens começaram a chegar, trocaram suas roupas e foram logo providenciando todas as coisas necessárias para a morte do *mouton*: (1) o fação com o qual o degolariam, (2) uma tábua para que, depois de morto, depusessem o seu corpo, (3) uma pequena enxada com a qual seria aberto um buraco na areia para que o sangue do animal escorresse. Tomados todos esses procedimentos, um rapaz, que parecia comandar tudo, foi até o *mouton* desprende-lo e trazê-lo para o lugar onde ele seria morto.

Quando percebi que o momento do degolamento estava para acontecer em instantes, procurei pelo adolescente que havia ido comigo, que até aquele momento estava bem próximo a mim, para que ele assumisse a filmagem deste evento, mas não o encontrei. Como não o encontrasse, resolvi que enfrentaria minha aversão a sangue e que, eu mesma, filmaria aquele momento. Tudo aconteceu muito rápido e, por incrível que pudesse parecer, não tive qualquer reação que eu pensei que teria ao testemunhar a morte daquele animal. Enquanto um rapaz

matava ao *mouton*, havia a presença de um homem ainda com as roupas com as quais havia ido à mesquita, que parecia fazer algum tipo de reza.

Depois de morto o *mouton*, o rapaz que o degolou (que mais tarde tomei conhecimento se tratar de um açougueiro que muitas pessoas contratavam, especialmente, para matar *moutons* na ocasião do *Tabaski* – aliás, dali ele saiu apressado dizendo que ainda teria outros *moutons* a matar) o corpo do animal foi levado para a tábua que já estava preparada, para que todo o restante da limpeza de seu corpo fosse feita: desde o seu “descamisamento” (linguagem militar), retirada de testículos e vísceras até o corte de seu corpo em pedaços.

As mulheres aguardavam com tudo já preparado para fritarem o fígado e um pouco de carne para a refeição de todos. Assim que os primeiros pedaços de fígado terminaram de ser fritos, alguém logo preparou um prato com eles e trouxe para mim, juntamente com um molho preparado à base de cebola, mostarda e pimenta. Neste evento foi possível perceber clara uma distinção entre as funções das mulheres e dos homens: os homens matam, retiram o sangue, abrem o animal e retiram suas vísceras (separando entre aquelas comestíveis ou não) e partem todo o animal em pedaços; as mulheres (que segundo me foi explicado, não lhes é permitido matar qualquer animal que seja, pois não podem derramar sangue), ficam responsáveis pela preparação não somente da carne do animal morto, mas também de todo o acompanhamento, em servi-lo, assim como também, são elas que se preocupam na forma como será compartilhado entre vizinhos e amigos.

Depois que o rapaz que comandava tudo (que descobri ser o filho da dona da casa), terminou de limpar o intestino do animal, ele pôde, enfim, conversar um pouco comigo a respeito do que eu acabara de testemunhar. Ele me disse que eles fazem questão de compartilharem seus *moutons* com os católicos, pois isso funciona como uma forma de “revanche” por eles compartilharem de seus alimentos preparados para as festa da páscoa.

Quando cheguei da comemoração do *Tabaski*, ainda precisei lavar roupas, pois eu não havia conseguido antes, devido a toda a correria daquele período, tendo de sair todos os dias para fazer alguns contatos. Por isso, aquele dia foi bastante cansativo, assim como outros nos quais eu precisava também lidar com alguma “questão doméstica”, como limpar e arrumar o quarto, por exemplo, e ainda trabalhar no registro de dados recolhidos em minhas saídas.

Figura 25 e 26: animal sendo “inflado” para o descamisamento; Mouton já descamisado, sendo cortado.



Fonte: acervo pessoal.

3.8 Ossos do ofício de etnógrafo: dificuldades/oportunidades inerentes ao trabalho de campo

Sem dúvida alguma, mesmo que muitas coisas me fossem familiares em meu campo de pesquisa, é certo que as circunstâncias agora vivenciadas por mim eram totalmente novas, a começar pelo objetivo pelo qual eu me via na comunidade *Joal* desta vez. Apesar de algumas mudanças, a maioria das coisas em relação aos costumes locais permanecia sem grandes alterações. A única diferença era a maneira de eu enxergar as coisas agora, além do

fato de eu poder observar tudo a partir de uma situação completamente nova para mim: estar diretamente com o nacional no seu dia a dia, em sua casa; só isso, já fazia toda a diferença!

Grande parte das dificuldades que enfrentei neste tipo de pesquisa advinha de minha decisão de não ficar hospedada em alguma pousada ou pensão próxima, mas de, já a partir do lugar onde eu ficaria hospedada, na casa de pessoas com as quais desenvolvi amizade por ocasião da primeira vez que morei neste lugar como missionária, e sob estas condições poder observar, de todas as formas possíveis, como as pessoas ali lidam com a noção de felicidade e como tal pode ser expressa através de palavras, comportamentos ou na demonstração de valores e de gestos que pudessem sinalizar possíveis caminhos para a sua compreensão e em formas corporais.

Assim como todas as decisões que tomamos na vida acarretam determinadas consequências, as decisões e caminhos que escolhemos seguir no desenvolvimento de um trabalho de campo, muitas vezes, podem ser cruciais para os resultados que obteremos, de acordo com os objetivos propostos. Saber lidar com estas consequências, algumas delas indesejadas em determinado momento, também constitui parte integrante do trabalho de um pesquisador que deseja sair de sua zona de conforto e aprender com os possíveis equívocos. Ao final, tudo é uma grande aprendizagem pois, se ao fim de tudo chegássemos à conclusão de que as decisões que tomamos não foram realmente as melhores, não foram os melhores caminhos, só este reconhecimento já terá valido à pena, pois terá nos induzido a um auto conhecimento, indispensável para que possamos também trabalhar com outras identidades.

Não digo estas coisas porque tenha chegado à conclusão de que a decisão de morar diretamente com os nacionais tenha sido precipitada ou porque teria reduzido as possibilidades em relação à minha pesquisa. Pelo contrário! Com as afirmações anteriores, eu somente desejo destacar que o campo de pesquisa nos leva a constantes decisões e elas, por sua vez, podem “facilitar” ou “dificultar” o trabalho desenvolvido pelo pesquisador, devido ao simples fato de que toda ação desencadeia consigo, também, uma reação (segundo a “boa” e ocidental lógica cartesiana). Cabe salientar também, que nem sempre aquilo que parece que nos facilitará será, de fato, o melhor caminho a seguir e, nem sempre aquilo que, inicialmente, parece dificultar será, de fato, um caminho equivocado a seguir.

Existem duas formas de aprendermos as coisas: a da maneira mais fácil e a da maneira mais difícil. A mais fácil, é através dos erros dos outros; a mais difícil é através de

nossos próprios erros, “quebrando a cara”, como diria um amigo. Este é um pensamento muito válido em todo processo de amadurecimento, inclusive o profissional, que tem sido muito válido para mim. Muito do que passo a descrever aqui é com o objetivo de deixar registrados os caminhos pelos quais eu passei se é que, porventura, este conhecimento possa servir, de alguma maneira, a outros caminhantes que venham após mim.

A maior parte das dificuldades por mim encontradas, como já afirmado, advinha do fato de eu estar hospedada diretamente com um nacional. Sendo assim, eu precisava estar submetida “às regras da casa” e, para isso, a primeira coisa que eu precisava compreender, era como funcionavam essas regras. Estas regras da casa podem ser compreendidas de forma literal, mas também, como a compreensão do funcionamento de toda a questão cultural que as sustentava. Isso também era algo muito relevante para a própria compreensão de como eles lidavam, no dia a dia, com a concepção de felicidade, mais do que, simplesmente, o que eles poderiam afirmar a respeito.

Estar morando, diretamente, com um nacional, nas condições específicas nas quais viviam, trazia grandes dificuldades, mas também grandes oportunidades para o trabalho de campo por mim desenvolvido.

Primeiramente, eu gostaria de discorrer um pouco acerca das dificuldades encontradas em um trabalho de campo desenvolvido desta maneira. Somente o fato de eu me encontrar em um contexto no qual eu não poderia contar sempre com alguns recursos tecnológicos simples, que iam desde algumas facilidades às quais, antes, eu considerava indispensáveis, como água encanada e energia elétrica, até a dificuldade em relação à comunicação com o Brasil. Porém, a todas essas dificuldades obtive ajuda de vários amigos aqui, para que fossem superadas, da melhor maneira possível.

Mesmo com toda ajuda, porém, algumas dificuldades encontradas pareciam se multiplicar, pois esta nova realidade fazia com que muito mais tempo e energia precisassem ser empenhados por mim em algumas atividades mais simples do cotidiano, além de precisar haver um maior confronto interno entre meus próprios hábitos e valores e aqueles que eu não somente observava, mas também deveria começar a me submeter durante o tempo de pesquisa ali.

A observação do quanto a situação agora era bastante distinta daquela que vivenciei anteriormente quando morei nesta comunidade era óbvia pelo simples fato de eu estar morando diretamente com um nacional em sua casa, me vendo submetida a algumas situações antes desnecessárias, porque eu morava em uma casa preparada “para estrangeiros”, o que, muitas vezes, podia camuflar uma melhor percepção da realidade.

Minhas dificuldades começavam já no café da manhã. Por ter passado grande parte de minha vida tendo de me levantar muito cedo para estudar ou trabalhar, eu nem conseguia tomar café da manhã, na maioria das vezes. Este costume de não tomar café da manhã e, mesmo quando eu tinha a oportunidade de tomá-lo, ele consistir apenas em algo muito leve, por incrível que possa parecer, me trouxe grandes dificuldades quando me vi inserida em um contexto no qual o “*petit déjeuner*” (ou, literalmente, pequeno almoço) era bastante reforçado, com ingredientes aos quais eu não estava acostumada e aos quais também, por vezes, meu paladar rejeitava.

O café da manhã, muitas vezes, é composto por pequenas refeições ou um grande pedaço de pão comprado na *boutique*⁴⁶ mais próxima, recheado com o que tiver sobrado do jantar: molho de peixe, de amendoim, com macarrão cozido com lula, etc., pois esta é, muitas vezes, a refeição mais reforçada do dia, já que o almoço era servido em um único recipiente para todos os membros da família, o que faz com que a porção individual não seja muita.

O pão vinha embrulhado nos mais diversos tipos de jornais, vindos de vários outros países do mundo. Nas boutiques, eles são expostos, geralmente, ao ar livre, o que significa que muitas moscas pousavam sobre ele. Certa vez, tentei passá-lo um pouco no fogo (em um pequeno botijão utilizado para cozinhar à noite, geralmente), mas percebi que, além de minha atitude causar bastante estranheza (talvez porque meus anfitriões tenham percebido minha intenção), eu atrapalhava a todos, com minha falta de jeito ao precisar de ajuda, inclusive, para acender o fogo; qualquer coisa diferente que eu quisesse fazer na cozinha, como fritar um ovo, por exemplo, fazia com que as gêmeas e Josephine tivessem de deixar seus afazeres para me auxiliar e ficassem preocupadas comigo, demonstrando certa confusão em seus semblantes, pois faziam de tudo para me agradar. Certa vez, quase estraguei toda a farinha de

⁴⁶ Geralmente, um pequeno cômodo de alguma casa, voltado para a rua, onde são vendidas algumas utilidades domésticas, como: alho, cebola, leite em pó, extrato de tomate, sal, açúcar, óleo, pimenta, arroz, peixe seco, sabão em pó (tudo já colocado em sacos plásticos, contendo uma quantidade tão pequena, que, muitas vezes, somente é possível utilizar uma única vez). É também nestas “boutiques” que podem ser comprados os pães.

cuscul da família, quando quase deixei cair água nele, com minha mania de lavar a todos os recipientes que eu precisaria, antes de fazer qualquer coisa.

Para a higienização das mãos antes do almoço, é utilizada uma única vasilha com água, na qual todos lavam suas mãos, pois todos, exceto Bernard e eu, comem com as mãos. Este é também um aspecto importante, no que se refere à noção de higiene: as pessoas, neste contexto, acreditam ser mais do que suficiente o ato de lavar as mãos em uma vasilha, na qual a mesma água é compartilhada por todos. A lavagem das mãos, desta forma, acontece mais como um ritual, do que propriamente como um ato de higienização, conforme uma compreensão baseada nos padrões ocidentais. Minha vantagem era a de, como “visita”, ser concedido a mim o “privilegio” de poder ser a primeira a lavar minhas mãos. Por isso, esta parte não chegou a afetar a minha “sensibilidade ocidental” em mim internalizada, quanto à diferente maneira de lidar com o conceito de higiene.

Durante todo o tempo que eu passei fazendo minha pesquisa nesta comunidade, todas as refeições que eu fazia feitas na casa de meus anfitriões, embora outros estrangeiros que por lá passaram preferissem fazê-las na casa da voluntária brasileira que mora também nesta comunidade. Essas refeições são compostas, geralmente, por peixe, arroz, e alguns poucos legumes, a serem compartilhados com todos, na maioria das vezes, ao ar livre. Sempre alguém, na tentativa de me ajudar, despedaçava algum legume ou peixe, com as próprias mãos, e colocava no lado que eu estava comendo. Uma grande dificuldade para mim nessas refeições era comer comida com pimenta, devido ao desconforto que causava a meu estômago, mesmo que eles tivessem diminuído na pimenta, por minha causa.

Devido ao tempo de muitas chuvas (pelo menos é assim que eles me explicavam), existe, por toda a comunidade, uma grande quantidade de moscas, que parecem se multiplicar toda vez que temos algum alimento em nossas mãos. Essas moscas me incomodavam muito, principalmente nos momentos das refeições; aliás, essa também era a causa da queda na frequência de turistas nesta época, conforme explicavam algumas pessoas.

Toda a comida é feita no chão, sem o auxílio de uma mesa, e com pouquíssimos utensílios. Tudo é muito dificultoso também, devido à necessidade do transporte da água para o lugar onde a comida era preparada (sempre carregada com muita dificuldade e esforço, por necessitar ser levada a partir de uma certa distância de onde ficava a bica até o local onde eles deixavam os reservatórios d’água); geralmente, tudo era feito também à base de lenha. Sendo

assim, eu nem poderia ousar tentar conseguir outros ingredientes para preparar algo diferente, pois isto poderia me tomar muito tempo e energia, além da possibilidade de me fazer perder o foco de minha motivação em estar ali, se eu me prendesse à tentativa de viver de uma forma um pouco mais confortável, dentro de meus próprios critérios de conforto e higiene.

Eu já gastava muito dinheiro, por não desejar beber água diretamente da bica, pela falta de um filtro (pois era muito difícil encontrar um à venda, até mesmo em *Mbour*, um centro comercial que possuía muito mais recursos que Joal). Tentar levar a vida de um “*toubab*” (estrangeiro), neste contexto, me sairia muito mais caro (já que a maioria dos recursos utilizados nesta pesquisa vinha de minha bolsa de mestrado); isso poderia também aumentar as situações de stress, pois os objetos de “*toubab*”, além de serem encontrados com muita dificuldade neste contexto, quando encontrados são muito caros. Mesmo se eu aumentasse a ajuda financeira mensal que eu já dava a esta família para as minhas despesas, não seria suficiente; além do risco de que, desta forma, a rotina da casa poderia ser muito alterada e isso era tudo o que eu não queria.

Bernard, algumas vezes, me dizia que eles não tinham o costume de variar muito a comida, devido ao fato de a carne e o frango serem, praticamente, artigos de luxo neste lugar; desta forma, parecia que ele estava como que se desculpando por eu ter de comer, basicamente, peixe todos os dias. Algumas vezes, quando eu desejava comer alguma fruta, banana, por exemplo, ela era vendida por unidade e eu, às vezes, ia a várias boutiques e retornava para casa sem encontrar.

As refeições da noite, diferentemente de como feitas durante o dia, geralmente, se davam no interior da casa e o que é preparado é repartido e enviado à casa da cunhada de Josephine que prepara as refeições durante o dia. Geralmente, ou Josephine já deixava algo mais ou menos preparado para mim, ou pedia às gêmeas para prepararem, demonstrando a preocupação em que à noite eu comesse algo um pouco diferente e com alguma privacidade, (aproveitando que eu não estaria sob a observação de outras pessoas, talvez, e também porque a refeição que eles comiam à noite era muito indigesta para mim). Parecia que eles comiam muito mais à noite e, talvez por isso, mesmo que procurassem preparar alguma coisa “mais leve” para mim, sempre era em quantidade exagerada e se demonstravam tristes quando eu não comia tudo. Eles faziam de tudo para me agradar, dentro das suas possibilidades.

Algumas vezes, Josephine me perguntava se eu desejava algo diferente, mas as opções não eram realmente muitas, pois, nem no mercado para “*toubabs*” eu conseguia encontrar alguma diversidade; até mesmo o papel higiênico eu não consegui encontrar (já que eu nunca havia, de fato, conseguido utilizar a água que sempre fica no banheiro, numa chaleira, destinada à higienização das mãos e partes íntimas).

Certa vez, Josephine preparou para mim, à noite, uma sopa de peixe. Foi a primeira vez que comi uma sopa assim. Sei que ela caprichou nela e demonstrava a expectativa de que eu estivesse gostando. Porém, o grande problema, é que o peixe estava cheio de espinhas e a iluminação não ajudava; ela até que procurou me ajudar emprestando-me seu celular para que sua lanterna pudesse auxiliar a enxergar as espinhas, mas não deu muito resultado. Foi perceptível sua decepção por eu não conseguir comer direito.

De outra feita, propus-me a, eu mesma, preparar a refeição da noite. Nesta ocasião foi possível perceber como uma atividade que eu gosto, como é cozinhar, pode se tornar algo, no mínimo, muito desafiador, quando já estamos tão acostumados a fazer tudo à nossa própria maneira e temos de nos “arranjar” de outra. A dificuldade em relação à não existência de alguns utensílios considerados tão básicos para mim, como uma panela de pressão, por exemplo, me fizeram levar toda uma tarde e noite para que esta refeição ficasse pronta (eu havia levado um quilo de feijão preto, já que sabia ser muito difícil de encontrar esse tipo de feijão por lá). Outra dificuldade era a de não ter a água em algum recipiente próximo, sempre que necessário, além da falta que eu sentia de uma mesa para poder me organizar, pois a maioria das mulheres não utilizam mesas em suas cozinhas.

Todos, já famintos, aguardavam para comer a famosa “comida brasileira”. Posteriormente, contudo, pelos semblantes e a demora em conseguirem comer tudo o que eu havia colocado para eles em pratinhos descartáveis (para que eles também experimentassem esta forma de se alimentar, pois eu havia dito a eles que em minha casa, cada um comia em um prato), compreendi que, talvez eles não tenham gostado tanto assim de minha comida, nem tampouco, da forma individualizada de comer, em pratos separados. Mais tarde, Bernard ajudou-me a compreender um pouco melhor sobre como eles pensavam a esse respeito, quando me disse que esta forma individualizada de comer requeria que muito mais comida fosse preparada e contribuía também para que muita comida fosse desperdiçada; quando comemos juntos, disse, todos já sabem o quanto cada um pode comer, sempre pensando no outro.

Depois da refeição que preparei, todos foram muito gentis comigo mas daquele dia em diante, também não me incentivaram mais a preparar qualquer coisa que fosse para eles (ou mesmo para mim). Na verdade, percebi que, quanto mais eu tentava me adaptar a eles, fazendo tudo como eles mesmos faziam, mais eles ficavam satisfeitos e até orgulhosos de mim; e, quanto mais dificuldade eu demonstrava nessa adaptação, mais tristes e confusos eles se demonstravam.

Eu acabei desistindo, de vez, de qualquer tentativa em preparar alguma coisa que eu gostava depois que tentei preparar alguns camarões (que eu aproveitei para comprar quando acompanhei Josephine ao porto), mas, por não haver tapado bem a panela, enquanto eu fazia outra coisa, ela se encheu de moscas varejeiras. Isso foi decepcionante para mim! Josephine ficou também triste, em ver minha tristeza e até tentou me ajudar a recuperá-los, mas não teve jeito.

Interessante notar que, mesmo que a torneira fique na frente da casa, Josephine e suas filhas tem todo o trabalho de carregarem baldes pesados para a parte de trás, onde se reúnem para lavar toda a roupa da família uma vez por semana. Eu sempre preferia lavar roupa o mais próximo possível da torneira, para me poupar de ter de carregar água, pois eu não queria que minha coluna fosse prejudicada, pois, ter de lavar roupa sentada e em vasilhas no chão, já fazia com que ela fosse bastante forçada. Também por isso, tive de aprender a economizar, ao máximo a água, para não ter encher outras vasilhas. Assim, de certa forma, também aprendi a valorizar muito mais a água.

Muitas vezes, eu pensava que todo esse esforço poderia ser atenuado se, tão somente, fosse colocada outra torneira atrás da casa, onde todos preferiam fazer a maioria dos serviços domésticos; eu me questionava acerca do porquê de ainda não terem providenciado isso. O acontecimento contado pelo seminarista que estava também no batismo da sobrinha de Josephine trouxe alguma luz sobre esses questionamentos e me ajudou a compreender um pouco melhor esta questão: tudo neste contexto é compartilhado, até mesmo os serviços. O mais importante não era, em si, a praticidade, mas a solidariedade.

Outra questão que me incomodava bastante, era a falta de privacidade, até mesmo quando eu estava no quarto trabalhando (para fugir um pouco das moscas e poder me concentrar melhor), pois sempre alguém passava pela janela para ver o que eu estava fazendo, incomodados com essa necessidade de eu ficar, algumas vezes, um pouco mais sozinha para

poder me concentrar em minhas anotações e registros sobre a pesquisa. Quando eu passava muito tempo no quarto, eu sempre ouvia alguém perguntando por mim. Muitas vezes, pensavam que eu estava dormindo ou descansando. Ou seja, não era a privacidade o elemento mais importante, mas a companhia, o “não estar só”. Neste contexto, notei uma grande dificuldade na distinção da diferença entre os conceitos de individualidade e individualismo.

Não somente a falta de privacidade me incomodava, mas também o barulho ao lado de fora e as condições nas quais meu trabalho de anotações, registro de dados, organização de material, leitura etc., e tudo o mais referente ao trabalho de campo era realizado, devido ao grande calor que fazia em meu quarto e também ao desconforto causado devido à cadeira que eu utilizava ser muito pequena. Outra dificuldade era o sol escaldante, sob o qual eu precisava sair todos os dias. Isso, sem dúvidas, era outro fator que muito me dificultava, mas que eu sabia ser extremamente necessário, se eu quisesse estar com as pessoas para poder observá-las em seu dia a dia.

Se eu colocasse em quilômetros todos os caminhos que precisei percorrer a pé: em visita às pessoas, para acompanhar algum ritual, festas, prefeitura, hospital, costureiros, *marchés*, biblioteca, porto de *Joal*, Ilha de *Fadiouth*, campo de Bernard, saídas para comprar algo de minha necessidade pessoal, para procurar algum lugar onde eu pudesse utilizar a internet, ou mesmo para observar as pessoas trabalhando ou em seus momentos de lazer... Tudo isso perfaria uma grande quantidade de quilômetros, com certeza!

Na verdade, é esta a impressão que tenho, também, em relação à quantidade de caminhos necessários a percorrer para que eu pudesse apreender, de alguma forma, a noção de felicidade das pessoas neste contexto, em especial. Esses caminhos diziam respeito, não somente a estratégias metodológicas, mas também a uma disposição em abrir novos, onde eu percebesse necessário ou quando eu percebesse estar percorrendo um caminho que não valeria a pena. E o que faz um caminho valer a pena não é, necessariamente, a distância a ser percorrida, mas o que encontramos, já nele, e também aonde ele nos levará.

Figura 27: “Sombrinha”, minha companheira inseparável – quando fui conhecer o lugar onde ficavam localizados os baobabs considerados sagrados.



Fonte: acervo pessoal.

A dificuldade em compreender outros tipos de trabalho, como uma pesquisa de campo, por exemplo, também era demonstrada quando eu era apresentada por meus amigos a alguém, que me perguntava se "minhas férias" estavam sendo agradáveis e se eu estava conseguindo descansar bem. Certa vez, quando afirmei que o motivo de minha estada ali não era férias, exatamente, mas trabalho, Bernard comentou, em tom de brincadeira, que ainda conseguiria me levar ao campo onde ele trabalhava a fim de me mostrar o que era um trabalho "de verdade". Talvez, ele pensasse que eu desistiria de ir, se eu soubesse do longo caminho que teria de percorrer até chegar ao seu campo.

Ao contrário de Josephine, Bernard parecia desejar bastante que eu fosse ao seu campo ver o que ele fazia. Mas, como estava em época de chuva, muitas vezes ele nem precisava ir todos os dias regar seu campo, pois a chuva que caía durante a noite fazia isso por ele. Mesmo assim, eu queria, ao menos, conhecer o seu trabalho algum dia, mesmo que Josephine me desencorajasse, dizendo que a caminhada era muito longa e o sol muito forte e, além do mais, como eu não estava acostumada, poderia passar mal – argumentava. Um belo dia, decidi fazer-lhe uma surpresa, ao ir com seu filho e sobrinho levar seu café da manhã. Ele ficou muito feliz em me ver e começou a mostrar-me tudo o que já havia plantado ali, afirmando que aquele grande campo é o que iria ajudar aos seus filhos depois que ele morresse, pois teriam espaço suficiente para cultivar e fazer suas casas.

Figura 28: Bernard no campo da família (sua plantação de quiabo)



Fonte: acervo pessoal.

Assim como a maioria das dificuldades encontradas por mim em meu trabalho de campo advinham do fato de eu estar morando, diretamente, na casa de um nacional, eu poderia dizer também que TODAS as melhores oportunidades de observação, entrevistas, contatos, recolhimento de dados, enfim, tudo o que favoreceu positivamente à minha pesquisa, também se deu, a despeito de qualquer outra coisa (até mesmo do que aconteceu na primeira vez que fui à praia com a família que me recebeu), pelo fato de eu estar morando

com pessoas que estavam me ajudando a todo o tempo e que me faziam ter vários insights acerca daquilo que eu me propunha a pesquisar.

Aliás, no final das contas, percebi que, mesmo as dificuldades por mim encontradas advinham de minha maneira diferente de conceituar as coisas, situações e comportamentos, a partir de uma racionalidade ocidental, que busca categorizar tudo à sua volta, de uma maneira completamente diferente daquela à qual eu encontrei no campo. Era essa mentalidade, na verdade, que me dificultava compreender, de fato, a mentalidade daqueles com os quais eu estava convivendo em minha pesquisa, pois, como diria nosso amigo Latour, (1997), esta é uma mentalidade que busca encerrar tudo como conceitos científicos em “caixas pretas” lacradas. E a mentalidade à qual eu estava aprendendo a lidar mais de perto na comunidade à qual eu me propunha estudar, não funcionava da mesma maneira, pois não era uma mentalidade que encerrava as coisas em categorias científicas intocáveis, muito pelo contrário. E, mesmo se fosse possível encerrar o pensamento dessas pessoas em caixas, essas caixas não possuiriam, provavelmente, nem o mesmo formato geométrico ocidental e, tampouco, seriam pretas, mas multicoloridas.

Assim, o fato de estar morando diretamente com um nacional me fazia perceber mais claramente, não somente minhas limitações – assim algumas situações que, em si, já tornavam este tipo de trabalho etnográfico muito mais desgastante em muitos sentidos (reforçando, também, alguns aspectos que deveriam ser considerados de forma mais cuidadosa), como também me ofereciam a oportunidade de observar os verdadeiros valores por trás de cada comportamento, tanto a meu próprio respeito, como a respeito dos outros. Pude observar quantas dificuldades me levavam a um verdadeiro choque cultural, mas também estive em contato mais direto com novas possibilidades da compreensão de um contexto tão diferente daquele ao qual eu estava acostumada.

4 **CAPÍTULO 3 - OS SENTIDOS CONFERIDOS PELOS NATIVOS**

A maneira como a felicidade era concebida, percebida, sentida e expressa através de uma linguagem própria parecia, cada vez mais, perceptível enquanto eu observava as pessoas à minha volta, em seus comportamentos e práticas, tanto em Dakar quanto em *Joal*. Ficava claro que esta linguagem demonstra uma visão que elas têm diante da vida, e não denota, necessariamente, os mesmos valores e sentidos observados num contexto ocidental. Sendo assim, tampouco, poderia ser compreendida a partir deste ponto de vista, mas de critérios específicos, de acordo com a realidade local.

Para alcançar essa percepção de uma visão contextual que valorize essa realidade, torna-se imprescindível um reconhecimento acerca das configurações de mundo, baseadas em múltiplas práticas, conhecimentos e inter-relações entrelaçados ao lugar. E, conforme sinaliza Escobar (2005), isso somente é possível a partir de uma valorização de outras racionalidades e construções culturais, que ressalte a existência de certas especificidades relacionadas à maneira como as pessoas em geral conferem sentido ao mundo. Escobar traz uma reflexão sobre as oposições entre o global e o local; entre o espaço e o lugar, destacando a necessidade de novas “teorias que tornem viáveis as possibilidades para reconceber e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas no lugar”⁴⁷. Outros autores, como Hannerz (1997) e Sahalins (2001) são adeptos de que é preciso valorizar, antes de qualquer coisa, as interpretações locais e seus esquemas de significações.

Existe uma tendência que se tornou muito forte a partir dos movimentos de mundialização do sistema capitalista e que resvala sobre a questão da diversidade cultural, que é a promoção intensa de uma “cultura ocidentalizada”, na busca por consolidar sua hegemonia, a partir de uma uniformização de hábitos, costumes e até mesmo valores. E isto, na reação a um surpreendente movimento de valoração das culturas não ocidentais e subalternizadas que, no contraponto à própria globalização, ganham relevância a partir da emergência das localidades em meio ao crescente fluxo de informações consumidas na modernidade.

⁴⁷ Ibid., p.2.

Ainda que Dakar possa ser considerada, em alguma medida, uma capital bastante “ocidentalizada”, movida pelo grande fluxo de turismo e, ainda que possua grande influência e presença estrangeira, é possível perceber uma espécie de embate entre a persistência de alguns traços de culturas tradicionais locais (mesmo que, em alguns casos, bastante discreto). Esse convívio entre o tradicional e o moderno pode ser observado em certa resistência em relação à vestimenta, ou em relação à permanência de práticas animistas, ou ainda no que diz respeito a alguns costumes fortemente preservados pelas famílias, dentre outros. Mas esta tensão talvez seja menos perceptível quando se trata daqueles aspectos culturais não tão observáveis, num primeiro instante, como é o caso de alguns valores de natureza moral e ética.

Apesar de toda esta tensão, a produção de conceitos, noções e racionalidades específicos, dentre outras questões próprias à ordem das produções culturais, mesmo com todas as influências externas contemporâneas próprias ao fenômeno da globalização, permanece intrinsecamente ligada à questão cultural, como um constructo social. Aliás, em alguns casos, são perceptíveis os contrastes e conflitos, nesse embate entre a maneira como os conceitos são pensados localmente, ligados a valores intrínsecos observáveis nos comportamentos sociais, e como esses mesmos valores são pensados no contexto ocidental, principalmente numa situação de pesquisa de campo.

Talvez esta seja mais uma questão que exemplifica a permanente disputa entre o moderno e o tradicional, (como se o moderno devesse ser o fim último de todas as sociedades, conforme preconizado pelo evolucionismo antropológico) coexistente em algumas sociedades ou contextos africanos, questão esta, que talvez ainda mereça nossa atenção, de alguma forma, mas que, para este momento em especial (sobretudo no que se refere à maneira como se dá a formação e produção de conceitos), uma análise mais profunda tenderia a me distanciar de meu objetivo principal.

Assim como ao explicar a alguém a melhor maneira de chegar a um determinado lugar faz-se necessário descrever o caminho e os possíveis “pontos de referência”, também tento descrever aqui os caminhos cognitivos e empíricos por mim percorridos procurando, neste caminho, não me prender a alguma questão específica que possa me distanciar de meu objetivo principal: chegar lá! (embora também seja tentador para mim a exploração desses caminhos). E o “chegar lá” não, necessariamente, significa alcançar respostas prontas, acabadas e definitivas, dotadas de uma estética cognitivamente atraente, mas não ignorar as

indagações que me levaram à busca dessas respostas e demonstrar o quanto ainda podemos progredir na direção da teorização ou metodologias contextuais, de acordo com o que é demandado por cada situação de campo específica.

Sendo os conceitos frutos de construções, a formulação dos mesmos estaria estreitamente ligada a valores inseridos em contextos e realidades específicas. Esses valores, por sua vez, são compreensíveis somente a partir do entendimento e percepção da existência de uma linguagem, que é própria a estes contextos específicos e resultantes de experiências dos sujeitos em sua corporeidade cotidiana em plena conjunção com as construções de subjetividades advindas daquelas próprias experiências.

Conceitos como o de felicidade, herdados por nós do mundo ocidental, possuem linguagem e gramática próprias que fazem referência ao contexto no qual eles são formados, pois está intimamente ligado a um conjunto de valores e experiências próprios do grupo humano específico que o enuncia.

Desta forma, percebi a grande relevância de uma análise semiológica, que privilegiasse a contemplação de alguns aspectos fundamentais através dos quais esta linguagem da felicidade a que me refiro fosse observada localmente, pelas pessoas com as quais eu convivía. Com este intuito, percebi que, partir das práticas locais e da observação de como as pessoas se inter-relacionavam poderia ser um bom caminho.

Esta observação tornaria possível vir à tona determinadas palavras chave que poderiam expressar a noção de felicidade implícita nessas relações, palavras essas, próprias a uma linguagem local que se aproximasse da maneira que essas pessoas expressavam sua maneira de ser feliz. Seria um grande esforço de compreensão, quase como se eu estivesse aprendendo uma nova língua, pois eu teria de abrir mão de minha própria linguagem, através da qual tudo à minha volta é por mim compreendido e passar a buscar uma nova compreensão, a partir do filtro desta nova linguagem. Mesmo a minha própria compreensão de como as pessoas pensam ser uma vida feliz teria de passar, assim, por uma tradução linguística baseada em expressões de uso local, e não em palavras de meu próprio idioma.

A partir desta tensão advinda da resistência entre o moderno e o tradicional, percebe-se que o mundo contemporâneo traz consigo o desafio de estudar objetos que estão num

processo de constantes mudanças⁴⁸. Por isso, é imprescindível uma atitude humilde diante desta realidade, que ceda espaço a um reconhecimento da necessidade de constante ajuste de foco, ou seja, de busca por novos paradigmas e maneiras de enxergar e se posicionar em campo. E um desafio a ser enfrentado pela Antropologia é justamente o do desenvolvimento de habilidades e sensibilidade que torne possível a leitura de determinadas situações e semiologias, nem sempre perceptíveis em um primeiro plano. Por isso, fazer antropologia é também desenvolver certa sensibilidade para observar, muitas vezes, aquilo que ainda está oculto; de ouvir o “não dito” ou enxergar aquilo que nem sempre condiz com o que as pessoas falam, num primeiro momento; aquilo que nem sempre está tão explícito nas situações, falas, experiências e comportamentos.

Estudar o modo pelo qual se constrói a noção de felicidade de um determinado grupo, deixando de lado considerações que dizem respeito ao conjunto de valores e as experiências cotidianas intrínsecas àquela ideia seria, no mínimo, um grande equívoco. Ao discorrer sobre o estudo da estrutura social, Radcliffe Brown demonstrava sua crença em que os fenômenos sociais são resultados diretos ou conseqüências da estrutura social pela qual os seres humanos se veem unidos. É impossível não perceber também a importância por ele conferida ao estudo dos valores sociais ou interesses comuns como elementos essenciais na composição dessas estruturas: “sempre que declaramos que um sujeito tem certo interesse em determinado objeto podemos declarar a mesma coisa afirmando que o objeto tem certo valor para o sujeito”. (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p.178).

Esta relação entre estrutura, interesse e ação dos atores tem sido enfatizada, a partir da década de 80 por vários autores, pois uma nova tendência ganha força, quando alguns termos ou grupos de termos começam a despertar maior interesse em análises antropológicas contemporâneas, quais sejam: prática, práxis, ação, interação, atividade, experiência, performance e outros afins, conforme demonstra Ortner (2011, p. 439, 440).

Desta maneira, seria indispensável estar envolvida de uma forma mais direta, ao máximo possível, na realidade cotidiana das pessoas, pois, mais do que saber da existência de um conjunto de valores que poderiam ser manifestos através de uma linguagem que denotaria a mentalidade das pessoas a respeito do sentido de felicidade, eu precisaria fazer uma imersão

⁴⁸ Acerca da globalização e modernidade como assuntos sobre os quais necessitamos nos debruçar constantemente nos estudos contemporâneos, ver também: Freud (1974); Geertz (2001); Guiddens (1991, 2000 e 2002); Hall (2002); Krugman (1999); Rousseau (1973); Sassen (2010); Touraine (1994).

cultural que me proporcionasse chegar, o mais próximo possível, da compreensão destes valores e de como eles eram expressos através de uma linguagem específica.

Um exercício cognitivo assim realizado, capaz de me auxiliar na observação de como esses valores e palavras-chave poderiam vir à tona em minhas observações, de modo a esclarecer quais deles teriam mais a ver ou poderiam estar associados à noção de felicidade implícita nessas dinâmicas sociais, tornou-se indispensável. Este foi o meu desafio em *Joal*, qual seja, observar como o comportamento das pessoas poderia me oferecer as pistas que eu necessitava para construir a compreensão desses valores, empiricamente, e como eles tornam-se fundamentais para a construção do conceito de felicidade, através de uma análise semiótica que facilitasse a observação de todos os signos, linguagens e acontecimentos culturais, como produtores de significado.

E esta “linguagem da felicidade” para os joalianos não, necessariamente, seria expressa somente a partir de palavras. Ela poderia se referir também a uma gramática mental/comportamental da cultural. Assim, seria necessário um exercício de observação dos dispositivos que cognitivamente e subjetivamente norteariam a compreensão de quais seriam os valores capitais para aquelas pessoas inseridas neste contexto. Como eu poderia perceber estes valores aplicados a dinâmicas sociais mais amplas que envolviam a toda a (ou pelo menos, a maioria) comunidade local, de uma forma a tornar perceptível o seu ideal de felicidade? Com que linguagem e gestos eles manifestariam as práticas ordinárias da vida cotidiana?

4.1 Memórias da felicidade: o papel das tradições orais para a sua preservação **“*Joal! je me rappelle.*”**

Percebi que seria necessário, nessa minha imersão cultural, não somente tentar buscar nas ações das pessoas a compreensão de como pensam, vivem e sentem a felicidade e ainda, de como traduzem esta noção da maneira mais próxima, linguisticamente, do contexto semântico do que seria uma “vida boa”, em seu cotidiano, e também conhecer um pouco sobre as memórias a respeito da formação de *Joal Fadiouth*, preservadas através da tradição oral que pudessem fazer emergir certa “etnogênese” desta noção. A importância de conhecer essas memórias também nos auxilia na compreensão da relevância que esta comunidade adquiriu em relação a todo o Senegal, em especial, pelo fato de lá ter nascido e vivido aquele

que veio a ser o primeiro presidente da recém-formada República do Senegal, no ano de 1960, quando se tornou um país independente, Léopold Sédar Senghor.

Senghor foi o primeiro presidente do Senegal, tomando para si como primeiro desafio a promoção da paz entre algumas etnias (elas não viviam em guerra, propriamente, mas desenvolviam algum tipo de hostilidade entre si). Segundo algumas de minhas fontes orais, para esta promoção de paz entre algumas etnias, Senghor utilizou uma estratégia linguística, aproveitando que a palavra “*diam*” (paz) é uma palavra que tem um sentido comum, para algumas etnias, como a *Sereer* e a *Wolof*, *Peul*, *Toucouleur* e *Diola*⁴⁹, por exemplo. Ele conclamou essas diversas etnias, a viverem em paz “*diam*”, por serem todos irmãos. Segundo algumas pessoas com as quais conversei, foi esta política de promoção da paz que o fez permanecer no poder durante vinte anos, conforme argumenta Makhtar Diouf (1994). Desta forma, é perceptível como a paz é um elemento indispensável, não somente às etnias, mas também nas inter-relações, de uma forma geral, como um indicador de uma vida tranquila e ideal. Paz, assim, seria uma das palavras que fazem parte do repertório de vocábulos indispensáveis à linguagem de felicidade utilizada entre as pessoas e grupos étnicos, de uma forma mais abrangente. Particularmente, tanto em minhas observações como nas conversações desenvolvidas com os moradores de *Joal*, a palavra paz era frequentemente utilizada como um elemento importante para que alguém se considerasse uma pessoa feliz.

A importância conferida por Senghor à gestão de uma harmonia entre as etnias (ou grupos étnicos, conforme definido por Barth⁵⁰) advinha do reconhecimento de que o fator étnico possui “um papel importantíssimo para (ou no) funcionamento das sociedades africanas”, por isso, ele tomou a seu cargo toda a gestão da questão étnica no Senegal, visando a prevenção de eclosões de possíveis tensões étnicas no país. Com este intuito, uma de suas primeiras medidas, foi a de proibir aos partidos políticos qualquer identificação a uma raça, a uma etnia, a uma religião, a uma língua ou a uma região em particular. Também na escolha

⁴⁹ Tomamos, aqui, emprestada a definição de Diouf (1994, p. 10) para etnia: “é um conjunto estável de seres humanos, constituído historicamente sobre um determinado território, com particularidades linguísticas, culturais (e físicas comuns e relativamente estáveis), como também a consciência de sua unidade e diferença em relação a outras formações semelhantes (consciência de si) fixas por uma autodenominação”.

⁵⁰ Ver também: *Teorias de etnicidade*, de Poutignat e Streiff- Fernet (1998), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, de Barth (2000) e *Ethnic identity, national identity and intergroup conflict* de Eriksen (2001).

dos membros do governo, Senghor tomou o cuidado de preservar uma dosagem nos aspectos regional e confessional, conforme demonstra estudos realizados por Diouf⁵¹.

“*Joal! je me rappelle.*” (*Joal! eu me lembro.*) é o título de uma das mais conhecidas poesias de Léopold Sédar Senghor. Reconhecido como um dos maiores expoentes da poesia africana (bem como um dos líderes do movimento que defendia a Negritude) a mencionada poesia foi escrita em homenagem à sua comunidade natal, local de onde ele sairia para (segundo explicado a mim quando visitei ao museu criado em sua homenagem, em *Joal*) marcar a sua maneira de fazer política através de suas poesias e intelectualidade. Seus escritos eram utilizados como armas “num campo de batalha chamado cultura, a lutar por uma África que fosse liberta do jugo civilizatório”. Ele afirmou: “o imperialismo cultural, nós esquecemos com muita frequência, é a forma mais perigosa do colonialismo: ele obscurece a consciência”. (SENGHOR [1975] apud DJAM [2005], p. 18).

Nascido em 1906 e morto em 2001, aos 95 anos de idade, “Homem de letras”, como era conhecido, e descrito como um jovem de espírito brilhante e curioso, Senghor foi não somente um grande poeta, mas também de crucial importância para a valorização do conceito que ficou conhecido como “negritude”, à qual defendia com todo afinco. “Negritude” foi uma palavra por ele lançada e desenvolvida, (mesmo que admita não ser ele próprio o seu criador). Ele desenvolveu este conceito na França, quando ainda era estudante, juntamente com alguns outros colegas, através da criação de um jornal, chamado “*o estudante negro*”, que tinha por objetivo de mostrar à “raça branca” que os negros não lhes eram inferiores, em nada, pelo simples fato de serem negros. Ou seja, ele colocou seu talento com as palavras a favor da causa à qual dedicou sua vida.

O primeiro Festival Mundial de Artes Negras, realizado em Dakar, no ano de 1966, em conjunto com a UNESCO, foi a mais bela e completa ilustração da negritude por ele exaltada, segundo alguns noticiários da época. Nele, Senghor representava o movimento anticolonialista no mundo francófono, abrindo as portas de um novo mundo: a África livre. A negritude seria, assim, um caminho identitário que buscava a promoção da felicidade através da liberdade, do encontro do africano consigo mesmo e de seu reconhecimento diante do mundo. Na ocasião, Senghor exortou o povo africano a abandonar o “espírito de imitação”, dominante durante o período colonial, e a assumir um espírito criativo que caracterizava a arte negra, em contestação à cultura e dominação estrangeiras. De acordo com Barbosa (2015), os pressupostos evidenciados pelas ideias produzidas pela “negritude” teriam contribuído para

⁵¹ Ibid., p. 109, 110.

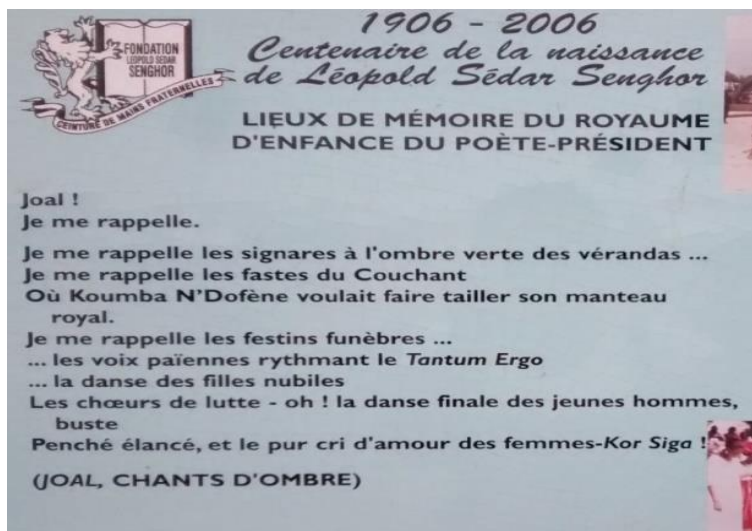
reforçar uma visão pan-africana do negro e para pavimentar o caminho aberto para um pós-colonialismo, que visava reforçar as ideias de liberdade e integração do negro ao cenário internacional.

A negritude defendida por Senghor, que simbolizava a valorização do negro e defendida em relação aos valores e manifestações culturais próprios à raça e ao mundo negro, atraiu a simpatia de muitos intelectuais, mas não deixou, também, de aguçar crítica, mesmo de alguns intelectuais africanos, que atacaram com ferocidade, tanto a Senghor, quanto aos simpatizantes de sua teoria/filosofia. O movimento pela negritude, defendido com grande garra por Senghor, tornou-se um forte aliado teórico filosófico, para o movimento pan-africanista, posteriormente.

Seus críticos argumentavam que a independência não havia trazido felicidade tão esperada aos africanos, o que os levava a fazer acirradas denúncias ao imperialismo e ao neocolonialismo, (conforme alguns escritos explicativos que encontrei no museu de *Joal*). Esses escritos somente não elaboravam muito bem que tipo de felicidade seria essa esperada pelos africanos, segundo esses críticos, que os levava a chegarem a essa fatalista conclusão. Muito provavelmente, eles se apegavam ao fato de que, a independência, em si mesma, não tenha destruído completamente as consequências deixadas por um passado de escravidão e desrespeito próprios da era colonial, que ainda poderia ver seus reflexos na era pós-colonial. Entretanto, a despeito de toda a crítica recebida, Senghor mostra ser ainda uma figura que impõe muito respeito, no que diz respeito à preservação de suas memórias no Senegal. Seu ponto forte parece ter sido mesmo a diplomacia e uma política intelectual, voltada para a promoção da paz entre as etnias, principalmente. Em sua homenagem, seu nome foi colocado em vários lugares, a começar pelo próprio aeroporto de Dakar, o grande estádio esportivo, alguns centros culturais e museus.

Senghor é uma figura lembrada com muito respeito e até orgulho, sobretudo, pelos moradores de *Joal fadiouth*. Em sua memória foi criado o único museu de *Joal*, onde era a antiga casa de seu pai Diogoye Basile Senghor. Na entrada deste museu existe uma placa em homenagem ao centenário de seu nascimento, com os dizeres: “Centenário de nascimento de Léopold Sédar Senghor – lugar de memória do reino de infância do poeta-presidente (1906-2006)”.

Figura 29: placa exibida, logo na entrada do museu, em homenagem a Senghor.



Fonte: acervo pessoal

Figuras 30: Museu de *Joal* (visão externa)



Fonte: acervo pessoal.

Figura 31 e 32: Museu de *Joal* (visão interna).



Fonte: acervo pessoal.

Até certo momento em minha pesquisa eu sequer havia tomado conhecimento de toda esta importância de Senghor para *Joal Fadiouth* pois eu, simplesmente, não sabia ainda que ele era originário desta comunidade. Aliás, resgatar um pouco das memórias em relação a esta aldeia foi uma tarefa muito complexa, por exigir um tipo de pesquisa muito árduo, por se tratar de memórias ainda não preservadas através da escrita e cujas fontes não são tão facilmente encontradas. Por isso, na tentativa de reconstituir um pouco as memórias a respeito desta comunidade, precisei recorrer a fontes orais, alguns anciãos que cresceram ouvindo de seus antepassados relatos importantíssimos a respeito de seu nascimento. Um dos anciãos entrevistados (primo de Bernard) indicou-me um homem nascido e criado na comunidade, Gabi Diam, como é conhecido pela maioria das pessoas em *Joal*, afirmando que ele seria a pessoa mais indicada para me contar um pouco mais sobre o que eu precisava. Foi na casa deste ancião que ouvi, de um de seus filhos, a seguinte frase: “*a história da África precisa ser recontada*”. Ele parecia até mesmo um pouco indignado ao fazer esta afirmação, salientando a

importância de que se dê voz aos próprios africanos, para contarem sua história⁵², de forma a não abrir espaço a que ela seja manipulada por terceiros.

Figura 33: Gabriel Diène Diam.



Fonte: acervo pessoal.

Gabi Diam, somente saiu de *Joal* para prosseguir em seus estudos universitários na França, na Universidade *Lumière Lyon Deux*, onde desenvolveu grande interesse por questões relacionadas à educação informal e, sobretudo, pelos diferentes sistemas das sociedades que vivem num meio tradicional, fazendo um paralelo entre a educação formal e a não formal. Ao voltar da França, seguiu diretamente para sua terra natal e dedicou-se a buscar conhecer o quanto os seus moradores mais antigos poderiam manifestar este tipo de conhecimento não formal, como grandes conhecedores informais de toda a tradição oral a eles transmitida por seus antepassados, a respeito da origem de *Joal*. Esta pesquisa por ele realizada ajudou-me bastante a compreender sobre como se deu a formação desta comunidade, por isso, tenho uma dívida de gratidão com Gabi Diam, não somente pelo tanto que ele me ajudou nesta pesquisa, mas também pela sua amabilidade e simpatia, sempre demonstradas todas as vezes que me reunia com ele.

Diam defende que tudo o que Senghor simbolizou, não somente para o país, mas especificamente para *Joal*, seja preservado de tal maneira que “outros jovens também sigam ao seu exemplo” e desejem fazer mais pelo lugar onde nasceram. Ele é também uma figura de fundamental importância para recuperação das memórias referentes à preservação da

⁵² Sobre este assunto, ver também: *Da micro história a uma história crítica*, de Bensa (1998).

consciência que Senghor sempre procurou despertar na comunidade de *Joal Fadiouth*. Ele é muito requisitado pela imprensa, quando há a necessidade de que um pouco de todos os seus conhecimentos acumulados, tanto a respeito de Senghor, como a respeito da comunidade de *Joal*, principalmente, seja “emprestado”.

Gabi Diam se prontificou, gentilmente, a me receber em sua própria casa sempre que eu precisasse. Em especial, o fato de ser ele também um dos moradores mais antigos de *Joal*, além de haver desenvolvido vasta pesquisa (que durou anos) sobre como se originou esta comunidade, por meio de entrevistas a vários outros anciãos, devido a eles conservarem ainda vivas em suas memórias aquilo que lhes fora transmitido por seus antepassados (inclusive aquele que me indicou seu nome), fazia dele uma pessoa chave para que eu conseguisse obter as informações de que eu necessitava.

Nenhum outro estudioso antes havia tentado recuperar, formalmente, as memórias acerca da formação da comunidade de *Joal Fadiouth*, devido, talvez, ao grandioso desafio que representa esta tarefa de recuperação de memórias através da tradição oral. Porém, como todo o estudo realizado por Gabi Diam ainda não foi publicado oficialmente, ele mesmo tornou-se mais uma de minhas fontes orais.

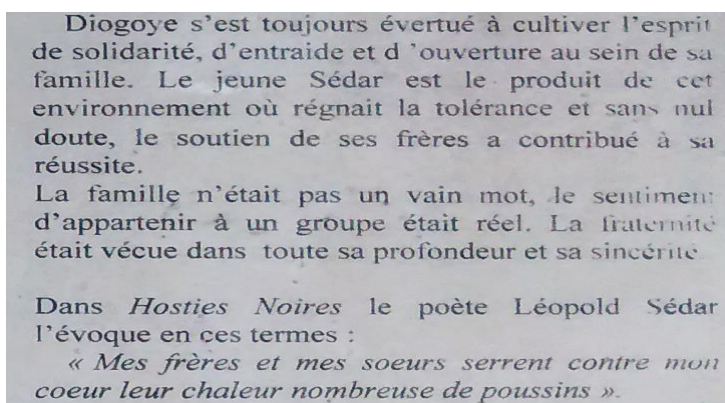
Considerando-se que a comunidade de *Joal Fadiouth* é ainda muito jovem (seu cinquentenário é realizado no ano de 2016, através de uma comemoração de cujo planejamento tive o privilégio de poder participar, em sua prefeitura, e para a qual, inclusive, fui pessoalmente convidada por seu prefeito), esses anciãos que, na época das entrevistas possuíam por volta de seus 80 ou 90 anos de idade, alguns já mortos no momento de minha pesquisa, fazem parte de uma geração privilegiada, não tão distantes de alguns fatos por eles narrados. Estes anciãos são fundamentais para a preservação dos principais relatos a respeito da origem e formação desta comunidade. Aliás, muito do conhecimento que se possui hoje, principalmente aquelas relacionadas às etnias, são provenientes da tradição oral, conforme explica Diouf⁵³.

Segundo afirma uma das placas explicativas no museu de *Joal*, “Diogoye sempre se esforçou por cultivar o espírito de solidariedade, de ajuda mútua e de abertura no seio de sua família. O jovem Sédar é o fruto deste ambiente, onde reinou a tolerância e, sem dúvida,

⁵³ Ibid., p. 25.

tendo o apoio de seus irmãos contribuiu para o seu sucesso” (esta é a transcrição da placa que segue, para o Português).

Figura 34: Uma das placas explicativas encontrada no Museu de *Joal*



Diogoye s'est toujours évertué à cultiver l'esprit de solidarité, d'entraide et d'ouverture au sein de sa famille. Le jeune Sédar est le produit de cet environnement où régnait la tolérance et sans nul doute, le soutien de ses frères a contribué à sa réussite.

La famille n'était pas un vain mot, le sentiment d'appartenir à un groupe était réel. La fraternité était vécue dans toute sa profondeur et sa sincérité.

Dans *Hosties Noires* le poète Léopold Sédar l'évoque en ces termes :

« Mes frères et mes soeurs serrent contre mon coeur leur chaleur nombreuse de poussins ».

Fonte: acervo pessoal.

Porém, uma questão ainda me era um pouco obscura: como Léopoldo Sédar Senghor veio a se tornar, efetivamente, o presidente do Senegal?

Segundo Gabi Diam, depois de partir em uma expedição por alguns *villages* do Senegal para o desenvolvimento de uma pesquisa, observou uma situação de extrema pobreza desses lugares. Isto teria tocado a Senghor de tal forma que, mesmo depois que retornou à França, ele se perguntava se teria o direito de permanecer lá, sem nada fazer por seu próprio povo. Foi assim que, segundo Diam, Senghor retornou ao Senegal, certo de que deveria se engajar no objetivo de ajudar ao seu povo a superar a condição na qual se encontrava; este também teria sido o motivo de sua entrada para a política. O reconhecimento conferido pelo povo a Senghor é visível, sobretudo em *Joal* e no interior da etnia *Sereer*, sua etnia de origem, que testemunhou o seu nascimento, crescimento e desenvolvimento de sua carreira política.

Até o tempo que passei em *Joal*, percebi todo o esforço feito para que as memórias referentes a Senghor sejam preservadas, em reconhecimento aos seus feitos, ao lutar em favor de sua comunidade de origem e ao deixar tudo para buscar o objetivo, de ajudar ao seu próprio povo. Este foi o relato de Diam que, na posição de uma das pessoas responsáveis pela área cultural junto à prefeitura de *Joal*, faz questão de promover, a cada ano, eventos

comemorativos alusivos ao centenário de nascimento de Senghor (a partir de 2006), com o objetivo de mantê-lo vivo na memória de seus conterrâneos, bem como à ideologia que teria o levado a se envolver na política em prol de seu povo.

Retomando um pouco os relatos sobre a formação de *Joal*, Diam relatou-me ter a formação daquela comunidade se dado em etapas bem definidas, às quais tratou de explicar-me. Afirmou existir uma pequena história contada pelos anciãos, que descreve a ocupação inicial de *Joal*. Contou-me que a primeira etapa teria sido quando os *Sereer* vieram ocupar os arredores do território hoje conhecido como *Joal Fadiouth* (a cerca de cinco quilômetros). A segunda etapa teria sido quando alguns caçadores *Sereer*, adentrando um pouco mais a este território à procura de água, seguiram aos rastros deixados por um lagarto ao qual eles haviam ferido. Como já se fazia noite, resolveram permanecer ali, numa pequena clareira, até que amanhecesse.

Ali, eles encontraram uma árvore muito misteriosa que crescia durante a noite e entrava novamente no solo durante o dia. Sob esta árvore passaram a ser realizadas algumas práticas ancestrais, até que naquele local fosse estabelecido um pequeno povoado, que deu início ao primeiro e mais tradicional bairro de *Joal*: o bairro de *Gbelenhém*, por causa da árvore mística, que se chama *Gbelem*.

Até a época em que desenvolvi minha pesquisa, esta árvore ainda se encontra neste bairro (segundo afirmado por um ancião morador deste bairro), sob a qual muitas festas e reuniões dos anciãos são realizadas. Várias outras áreas do território atualmente conhecido como *Joal* (atualmente, alguns dos bairros mais tradicionais) foram também, segundo a tradição oral, ocupadas em torno de alguma árvore considerada sagrada ou em torno de algum poço aberto pelos portugueses, quando estes as compraram do rei do *Sine*⁵⁴, ao qual todo este território passou a pertencer após o início de sua ocupação pelos *Sereer*.

⁵⁴ Sine é uma nova região de Fatick. Nesta época, o “reinado” era um tipo comum de organização político-social interna. Para maiores esclarecimentos relativos à formação da África anterior à colonização, ver M'bokolo (2011) e Giordani (2013).

Figura 35: Alguns anciãos conversando sob a árvore tradicional, símbolo da formação do primeiro bairro pelos *Sereer*



Fonte: acervo pessoal

Segundo Diam, este território passou a ser dominado pelo rei do Sine quando ele, em fuga a um ataque e, à procura de uma nova terra onde pudesse permanecer, estabeleceu seu reinado no território já ocupado pelos *Sereer*. Este território ficou conhecido como o Reino do Sine, sistema que continuou até a chegada dos europeus, primeiros a “descobrirem” *Joal*, quando teve início outra etapa na história de sua formação.

Os portugueses, primeiros estrangeiros europeus nestas terras, encontraram *Joal* quando desembarcaram em sua costa à procura de água para suas embarcações. Eles escavaram um poço ali e fundaram o bairro de Ndoubab. O rei do *Sine* fez um acordo com o rei de Portugal, vendendo uma parte de suas terras a este país em troca de farinha e vinho, dentre outras coisas. Após os portugueses, vieram os holandeses, seguidos pelos franceses, que também compraram do rei de *Sine* terras situadas na costa, vindo depois a dominar toda a sua costa, segundo relatou Diam.

Figura 36 e 37: Um dos primeiros poços perfurados pelos portugueses neste bairro; outra espécie de árvore, símbolo da formação de outro bairro joaliano.



Fonte: acervo pessoal.

Durante todo o tempo de colonização, várias pessoas desta região foram levadas como escravas para várias partes do mundo⁵⁵. Somente no ano de 1966 é que este território foi transformado por Senghor na comunidade de *Joal Fadiouth*, desejoso de ver o desenvolvimento de sua terra natal.

Além de Diam e dos anciãos, outras pessoas também contribuíram para que eu pudesse ir montando um verdadeiro “quebra- cabeças” em relação a todas as versões que explicam a formação de *Joal*. Cada nova informação completava uma lacuna em relação a

⁵⁵ Estas pessoas eram levadas para a Ilha de Gorée, de onde eram transportadas em navios para diversos países. Nesta Ilha, à qual tive oportunidade de visitar, consta uma lista dos nomes dos países que “importaram” de lá os seus escravos.

outras, tornando possível que eu tivesse uma ideia geral de como se deu esta formação⁵⁶. Porém, em relação à formação da Ilha de *Fadiouth*, eu não havia conhecido ninguém ainda que se habilitasse a me contar um pouco sobre como havia se dado.

Nesse ínterim, aconteceu algo que seria fundamental para que esta situação mudasse: passando pela rua, avistei a um senhor que, de forma muito habilidosa, consertava sua rede de pesca. Parei ao seu lado para observá-lo trabalhar, devido ao meu forte gosto por todo tipo de produções artesanais. Enquanto conversava com ele, após saber minha nacionalidade, se dizendo um amante de tudo que diz respeito ao Brasil, demonstrou uma grande simpatia por mim e passou a me chamar de “*ma fille*” (minha filha). Combinei com Pièrre, como se chama este ancião, que marcaríamos um dia para que ele me ensinasse a fazer redes. Quando comentei com Josephine sobre ele, fiquei sabendo de que este homem havia nascido e sido criado em *Fadiouth*.

Determinado dia, resolvi visitar a Pièrre e pedir que me contasse um pouco sobre o que conhecia sobre a história da ilha na qual havia nascido e vivido a maior parte de sua vida. Depois de sentar-se comigo e me contar um pouco sobre a formação desta ilha, se propôs também a me levar em uma piroga conduzida por ele mesmo (já que era pirogueiro), para conhecer os arredores de *Fadiouth*, ao seu cemitério e também a alguns dos lugares por ele citados. No dia marcado, lá estava ele me aguardando em sua casa, de onde partiríamos. Pièrre, então, me acompanhou até a praia de *Fadiouth*, de onde seguimos em piroga, mostrando-me alguns lugares mencionados por ele, quando contou sobre a formação desta ilha, como vivem, trabalham e se alimentam as pessoas que ali moram. Conforme íamos passando por alguns lugares, entusiasmado, ele me dizia a todo instante (como que se, com isso, quisesse demonstrar a veracidade de que tudo o que me dissera):

– *Este é o lugar do qual eu falei, veja!*

⁵⁶ Além das fontes orais aqui utilizadas, eu também pesquisei outros materiais produzidos por alguns alunos, tanto do ensino regular e secundário, como em materiais de pesquisas produzidos por ex-moradores de Joal, sobre suas memórias. Todos esses materiais eu encontrei no CLAC – (Centro de Leitura e Animação Cultural Léopold Sédar Senghor – por indicação do próprio Diam), uma iniciativa da Agência Internacional de Francophonie, em parceria com as prefeituras locais em todo o Senegal, cujo objetivo é a promoção da literatura francesa em diversos países francófonos do mundo.

Figura 38 e 39: Eu, em entrevista a Pièrre; Pièrre na piroga, levando-me para conhecer os arredores da Ilha de Fadiouth.



Fonte: acervo pessoal.

Nossa primeira parada foi em uma ilha localizada numa região de mangue formado por vários braços do mar ao longo da costa, que adentram tanto a região de *Joal*, como de alguns *villages* vizinhos. Esta ilha, de tão pequena que era, se eu afirmar que nela somente caberiam duas casas, eu não estaria exagerando nenhum pouco! De fato, lá somente existem duas pequenas cabanas, onde são vendidos alguns artesanatos feitos por artistas locais. Esta ilha, assim como *Fadiouth* e o seu cemitério, foi formada a partir de uma montanha de “*coquillage*” (cascas de ostras ou mariscos). Fiquei muito surpresa ao descobrir como esta

ilha foi sendo formada, quando Pièrre me contou que os primeiros moradores de *Fadiouth* literalmente a construíram a partir montões de *coquillage* depositados sempre no mesmo lugar, pois era o alimento básico em suas refeições nesta época. Quando eles queriam ampliar a ilha, iam depositando mais *coquillage* em uma de suas extremidades. É por isso que *Fadiouth* é conhecida como “*la île des coquillage*” (a ilha das ostras).

Pièrre contou-me que os primeiros habitantes desta ilha vieram como fugitivos de uma guerra civil que acontecia em Guiné Bissau, de um *village* chamado Gabu e, ao encontrarem-na, ali se instalaram e às suas famílias. Com o passar do tempo, o crescimento dessas famílias os obrigou a criarem uma estratégia de ampliação da ilha: cortaram vários troncos de uma espécie de coqueiro cuja madeira, segundo eles, pode resistir por centenas de anos, cercaram uma determinada área ao redor da ilha e foram jogando ali as cascas dos mariscos que comiam. Assim, a ilha foi ampliada, até que ela atingisse a dimensão atual. Através deste mesmo procedimento, eles formaram também o cemitério de *Fadiouth*, onde são sepultados os seus moradores.

Figura 40 e 41: Pièrre mostrando-me uma das toras centenárias de coqueiro, segundo a tradição oral e os troncos utilizados para “alargar” a ilha.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 42: Pièrre mostrando-me as “coquillages” que formam as ilhas de Fadiouth e seu cemitério (é possível perceber também como o solo em que pisa é composto, basicamente, por cascas de ostras).



Fonte: acervo pessoal

Como os primeiros estrangeiros a habitarem nesta ilha foram missionários católicos, a religião predominante nela é a católica, com apenas uma pequena parcela de seus moradores pertencendo à religião muçulmana. Seus moradores vivem, sobretudo, daquilo que cultivam: o milho, amendoim e arroz.

Os primeiros melhoramentos em *Fadiouth*, como por exemplo, o grande reservatório de água para seus moradores (antes de serem feitos os encanamentos d'água e eletricidade atuais), foram feitos por Senghor, quando se tornou presidente do Senegal, afirmou Pièrre.

A preservação das memórias de *Joal Fadiouth* através da tradição oral, assim como dos principais rituais culturais, sobretudo pelas mulheres (visto no capítulo anterior), além da maneira como se dá todo tipo de organização social neste contexto em particular, demonstram a relevância desses elementos para a própria formação da identidade deste grupo social específico. Em realidade, quando um determinado grupo social se dedica no intuito da preservação de sua cultura através de um resguardo de suas memórias, ele está tentando preservar muito mais do que, simplesmente, as coisas observáveis relativas a ela; ela está tentando perpetuar o que de mais simbólico e subjetivo existe em todas essas práticas.

É também por isso que a compreensão da lógica utilizada na construção do conceito/noção de felicidade deste grupo dependerá do reconhecimento da identidade que foi sendo construída, mantida e preservada com o passar do tempo, através de determinados

elementos que formam esta identidade/realidade, bem como do pano de fundo na qual se deu (dá) esta construção. De posse desta compreensão, foi de suma importância fundamentar esta pesquisa sobre as memórias acerca dos primórdios desta comunidade e das tradições que se mantém vivas, tanto através da tradição oral, como das práticas observáveis e preservadas através dela; é por meio da compreensão de como se dá a (re)produção de determinadas identidades, que se torna possível, o discernimento de como determinados grupos sociais pensam, enxergam o mundo, sentem e atribuem valores às coisas ao seu redor.

4.2 Felicidade, um conceito ocidental?

Dito isto, mesmo antes de passarmos a tentar clarificar como a felicidade é vivida ou como o conceito/noção de felicidade poderia ser trabalhado no contexto no qual me dediquei a estudar, é preciso analisar, por meio de um estudo cuidadoso, o próprio conceito de felicidade, em si, sem nos esquecermos de que ele também é um constructo filosófico e social ocidental, conforme mencionado no início deste capítulo. Portanto, há um problema de tradução aqui que, de certo modo, procurei compreender: 1) até que ponto este conceito poderia ser aplicável em outras situações culturais? 2) Que outros termos ou conceitos poderiam, então, denotar a lógica nativa a respeito daquilo que compreendemos por felicidade? 3) Como, então, analisar “como pensam os nativos” e, ao mesmo tempo, não cair na armadilha de tentar apreender suas categorias a partir das minhas? Grande desafio!

A visão ocidental de felicidade se sustenta sobre o paradigma do individualismo metodológico, (um dos grandes paradigmas utilizados tanto pela sociologia, quanto pela antropologia), numa visão que privilegia as ações e interesses individuais. A noção de felicidade ocidental tem a ver com o hedonismo, o bem-estar, satisfação e sucesso pessoais, além de demonstrar uma forte inclinação para os interesses materiais. “O homem individual é um homem de desejos”, comenta Aron (2008, p. 493) acerca do pensamento durkheimiano, quando discorre sobre o processo de individuação humana. Assim, continua Aron, o grande problema seria a determinação de um limite a esses desejos, pois “abandonado a si mesmo, o homem é movido por desejos ilimitados; quer sempre mais do que tem e se decepciona sempre com as satisfações que obtém [...]”; e, justamente, este “abandono” do homem a si mesmo é que poderiam, segundo Durkheim, justificar as altas taxas de suicídio.

Como determinar a quantidade de bem-estar, de conforto, de luxo a que um ser humano pode aspirar legitimamente? Não encontramos na constituição orgânica nem na constituição psicológica do homem nada que marque um limite a tais inclinações. (DURKHEIM apud ARON, 2008, p. 493)

Como grande expoente do holismo metodológico, Durkheim criticava a alguns efeitos da modernidade sobre a sociedade. Ele afirmava que, no fundo, essa situação refletia a uma diferenciação social que, por sua vez, era fruto da diferenciação dos prazeres oferecidos. Desta forma, não seria a busca pelo prazer ou pela felicidade, em si, a responsável pela diferenciação social, mas a própria multiplicação das formas de sua obtenção: “os prazeres são mais numerosos e sutis nas sociedades modernas”, individualistas. Para Durkheim⁵⁷, “... a felicidade não aumenta com o progresso das sociedades modernas”, pois, “... nada prova que nas sociedades modernas os homens sejam mais felizes do que nas sociedades arcaicas”. Assim sendo, é possível notar que ele não se opõe à busca por prazer e felicidade, em si, mas que sua crítica se dirige, precisamente, às consequências geradas por uma busca desenfreada e inconsequente, na modernidade. Dumont (1993), em complemento à análise de até que ponto pode chegar o individualismo como fruto de um pensamento hedonista trabalha, dentre outros temas, sobre como o nazismo estabeleceu uma paisagem de luta entre raças e favoreceu ao antissemitismo.

Giannetti (2003) propõe que seria de esperar que, se o homem é um “*produto do ambiente em que ele se forma*” e se esse ambiente tendia a se tornar cumulativamente melhor, logo, esse homem também deveria ser alcançado com o progresso que o rodeava, pois “*tudo prometia uma supersafra de bem-estar*”. Contudo, ele aponta para o fato de que, mesmo que a linha de raciocínio de diversos pensadores na “era da razão” seguisse o pensamento segundo o qual o progresso da civilização simbolizava a certeza de um futuro feliz, a diminuição das desigualdades e a paz mundial como algo inexorável a serem alcançadas ao fim de todo esse processo, não seria a isto que poderíamos observar na modernidade.

Durkheim também se refere a um tipo de mentalidade coletiva, afirmando que as ideias nela organizadas se dão de acordo com um modelo fornecido pela sociedade própria sociedade. Ele demonstra haver um estreita ligação entre o sistema social e o sistema lógico, que funciona como um sistema único; Durkheim acredita que a sociedade forma “um todo único”, unido por laços sociais e por um sentimento de afinidade entre os indivíduos. Assim,

⁵⁷ Ibid., p. 471.

para ele, não existiria sentimentos individuais, mas uma “sensibilidade social”, produzida pelos grupos:

É por isso – porque afetam diretamente os sentimentos dos grupos –, que as coisas, de certo modo, mudam de natureza, segundo as sociedades [...] É que cada região tem seu valor afetivo próprio. Sob a influência de sentimentos diversos, ela se liga a um princípio religioso especial e, por conseguinte, está dotada de virtudes *sui generis* que a distinguem de qualquer outra. E é este valor emocional das noções que desempenha papel preponderante na maneira pela qual as ideias se aproximam ou se separam. (DURKHEIM, 1978, p. 201)

Assim, para Durkheim⁵⁸, a sociedade seria a fonte do pensamento lógico, não sendo, de forma alguma, um “ser” ilógico, incoerente. A consciência coletiva seria, a seu ver, a forma mais elevada da vida psíquica, por ser uma “consciência das consciências”.

Além da Sociologia, a felicidade também é um tema privilegiado por outros ramos das ciências humanas. Começando sobre como a felicidade é vista pela Filosofia (ocidental), seguiremos pensando em como esse tema pode ser visto a partir de uma abordagem mais etnofilosófica, privilegiada pela filosofia africana. Segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007, p.391), a felicidade aparece associada ao conceito de Eudemonismo (ou “eudaimonia”, felicidade em grego):

(in. Eudemonism, fr. Eudémonism; ai. Eudūmonismus; it. Eudemonismo). Qualquer doutrina que assuma a felicidade como princípio e fundamento da vida moral. São eudemonistas, nesse sentido, a ética de Aristóteles, a ética dos estóicos e dos neoplatônicos, a ética do empirismo inglês e do Iluminismo. Kant acredita que o Eudemonismo seja o ponto de vista do egoísmo (v.) moral, ou seja, da doutrina "de quem restringe todos os fins a si mesmo e nada vê de útil fora do que lhe interessa" (Antr., I, § 2). . Mas esse conceito de Eudemonismo é demasiado restrito, pois no mundo moderno, a partir de Hume, a noção de felicidade tem significado social, não coincidindo, portanto com egoísmo ou egocentrismo.

Este mesmo dicionário define a felicidade da seguinte maneira:

⁵⁸ Op. Cit. p. 179.

(lat. Felicitas; in. Happiness; fr. Bonheur, ai; Glückseligkeit; it. Felicità). [...] O conceito de F. [...] nasceu na Grécia antiga, onde Tales julgava feliz "quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada" (Dióg. L, I, 1, 37). A boa saúde, a boa sorte na vida e o sucesso da formação individual, que constituem os elementos da F., são inerentes à situação do homem no mundo e entre os outros homens. Demócrito, de maneira quase análoga, definia a F. como "a medida do prazer e a proporção da vida", que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos (Fr. 191, Diels). De qualquer maneira, F. e infelicidade pertencem à alma (Fr., 170, Diels), uma vez que somente a alma "é morada do nosso destino" (Fr. 171, Diels). A relação que muitas vezes se estabeleceu entre F. e prazer tem o mesmo significado, ou seja, é a conexão entre o estado definido como F. e a relação com o próprio corpo, com as coisas e com os homens. [...] Platão negava que a felicidade consistisse no prazer e a julgava, ao contrário, relacionada com a virtude. [...] Portanto, também a noção platônica de F. é relativa à situação do homem no mundo e aos deveres que aqui lhe cabem. Quanto a Aristóteles, insistiu no caráter contemplativo da F. em seu grau superior, a bem-aventurança (v.), mas apresentou uma noção mais ampla de F., definindo-a como "certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude" (Et. nic, I, 13, 1102 b); ela não exclui, mas inclui a satisfação das necessidades e das aspirações mundanas. As pessoas felizes, segundo Aristóteles, devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir, quais sejam, os exteriores, os do corpo e os da alma (Ibid., 1153 b, 17 ss.; Pol., VII, 1, 1323 a 22). É verdade que "os bens exteriores, assim como qualquer instrumento, têm um limite dentro do qual desempenham sua função utilitária de instrumentos, mas além do qual se tornam prejudiciais ou inúteis para quem os possui. Os bens espirituais, ao contrário, quanto mais abundantes, mais úteis". [...] A ética pós-aristotélica, ao contrário, ocupa-se exclusivamente da F. do sábio; a nítida distinção feita pelos estóicos entre sábios e loucos torna obviamente inútil preocupar-se com estes últimos. O sábio é aquele que basta a si mesmo e que acha a F. em si mesmo, o que melhor se chamaria bem-aventurança. [...] A filosofia medieval adotou e enfatizou esses conceitos, adaptando a eles por vezes (como fez S. Tomás) a própria doutrina aristotélica, mas estendendo-os à totalidade dos homens. A partir do humanismo, a noção de F. começa a ser estritamente ligada à de prazer, como já havia ocorrido com os cirenaicos e com os epicuristas [...], que se acentua no mundo moderno. Locke e Leibniz concordam nesse aspecto. [...] A noção de F. como prazer ou como soma, ou melhor, "sistema" de prazeres, segundo a expressão do velho Aristipo, começa a adquirir significado social com Hume. [...] Entremontes, Kant, que julgava impossível considerar a F. como fundamento da vida moral, esclarecia eficazmente a noção de F. sem recorrer à de prazer: [...] De fato, não é possível que sejam satisfeitas todas as tendências, inclinações e volições do homem, porque de um lado a natureza não se preocupa em vir ao encontro do homem, com vistas a essa satisfação total, e de outro porque as próprias necessidades e inclinações nunca se aquietam no repouso da satisfação (Crít. do Juízo, § 83). [...] Todavia, com Hume, o empirismo inglês havia iniciado (como já foi dito) um novo desenvolvimento dessa noção em sentido social, o que é próprio do utilitarismo. [...] Na tradição cultural inglesa e americana, a noção de F. permaneceu viva com essa forma e, além do pensamento filosófico, inspirou o pensamento social e político. O princípio da maior felicidade continuou por muito tempo sendo a base do liberalismo moderno de cunho anglo-saxônico. A Constituição americana incluiu entre os direitos naturais e inalienáveis do homem "a busca da F." [...] Por outro lado, não conseguindo mais utilizar a noção de F. como fundamento ou princípio da vida moral, os filósofos desinteressaram-se dessa noção. [...] A filosofia contemporânea ainda não se deteve para analisar a noção de F. nos limites em que ela

pode servir para descrever situações humanas e orientá-las. Contudo, a importância dessa noção é hoje evidenciada pelo interesse que algumas noções negativas como "frustração", "insatisfação", etc, têm na psicologia individual e social, normal e patológica. Estas noções e outras análogas indicam, pois, a ausência mais ou menos grave da condição de satisfação pelo menos relativa que a palavra F. tradicionalmente designa. (ABBAGNANO, 2007, p.435)

Esta definição é muito mais longa do que a exposta nesta citação e, por isso, foi necessário reduzi-la aqui, por não ser meu desejo específico o de delinear um mapa cartográfico de meu tema na Filosofia, pois isto demandaria um esforço muito mais amplo. Mas pretendo mostrar como a noção de felicidade caminhou através dos tempos no Ocidente: desde Tales de Mileto (que viveu entre os séculos VI e VII a. C.), Demócrito, Sócrates, Platão, Aristóteles, a ética pós-aristotélica, Epicuro (entre os séculos II e III a. C, a partir de uma filosofia hedonista, cuja ética valoriza o prazer acima de tudo) e durante o humanismo (quando a noção de felicidade passa a ser ligada, novamente, à de prazer) e, assim, salientar sobre que pilares foi construído o conceito ocidental de felicidade.

É, também, de grande relevo destacar que o desinteresse pela noção de felicidade por parte dos filósofos durante a Idade Média, o que somente foi retomado na Idade Moderna (regida pelo liberalismo moderno, cujo eixo principal é o individualismo), quando a felicidade passou a ser vista como um direito, ocorreu devido a não mais conseguirem utilizá-la como fundamento ou princípio da vida moral. A isto se seguiu, com o Romantismo, o nascimento de uma tendência que predominou por muito tempo, de uma exaltação da infelicidade e da dor como experiências positivas. Entretanto, podemos observar na contemporaneidade como Psicologia individual e social (dentre outras áreas das Ciências Humanas) tem passado a preencher a lacuna deixada pela Filosofia contemporânea (no que diz respeito a se deter para analisar como a noção de felicidade pode servir para descrever situações humanas e orientá-las). Talvez essa ausência de reflexões por parte da filosofia a respeito da felicidade na contemporaneidade (pelo menos, da maneira como era enfatizada) seja sintomática de um mundo muito infeliz, segundo MARÍAS (1989) afirma em seu livro “A felicidade humana”.

Contudo, a despeito da afirmação de Marías, vemos a noção/conceito de felicidade atravessar os séculos, por meio dos estudos filosóficos, desde a antiguidade, até o desenvolvimento de temas mais contemporâneos, como que numa tentativa de resgate de sua importância histórica. Esse resgate pode indicar, então, não somente uma nova valorização

desta noção, como também uma busca pragmática pela felicidade. Segundo Nietzsche (apud LIPOVETSKY 2007, p.333), os modernos gostam de dizer que “inventaram a felicidade”. Em “Felicidade paradoxal” Lipovetsky⁵⁹, destaca que, desde o século XVIII a felicidade começa a adquirir um novo significado, ao reabilitar do epicurismo os prazeres e as paixões, quando os homens das luzes elevaram a felicidade à condição de ideal supremo, acreditando que uma sociedade na qual reinasse a igualdade e justiça poderia promover a felicidade comum. Entretanto, somente a partir do século XX nascerá uma nova modernidade, que coincide com a “civilização do desejo”. A felicidade passa a ser regida por um hedonismo individualista, através da “difusão social das aspirações democrático-individualistas às felicidades materiais e ao bem viver”⁶⁰.

É interessante perceber como alguns autores como Rousseau (1973, p. 89) expõem seus pensamentos a respeito deste assunto, ao comparar o homem em seu “estado de natureza” e o “homem civilizado”, destacando este como em um estado muito mais favorável a uma vida feliz do que aquele, por se tornar “o amor ao bem estar o único móvel das ações humanas”. Segundo ele, com a “civilização”, a desigualdade havia se instaurado entre os homens, trazendo, consigo, consequências irreversíveis, tais como “*compostos funestos à felicidade e à inocência*”.⁶¹ Para ele, era como se o mundo, a partir daí, tivesse sido dividido em dois: “[...] de um lado ficaram as riquezas e as conquistas, e do outro, a felicidade e a virtude”. E, “em meio a tanta filosofia, humanidade, polidez e máximas sublimes, só temos um exterior enganador e frívolo, honra sem virtude, razão sem sabedoria e prazer sem felicidade”.⁶²

“O homem nasceu para ser livre e feliz”, seria o grande postulado enunciado de livro em livro. “[...] a busca da felicidade aparece como a atividade mais crucial, a mais urgente que existe”⁶³. No entanto, ao depositar suas esperanças no intuito de alcançar a felicidade, o homem, teria se enveredado por muitos caminhos que, paradoxalmente, não foram capazes de garantir essa tão almejada felicidade. As estratégias modernas de depósito de esperanças no progresso (e na própria modernidade) foram frustradas; o consumismo utilizado com o objetivo de suprir as faltas e frustrações deixadas por essas esperanças não alcançadas, também não teria se mostrado como algo, universalmente, capaz de dar conta da felicidade,

⁵⁹ Ibid., p. 11.

⁶⁰ Ibid., p. 49.

⁶¹ Ibid., p. 92.

⁶² Ibid., p. 109 e 115.

⁶³ Ibid., p. 17.

como um ideal humano, pois “[...] as inquietudes, as decepções, as inseguranças sociais e pessoais aumentam”⁶⁴.

Muitas outras literaturas e pesquisas sobre felicidade têm surgido na atualidade, demonstrando o quanto ela continua a ser relevante, não somente como tema, mas também como um desejo e, ao mesmo tempo, preocupação quanto ao presente e futuro da humanidade. Condé (2011) destaca o papel das mídias em forjar no indivíduo certa mentalidade acerca da felicidade como um imperativo⁶⁵, como indicadoras e propagadoras que são, não somente de um determinado conceito de felicidade a ser absorvido pelos indivíduos, mas também das formas de obtê-la. Desta maneira, ele deixa transparecer certa inquietação concernente ao papel da mídia em ditar “como ser feliz” no mundo contemporâneo, num contexto de globalização capitalista. De semelhante forma, Birman (2010), destaca a felicidade como um imperativo na contemporaneidade: é como se todos tivessem, não mais o direito, mas o dever de ser feliz. Canclini (1983 e 2008) reflete um pouco acerca do papel do consumismo em um mundo globalizado, a sobrepujar ao próprio papel dos indivíduos como cidadãos, sinalizando para um bem estar baseado apenas dentro de uma visão consumista de mundo. A noção ocidental de felicidade caminharia, assim, o percurso de uma felicidade “de consumo” individualista sem, necessariamente, uma ligação ou preocupação com a felicidade do outro, pois, “o importante é ser feliz”, mesmo que a felicidade de uns por vezes redunde na infelicidade de outros.

Bauman⁶⁶ expõe como, na modernidade, num contexto de globalização, onde, segundo ele, pessoas passam a ser tratadas como mercadorias, teria ocasionado uma verdadeira cascata de consequências, que ele chamou de “mal estar da pós-modernidade”. Num contexto no qual, até mesmo o conceito de cultura necessitaria ser revisto, segundo ele, devido a muitas transformações acontecidas no ocidente, ele salienta que viver se tornou uma verdadeira arte.

Obviamente, não poderia deixar de lado o reconhecimento da relevância da felicidade como tema a transpassar aos estudos antropológicos, direta ou indiretamente. É

⁶⁴ Ibid., p. 333.

⁶⁵ Sobre este assunto, ver também Bezerra (2010).

⁶⁶ Cf.: O mal-estar da pós-modernidade (1998).

Globalização e suas consequências (1999).

Vida para o consumo, a transformação das pessoas em mercadoria (2008).

A arte da vida (2009).

construtivo observar ao que Malinowski já afirmava: “Estudar as instituições, costumes e códigos ou estudar o comportamento e a mentalidade [...] sem o empenho na compreensão subjetiva do sentimento que as move, sem perceber a ‘*essência de sua felicidade*’ é [...] desprezar a maior recompensa que podemos esperar algum dia obter a partir do estudo do homem”. (MALINOWSKY, 1978, p.20)

A felicidade assume formas diferentes em cada sociedade, justamente porque esta “essência da felicidade” também é diferente em cada uma delas. E isto, porque o essencial para a felicidade pode variar, de acordo com diversos fatores contextuais. Se dermos a devida atenção ao que Malinowski coloca na afirmação supracitada, iremos entender que, ao afirmar que quando desprezamos a esta compreensão, estamos desprezando, na verdade, a maior recompensa que podemos esperar obter a partir do estudo do homem, ele está demonstrando que nossa maior recompensa é conseguir compreender o sentimento que move as sociedades, bem como aquilo que é essencial para que elas sejam felizes: aquilo em que elas depositam a sua razão de ser como são e de fazer o que fazem (e como fazem). Poderíamos afirmar que estas descobertas seriam, assim, a mais significativa recompensa do trabalho antropológico.

Cabe ressaltar ainda que, assim como a noção de felicidade irá variar de acordo com cada contexto cultural, também o ideal de felicidade irá acompanhar a esta noção e às formas de conceituar o bem-estar, o prazer, as maneiras de se alcançar satisfação, a noção de qualidade de vida, enfim, tudo aquilo que se define como “componentes” necessários a uma “vida feliz” ou “objetos de felicidade” (termo utilizado no primeiro capítulo, para designar aquilo que algumas pessoas podem considerar como o elemento, situação ou circunstância almejada, que simbolize para si a felicidade). Assim, o que é felicidade para uma determinada sociedade, para outra pode não fazer o menor sentido; também o que define o ideal de felicidade irá variar, de acordo com cada sociedade, com a sua “essência de felicidade”, entrelaçado a valores intrínsecos a ela.

Felicidade, como ideal, depende de determinadas questões pontuais a serem observadas em relação ao grupo específico ao qual se pretende estudar. Essas questões referem-se a fatores fundamentais específicos relacionados àquilo que determina a identidade de cada grupo social. Cada um irá idealizar a felicidade de maneira diferente e, por isso, o seu sentido pode variar muito, de acordo com cada grupo social em particular. Em outras palavras, a felicidade, ideologicamente, irá variar de acordo com as construções sociais de seu significado. O desprezo à “essência da felicidade”, da qual são compostas as diversas

sociedades, pode acarretar, na melhor das hipóteses, uma compreensão desarticulada de todo o conjunto de conhecimento necessário à compreensão de nosso objeto de estudo.

Partindo dos pressupostos vistos até aqui sobre a felicidade, é possível perceber o quanto seu estudo é de suma relevância, ainda hoje, para os diversos ramos das Ciências Sociais, sobretudo, para os estudos antropológicos, pois é um tema sobre o qual a antropologia precisa sempre debruçar-se, de uma forma ou de outra. É de suma importância atentar, não somente para a relevância deste tema, como também para a sua transversalidade, como que a formar um “pano de fundo” para a compreensão de nosso objeto: a felicidade pode ser vista como um tema a atravessar contextos históricos, culturais, políticos, econômicos, possuindo a peculiaridade de perpassar a própria existência humana.

Porém, à medida que minha pesquisa avançava, uma questão não queria calar: como chegar a uma apreensão da noção de felicidade para os joalianos, se até mesmo o conceito de felicidade com o qual eu costumava lidar é carregado de influência do pensamento ocidental? Como, então, conseguir fazer uma leitura deste contexto, em especial, sem permitir que os pressupostos e paradigmas ocidentais viessem “contaminar” de forma decisiva à minha própria compreensão da lógica local desse conceito/noção? O que os próprios ‘nativos’ teriam a me dizer a esse respeito a partir dos seus próprios pressupostos filosóficos?

4.3 A “filosofia africana” e o conceito de felicidade

Etimologicamente falando, a palavra filosofia nos remete à ideia de uma relação de amistosidade com o conhecimento: *filo* (do grego, amigo) e *sofia* (também do grego, ciência ou conhecimento). Este é o conceito universal e o significado da palavra filosofia. Entretanto, é possível perceber que seu uso tem assumido muitos outros aspectos, que não somente essa relação (que deveria ser) igualitária em relação ao conhecimento, quando está em jogo certas relações de poder, por exemplo.

Quando pensamos em “filosofia africana”, estamos sujeitos a algumas armadilhas conceituais, resultado da maneira como aprendemos a enxergar a África. Uma dessas armadilhas seria acreditar numa única filosofia ou forma de pensamento a percorrer todo este vasto continente, apesar de toda a diversidade cultural nele existente. É por isso que

Grandvaux (2013), em “Filosofias africanas”, afirma ser necessária uma adaptação do discurso filosófico à realidade das filosofias africanas, no plural. Ela questiona a possibilidade de se falar de uma filosofia africana, sem uma extensão ou modificação da compreensão da própria filosofia enquanto tal. Para o pensador inscrito na tradição filosófica ocidental, a questão da filosofia africana é, antes de tudo, em relação à própria definição de filosofia. O que caracterizaria o discurso filosófico, que o permitiria ser, em concomitante circularidade, ocidental, africano, asiático e americano?

Acerca da produção de conhecimento, Santos (2009) afirma que:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda noção ou ideia, refletida ou não sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outras não existem senão no interior das relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias [...] Assim sendo, qualquer conhecimento válido é sempre contextual [...]. (SANTOS, 2009, p. 9)

Através deste pensamento, Santos demonstra a relevância de uma produção de conhecimento que valorize a diversidade de práticas, como produto de diferentes tipos de relações sociais, dentro de seus próprios contextos. Ele afirma que, sob o pretexto de “uma missão colonizadora”, o projeto de colonização teria buscado uma homogeneização do mundo, obliterando as diferenças culturais. Segundo observa Said (1990), até mesmo a ideia de orientalismo teria sido uma invenção do ocidente, numa tentativa de apreendê-lo e inseri-lo em categorias ocidentais.

Por muito tempo pensou-se na África como um campo sobre o qual seria possível a produção de discursos filosóficos, mas ela mesma não era vista, propriamente, como participante na produção destes discursos. Segundo Grandvaux, tem havido uma pretensão universalista da filosofia, através de um etnocentrismo ocidental, que agiu através dos tempos como se a África fosse “inocente de filosofia, de civilização e de inteligência”⁶⁷. Esta mesma autora mostra que, quando a Filosofia é tomada como uma atividade exclusiva de uma única

⁶⁷ Ibid., p. 121 e 133.

sociedade, ela deixa de ser um patrimônio da humanidade para se tornar uma maneira de medir o poder intelectual humano e julgar de maneira desprezível a determinados povos.

Para ela, a “filosofia africana” (aqui no singular, por fazer referência ao conjunto das possibilidades de produção filosófica neste continente) precisa pensar a si mesma, levando em consideração que a Razão e a própria Filosofia não são propriedades exclusivas ocidentais. A Razão não nasceu em algum lugar específico, mas ela é inerente ao homem. A mesma coisa acontece com Filosofia, que já era praticada mesmo antes de este termo ser inventado. Desta forma, é preciso compreender a lógica e a razão como universais culturais, pois as leis do pensamento são universais e compartilhadas por toda a humanidade. (op. Cit. p.131) Entretanto, não se pode deixar passar sem destaque a questão de como, até mesmo através da produção Filosófica ocidental⁶⁸, é possível perceber uma desigualdade nas relações África-Occidente, que favoreceu a produção de uma dominação ideológica veiculadora de categorias e paradigmas particulares, forjando uma leitura parcial e “cega” da realidade.

O grande problema, contudo, começaria já na formação dos filósofos africanos, sempre inseridos em contextos universitários que apenas reproduziriam o sistema universitário das antigas metrópoles e, por isso, teriam recebido uma formação que em nada diferenciava daquela recebida pelos filósofos ocidentais. Logo, esta situação demandaria, não somente o reconhecimento daquilo que permanece de ocidental nas filosofias africanas, mas também uma ruptura com as instituições produtoras de discursos condicionantes sobre a África, ao propor a construção de uma nova filosofia, “a filosofia africana”, conforme denomina Grandvaux. Porém, a grande questão colocada por ela, diz respeito a uma real possibilidade de se operar, nesta empreitada de desconstrução, uma verdadeira ruptura epistemológica que torne possível, também, a construção dessa nova filosofia africana.

Dentre tantos autores trazidos por Grandvaux para esta discussão (e que o espaço aqui não permitiria comentar a todos), gostaria de fazer menção a Wiredu⁶⁹, um filósofo que trata largamente acerca da questão da produção de um discurso filosófico africano e que se posiciona a favor de uma descolonização mental e filosófica, que seja independente da ideologia ocidental. Para ele, entretanto, “este passo implica a desconstrução de sistemas

⁶⁸ Ibid., p. 16.

⁶⁹ Filósofo nascida no Ghana, cujos trabalhos tratam da filosofia africana, a lógica, a epistemologia, a metafísica, a ética e a verdade, tendo também dirigido “*A Companion to African Philosophy*”. Suas principais obras são: *Philosophy and an African Culture* (1980) e *Cultural Universals and Particulars. An African Perspective* (1996). Publicou em diversas revistas europeias, americanas e africanas.

conceituais a partir dos quais os filósofos concebiam suas análises, por se tratarem de uma herança da ideologia ocidental dominante, colonial”, para que essa relação entre poder e saber não seja mais um instrumento em favor de uma ordem epistemológica ocidental. (GRANDVAUX, 2013, p. 108,109).

Segundo Grandvaux, Wiredu propõe uma “descolonização conceitual”, uma operação desconstrutiva de princípios clássicos de filosofias ocidentais. Trata-se de distinguir dentre os conceitos ocidentais, aqueles que são universais, que não dependeriam nem de uma língua, nem de uma cultura, daqueles que, pelo contrário, seriam particulares e próprios a uma cultura, buscando sempre testar sua validade pragmática. Wiredu deseja também desmascarar aos falsos universalismos, interrogando a possibilidade da tradução de conceitos ocidentais nas línguas africanas. Ele compartilha com a filosofia analítica e, principalmente, com a filosofia linguística a convicção de que os problemas filosóficos são tratáveis pelo esclarecimento da linguagem, pois uma das tarefas da filosofia seria, justamente, a descoberta daquilo que daria nascimento aos mal entendidos filosóficos, corrigir os erros ocasionados pela língua, analisar os conceitos e explicitar as condições necessárias para a sua correta aplicação. Somente uma análise da linguagem permitiria compreender como funciona o pensamento, pois a forma de se pensar, esta sim, não é, necessariamente, universal.

A descolonização conceitual ou cognitiva se faz através da análise de conceitos ocidentais a fim de capturar sua estrutura, seus pressupostos, seus limites e sua extensão para que se torne possível uma descolonização em relação às próprias filosofias africanas, ao possibilitá-las apropriar-se, efetivamente, do discurso “sobre a África e sobre os africanos”. Assim, Wiredu propõe a desconstrução de conceitos ocidentais clássicos, e que esta seja seguida por uma remodelação dos mesmos, a partir de uma problematização da tradução de algumas palavras/conceitos (da língua “nativa” em relação à ocidental). Ele também afirma que neste processo de descolonização conceitual é preciso, de um lado, ‘desemaranhar’ aquilo que constitui as estruturas conceituais das filosofias africanas, extraindo delas toda a tradição filosófica estrangeira ou colonial, analisando-as para, em seguida, decidir entre aquilo que deve ser rejeitado ou incorporado aos pensamentos filosóficos africanos.

Através desse processo, “seu propósito não é o de simplesmente rejeitar as categorias, conceitos e outros modos de pensamento ocidentais. Trata-se de não utilizar estes

últimos sem antes haver se interrogado sobre a sua proveniência ou validade”. Wiredu⁷⁰, desta forma, faz um convite a que se avalie a herança filosófica sobre o qual se apoia o pensamento filosófico africano, para que seja possível, depois, construir sobre ele. Através deste procedimento, além de promover uma mudança no prisma através do qual os pensamentos africanos são abordados, ele também tem por objetivo

[...] emancipar as filosofias africanas da mentalidade colonial e propor aos filósofos ocidentais uma maneira diferente de abordar um conceito e construir problemas filosóficos. Wiredu propõe uma longa lista de conceitos a desconstruir e dicotomias conceituais a interrogar. (GRANDVAUX 2013, p. 115)

A partir da metodologia proposta por Wiredu, é possível compreender, por exemplo, o porquê de a estratégia linguística utilizada por Senghor para a promoção da paz entre algumas etnias ter dado tão certo, a ponto de, até aos dias atuais, ser reconhecida pelos próprios grupos étnicos envolvidos, segundo pude apurar através da tradição oral e conforme destaca Diouf (1994), ao salientar o quanto a política de Estado desenvolvida por Senghor foi fundamental para a integração nacional e inter étnica senegalesa. Embora sua formação em etnologia tenha sido na França, portanto, sob influência direta do pensamento ocidental, Senghor soube unir os conhecimentos recebidos à sua bagagem pragmática a respeito da questão étnica no Senegal e fez uma eficaz aplicação, através do eixo linguístico, à realidade.

Wiredu (Loc. Cit. p. 118,119) também deixa transparecer o desejo de uma fuga às dicotomias próprias ao pensamento ocidental e criar uma maneira mais flexível de categorização do pensamento, para que a compreensão se dê a partir da língua local. Para ele, traduzir é interpretar e filosofar ao mesmo tempo, não somente o sentido das palavras, mas também valores; o esforço de tradução deve nos conduzir a uma reflexão sobre o valor e validade das noções.

A preocupação que Wiredu compartilha com uma grande número de filósofos africanos é de poder conciliar universalismo e particularismo, universalismo e relativismo. Trata-se sempre de afirmar sua africanidade e sua humanidade. (GRANDVAUX 2013, p. 118 -121).

⁷⁰ Loc. Cit. p. 114.

Seguindo a este pensamento exposto por Wiredu e, ao tentar observar palavras chave que poderiam compor a esse “glossário da felicidade” no contexto no qual desenvolvia minha pesquisa de campo, percebi o quanto eram palavras que, diferentemente daquelas utilizadas pela “filosofia ocidental”, diziam respeito a especificidades referentes às identidades, memórias, valores, formas de vida, enfim, à cultura local.

Muitos filósofos africanos, segundo demonstra Grandvaux, se dedicaram a repensar a dualidade filosofia africana/filosofia ocidental e a trazer à superfície a pretensão universalista, frequentemente qualificada de ocidental, que teria levado os filósofos africanos a fecharem a reflexão africana em si mesma. Alguns filósofos africanos situam-se, de um lado, entre um relativismo que reconhece, mesmo que recusando uma particularização excludente, as diferenças culturais particulares e, de outro lado, um universalismo que autoriza apesar das diferenças culturais, um diálogo intercultural.

Alguns outros filósofos africanos referidos por Gandvaux nesta mesma obra também tem desempenhado um papel muito importante no que concerne a essa descolonização conceitual: Adotevi (1972), do Togo, adepto do movimento pela negritude; Diaw (1998), senegalesa, que escreveu sobre etnias e nações a partir de um olhar dos discursos identitários; Diop (1949), também senegalês, que doa seu nome à Universidade de Dakar, várias vezes citada em capítulos anteriores (UCAD), escreveu sobre a África negra pré-colonial refletindo em sua tese de doutorado, também, sobre o futuro do pensamento africano; Lalèyê (1970, 1975), professor de epistemologia e antropologia, do departamento de Sociologia, da Universidade Gaston Berger, em Saint Louis, no Senegal, que desenvolveu pesquisas nos domínios da filosofia, antropologia e religião africanas; M’bokolo (1999), que se debruçou sobre a questão étnica na África e as consequências do colonialismo mostrando, não somente como a colonização teria “criado” as ideia de etnias e tribos, etnicidade e tribalismo (como conceituações tipicamente ocidentais), mas suscitado, também, um processo de alargamento do capitalismo em território africano, por meio de um povoamento europeu beneficiário de certos privilégios materiais e um poder pouco contestado; A. Diop (1969), que estudou, especificamente, a respeito da etnia wolof. Estes são apenas alguns, dentre vários outros que eu poderia citar, mas que não o faço, pois isto poderia ser o tema, especificamente, de um trabalho posterior, de tão abrangente que é a produção filosófica africana. Desta forma, é possível perceber o quanto os filósofos africanos podem contribuir com suas reflexões acerca

do pensamento africano e como ele pode sinalizar para uma maneira singular de pensar a própria existência e, conseqüentemente, de viver feliz.

A despeito de críticas dirigidas a Wiredu acusando-o de um essencialismo etnocêntrico, não se pode negar a relevância de sua proposta para o trabalho, tanto antropológico quanto filosófico, principalmente por despertar a reflexão sobre a importância de se trabalhar com os conceitos, tentando aproximá-los à maneira como são apreendidos pela lógica nativa e em seus próprios termos.

Afirmar que é necessária uma maior valorização da “Filosofia africana” não se trata de, por um lado, simplesmente, descartar todo arcabouço teórico ocidental pelo fato de este se mostrar limitado a uma compreensão de outras lógicas, mas de, como sinalizado por Grandvaux, fazer uma crítica analítica e conceitual, de forma criteriosa, para “não jogarmos o bebê juntamente com a água do banho”, até porque se, a questão fosse de, simplesmente descartarmos tudo o que vem do pensamento ocidental, até mesmo a realização de minha pesquisa seria incoerente, pois toda a minha formação se deu neste contexto e sob forte influência deste pensamento. Em contrapartida, não podemos pensar, ingenuamente, que este trabalho seja o de, tão somente, tentar encaixar às categorias ocidentais existentes, outras maneiras de pensar e enxergar o mundo. A grande questão aqui é procurarmos pontos de equilíbrio nos quais nos apoiar, que nos sirvam como mediadores nesse processo de “des-re-construção” de conhecimento. Assim, não somente necessitamos fazer a crítica analítica conceitual proposta por Grandvaux, como também, uma permanente autocrítica para, nem perdermos ao próprio processo, nem nos perdemos neste processo.

4.4 Contribuições de Marcel Mauss para uma análise da felicidade a partir da lógica local

Na tentativa de seguir algumas pistas deixadas por Grandvaux e de encontrar algum referencial teórico que pudesse trazer luz sobre o meu tema sem, contudo, menosprezar aquilo que o pensamento ocidental teria a oferecer, percebi a necessidade de uma transversalização entre vários ramos das ciências humanas, que viabilizasse uma maior riqueza analítica. Neste sentido, trazer o recorte analítico de Marcel Mauss para esta discussão pode contribuir significativamente, pois ele mesmo demonstrava valorizar a transversalidade (não somente

entre Antropologia e Sociologia, mas também quando destaca o papel da Filosofia e da Psicologia quando se trata do estudo do homem) e, sobretudo, pelo esbanjamento de originalidade e conteúdo em seu Ensaio sobre a Dádiva, cujos princípios demonstram grande fertilidade e transmite um legado que tem sido explorado através dos mais diversos caminhos analíticos.

A Dádiva nos oferece uma riqueza de estudos, cuja apropriação dos princípios, pode nos oferecer uma rica metáfora com nossas sociedades, como o próprio Mauss ensaiou em fazer, deixando, contudo, uma abertura a um alargamento analítico. Ele, ao estudar a civilização escandinava e algumas outras demonstra como as trocas e os contratos se faziam sob a forma de presentes “em teoria voluntários” mas, na verdade, “obrigatoriamente dados e retribuídos”. (MAUSS, [1950] 2003, p. 187)

Numa multiplicidade de “coisas sociais em movimento”, como chama o que também denomina de “fenômenos sociais totais”, Mauss deseja considerar, ao direcionar seus estudos sobre o regime do direito contratual e do sistema de prestações econômicas entre as diversas seções e subgrupos de que compõem as sociedades ditas primitivas, apenas um dos traços:

O caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico. (MAUSS, 2003, p. 188).

Mauss desejava compreender, desta forma, o princípio que transforma em regra a retribuição a um presente recebido: “Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz com que o donatário a retribua?”. Ao estudar sobre o que ele chamou de “Economia natural”⁷¹, Mauss parece desejar desmistificar o que conhecemos como “estado de natureza”, ao demonstrar como, entre os polinésios, seu modelo econômico ia além da simples troca de bens, de riqueza e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos, pois são coletividades que estão envolvidas nesses sistemas,

⁷¹ Ibid., p. 188.

e não propriamente os indivíduos, em contratos firmados entre pessoas morais: clãs, tribos e famílias. Além do mais, o que é trocado nessas transações não são, exclusivamente, coisas materiais, mas “antes de tudo, amabilidade, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, dos quais o mercado é apenas um dos momentos”⁷². A isto, Mauss chamou de “sistema de prestações totais”.

Mauss, contudo, admite formas intermediárias entre o tipo de prestação total e o “*Potlatch*” (sistema de prestações totais tipo agonística). Ele exemplifica isto, afirmando: “rivalizamos em nossos brindes de fim de ano, em nossos festins, bodas e em nossos simples convites para jantar, e sentimo-nos ainda obrigados a nos *revanchieren*, como dizem os alemães”.⁷³ Com esta afirmação, ele tenta demonstrar como os princípios da dádiva podem ser contextualizáveis, até mesmo em sua própria cultura, a europeia.

Se estabelecermos uma relação de diálogo entre os princípios da dádiva ao contexto ao qual me detive a estudar, é possível perceber o quanto isto é perceptível em relação às alimentações, no que concerne, até mesmo, à falta de cerimônia por parte das pessoas, que podem chegar a qualquer momento, desejosos de se alimentarem com a família à qual visitam, como que sabendo da existência dessa “obrigação” de todos repartirem seus alimentos, por saberem, de antemão, que elas próprias também terão de retribuir àquela “gentileza”, de outra feita.

O sistema de oferendas contratuais estudadas por Mauss em Samoa estendia-se muito além do casamento, acompanhando a eventos, como: nascimento de filhos, circuncisão, doença, puberdade da moça, ritos funerários e comércio. Também algumas coisas a mim transmitidas através da tradição oral a respeito das memórias acerca da formação de *Joal* ou mesmo através de rituais aos quais pude observar mais de perto (desde o ritual de nascimento aos rituais funerários), percebi certa mutualidade “dadivosa”, como diria Mauss, tanto nas relações sociais, como também nos principais eventos que envolvem aspectos culturais da comunidade à qual me detive minhas observações.

A começar pelos rituais de nascimento, a bacia com os presentes para o recém-nascido, bem como os serviços ritualísticos e domésticos, na preparação da festa em si, todos esses elementos apontavam para uma confiança mútua entre todos, numa espécie de contrato

⁷² Ibid., p. 190,191.

⁷³ Ibid., p.193.

(no caso da família de Josephine, acordo pré-estabelecido entre ela e suas irmãs) de ajuda, acolhimento e auxílio em todos os preparativos deste ritual, na esperança de que, também receber estas prestações, quando necessário ou em retribuição ao auxílio prestado, se já aconteceu:

_ *“Nos ajudamos umas às outras, para não ficar pesado para somente uma pessoa”*. (afirmou Josephine)

No caso dos outros ritos, pode ser observado este mesmo padrão, a exemplo dos ritos funerários, quando Josephine se expressou a mim da seguinte forma:

_ *“É preciso sempre fazer de tudo para estar presente aos funerais, pois quando mais precisei, pude contar com a ajuda de todos; também não estamos livres de precisar novamente”*.

Era muito interessante observar o quanto se fazia de tudo para estar presente aos rituais funerários, o que acabava por se tornar um grande evento, do qual todos tomavam conhecimento (o que para nós, se compararia a uma festa de casamento ou bodas, por exemplo).

Outra noção de extrema relevância trabalhada por Mauss era a de “*hau*”, ou “espírito das coisas”. Por isso, as coisas recebidas precisavam ser retribuídas, por conterem o “*hau*” de quem oferece. Ou seja, se não retribuída, aquele que recebia poderia vir, até mesmo a ser acometido com a morte. O vínculo pelas coisas seria, assim, um vínculo de alma, pois a própria coisa seria portadora de uma alma, sendo também uma alma:

[...] nesse sistema de ideias, compreende-se que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não somente seria ilícita, mas também porque esta coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas fisicamente e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens, móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos, enfim, a coisa dada não é uma coisa inerte. Animada, geralmente individualizada, ela tende a retornar [...] ao seu lar de origem, o a produzir, para o clã e o solo do qual surgiu, um equivalente que a substitua. (MAUSS, [1950], 2003, p. 200).

Tal é a seriedade e implicações das ideias implícitas neste sistema, que “recusar dar, negligenciar convidar, assim, como recusar receber equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão”. Neste sentido, Mauss demonstra existir uma série de direitos e deveres de consumir e retribuir, que corresponderia aos direitos e deveres de dar e receber, pois haveria uma “mistura” de vínculos espirituais entre as coisas, indivíduos e grupos. (p. 200).

Mauss também expõe o caráter obrigatório e, ao mesmo tempo, voluntário existente nas trocas, quando relata acerca do interesse embutido nas dádivas como sacrifício aos deuses: seria próprio deles darem uma coisa grande em troca de uma pequena (do sacrifício).

Em relação às esmolas, também é possível perceber o interesse a permear as ações das pessoas, pois ao serem considerados, de certa forma, uma representação dos deuses e dos mortos, os homens fazem esmolas, algumas vezes, não propriamente para ajudar aos pobres, mas com o objetivo de aplacar ou barganhar com os espíritos dos mortos⁷⁴. Desta forma, a própria ação de dar esmolas pode ser encarado como uma espécie de sacrifício, feito na intenção de receber favores dos deuses ou espíritos. Segundo Mauss, alguns homens devem desfazer-se daquilo que lhes abunda, pois seria um “*excesso de felicidade e riqueza*”, como um princípio de justiça. Interessante notar que, mesmo aqui, é possível perceber a ideia de felicidade associada à posse de riquezas; porém, a riqueza, neste contexto, não possui, necessariamente, o mesmo sentido que no contexto ocidental, pois eles a veem como uma produção de excedentes importantes, que precisa ser redistribuída em forma de esmolas.

Um dos pilares doutrinários do islamismo recai sobre a obrigação de dar esmolas aos pobres. Na Surata LXVI, constaria uma promessa de felicidade feita por *Allah* àqueles que se preservarem contra a avareza e de uma paga em dobro a esses “empréstimos” a ele⁷⁵. Assim, em *Joal*, era comum a cena de muitas crianças pedindo esmolas, com suas latinhas nas mãos pelas ruas, e pessoas dividindo certa quantia em moedas com cada uma delas. Isso era visto com certa reserva por parte dos católicos, que argumentavam semelhantemente a uma senhora ao reclamar, enquanto uma das passageiras de um táxi no qual estávamos, repartia moedas entre as crianças que nos cercaram:

– ***“Enquanto houver quem dê esmolas, nunca deixará de existir crianças pedindo; é por isso que ‘eles’ aproveitam para explorar essas crianças”.***

⁷⁴ Ibid., p. 208.

⁷⁵ Ibid., p. 308.

Segundo Mauss, a obrigação de retribuir tem uma finalidade, antes de tudo, moral, pois “seu objetivo é produzir um sentimento de amizade entre duas pessoas envolvidas e, se a operação não tivesse esse efeito, faltaria tudo...”.⁷⁶ Citando Brown (1922. p. 81, 82), Mauss destaca que, “embora os objetos fossem considerados como presentes, as pessoas esperavam receber algo de igual valor e zangavam-se se o presente retribuído não correspondesse à expectativa”. Talvez possamos fazer um paralelo entre esta ideia e aquela conservada em nossos “amigos ocultos” de fins de ano.

Assim, é na busca de superação em relação aos presentes recebidos que reside todo o esforço no ato de retribuir: “Todos, homens e mulheres, procuram superar-se uns aos outros em generosidade”. Os presentes também servem para selar alianças entre as famílias dos noivos. Isto também, de certa maneira, acontece entre os *Sereer*, conforme já trabalhado quando foi tratado sobre o casamento e dote realizado nesta ocasião.

A dádiva não retribuída poderia, até mesmo, tornar inferior quem a aceitou sem o espírito de reciprocidade, pois seria como ficar “em dívida” com o doador. Neste sentido, a generosidade que acontece em forma de gratidão, também poderia se inserir no aspecto da dádiva que se refere à obrigação de retribuir. Em nossa língua (português brasileiro), por exemplo, quando desejamos agradecer por algum presente ou favor dispensado, dizemos, simplesmente, “obrigado(a)”. Em Francês, dizer a alguém “*merci*” (que equivaleria a ‘obrigado’) é como que afirmar que a dádiva tem o “poder” de deixar aquele que a recebeu “à mercê” ou comprometido com aquele que a praticou. É como se o ato de agradecer fosse uma retribuição obrigatória. Agradecer se tornou quase como que um ritual, pois, quando essa retribuição não acontece, a pessoa beneficiada, em muitos casos, pode ser até taxada como “ingrata”.

Alguns estudos recentes tem destacado a relação entre gratidão e felicidade. Algumas pesquisas desenvolvidas na Universidade da Califórnia pelo professor Robert A. Emmons (2009), autor de “*Obrigado! Como a gratidão pode torná-lo mais feliz*” e um dos mais importantes defensores da Psicologia positiva, demonstram como a gratidão pelas mínimas e mais simples coisas da vida, podem refletir em um nível de felicidade mais alto. Segundo esses estudos, a gratidão é um elemento fundamental no fortalecimento dos laços sociais. Pessoas gratas, de forma geral, demonstram maior satisfação com a vida, um maior nível de

⁷⁶ Ibid., p. 210.

otimismo, são mais generosas, prestativas e altruístas, além de demonstrarem, também, uma maior tendência a compartilharem seus bens com outros. Assim, seria possível pensar em uma correlação entre os princípios expostos por Mauss na *Dádiva* e felicidade. A gratidão desempenharia, também, um papel dadivoso, no sentido de uma retribuição a um favor prestado ou objeto recebido.

Os presentes também são vistos como um momento no qual acontece uma mistura de “sentimentos e pessoas”, como equivalentes aos abraços e às “saudações pelas lágrimas”: Trata-se, no fundo, de misturas. “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato, a troca” (MAUSS, 2003, p. 212).

Mauss também destaca que no sistema da dádiva,

A vida material e moral, a troca, nele funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. Ademais, essa obrigação se exprime de maneira mítica, imaginária ou, se quiserem, simbólica e coletiva: ela assume o aspecto do interesse ligado às coisas trocadas: estas jamais se separam completamente de quem as troca; a comunhão e a aliança que elas estabelecem são relativamente indissociáveis. Com efeito, esse símbolo da vida social – a permanência da influência das coisas trocadas – apenas traduz bastante diretamente a maneira pela qual os subgrupos dessas sociedades segmentadas, de tipo arcaico, estão constantemente imbricados uns nos outros, e sentem que se devem tudo” (MAUSS, 2003, p. 232)

Felizmente, segundo Mauss, as coisas ainda possuem um valor sentimental e restam ainda pessoas que ainda mantêm costumes de outrora, ao menos em certas épocas do ano ou em certas ocasiões. Desta forma, Mauss apresenta a dádiva como muito distante de uma correlação puramente utilitarista. Ele mostra, até o ato de presentear, como uma forma de tributo ou mesmo reconhecimento: “[...] as distribuições de alimento (*sagali*) são indenizações por trabalhos, por ritos efetuados, por exemplo, em caso de vigília funerária. No fundo, do mesmo modo que essas dádivas são livres, elas não são realmente desinteressadas”

⁷⁷ Comparativamente, pude fazer um paralelo com os rituais funerários aos quais tive a oportunidade de observar em vários momentos, sobretudo no da distribuição de alimentos às

⁷⁷ Ibid., p. 303.

pessoas que permaneciam, muitas vezes, durante semanas, com a viúva para assisti-la durante esse tempo inicial de seu luto. O interesse implícito nesse comportamento é uma espécie de “generosidade obrigatória”, que não perderia, contudo, seu fundo de solidariedade.

Assim, Mauss trabalha conjuntamente, com as ideias de dádiva, interesse e solidariedade; ele opõe a noção de dádiva e desprendimento à noção de interesse, de uma busca individual do útil. Porém, coloca que este interesse de maneira diferente daquele que move as sociedades capitalistas, porque nessas civilizações circulariam valores e interesses muito diferentes: “Foram nossas sociedades ocidentais que, muito recentemente, fizeram do homem um ‘animal econômico’... A busca brutal dos fins do indivíduo é prejudicial aos fins e à paz do conjunto, ao ritmo de seus trabalhos e de suas alegrias e – por efeito contrario – ao próprio indivíduo”.⁷⁸

Segundo Mauss,

[...] a própria palavra interesse é recente, de origem técnica contábil: ‘interest’, em latim, que se inscreveria nos livros de contabilidade referindo-se aos rendimentos a receber. Mas morais mais antigas, é o bem e o prazer que se busca, e não a utilidade material. Foi preciso a vitória do racionalismo e do mercantilismo para que entrassem em vigor, e fossem elevadas à altura de princípios, as noções de lucro e de indivíduo. (MAUSS, 2003, p. 306, 307)

Mauss direciona seu trabalho antropológico/sociológico baseado no conceito de “fatos sociais totais”, que põem em ação a totalidade da sociedade e de suas instituições. O que ele descreve, são sistemas sociais inteiros: “Nas sociedades apreendemos mais que ideias e regras, apreendemos homens e seus comportamentos”.⁷⁹ De certa forma, foi também a isso que me propus nesta pesquisa.

Mauss argumenta que no interior de todos os grupos por ele descritos na Dádiva, os indivíduos eram “menos tristes, menos sérios, menos avarentos e menos pessoais” do que em sua própria sociedade. Eles também eram mais generosos e mais dadivosos, afirmando que

⁷⁸ Ibid., p. 307,308.

⁷⁹ Ibid., p. 310-312.

nessas sociedades os homens renunciaram à sua autonomia e souberam dispor-se a dar e a retribuir.

No que diz respeito à possibilidade de felicidade nessas sociedades, ele afirma que o verdadeiro progresso e felicidade dessas sociedades se dava na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e indivíduos aprenderam a estabilizar suas relações dando, recebendo e retribuindo. Nisto consistiria o segredo para a satisfação de interesses mútuos, sem mais necessitarem recorrer ao uso de armas. “[...] e é assim que amanhã, em nosso mundo dito civilizado, as classes e as nações e também os indivíduos deverão saber – se opor sem se massacrar, dando-se uns aos outros, sem se sacrificar...” Para ele, este era um dos segredos da sabedoria e solidariedade dos grupos por ele estudados.⁸⁰

É sobre este pensamento que Mauss se baseia para afirmar que as nações realmente fortes, ricas, felizes e boas seriam aquelas que aprenderam a arte de boa convivência, sem honrarias e favoritismos de uns, em contraposição a uma situação de exclusão de outros. Ou seja, ela também, em certa medida, baseia este pensamento às ideias de solidariedade, justiça social e com a arte de relacionar-se (à semelhança da metáfora, da tábua redonda, para simbolizar a melhor maneira de se alcançar a este fim). Ele também, de forma sucinta, resume esta ideia da seguinte forma:

Os povos, as classes, as famílias, os indivíduos poderão enriquecer, mas só serão felizes quando souberem sentar-se, como cavalheiros, em torno da riqueza comum. Inútil buscar muito longe qual é o bem e a felicidade. Eles estão aí, na paz imposta, no trabalho bem ritmado, alternadamente em comum e solitário, na riqueza acumulada e depois redistribuída, no respeito mútuo e na generosidade recíproca que a educação ensina. (MAUSS, 2003, p. 314)

Na Dádiva, Mauss deixa uma pista acerca de como ele concebe a felicidade nas sociedades por ele estudadas, contrapondo à maneira como ela seria por ele encarada no contexto europeu, mais especificamente. Ele também faz como que uma projeção em relação aos rumos tomados pela humanidade, demonstrando o quanto este pode estar sendo comprometido, em relação à felicidade “mundial”, enquanto não houver um aprendizado eficaz que a faça retornar a certos valores, como a generosidade, a justiça e a igualdade.

⁸⁰ Ibid., p. 313, 314.

Ao evocar Mauss para esta análise (partindo de uma análise da Dádiva), também tento fugir daquilo que mostre um potencial de engessamento, prendendo-a a “caixas-pretas”, sem permitir quaisquer outras abordagens analíticas. Busca-se um meio termo que tenda, nem tanto para o individualismo metodológico, nem tanto para o Holismo metodológico que, de uma forma tão inflexível, dificulte a percepção da necessidade de certas matizações entre eles.

Para Mauss, toda a realidade social deveria ser concebida como uma realidade de ordem simbólica, como uma totalidade ligada por símbolos. Assim, em sua concepção, as relações sociais, de forma geral, estão impregnadas por símbolos. O valor que ele atribuía ao simbolismo em suas análises, de certa forma, demonstra também a preocupação em uma análise mais equilibrada, voltada para a compreensão de “homens totais”. Ele trata o homem em sua totalidade, como um ser composto de um corpo, uma consciência individual e que se vê inserido, concomitantemente, em uma existência coletiva, absorvendo também, desta forma, a este consciente coletivo. (MAUSS 1902, 1921, 1924).

Caillé (1996) utiliza o seguinte argumento para justificar a necessidade de uma terceira via analítica, entre o holismo e o individualismo metodológico:

Concluiremos, assim, que o holismo e o individualismo só nos esclarecem quanto a dois extremos e muito particulares: no primeiro, todas as pessoas com quem nos relacionamos podem ser consideradas santos, ou algo assim, fosse apenas porque são tão previsíveis quanto santos; no segundo, todas as pessoas com quem nos relacionamos devem ser consideradas escroques. Falta, portanto, elaborar um modelo que se refira à realidade concreta, essa na qual não sabemos para que lado tendem ou tenderão nossos parceiros presentes, passados, futuros ou possíveis, porque tendem aos dois ao mesmo tempo. (CAILLÉ, 1996, p. 191)

Em “A expressão obrigatória dos sentimentos” Mauss (1921), demonstra como até mesmo determinados sentimentos (geralmente considerados como elementos de ordem exclusivamente individual), quando expressos socialmente, assumem um caráter coletivo, necessitando buscar sua lógica em fatores sociais. Ele salienta que, mesmo os sentimentos precisam ser observados como pertencentes a uma ordem simbólica, construída coletivamente; a manifestação das emoções também passa a ser um símbolo coletivo, que possui uma linguagem simbólica própria, facilmente compreendida e absorvida pelo grupo.

É por esse motivo que afirmo que a felicidade possui uma semiótica própria, pois ela poder ser compreendida a partir da maneira como esses símbolos são percebidos e expressos por determinada coletividade, através de valores simbólicos implícitos nas práticas sociais. Através desses valores é possível perceber os sentimentos e ideias coletivas em jogo, abrindo diante de nós janelas cognitivas que permitirão adentrarmos a este emaranhado de simbologias, e começarmos a tecer os fios de compreensão que correspondam ao que desejamos apreciar.

A questão do interesse nas relações sociais, no entanto, não deixa de ser observada por Caillé, quando demonstra como as obras de Mauss não desejavam, levar à crença de que os homens sejam movidos por puro desprendimento ou generosidade, ignorando interesses. Entretanto, para ele, esses interesses deveriam ser alimentados por uma confiança de ambas as partes da aliança e estaria, justamente, voltado para a recompensa da generosidade ou para a projeção pessoal por ela possibilitada. De acordo com esta lógica, os interesses econômicos ou materiais possuiriam um aspecto apenas secundário:

[...] os interesses estritamente econômicos ou materiais são secundários em relação aos interesses de glória ou fama... E isso porque, antes de interesses econômicos, instrumentais ou de posse, é preciso que os sujeitos, individuais ou coletivos, existam, se constituam como tais. Seja como for, fica suficientemente claro nessa discussão que o paradigma da dádiva não é o inimigo *a priori* da axiomática dos interesses (exceto em sua dimensão axiomática ou paradigmática) nem de nenhum outro tipo de explicação. E, sobretudo, a toda teoria *a priori*. A quem fala apenas de interesse é preciso retrucar que há também obrigação, e espontaneidade, e prazer, e vice-versa. (CAILLÉ, 1996, p. 196)

Como, então, poderíamos interpretar a dádiva a partir de uma lógica local? De que maneira suas reflexões poderiam nos ser úteis? Quando se fala sobre a dádiva como uma via intermediária, sendo, ao mesmo tempo, “livre e obrigada”, “interessada e desinteressada”, pois pode, ora tender para o individualismo, ora para o holismo metodológico, sem se prender a um desses paradigmas, necessariamente, de acordo com a singularidade de cada situação e contexto específicos, é possível perceber o quanto nos oferece a flexibilidade analítica de que necessitamos. Entretanto, segundo Caillé,

Não se trata, de modo algum, de pretender desenterrar sempre e em toda parte a mesma coisa, a mesma identidade formal de prática ou de significados, mas sim de revelar um sistema de transformações da dádiva que seja inteligível. (CAILLÉ, 1996, p. 203)

O paradigma da dádiva viabiliza várias possibilidades de entradas teóricas sem, entretanto, impor nenhuma específica. Ele deixa tudo em aberto, tanto para a pesquisa etnoantropológica, etnofilosófica, como sociológica e não supõe ter encontrado as respostas antes mesmo de haver colocado as questões e realizado a investigação: “Assistemático, inimigo das respostas prontas e mastigadas, o paradigma da dádiva não é uma máquina de soprar soluções, mas de inspirar questões”.⁸¹

Segundo Caillé, há quem defenda que ele somente faria sentido no seio de sociedades “fechadas”, onde os relacionamentos se dão através de uma sociabilidade primária, ou seja, onde as relações entre as pessoas são mais importantes do que os papéis funcionais que elas desempenham, através do registro da família, do parentesco e da aliança, da amizade e da camaradagem (quase inexistente nas sociedades modernas), e não naquelas sociedades onde prevalecem sociabilidades secundárias, ou seja, sob o registro da igualdade de todos perante a lei. Alguns autores, segundo ele, chegam a objetar, por exemplo, a inexistência da dádiva em algumas sociedades, devido à inexistência de guerra (pois, assim, a necessidade de encerrá-la através de uma dádiva que venha a selar aliança não faz sentido algum).

Entretanto, Caillé refuta a alguns desses argumentos, demonstrando toda a flexibilidade e adaptabilidade a outras noções existentes em outros contextos, como aconteceria em algumas sociedades nas quais todas as relações sociais são colocadas sob o signo da dívida, por exemplo, (que segundo ele, nada mais seria, do que uma obrigação de retribuir). Desta forma, as obrigações que a dádiva implica poderiam ser de muitas outras sortes.⁸² Godelier (2001, p.07) também demonstra este pensamento quando afirma que o dom existe em todo lugar, embora não seja o mesmo em toda a parte. Ao mesmo tempo em que ele trata a dádiva como um verdadeiro enigma, consegue enxergar a sua presença em vários lugares, embora não de maneira idêntica em todos eles.

Mesmo que a proposição da dádiva como um terceiro paradigma (além do holismo e o individualismo metodológicos) esteja ainda, relativamente, em fase inicial, seu valor

⁸¹ CAILLÉ (1996, p.198).

⁸² Ibid., p. 200.

analítico tem sido recuperado, introduzindo seus principais pressupostos às mais variadas discussões, resgatando-a como um modelo interpretativo para algumas questões como a solidariedade e as alianças nas sociedades modernas, mostrando sua plasticidade e flexibilidade em análises contemporâneas. Aliás, o fato de a dádiva ser utilizada como recurso analítico para os mais diversos contextos (inclusive o ocidental contemporâneo) já demonstra o reconhecimento deste potencial, tendo em vista a distância tempo-espacial na qual foi elaborada originalmente por Mauss. Justamente por isso, não devemos esperar que nele não haja pontos ainda obscuros ou sujeitos a críticas e objeções, pois não constitui um sistema filosófico fechado.⁸³ Contudo, deixar de reconhecer todo o potencial de originalidade analítico da Dádiva, se contextualizado cuidadosamente, também seria desperdiçar a este rico recurso.

A despeito de todos os argumentos contrários à possibilidade da dádiva como um terceiro paradigma, a proposta de que ela seja encarada como um alargamento das possibilidades analíticas é, a meu ver, indispensável. Por isso, ao perceber toda a riqueza simbólica referente ao contexto ao qual me propus a observar, fui levada, também, à percepção de que seria em valorizar a todo o simbolismo impregnado na forma como interpretam tudo ao seu redor, que poderia se encontrar uma das chaves que me abriria para uma compreensão mais vasta acerca de como este grupo, em especial, expressaria uma semiótica capaz de levar a uma compreensão de como a felicidade era por ele registrada.

Desta forma, busquei me debruçar e enquadrar o estudo da felicidade entre dois outros conceitos marcantes neste contexto: o de solidariedade e o de pobreza, conceitos que dizem respeito à realidade por mim estudada.

4.5 Felicidade e solidariedade num contexto de pobreza

Assim como o conceito de felicidade, também o de pobreza tem sido tratado de forma, no mínimo, equivocada quando aplicado a alguns contextos nos quais não é definido segundo os padrões gerais nos quais se deu a sua formulação e possibilidades de medição. De uma forma geral, o conceito de pobreza tem sido associado de forma negativa ao de felicidade, no sentido de que o aumento de um signifique a diminuição do outro. Esta confusão, sem dúvida tem a ver com as definições ocidentais para estes conceitos. Os

⁸³ Ibid., p. 199.

conceitos de felicidade e abundância material têm sido vistos de tal maneira indissociáveis, que pensar a felicidade num contexto de pobreza parece significar pensar sobre duas situações incongruentes.

Para o pensamento ocidental, de uma forma geral, pobreza e felicidade são substantivos que não combinam entre si, pois pobreza tem a ver com escassez material e isto não coincidiria com o ideal ocidental de felicidade. Se nos baseássemos neste pensamento, seria possível afirmar que a maioria dos habitantes de nosso planeta não seria feliz, devido à grande desigualdade econômica existente entre as pessoas e países. Segundo pensadores, como Milton Santos (2000) a grande culpada pelo aprofundamento das desigualdades entre países ricos e países pobres, além de também trazer consigo o medos, incertezas quanto ao futuro, seria a globalização liberal. Por este motivo ele a chama de “globalização perversa”.

No entanto, Lipovetsky (2007) mostra que, em realidade, este pensamento pode ser fruto de uma grande confusão: a sociedade de hiperconsumo tem confundido bem-estar material e vida feliz. “Assumir que a pobreza nos exclui total e completamente da experiência de ser feliz pode ser uma posição de superioridade moral dos mais favorecidos”, conforme salientado por Balancho (2013, p.19), em “*Felicidade na pobreza*”, resultado de pesquisa sobre o fenômeno da felicidade, realizada em uma das populações mais carentes de Portugal, e das mais pobres da Europa (o que também contradiz o senso comum de que a pobreza seja uma realidade observável, sobretudo, nos contextos africano e asiático).

Durante muito tempo a África foi apresentada, tendenciosamente, como um continente de homogênea pobreza. Este também pode ser considerado como um dos legados do pensamento ocidental e, conseqüentemente, do colonialismo a respeito do continente africano. Talvez seja, justamente, uma suposta infelicidade, advinda de um contexto de extrema pobreza fruto desse passado de exploração em vários sentidos, que os moradores do Senegal tentam não perenizar, quando se recusam a que fotografias suas sejam tiradas (segundo algumas pessoas me afirmaram, os “estrangeiros” procuram capturar, nestas fotos, o que há de mais feio, mais pobre e mais precário).

Assim, de que forma poderíamos pensar sobre felicidade em um contexto de pobreza, de forma a fugir a certos determinismos do pensamento ocidental? Trazer a sugestão da dádiva, talvez, poderia nos ajudar a analisar a paisagem na qual minha pesquisa de campo se desenvolveu, no sentido de favorecer a uma análise não engessada em paradigmas

conceituais pré-fixados. Também é de suma importância observar o relevo conferido por Grandvaux, em relação à sua visão de como os conceitos ocidentais podem (e devem, segundo ela) buscar sua validade (ou não) por meio de uma contextualização cuidadosa à realidade que se pretende estudar.

Antes de tudo cabe, porém, uma observação: com base na lógica de Mauss, também expressa por Caillé, a dádiva, aqui, não é considerada somente em termos de dons materiais (não, especificamente uma dádiva agonística, presente nas sociedades ditas “arcaicas”, descrita originalmente por Mauss), mas também como uma oferta subjetiva de algum tipo de serviço/favor “espontâneo” a outrem. Aplicarei, assim, uma dimensão mais simbólica e analógica da dádiva às ações sociais, na tentativa de tornar um pouco mais clara a nossa compreensão.

Vários seriam os momentos nos quais eu poderia me deter para este tipo de análise (e conforme já visto anteriormente): desde o compartilhar do alimento em diversas ocasiões, o que pode ser observado desde as grandes festas tradicionais, nas quais ele é distribuído, como também nas refeições cotidianas, quando é compartilhado com todos, indistintamente; as cotizações realizadas com os mais diversos fins, em auxílio a alguém; toda a solidariedade demonstrada durante os funerais, enfim, várias seriam as oportunidades de observar a dádiva a funcionar como um fio condutor em minhas análises. Contudo, devo informar que não foi minha pretensão trabalhar esses exemplos à exaustão, mas trazê-los à minha análise, sempre que necessário, a propósito de uma reflexão acerca do que já foi descrito nos capítulos anteriores.

Tentar compreender as condições de possibilidade de uma solidariedade tão intensa em um contexto de tamanha simplicidade e como isso afetava à maneira como os moradores desta comunidade entendem a felicidade e em que medida poderia haver uma mentalidade por trás disso tudo a orquestrar os comportamentos, passou a ser um grande desafio para mim. Ao me perceber pensando na questão da pobreza como algo, até mesmo, contraditório a uma ação solidária, percebi aos poucos que, na realidade, meus próprios conceitos de solidariedade e de pobreza poderiam estar “embaçando” minha compreensão em relação ao meu objeto de estudo. É, sobretudo, num contexto ocidental que, até mesmo valores como a solidariedade, pode ser vista através do prisma do interesse (individualista, pois centrada no agente).

Entretanto, um pensamento ainda me atordoava: o que, de fato, moveria todas as demonstrações de solidariedade por parte das pessoas com as quais convivi e pude observar? Se todos, basicamente, possuem a mesma condição socioeconômica e se as retribuições nem sempre poderiam ser esperadas em termos materiais, mas muitas vezes, em forma de uma também ação solidária, o que, de fato, estaria no cerne do comportamento demonstrado por estas pessoas? Percebi que, se eu quisesse, de fato, compreender a solidariedade no contexto ao qual eu me aplicava a estudar, precisava tentar deixar um pouco de lado a minha própria lógica a respeito deste conceito.

Eu precisaria lidar de forma singular e contextual, não somente em relação ao conceito de solidariedade, mas também em relação ao conceito de pobreza. Permanecer ancorada em uma compreensão própria relativa a esses conceitos poderia prejudicar à minha análise: o meu conceito de pobreza estava fortemente associado à ideia de falta ou privações materiais (privações estas, associadas a coisas e situações que eu considerava indispensáveis a um mínimo de conforto necessário, segundo os padrões ocidentais). E, essa sensação de falta está, no ocidente, fortemente ligada à ideia de infelicidade. Assim, fui levada, pouco a pouco, à dedução de que as coisas das quais sentimos falta, são aquelas que aprendemos a valorizar, desde nossa tenra idade; desta forma, ninguém pode sentir falta daquilo que nunca teve (ou, pelo menos, ensinado a sentir falta). Muitas coisas materiais das quais eu sentia tanta falta, por estar morando diretamente com nacionais, eram coisas que, neste contexto, sua necessidade não faz o menor sentido toda essa sensação de falta.

Fiquei a pensar, por exemplo, nas condições de simplicidade das casas em *Joal*, a exemplo da casa onde fiquei hospedada com meus amigos; essa casa era “simples” em meu conceito, mas motivo de grande contentamento para seus moradores, devido ao fato de se tratar de uma grande conquista material, sobretudo, para aquele contexto. Fiquei a pensar também, nas “faltas” que eu sentia neste contexto e que, não, necessariamente, eram sentidas como tais por aqueles que se viam nele integrados. Alguns “desconfortos” por mim vividos, somente eram considerados desta forma (já que meus anfitriões me ofereciam alguns “confortos” aos quais eles mesmos dispensavam), por se tratar de um conjunto de coisas das quais eu considerava depender para o meu bem-estar pessoal.

Talvez o que tanto inquietasse àquele rapaz na “roda de conversa” que dizia, taxativamente, ser impossível a felicidade em meio à pobreza, fosse também certo aguçamento deste sentimento de falta, provocado por certa “ocidentalização de seu

pensamento”, já que ele, ao contrário da maioria das pessoas por mim observadas, conferia grande valor às coisas materiais, fazendo com que seu grande objetivo na vida, fosse o de ser muito rico, para poder “dar uma vida melhor à sua família”, segundo me disse.

Através de pequenos “testes” ou observações mais focadas, em situações cotidianas simples, com o objetivo de verificar até onde, de fato, as relações são valorizadas em primeiro plano, mesmo que em detrimento de coisas materiais, pude perceber como valores, como o de compartilhar, são fortes neste contexto: certa vez, comprei dois chicletes para duas meninas, que passavam suas férias com seus primos, na casa onde eu estava (depois de muita insistência, pois elas nem sempre tem acesso a guloseimas deste tipo). Porém, eu não dei os dois chicletes de uma vez a elas, mas em momentos diferentes a cada uma, dizendo que era somente para si. Incrivelmente, as duas crianças tiveram a mesma atitude: assim que cada uma percebeu que a outra não havia recebido, dividiu o chiclete em partes iguais entre elas. Ao questionar o porquê de terem agido assim, responderam-me:

– ***“Se possuímos algo e o outro não, é preciso compartilhar!”*** Pensei que, se por se tratar de crianças, a espontaneidade poderia traí-las ao sentirem-se instigadas a ficarem com o chiclete somente para si, já que uma não sabia que a outra havia recebido também. Desta forma, eu pensava que poderia observar a questão do interesse através de minha dádiva. Porém, acabei recebendo uma grande lição de solidariedade (ou, pelo menos, como definiríamos, a princípio, essas práticas de compartilhamento, já que a palavra solidariedade, propriamente dita, não era a que aparecia nas falas das pessoas)! Em momentos como este, percebi a prevalência de valores altruístas e a importância de compartilhar o que se tem com aquele que não possui.

Porém, ao examinar melhor o significado da palavra “*partager*”, utilizada pelas duas meninas, (vocábulo francês que significa partilhar ou compartilhar algo), e também ao observar a prevalência de práticas de compartilhamento em várias situações – desde as mais corriqueiras (como a experiência das meninas com o chiclete, o compartilhar do *thé* e das refeições diárias) às mais solenes (como aquelas que acontecem por ocasião de festas ou rituais, de uma forma geral, por exemplo, os batismos, casamentos, funerais, festas de “*classe d’âge*”, festas religiosas, conforme já descritos no segundo capítulo) – certa inquietação teimava em tomar conta de minhas reflexões. Essas inquietações, mais uma vez, diziam respeito às motivações intrínsecas a estas ações ou práticas.

Geralmente, as ações humanas são reflexos de predisposições geradas por determinados condicionantes pessoais ou por fatores externos às pessoas, de uma forma geral, mas que, da mesma maneira, exercem certo poder de incitá-las a determinadas ações ou reações. Estes condicionantes pessoais seriam algo intrínseco às pessoas e existenciais (momento no qual entram em cena, de um modo mais intenso, os fatores psicológicos). Os condicionantes externos se tratam de fatores ambientais e circunstanciais, de uma forma geral (que poderíamos chamar de fatores sociais). Vemos, mais uma vez aqui, uma tensão entre o holismo e o individualismo (na qual entra em cena, também, interesse exposto por Mauss e pela teoria do interesse).

Voltando ao significado da palavra *partager*, cabe salientar que não podemos perder de vista que o sentido das palavras e sua utilização é um fenômeno aprendido socialmente. “As palavras são signos que circulam na esfera pública simbólica categorizando e conceituando coisas, ações e afetos”, conforme salienta Tavares (1998). Como as pessoas poderiam apreender o sentido da palavra compartilhar, se não fosse ao testemunhar, pragmaticamente falando, ações correspondentes a este tipo de prática e valor? As palavras, assim, são carregadas de simbologia e valores dos quais os comportamentos são apenas um reflexo.

Alguns autores defendem o aspecto pedagógico do grupo sobre as pessoas nele inseridas, assinalando que os comportamentos (e até mesmo o temperamento) sejam socialmente aprendidos: “o indivíduo age não somente segundo sua própria perspectiva, mas também, segundo a dos outros, em particular a perspectiva do grupo”, conforme salienta Mead (apud PIETTE, 1996, p. 75). Porém, penso que seria um tanto quanto temerário retirar, por completo, a questão individual envolvida nas ações humanas (em muitos casos, os indivíduos são colocados como “desviantes” quando não se comportam como a maioria em seu grupo). Na realidade, esta é uma discussão situada, também, em uma categoria conhecida como *práxis*, dentro da antropologia filosófica, concernente ao estudo dos motivos do comportamento humano, que se propõe a estudar acerca dos princípios subjacentes à motivação, ou seja,

[...] todos os estados de espírito [...] 'tendência', 'vontade', 'desejo', 'esperança', 'afeto', 'crise', 'interesse', 'sentimento', etc. e, de modo mais geral, todos os processos psíquicos conscientes ou inconscientes, suscetíveis de contribuir para esclarecer ou explicar o comportamento. (GOULIANE, 1969, p. 93)

No que diz respeito a uma necessidade fundamental que o ser humano possui de se ver integrado a um sistema de valores estabelecido por seu grupo, Linton (1967, p. 142) afirma que, quando uma pessoa se vê compelida a aderir a padrões de conduta não congruentes com seu próprio sistema de valores, estabelecidos desde as suas primeiras experiências de vida, tenderia a ser mais infeliz do que se em uma situação na qual estivesse completamente integrada a ele. Ou seja, esta integração ou não das pessoas ao sistema de valores aos quais ela absorveu em família (ou com aquele grupo no qual começou a introjetar tais valores) seria, também, um fator gerador de felicidade ou infelicidade, sendo também, um fator de influência sobre o comportamento das pessoas.

E este aprendizado que acontece desde as primeiras experiências de vida de uma pessoa seria tão forte que, mesmo quando se vê levada, por forças das circunstâncias, a uma necessidade de integração a um grupo no qual os valores sejam contrários aos seus, muitas pessoas conservam aos seus próprios valores ou, no limite, somente superficialmente, a nível comportamental, “negociam” esses valores, apenas com o objetivo de não se sentirem rejeitadas pelo grupo. Entretanto, poderíamos nos perguntar: o que levaria uma pessoa a agir segundo valores intrínsecos ao seu próprio grupo social, quando poderiam agir de forma diferente e obter certas vantagens pessoais, mesmo quando sua ação não é, diretamente, observada pelo grupo? Isto foi o que aconteceu na experiência das meninas com o chiclete.

Não ousou afirmar, no entanto, que o mesmo aconteceria se eu estivesse em outro contexto. Mas, então, o que tornaria este contexto tão singular, de forma a que valores como aqueles envolvidos nas práticas de compartilhamento sejam tão fortes, como acontece na comunidade à qual me dediquei em minha pesquisa de campo? Existiria um valor sobressalente àquele demonstrado pelas crianças (e as pessoas, de uma forma geral) ao compartilharem (não somente o chiclete, mas todas as outras coisas. Aliás, foi isso que me incitou a fazer esta experiência com elas)?

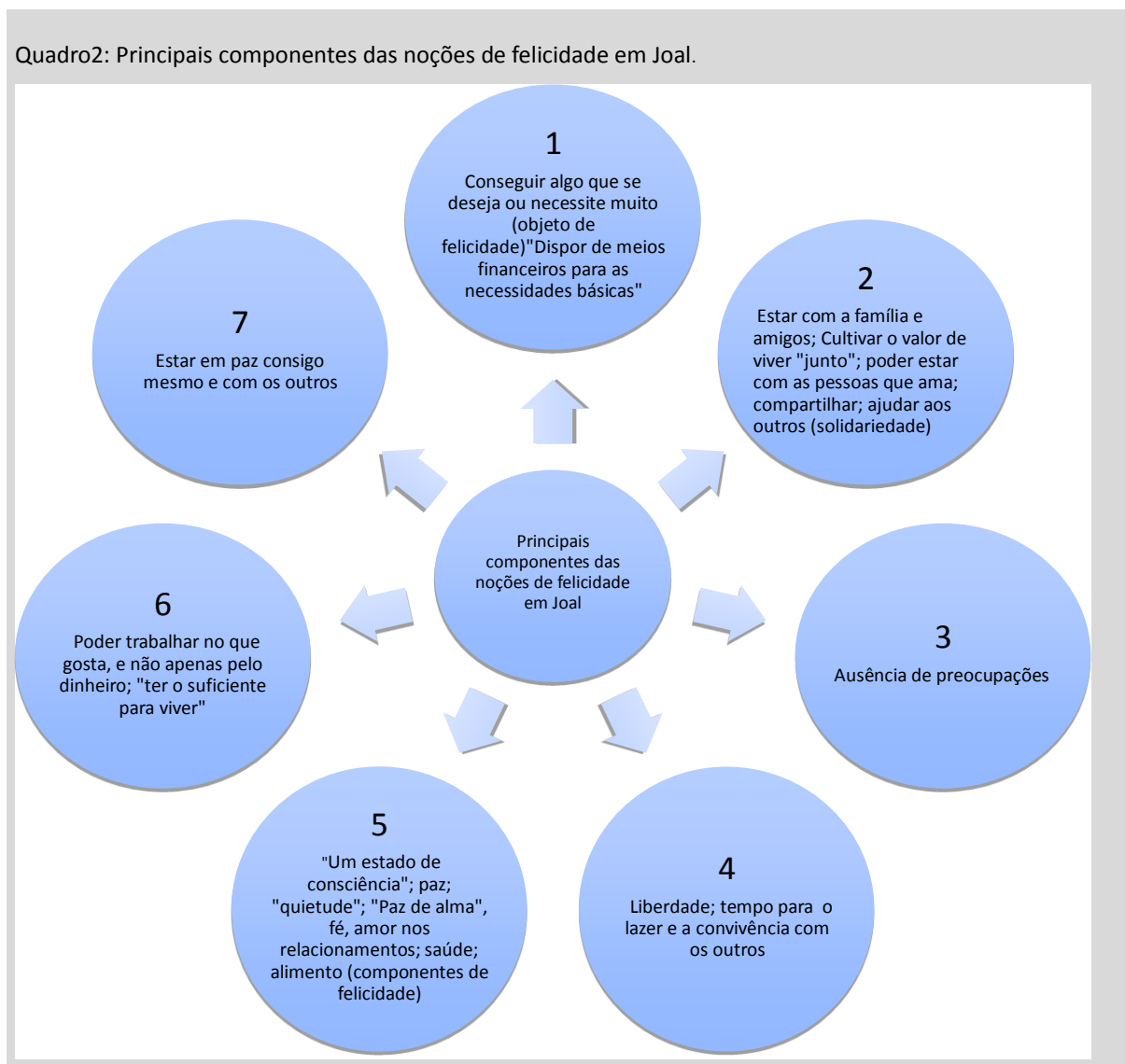
Retomando a frase utilizada pelas meninas: _ ***“Se possuímos algo e o outro não, é preciso compartilhar!”*** _ podemos conseguir mais pistas a respeito desta questão. Qual seria

a palavra, nesta expressão, à qual eu deveria me debruçar para continuar minhas observações? “*possuir*” (ideia de posse), “*algo*” (coisas materiais), “*compartilhar*” (atitude frequentemente observável)? Não! A expressão que eu deveria mais valorizar nesta frase, dentro do contexto ao qual eu analisava, era “*o outro*”. Sem ele, a ideia de possuir algo, não fazia sentido para as pessoas com as quais convivi e pude observar, de uma forma geral, nas dinâmicas sociais cotidianas.

Quanto mais me relacionava com as pessoas, conversava com elas e podia observá-las de perto, em seu dia a dia, mais eu percebia o quanto era grande o valor atribuído às relações interpessoais. Tão grande quanto a satisfação de receber o chiclete, foi a satisfação que eu percebi no semblante de cada uma das meninas, ao compartilhá-lo. E, esta satisfação valorizada nas relações (ou da paz, vista anteriormente), de uma forma geral, demonstrada no cotidiano dessas pessoas quando compartilham (não somente coisas materiais, mas também ajudas mútuas, serviços e, até, a própria companhia), não poderia ser dissociada da compreensão que eu começava a alcançar a respeito da maneira como as pessoas desta comunidade se sentiam felizes! Mesmo o jovem por mim entrevistado em uma das conversas de roda que dizia possuir o desejo de ficar muito rico, afirmava que seu verdadeiro objetivo era o de ajudar à sua família que, segundo ele, poderia viver um pouco “melhor” e sem tantas privações.

O segredo, então, para compreender a maneira de as pessoas na comunidade por mim estudada serem felizes, estaria em abandonar tudo o que eu pensava saber sobre a felicidade e buscar compreendê-la, não somente nos próprios termos verbalizados por essas pessoas, mas também na forma como demonstravam valorizar as relações interpessoais; seria não, em buscar um sentido de felicidade mais individualizado, como eu faria num contexto ocidental, mas levar em consideração o quanto a felicidade, neste contexto específico, estava atrelada à maneira como as relações interpessoais são valorizadas. Através de minhas observações, entrevistas e conversas informais, fui percebendo o quanto a própria visão de mundo dos indivíduos envolvidos em minha pesquisa estava entrelaçada à valorização do “outro” (ou do grupo), pois, mesmo suas identidades dependiam da consciência social que possuíam, o que, por outro lado, não os anulava enquanto indivíduos, pois ambos se encontravam imbricados. Por isso, não pretendo, aqui, anular ou minimizar a questão do interesse, também observável nas dinâmicas sociais do contexto em estudo, mas destacar que ele não permeia às relações sociais envolvidas nessas dinâmicas, e que as próprias relações sociais estabelecidas neste

contexto surgem como fatores preponderantes. O esquema a seguir pode nos orientar um pouco melhor esta percepção:



Neste esquema é possível perceber as expressões por mim utilizadas em capítulos anteriores, de uma forma mais concisa (em especial, podemos observar as noções de “objeto de felicidade” e “componentes de felicidade”, que podemos observar, principalmente, nos balões 1 e 5) de acordo com todo o material etnográfico por mim utilizado: observações, entrevistas, visitas, acompanhamento a rituais específicos, conversas de roda, além da participação em atividades do dia a dia das pessoas com as quais convivi mais diretamente durante o tempo que passei na comunidade à qual estudei. As pessoas por mim observadas/

abordadas em minha pesquisa correspondem às mais diferentes faixas etárias (desde crianças a anciãos), ocupações (não tão diversificadas no contexto em questão) e credos religiosos (católicos e muçulmanos, por se tratar de um povoado que professa, predominantemente, a estas duas religiões).

Este mapa radial contém, resumidamente, os conjuntos das principais definições das pessoas quanto às noções de felicidade por elas apresentadas. Nele, é possível verificar, não somente o pensamento das pessoas a respeito da felicidade, mas também como ele influencia a maneira como vivem e enxergam o mundo. Alguns desses valores eu pude perceber melhor a partir dos comportamentos das pessoas; da maneira de se organizarem entre si para algumas tarefas ou atividades sociais; da maneira como se veem inseridos na coletividade, da organização social e alianças familiares; da maneira como interpretam ou lidam com os acontecimentos da vida; do modo como demonstram privilegiar as relações; da valorização de uma identidade preservada através da tradição oral, enfim, todos esses elementos mostravam-me como as pessoas por mim observadas possuíam uma maneira singular de ser e encarar a vida, que faz com que a maneira de ser feliz relacionada a elas, também seja tão singular quanto.

Alguns elementos comuns a todos esses eventos culturais observados, bem como as respostas que sobressaíam acerca do sentido conferido pelas pessoas à noção de felicidade foi, indubitavelmente, o valor conferido às relações, ao coletivo, aos laços de amizade e familiares, bem como uma capacidade de abertura a questões que envolviam atitudes altruístas (balões 2, 4 e 7). Assim, o elemento comum na maioria das respostas e também relacionado às dinâmicas sociais observadas em campo recaía sobre o valor conferido, prioritariamente, às relações interpessoais e grupais, como se sobrepondo ao valor das coisas materiais. Essa compreensão foi fundamental para uma observação de como outros valores radiais poderiam afetar ao conceito de felicidade no contexto por mim estudado. Na maioria das vezes, valores como o da partilha (que evocariam conceitos como o de solidariedade), perpassam a maioria das relações interpessoais.

É possível perceber como a maioria das respostas é convergente, no sentido de apontarem para a importância conferida às inter-relações: estar com a *família* e *amigos*; cultivar o *valor de viver "junto"*; poder *estar com as pessoas que ama; compartilhar; ajudar aos outros*; tempo para o lazer e a *convivência com os outros; amor nos relacionamentos*; estar em paz consigo mesmo *e com os outros*. As demais respostas revelam a aspiração pela

manutenção de uma paz interior, de qualquer forma, comprometida com o bem estar do outro, conforme resumido no balão 7.

Comparativamente, seria como afirmar que os relacionamentos nesse tipo de sociedade, seriam firmados com base em uma solidariedade mecânica, enquanto que os relacionamentos “modernos”, em uma solidariedade orgânica, (se tomarmos emprestados os conceitos de solidariedade orgânica e solidariedade mecânica de Durkheim, que também poderiam ser comparadas, respectivamente, ao paradigma do holismo e do Individualismo metodológicos). Caillé (1996, p.205), afirma parecer a ele que a obrigação de dar, receber e retribuir somente se manifesta atualmente de modo dominante e enquanto tal, onde predomina a sociabilidade primária. E era esse tipo de sociabilidade que prevalecia em *Joal Fadiouth*.

Entretanto, como já afirmei, não pretendo ignorar a questão do interesse e das motivações pessoais envolvidas nas ações das pessoas, especificamente no contexto estudado, pois o que está por trás das ações das pessoas nesta comunidade não é uma hipervalorização do “outro” em detrimento de si mesmo, mas uma sensibilidade coletiva, no sentido de que os interesses econômicos ou materiais sejam, em linhas gerais, secundários aos valores humanos. O ponto de equilíbrio entre a solidariedade e o interesse seria um ponto muito interessante a ser observado pois trata-se, justamente, de encontrar a intersecção entre a forma individualista de encarar a vida (interesse) e a holista (solidariedade, como definiríamos as práticas sociais observadas nas relações entre as pessoas da comunidade na qual desenvolvi minha pesquisa).

Seria possível pensar a solidariedade totalmente livre de interesses? Em contrapartida, seria possível pensar em interesses que não sejam totalmente egoístas? Tentar responder, conclusivamente, a estas questões seria uma tarefa sobremaneira árdua e ingrata. Por isso, não me proponho, aqui, a oferecer estas respostas, mas a levantar estas reflexões e indicar outros caminhos, que não somente aqueles oferecidos pelos grandes paradigmas conceituais que conhecemos (do holismo e do individualismo). Meu objetivo não é o de negar a existência do interesse, mas tentar aplicá-lo, de uma maneira mais aproximada possível, à forma como esta ideia poderia se ver inserida no contexto de minha pesquisa, na tentativa de fugir a uma conceituação ocidentalizada, na qual a busca individualizada pela felicidade acaba por definir uma paisagem de não compromisso ou não responsabilidade diante da felicidade ou bem estar do outro. Aliás, em muitas das falas por mim recolhidas em campo, a afirmação de que – *“Não é possível alguém ter a sua felicidade, se baseada na infelicidade do outro”* –

era frequente nas rodas de conversa. Isto demonstra a grande distância conceitual entre o pensamento ocidental e aquele exposto pelos moradores da comunidade de *Joal Fadiouth*.

A teoria do interesse, conforme vista por Ortner (2011), salienta uma dimensão ativa e intencional que motivaria as ações das pessoas. Entretanto, creio que afirmar que todos agem sempre de forma intencional e refletida acerca de suas ações seria temerário e taxativo demais, principalmente no contexto por mim estudado, além de não permitir outras possibilidades interpretativas para os comportamentos das pessoas, sobretudo, quando o aplicamos sem nenhum tipo de análise contextual. Contudo o interesse não possa ser completamente descartado em minha análise, creio que afirmá-lo, sempre, como resultado de reflexão intencional seria, entretanto, cair em uma armadilha analítica. Creio também que, se nos prendermos somente a possibilidades analíticas do tipo de “ser ou não ser” (ou seja, de existir ou não interesse a nortear as ações das pessoas e ponto!), ainda que seja uma maneira mais facilitada, isso não nos permitiria inserir essas análises em outros contextos, que não aqueles aos quais estamos acostumados a lidar. Ou seja, tentar fugir a este tipo de dicotomia é urgente em um trabalho de campo que tenta se desembaraçar de respostas prontas e acabadas.

O que, então, poderia estar por trás de todas as ações de compartilhamento por parte das pessoas no contexto ao qual procurei observar? Talvez, como essas práticas formavam um conjunto de elementos muito forte de integração social neste contexto, o seu objetivo final, mesmo que inconsciente, seria o de manter essa integração intacta, como uma forma de proteger e resguardar a harmonia e a própria organização social, em si, além de ser uma maneira de preservação da identidade de grupo.

O que teria, por exemplo, motivado Senghor na luta em prol de sua ideologia que previa a valorização dos negros frente a um contexto no qual eles apenas começavam se conscientizarem quanto à necessidade de se colocarem diante de todo o mundo como seres dignos de respeito e consideração? Seriam apenas interesses políticos? Senghor agia movido apenas por uma generosidade acionada pelo sentimento de identificação em relação à sua terra natal? Seria o despertar de compaixão frente à pobreza por ele observada? O que teria o levado a, segundo a tradição oral afirma, retornar ao seu país e buscar por ações que o favorecessem (sobretudo, *Joal*)? Como poderíamos tentar compreender a questão do interesse por trás dessas ações altruístas?

Quando a solidariedade é colocada por Mauss como indispensável a qualquer ordem social, nos traz a impressão de que ela somente pode surgir a partir de uma subordinação de interesses materiais a uma regra simbólica que transcenda a esses mesmos interesses. Penso que essa regra simbólica transcendente seria, no caso de Senghor, além de um desejo intrínseco de reconhecimento por sua generosidade, também um certo senso de dever. Este comportamento, a meu ver, também poderia ser observado em outros momentos nos quais a solidariedade (ou práticas de compartilhamento) poderia ser observada em ação.

A isto, foi possível constatar em alguns momentos, como por exemplo, quando Josephine fazia questão de que sua presença nos funerais fosse notada; segundo ela, isso era necessário para que depois ela também pudesse ser alvo da mesma atitude por parte dos outros, quando fosse “sua vez”, afirmou-me certa ocasião. Desta forma, a apresentação de si mesmo através de alguma ação que demonstre generosidade teria esse interesse “oculto”, (o que também poderia ser o caso de algumas atitudes como as de Senghor). É possível que suas ações tenham sido, também, motivadas por um sentimento de “dívida” em relação aos seus compatriotas. E, talvez por isso mesmo, ele se sentisse como que no dever de retornar à sua terra e mostrar àqueles com os quais compartilhava a mesma identidade étnica (no caso de Joal, a Sereer) ou nacional (Senegalesa), a partir de si mesmo, a possibilidade de luta por transformações sociais, a partir de uma mudança de mentalidade frente a um passado de tantas humilhações e descaso para com o ser humano, fruto de um sentimento de superioridade colonialista. Mesmo as estratégias utilizadas por ele para a promoção da paz entre as etnias podem ser encaradas sob o prisma da dádiva, pois era clara a existência de uma proposta de aliança de paz entre elas. Todas as etnias deveriam oferecer, receber e retribuir a paz, através de uma relação harmoniosa mútua.

Na verdade, quando alguns dos críticos de Senghor o acusam de que a confiança depositada nesse novo estilo de governança não havia sido capaz de trazer felicidade à nação, eles estavam dizendo que a recompensa esperada por este depósito de confiança não estava acontecendo, como pensavam. Em contrapartida, o seu reconhecimento por seus compatriotas, conforme observado por Abbagnano, ao discorrer sobre a percepção de Hume quanto à felicidade, poderia sinalizar que, "quando se elogia alguma pessoa bondosa e humana", nunca se deixa de dar destaque "à felicidade e satisfação da sociedade humana em poder contar com sua ação e com seus bons serviços" (HUME, apud ABBAGNANO 2007, p.

435). E de que outra maneira, neste caso, este reconhecimento poderia ser encarado, senão como uma das facetas da retribuição (do “dever” de retribuir)?

Assim, sempre quando eu pensava em algumas situações que demonstravam o quanto a solidariedade é um forte valor neste contexto, eu era levada a pensar em como se dava a dinâmica dessas práticas de compartilhamentos e suas motivações. Essas práticas têm, embutidas em si, valores sobressalente nas sociedades nas quais as relações primárias são postas em primeiro plano. E a captura desses valores foi de suma importância para a compreensão de como as pessoas de *Joal Fadiouth* (em especial aquelas com as quais pude observar mais diretamente em seu cotidiano) pensam ou experienciam a felicidade. Desta forma, entender a relevância conferida às relações sociais e interpessoais como eixo que movimenta a toda a engrenagem social desta paisagem cultural, e que tudo gira em torno das relações, é entender que a felicidade, neste contexto, não pertence à ordem do individual indivíduo, mas ao grupo como um todo. A felicidade se encontra numa intersecção entre o indivíduo e o outro.

Todos os interesses envolvem o valor que as pessoas, neste contexto em especial, atribuem às relações. Desta forma, as práticas de compartilhamento funcionariam como um elemento de integração social, de fortalecimento de laços familiares, de amizade e relacionamentos, de uma forma geral. Talvez, a solidariedade (entendida no contexto por mim estudado através das práticas de compartilhamento) seja um fenômeno social cuja tendência é a de aumentar em situações nas quais os indivíduos envolvidos possuam laços sociais mais fortes. E, muito provavelmente, a pobreza seja uma conjuntura na qual esses indivíduos se vejam impelidos a um fortalecimento destes laços, com o objetivo de conseguir suplantar a determinadas situações desfavoráveis. Este contexto geral pode funcionar como “mola propulsora” a um aumento do nível de solidariedade e, como a solidariedade, neste contexto específico, está associada à experiência de felicidade, poderíamos também observar que, mesmo aquilo que seria capaz de concorrer como uma situação na qual, em um contexto individualista, poderia acarretar um aumento da infelicidade, estaria acontecendo, justamente, o seu oposto.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROSPECTIVAS

Como tenho impregnado em minha personalidade o gosto pelo desafio, esta pesquisa foi, para mim, um dos mais desafiadores e excitantes empreendimentos aos quais aceitei, mesmo sabendo que ele seria gigantesco e, possivelmente, viesse a exigir de mim muito mais do que o previsto inicialmente, em vários sentidos. Nos capítulos anteriores procurei descrever um pouco acerca de como se deu esta jornada etnográfica, buscando ser, ao máximo, transparente quando coloquei minhas limitações pessoais diante das situações enfrentadas em campo. Hoje, posso até sorrir de algumas delas posso, por se tratar de momentos dos quais pude retirar profundos aprendizados, não somente para a minha carreira profissional, como também para a minha própria vida pessoal. Outras, no entanto, me serviram para reafirmar o quanto a carreira por mim escolhida depende muito de habilidades que vão além daquelas que podemos aprender nas cadeiras universitárias, habilidades estas, cujo aprendizado tenho prazer em me dedicar. Percebi o quanto o grande desafio do pesquisador está para além de simplesmente ir a campo com a missão de responder a questões pré-fabricadas. Quantas outras questões surgiram ou tiveram de ser reelaboradas em campo! Percebi também, a necessidade de aprofundar a algumas questões, em especial, e adaptá-las, a partir da lógica à qual eu pretendia compreender, pois, se não fosse desta forma, seria bem mais difícil alcançar o meu objetivo.

Não pretendi esgotar o meu tema, devido à amplitude do envolvimento que demandaria um empreendimento de tal monta, nem desejei estendê-lo a uma escala maior, (conforme outras propostas de pesquisa nesta área, como aquela colocada pelo FIB – Felicidade Interna Bruta – por perceber, pragmaticamente, que uma pesquisa como esta requereria muito mais investimento de tempo, esforço pessoal e apoio financeiro, etc, além de não se mostrar a estratégia mais indicada, por algumas razões já expostas). Busquei, nesta pesquisa, tão somente, compreender as concepções e práticas através das quais as pessoas que viviam no contexto por mim estudado expressavam sua maneira singular de serem felizes.

Desta forma, a escala por mim utilizada em minha pesquisa necessitou ser muito bem delineada: ela foi realizada em certo país africano (*Senegal*) focando a população de uma determinada região deste país (*Thiès*), em certa comunidade (*Joal*), com a predominância de uma determinada etnia (*Sereer*). Neste sentido, tornou-se possível, em determinados momentos, nos quais percebi sua pertinência, uma comparação entre a vida e pensamento

observados neste local e na capital do país. Logo, os resultados aqui obtidos não podem ser aplicados de maneira indiscriminada aos demais contextos senegaleses, mesmo que algumas das observações e desdobramentos contidos nesta pesquisa possam servir como ponto de partida para futuras pesquisas em outras regiões, bairros, e/ou comunidades étnicas.

Para esta pesquisa, precisei trabalhar algumas questões preliminares que a envolveram e que poderiam influenciar, decisivamente, no desenrolar de seu processo. Descrevi oportunidades (criadas ou aproveitadas), bem como algumas desventuras e situações não previstas em meu projeto inicial. Já em *Joal*, percebi a necessidade de uma densa descrição, não somente de minhas observações, mas também de toda a riqueza que a tradição oral tinha a me oferecer, pois nelas poderiam estar a chave para a compreensão do sentido da felicidade para os joalianos, buscando não desprezar aspectos fundamentais, sem os quais esta compreensão tenderia a um viés ocidentalizado e permeado por pressupostos pessoais.

O que realizei foi um processo de desconstrução de conceitos, a começar pelo próprio conceito de felicidade, visto pelo prisma ocidental; somente a partir deste procedimento, comecei a tentar reconstruí-lo, tendo como ponto de partida a maneira como ele é compreendido localmente, tomando o cuidado de tentar seguir a uma metodologia sinalizada por intelectuais africanos, principalmente, quando consideram a respeito de como este contexto, em especial, não pode ser abordado a partir de uma mentalidade herdeira do pensamento colonialista. Outro conceito que precisou passar por este processo de desconstrução, foi o de pobreza, sempre associado, de forma pejorativa, ao contexto africano. Também busquei valorizar a determinadas categorias que marcam fortemente este contexto, como, por exemplo, o valor conferido à água, o papel da mulher para a preservação e manutenção de certas tradições culturais, além da maneira peculiar como o conceito de família é concebido pelos joalianos e, em especial, pelo grupo étnico predominante.

Assim, a partir de da identificação, mapeamento e desconstruções conceituais, precisei começar outro processo, que diz respeito à reconstrução de conceitos cruciais para a compreensão de aspectos fundamentais no estudo da noção de felicidade para os joalianos. Desta forma, eu buscava fundamentos mais sólidos e menos vulneráveis a mistificações de toda sorte.

Alguns dos principais passos tomados neste processo de (des)reconstrução foram: 1) conhecer em profundidade os seus sentidos de alguns conceitos/noções e onde eles são aplicáveis; 2) Conscientizar-me de que eles são constructos sociais e, como tais, refletem ao pensamento de sua sociedade de origem; 3) Buscar conhecer a outros pontos de vista, partindo

para a pesquisa empírica, mais precisamente; 4) Tomar aquilo que restou após todo esse processo e comparar com o pensamento local, expresso através de uma semiologia própria ao meu objeto e 5) (Re)construí-lo a partir de um trabalho cognitivo aliado às experiências observadas e aos dados colhidos em campo, que pudessem sinalizar para novas (outras) formas de compreendê-lo.

Em relação à associação entre o contexto de pobreza remetido ao continente africano como um indicador de uma impossibilidade de vida feliz, tornou-se necessário um exercício cognitivo de desmistificação desta ideia, de maneira que ela não viesse, simplesmente, a colocar em xeque a possibilidade de se pensar a felicidade em contextos de pobreza.

Observei, também, a existência de determinados elementos colocados pelas pessoas, como ingredientes ou componentes necessários e fundamentais a uma vida feliz, dentre os quais os mais destacados foram: a paz, a saúde, a amizade, a companhia do outro, solidariedade (manifesta por meio de várias práticas de compartilhamento, observáveis em várias situações cotidianas e também nos principais rituais culturais ainda preservados nesta comunidade), as interações sociais, a harmonia e a paz interior. A esses “ingredientes” necessários a uma vida feliz, chamei aqui de “componentes da felicidade”, pois, frequentemente em minha pesquisa, ao buscar pela noção que as pessoas possuíam a respeito da felicidade, elas colocavam a necessidade da existência de determinados elementos, como indispensáveis a uma vida feliz (esses componentes sobressaíam de forma singular no contexto por mim estudado, se comparado a situações que, no contexto ocidental, poderíamos considerar como indispensáveis à felicidade, tais como circunstâncias confortáveis e posses materiais; estes “componentes” estavam muito mais relacionados a uma disposição interna diante da vida, do que propriamente, a circunstâncias externas “favoráveis”).

Buscar outras literaturas ou reflexões que me auxiliassem a pensar uma melhor abordagem teórica a respeito de meu tema foi fundamental, principalmente ao perceber o quanto o discurso teórico ocidental é limitado para a compreensão do pensamento produzido em outros contextos, baseados em outros tipos de lógica. Assim, foi também necessária uma desconstrução teórica que, nem desvalorizasse completamente o pensamento exposto pelo discurso ocidental, nem menosprezasse ao pensamento produzido no próprio contexto africano. Lidar com esta diversidade cognitiva, buscando o equilíbrio em minhas análises tornou-se um grande desafio para mim. Através de reflexões filosóficas produzidas por alguns autores africanos a respeito de uma metodologia mais adequada neste caminho, tornou-se

possível uma abordagem que privilegiasse a este equilíbrio entre o pensamento ocidental e aquele ao qual eu me dispunha a estudar.

Também a percepção de como o pensamento maussiano poderia direcionar, tanto num estudo local que privilegiava a relevância conferida à relação simbólica implícita nos acontecimentos cotidianos, como na lógica utilizada pelas pessoas e demonstrada a partir de seus comportamentos e uma linguagem a elas peculiar, foi de inestimável contribuição para a compreensão de como a noção de felicidade é pensada e demonstrada pelas pessoas neste contexto. Através de seu pensamento, é possível fazermos uma correlação entre a simbologia da dádiva e aquela implícita nas práticas de compartilhamento.

Também não se pode descartar a contribuição trazida pela por outras áreas de estudo do homem, como por exemplo, aquela oferecida pela psicologia positiva ao, ora associar a felicidade a outras ideias como suas condicionantes (como acontece na relação que é feita entre gratidão e felicidade), ora ao demonstrar, empiricamente, sua possibilidade, mesmo em circunstâncias consideradas desfavoráveis à sua concretização pelo senso comum, como acontece quando se relaciona as ideias de pobreza e felicidade.

Neste processo, é perceptível a urgência de uma busca por novos paradigmas que sejam capazes de desengessar a algumas de nossas análises “prontas e acabadas”, como se fossem verdades absolutas à espera, apenas, de uma aplicação aos mais diversos contextos, e nos ajudem a pensar esses outros contextos, bem como o pensamento neles expressos, de uma maneira mais sóbria e mais próxima possível de capturar esses outros olhares e maneiras de enxergar o mundo e à vida. Este exercício de análise conceitual, que objetivou compreender como a felicidade é percebida e vivida no contexto por mim estudado me ajudou a perceber o quanto, muitas vezes, estamos presos aos nossos próprios paradigmas, pensamento e maneira de enxergar a vida, o que maximiza uma tendência a tentarmos utilizar nossas próprias “lentes” para enxergarmos o mundo ao nosso redor. Esse é, sem sombra de dúvidas, um erro imperdoável em Antropologia.

Faz-se necessário, antes de qualquer coisa, se desejamos, de fato, compreender ao “outro”, que tomemos as suas lentes emprestadas para que consigamos, de fato, enxergar como ele mesmo enxerga e também para que “o ponto de vista do nativo” não seja apenas mais um jargão antropológico...

3 FONTES

6.1 Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia/Nicola Abbagnano**; tradução da primeira edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi: revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADOTEVI, S. S. **Négritude et Negrologue**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1998.

AMSELLE, J. L. e M'BOKOLO, E. **Au coeur de l'ethnie – ethnies, tribalisme et État em Afrique**. Paris: La Découvert, 1999.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Artmed S. A., 2009.

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução Sérgio Bath (coleção Tópicos) – 7ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BALANCHO, Leonor. **Felicidade na pobreza. Um olhar da Psicologia positiva**. Curitiba: Juruá Editora psicologia, 2013.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Vida para consumo, a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENSA, A. **Da micro-história a uma antropologia crítica**. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas – Uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BEZERRA JR, B. C. **A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem estar.** In: _____. Freire Filho, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BIRMAN, J. **Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade.** In: _____. Freire Filho, J. (Org.). “Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade”, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BRUN, J. **L'Épicurisme.** Paris: PUF, 1974.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CAILLÉ, A. **Nem Holismo nem Individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 13, N. 38, São Paulo, Outubro de 1998.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos – Conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **As culturas populares no capitalismo.** Brasília: Brasiliense, 1983.

COMBRES, E. **Les clés de L'info. L'islam** – Gallimard Jeunesse – La Documentation Française, 2008, no. d'édition: 151942, loi no. 49-956, du 16 juillet 1949.

CONDÉ, G. **A dimensão emocional: mídia emoções e felicidade.** In: COELHO, M. C.: REZENDE, C.B. (Org.) *Cultura e sentimentos: ensaio em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, FAPERJ, 2011.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIAS DUARTE, L.F. e CAMPOS GOMES, E. **Três famílias. Identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

DIAW, A. **Repenser la société civile.** In: *État et société civile, Actes du Colloque International Interdisciplinaire*. Côte d'Ivoire: Quest, 1998.

DIOP, C.A. **Nations nègres et culture. De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique noire aujourd'hui.** Paris: Presence Africaine, 1979.

DIOP, A. B. **La culture wolof: traditions et changements.** Notes Africaines n°121, Dakar IFAN, 1969.

DIOUF, M. **Sénégal, les ethnies e la nation** – Dakar: Nouvelles éditions Africaines du Sénégal, 1998.

DJIAM, Jean – Michel. **Léopold Sédar Senghor – genèse d'un imaginaire francophone.** Paris: Ed. Gallimard (OIF), 2005.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Tradução de Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, E. **Representações individuais e representações coletivas**. In: *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.

DURKHEIM, E. & MAUSS, M. **De quelques formes primitives de classification**. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. Paris: Minuit, 1968.

_____, E. **Émile Durkheim**. sociologia/organizador (da coletânea) José Albertino Rodrigues. São Paulo: Ática, 1978.

EMMONS, Robert A. **“Obrigado! Como a gratidão pode torná-lo mais feliz”**. Estrela Polar, (2008).

ERIKSEN, T. H. **Ethnicity indentity, national identity and intergroup conflict**. Oxford: University Press, 2001.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais*. Perspectivas Latino-americanas. Edgardo Lander (org.) Colección Sur, 2005.

FONTENELLE, B. **Nouveaux Dialogues des Morts**. Paris: Ed. J. Dagen, 1971.

FREUD, S. **O mal estar da civilização**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, 1974.

GEERTZ, C. **O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século**. In: *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIANNETTI, E. **Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Mundo em Descontrole – O Que a Globalização está Fazendo de Nós?** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**, Rio de JaneiroJ: Jorge Zahar Ed. 2002.

GIORDANI, M. C. **História da África anterior aos descobrimentos**. Petrópolis: vozes, 2013.

GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOFFMAN, E. **Comportamentos em Lugares Públicos – Nota sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior**. New York, 1967.

GOULIANE, C. I. **A problemática do homem – Ensaio de uma antropologia filosófica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GRANDVAUX-KODJO, S. **Philosophies Africaines** – Collection La philosophie em toutes lettres, dirigée par Souleymane Bachir Diagne. Paris: Présence Africaine, 2013.

GUEYE, M. **L'eau um trésor à protéger** – les éditions Maguilen, Dakar, 2009.

_____, M. **La malédiction de Raabi** - NEI/CEDA (Roman), Abijan, 2011.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 7. Ed., RJ: DP&A, 2002.

HANNERZ, U. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. In: *Mana: Estudos de antropologia social*, 3 (1). Rio de Janeiro: Relume Dumará, PPGAS – Museu Nacional/UFRJ, 1997.

HERTZ, R. [1928]. **La Prééminence de la Main Droite — Étude sur la Polarité Religiuse**. Em *Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

LALÈYÈ, I. P. **La philosophie? Pourquoi en Afrique?** Bern: H. Lang & Cie, 1975.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LATOURET, B. **A etnografia das ciências**. In: Latour, Bruno; Woolgar, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1978.

_____, BRUNO. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LINTON, R. **O papel da cultura na formação da personalidade**. In: *Cultura e personalidade*. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

LORENCINI, A. e CARRATORE, E. **Epicuro: Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia** (2ª. Edição). São Paulo: Abril Cultural (coleção Os Pensadores), 1978.

MARIÁS, J. **A felicidade humana**. Trad. Diva Ribeiro de Toledo. São Paulo: Duas cidades, 1989.

MARX, Karl. **A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Right.** *Deutsch-Französische Jahrbücher*, February, 1844.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** [1924] In: *Sociologia e Antropologia*. V. 2. São Paulo: Edusp, 1974.

_____, M. **A expressão obrigatória dos sentimentos: funerais orais funerários australianos.** [1921] In: _____. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____, M. **Ofício de Etnógrafo, Método Sociológico** (1902), in: *Antropologia*, Org. Roberto Cardoso de Oliveira, São Paulo: Ática, 1979.

_____, M. **Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.**

M'BOKOLO, E. **África negra história e civilizações.** São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

NDIAYE, A. R. **La place de la femme dans le rites au Senegal.** Archives culturelles du Sénégal. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines, Traditions Orales, 1986.

ORTNER, Sherry B. **Teoria na antropologia desde os anos 60.** *Revista Mana* 17(2): 419-466, 2011.

PESSANHA, J. A. M. **As delícias do Jardim.** Ética, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PIETTE, A. **Ethnographie de l'action – L'observation des détails.** Paris: Éditions Métailié, 1996.

POUTIGNAT, P. & STREIFF-FERNAT, J. **Teorias de etnicidade. Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** In: LANDER, Edgardo (ed). *Colonialidad Del Saber Y Eurocentrismo*. UNESCO-CLACSO, 2000.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. **Estrutura e função na sociedade primitiva.** Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

ROUSSEAU J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens** (1754). Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Abril (Os pensadores), 1973.

_____. **Do Contrato Social** [1757]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAHLINS, M. **Como pensam os “nativos” – sobre o capitão Cook, por exemplo.** São Paulo: Edusp, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- SAINT-EXUPÉRY, A. **Le petit Prince**. Paris: Librairie Gallimard, 1961.
- SALES, H. **Antologia de crônicas**. São Paulo: Ediour, 2005.
- SANTOS, B. S. & MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SANTOS, M. **O mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade**. In: *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SASSEN, S. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SELIGMAN, M.E.P. **Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para realização permanente**. Tradução de Neuza Capelo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- SOW, I. **Acts de La Table Ronde – La mort – rites, formes, représentations, symboles, mythes**, Dakar: UCAD, 2006.
- _____. **Divination Marabout Destin – aux sources de l’imaginaire**. Dakar IFAN: UCAD, 2009.
- TAVARES, J. C. **Gingando and cooling out: the embodied philosophies of the African diaspora**. Texas: Ph. D. University of Texas at Austin, 1998.
- THIAW, I. L. **La femme Seereer (Sénégal)**, avec la collaboration de Aissatou Dione - Sociétés Africaines et Diaspora. Paris: L’Harmattan, 2005.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- ULLMANN, R. A. **Epicuro: filósofo da alegria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2010.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1973.
- VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- WHYTE, W F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

6.2 Outras Referências

BARBOSA, M. S. **Pan-africanismo e relações internacionais: uma herança esquecida.**

<http://www.encontronacional2015.abri.org.br/arquivo/downloadpublic?>
(consultado em 28/04/2016).

COMTE-SPONVILLE, A. **A Felicidade, desesperadamente.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRUGMAN, P. **Dinheiro não traz felicidade... Ou traz?** O Estado de São Paulo, 4/6/1999.

MARTINS, P. H. **A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação** », Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 73 | 2005, colocado online no dia 01 Outubro 2012, criado a 15 Julho 2015. URL : <http://rccs.revues.org/954> ; DOI : 10.4000/rccs.954

SANSONE, I. & FURTADO, C. A. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa/org.**, Salvador: EDUFBA, 2014.

TEDESCO, J. C. **George Simmel e as Ambiguidades da Modernidade.** Ciências Sociais, V.43, num. 1, janeiro-abril, 2007, pp. 57-67.

Primeiro Festival de arte Negra no Senegal, em Dakar, no ano de 1966 - http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n2_3_p177.pdf. Revista Afro Ásia, (consultado em 28/04/2016).

http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/226042/Gratidão-Quem-não-sabe-agradecer-não-pode-ser-feliz.htm (consultado no dia 21/04/2016)

GRAHAM, C. e PETTINATO, S. **Happiness and hardship: opportunity and insecurity in new market economies.** Washington, D. C., 2002.

GRISWOLD, Jr., C. L., **Happiness, tranquility and philosophy.** Critical Review 10, 1996.

LOWEN, Alexander. **Prazer: Uma abordagem criativa da vida.** 4ª. Edição. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Sammus, 1984.